

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

JAMILE GAMBA DALPIAZ

**REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NA IMPRENSA BRITÂNICA:
UMA ANÁLISE CULTURAL DO JORNAL *THE GUARDIAN***

Porto Alegre

2013

JAMILE GAMBA DALPIAZ

**REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NA IMPRENSA BRITÂNICA:
UMA ANÁLISE CULTURAL DO JORNAL *THE GUARDIAN***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de doutor.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Carolina D. Escosteguy

Porto Alegre

2013

Catálogo na Publicação

D149r Dalpiaz, Jamile Gamba
Representações do Brasil na imprensa britânica: uma
análise cultural do jornal The Guardian / Jamile Gamba
Dalpiaz. – Porto Alegre, 2013.
202 p.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação Social,
PUCRS.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Carolina D. Escosteguy

1. Comunicação Social. 2. Jornalismo Britânico. 3. The
Guardian (Jornal) – Crítica e Interpretação. 4. Identidade –
Brasil. 5. Estudos Culturais. I. Escosteguy, Ana Carolina D.
II. Título.

CDD 301.16

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori, CRB 10/1363

**REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NA IMPRENSA BRITÂNICA:
UMA ANÁLISE CULTURAL DO JORNAL *THE GUARDIAN***

Aprovada em 17 de abril de 2013.

Banca examinadora:

Prof^ª Dr^ª Gislene Silva - UFSC

Prof. Dr. Ronaldo Henn - Unisinos

Prof^ª Dr^ª Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca - UFRGS

Prof^ª Dr^ª Doris Fagundes Haussen - PUCRS

Prof^ª Dr^ª Ana Carolina Escosteguy (Orientadora)

AGRADECIMENTOS

À Capes, pelas bolsas do curso de doutorado e PDSE na Inglaterra.

À minha orientadora, profa. Ana Carolina D. Escosteguy, pelo incentivo e amizade, pelas leituras críticas e os diversos *inputs* fornecidos durante este percurso e que foram fundamentais para este resultado.

À minha coorientadora na Inglaterra, profa. Olga Guedes Bailey, por ter me acolhido e recebido com carinho durante o estágio de doutoramento na *Nottingham Trent University* [NTU], quando foi mais do que uma professora, quase “mãe”, enfim, tornou-se uma amiga para sempre.

Às professoras Virgínia Fonseca e Janete Abrão, pelas contribuições resultantes da banca de qualificação.

Aos coordenadores do PPGCOM/PUCRS, Cristiane Freitas e Juremir Machado, e as secretárias Lúcia Stasiak e Patrícia Baptista, pelo apoio institucional.

À bibliotecária, Jane Bonnell, da NTU, por ter me ensinado os “*tricky paths*” dos *databases*.

Aos jornalistas/correspondentes – Alex Bellos, Martin Hodgson e Tom Phillips – que compartilharam suas experiências, “vitais” para este trabalho.

Aos meus amigos Cristina Cafruni, Deivison Campos, Kornelia Trytko, Lidia González e Farah Wissam, que me escutaram, incentivaram e torceram por mim continuamente.

Ao meu irmão Vicente Correa Júnior, que “segura a minha onda” desde sempre.

Aos meus pais, Jaime e Maria Luiza Dalpiaz, pelo amor eterno e pela vida, e as minhas irmãs, Jalusa e Jenara, e sobrinhos, Enzo, Enrico e Frederico, que “compreendem” sempre a minha ausência diante de um novo desafio.

Ao meu amor Floriano Raffin Pohlmann, quem mais me ouviu falar desta tese, arguiu sobre as minhas escolhas, sugeriu caminhos, traduções, me apoiou e tranquilizou nos momentos mais desanimadores, enfim, “aguentou” firme!

Dedico este trabalho aos meus pais, que me deram tudo, educação, amor, vida... e são meu maior exemplo de superação, de que é preciso lutar sempre por esses três elementos fundamentais e jamais perder a esperança na vida.

RESUMO

Este estudo trata da temática do jornalismo internacional a partir da perspectiva dos estudos culturais, abordando as representações do Brasil no contexto da imprensa de qualidade britânica. O principal objetivo é investigar os elementos culturais presentes no jornal *The Guardian* que, se analisados em conjunto, contribuem para dar visibilidade a uma identidade brasileira, permeada por práticas simbólicas do contexto onde circulam. Para tanto, busca aportes teóricos no campo dos estudos culturais britânicos e do jornalismo, adotando a perspectiva da análise cultural e o modelo analítico de Richard Johnson (1999) como percurso metodológico, que propõe uma articulação entre os momentos do processo comunicativo [circuito de cultura]. Nesse sentido, foram perseguidas as características e as implicações de cada momento, porém a ênfase reside nas *articulações* entre eles, que fornecem uma estrutura analítica para a pesquisa: *produção e culturas vividas*, *produção e textos* e *textos e leituras*. Os resultados finais apontam que a identidade brasileira construída pelos britânicos desponta mais próxima à ideia de complexidade sociocultural da nação, tendo como temas principais o território, a desigualdade social e a diversidade cultural do país.

Palavras-chave:

Análise cultural, Jornalismo britânico, Representação, Identidade brasileira, *The Guardian*

ABSTRACT

This study is about the representations of Brazil in the context of the UK 'quality' press. The main objective is to investigate the cultural elements present in *The Guardian* newspaper that contribute to give visibility to a Brazilian identity, which is constructed by symbolic practices of the context of its circulation. The theoretical approach is based on the field of the British cultural studies and journalism, by taking the perspective of cultural analysis and the analytical model of Richard Johnson (1999). This methodological approach proposes an articulation between the moments of the communicative process [circuit of culture]. In this sense, the thesis pursues the characteristics and implications of each moment, but the emphasis is on the connections between them, which provides an analytical framework for research: *production and lived cultures*, *production and texts* and *texts and readings*. The final results point out that the Brazilian identity constructed by the British emerges closer to the idea of socio-cultural complexity of the nation. The main cultural meanings produced and analysed through the articulations are the territory, social inequality and cultural diversity of the country.

Keywords:

Cultural analysis, British Journalism, Representation, Identity Brazilian, *The Guardian*

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	10
1 INTRODUÇÃO	11
2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	20
2.1 PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.2 UMA APROXIMAÇÃO AO OBJETO.....	28
3 JORNALISMO E A ANÁLISE CULTURAL	34
3.1 PRINCIPAIS CAMPOS DE PESQUISA EM DIÁLOGO	39
3.2 A PERSPECTIVA CULTURAL	40
3.2.1 Tensões entre os campos	43
3.2.2 Percurso metodológico cultural	50
4 A IDENTIDADE BRASILEIRA	59
4.1 A FORMAÇÃO DO BRASIL-NAÇÃO	60
4.2 O PAPEL DO MEDIADOR SIMBÓLICO	62
4.3 ENTRE O BRASIL IDEAL E O BRASIL REAL	66
4.4 O MITO DA BRASILIDADE E QUESTÃO DA DESIGUALDADE	69
4.5 AS POLÍTICAS INTERNACIONAIS BRASILEIRAS E AS RELAÇÕES COM O REINO UNIDO	76
4.5.1 O posicionamento internacional brasileiro	77
4.5.2 Pontos históricos de intercâmbio político-econômico e cultural entre Brasil e Reino Unido	84
5 AS REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NO JORNALISMO BRITÂNICO	94
5.1 CARACTERÍSTICAS EDITORIAIS DA IMPRENSA BRITÂNICA	95
5.2 RECORTES DO OBJETO	117

6 O BRASIL NO <i>THE GUARDIAN</i>.....	121
6.1 PRODUÇÃO E CULTURAS VIVIDAS	121
6.2 PRODUÇÃO E TEXTOS	133
6.3 TEXTOS E LEITURAS	150
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERÊNCIAS	183
ANEXOS	197
ANEXO A – <i>PRESS GAZETTE</i> – DADOS DE CIRCULAÇÃO DA IMPRENSA BRITÂNICA	198
ANEXO B – PERFIL DO LEITOR DO <i>THE GUARDIAN</i> E <i>THE OBSERVER</i>	200

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1	– Circuitos de capital / Circuitos de cultura.....	51
Fig. 2	– Quadro de matérias sobre o Brasil publicadas em jornais britânicos (2009-2012)	94
Fig. 3	– Capa da revista <i>The Economist</i>	103
Fig. 4	– Capa do caderno especial do <i>Telegraph</i>	108
Fig. 5	– Gráfico das principais economias mundiais	112
Fig. 6	– Capas do <i>The Guardian</i>	123
Fig. 7	– O formato <i>berliner</i>	127
Fig. 8	– Disposição editorial e visual da página <i>World/Americas/Brazil</i>	135
Fig. 9	– Disposição editorial e visual de reportagem de Tom Phillips	136
Fig. 10	– Quadro de categorias culturais analíticas e temas do <i>The Guardian</i>	138

1 INTRODUÇÃO

A presente tese vincula-se à temática do jornalismo internacional¹ a partir da perspectiva dos estudos culturais, abordando as representações do Brasil no contexto da imprensa de qualidade britânica. Para tanto, busca-se investigar os elementos culturais presentes no jornal inglês *The Guardian*² que, se analisados em conjunto, contribuem para dar visibilidade a uma identidade brasileira, permeada por práticas simbólicas do contexto onde circulam.

A escolha dessa temática deve-se a diversos questionamentos a partir de experiências vividas no exterior e da observação da visibilidade do Brasil, cada vez mais expressiva, na imprensa internacional. A sua vitalidade econômica – diante da crise financeira que acometeu os países desenvolvidos nos últimos anos³ – e o seu consequente posicionamento no contexto geopolítico internacional, a partir da composição do grupo chamado BRIC⁴, firmou definitivamente a presença do Brasil na pauta dos principais jornais do mundo.

Em 2010, indicadores financeiros apontavam para expectativas impactantes⁵ a partir de análises dos índices de desenvolvimento da década, quando a contribuição do bloco resultou em 36,3 por cento do Produto Interno Bruto [PIB] mundial. Estimava-se que juntos, os países que compõem o BRIC, poderiam superar os Estados Unidos até 2018, quando se tornariam efetivamente responsáveis por um terço da economia mundial. Com isso, os países do bloco emergente passaram a desempenhar um importante papel no cenário econômico e político mundial. Essa figuração no cenário internacional tem sido registrada pela imprensa, a partir da visão de analistas internacionais, conforme ilustra a matéria da *BBC News* veiculada naquele mesmo ano⁶. O texto apresentava não apenas os fatores externos [nova configuração geopolítica emergente e a crise dos países desenvolvidos] como responsáveis pela abertura e a expansão do Brasil no mundo, mas, sobretudo, as razões internas: a estabilidade econômica,

¹ Compreende-se aqui o termo jornalismo internacional como uma área de especialização jornalística de definição geográfica, ou seja, que aborda assuntos e fatos ocorridos fora das fronteiras do país onde o veículo circula.

² Conforme critérios de seleção apresentados no capítulo 5 desta tese.

³ Cf. *BBC World News Report*. Global recession timeline. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/8242825.stm>. Acesso em: 30 nov. 2010.

⁴ Acrônimo utilizado em economia para designar acordo firmado em 16 de junho de 2009 entre os países – Brasil, Rússia, Índia e China – que se destacam no cenário mundial pelo crescimento rápido de suas economias em desenvolvimento. O criador do conceito foi o economista-chefe do banco de investimentos Goldman Sachs, Jim O’Neill, que o apresentou em artigo publicado em 2001. Outras informações encontram-se no *site* do Ministério das Relações Exteriores que, inclusive, salienta para o ingresso oficial da África do Sul ao grupo. Cf. <http://www.itamaraty.gov.br/temas/mecanismos-inter-regionais/agrupamento-brics>. Acesso em: 20 de mar. 2013.

⁵ Cf. *BRICs Monthly*. Is this the ‘BRICs decade’? Goldman Sachs Global Economics, Commodities and Strategy Research at <http://www2.goldmansachs.com/ideas/brics/brics-decade-doc.pdf>, issue n. 10/03, May 20/2010.

⁶ Cf. *BBC News*. Viewpoint: Brazil’s growing international presence. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/10146223>. Acesso em: 16 out. 2012.

iniciada pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso [1995-2002] e implementada no Governo de Luiz Inácio Lula da Silva [2003-2010]; a redução da pobreza, quando 31 milhões de brasileiros passaram a pertencer à classe média e o mercado interno consumidor começou a expandir; e, por fim, a questão da diversificação industrial e de serviços e o crescimento do setor agrícola, que tornaram o país mais competitivo no mercado externo. O Brasil, ao lado da China, mostrou-se um motor de crescimento e de mudanças na produção mundial. Diante desses fatores, aliados às dificuldades do contexto global, bem como a recessão na Europa, a atenção internacional voltou-se ao Brasil.

Neste novo contexto político-econômico – seguido na gestão de Dilma Rousseff [2011], porém visto com mais cautela por parte da imprensa internacional – o Brasil e o Reino Unido tornaram-se ainda mais próximos nas abordagens jornalísticas devido ao *ranking* global de suas economias, quando os diários de qualidade foram unânimes em divulgar o progresso brasileiro ao atingir a 6ª posição entre as maiores economias mundiais⁷ em 2011: *Brazil overtakes UK as sixth-largest economy* [*The Guardian*, 26/12/2011]⁸, *Brazil overtakes UK to become world's sixth-largest economy* [*The Daily Telegraph*, 06/03/2012]⁹, *Brazil overtakes Britain in world table* [*The Times*, 07/03/2012]¹⁰, *Brazil moves up a place in GDP* [*Financial Times*, 26/12/2011]¹¹. Essa colocação perdurou por um ano, quando os mesmos índices econômicos registraram uma retração, não apenas no crescimento do Brasil, mas devido ao enfraquecimento de sua moeda.

Como pesquisadora, tendo vivido os dez últimos anos entre a Europa e o Brasil – inicialmente na Itália e depois no Reino Unido – foi possível acompanhar, mediante a leitura diária dos principais jornais desses países, o potencial brasileiro de expansão econômica e política sendo representado nas páginas publicadas. Observava-se que temas como a economia estabilizada, as riquezas naturais e os investimentos rentáveis passavam a fazer parte da pauta, junto à cobertura de carnaval, de preservação Amazônica e de evidência da desigualdade social. Esses últimos já eram tópicos recorrentes que marcavam constantemente a presença brasileira na imprensa internacional, principalmente na europeia.

Por conta da observação desse cenário, nesta pesquisa, apoiou-se, desde o início, na ideia de que estaria em processo uma *estrutura de sentimento*, nos termos de Williams (1977).

⁷ À época, em 2011, em sexto lugar, ficando atrás dos Estados Unidos, China, Japão, Alemanha, França; ao término de 2012, retorna a sétima colocação, quando o Reino Unido retoma o posto.

⁸ Cf. <http://www.guardian.co.uk/business/2011/dec/26/brazil-overtakes-uk-economy>. Acesso em: 12 mar. 2013.

⁹ Cf. <http://www.telegraph.co.uk/finance/globalbusiness/9126786/Brazil-overtakes-UK-to-become-worlds-sixth-largest-economy.html>. Acesso em: 12 mar. 2013.

¹⁰ Cf. <http://www.thetimes.co.uk/tto/business/economics/article3342130.ece>. Acesso em: 12 mar. 2013.

¹¹ Cf. <http://blogs.ft.com/beyond-brics/2011/12/26/brazil-moves-up-a-place-in-gdp/#axzz2NFwIUT9f>. Acesso em: 12 mar. 2013.

Cabia, então, investigar esse fenômeno tendo como “norte” o que o autor denomina de *hipótese cultural da estrutura de sentimento*, ou seja, um conjunto de práticas e hábitos sociais que, coordenados com as formas de produção e organização socioeconômica, estariam ajudando a estruturar e dar sentido a experiências vividas em uma geração ou período. Atualmente, o Brasil busca figurar não apenas como mediador dos países da América do Sul, mas da geopolítica global, diante de conflitos econômicos e culturais nos quais não há prática de tolerância e nem respeito pela diversidade. Tal *estrutura de sentimento* constitui uma possibilidade de aproximação à perspectiva teórica dos estudos culturais e também do jornalismo, pois a ideia de país emergente e diversificado socioculturalmente, representada nas páginas da imprensa do Reino Unido, sugere uma identidade compartilhada pelos produtores e leitores britânicos, indicando valores e significados que são vividos ativamente naquele contexto.

Portanto, estudar de que modo o Brasil tem sido representado fora de seu território, neste caso, no contexto britânico, permite perceber também que há uma construção simbólica sendo amplamente apresentada fora de suas fronteiras geográficas. Temática essa, explorada em diferentes artigos da imprensa, mas não, obviamente, com a amplitude acadêmica e sistematização tal como se propõe nesta tese.

Diante dessa situação e, ainda de modo tentativo, procurou-se explorar essa problemática. Inicialmente, abordou-se a visibilidade do Governo Lula nos principais jornais italianos (DALPIAZ, 2006); posteriormente, buscou-se compreender de que modo os *quality newspapers* britânicos endereçavam seus textos sobre o governo brasileiro (DALPIAZ, 2008); em outro momento foi analisado o fenômeno específico do consumo da música *funk*, produzida nas favelas do Rio de Janeiro, em Londres (DALPIAZ, 2011a). Registram-se, também, os estudos em torno da BBC Brasil e os critérios editoriais por ela praticados para uma audiência brasileira (2011b, 2012). Em outra pesquisa, que serviu como exercício reflexivo para a presente tese, intitulada *Representações da identidade brasileira: um estudo sobre o Financial Times* (DALPIAZ, 2011c), a proposta foi mapear os elementos históricos da identidade brasileira no veículo em questão. Contudo, é possível destacar que esses trabalhos preliminares auxiliaram a levantar dados e a identificar a relevância e a pertinência de estudar esta temática, que encaminharia a uma compreensão mais profunda do significado dessas representações do Brasil no cenário internacional e, por sua vez, na constituição de uma identidade brasileira permeada por práticas simbólicas do universo britânico.

A escolha do Reino Unido, como contexto de estudo, deve-se, em parte, a essa aproximação da autora, mas, sobretudo, à evidência de escassez de pesquisas em jornalismo que articulem culturalmente ambos os países que historicamente registram períodos de

manifesto intercâmbio – tanto no passado como no presente – não apenas econômico e político, mas também cultural. Geralmente, conforme identificado em uma revisão mais atenta, quando o Brasil é estudado a partir do olhar estrangeiro, toma-se como contexto o seu “vizinho” mais evidente, os Estados Unidos.

Desse modo, o objetivo principal desta tese é compreender o significado das representações do Brasil no *The Guardian*, investigando a relação entre os elementos culturais de origem brasileira, lastreados nas narrativas sobre a identidade nacional, e as práticas simbólicas do contexto de circulação do Reino Unido, mediante estudo de seus atores/produtores [jornalista/correspondente] e atores/receptores [leitores]. Para tanto, descreve-se as lógicas produtivas do jornal em questão e a organização das atividades dos jornalistas – principalmente com relação ao envolvimento do correspondente com o contexto brasileiro – analisa-se, desse modo, o processo desde a elaboração da pauta até a circulação dos textos publicados. Além disso, emprega-se uma aproximação aos leitores por meio da análise dos comentários postados junto aos textos do correspondente para compreender a relação da produção e do consumo do material jornalístico veiculado sobre o Brasil.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo-analítico que emprega uma análise cultural do referido objeto jornalístico, tendo como base contribuições teóricas tanto do campo dos estudos culturais quanto do jornalismo¹². No entanto, ressalta-se que tal perspectiva reivindica uma preocupação maior em investigar o jornalismo a partir de questões que transcendem os pressupostos do espaço produtivo, tradição esta, comumente empregada nos estudos da área, assumindo a postura de que este se realiza mais próximo de articulações das premissas culturais dos grupos envolvidos na sua produção-consumo. Obviamente que, no espaço da produção, além das premissas culturais, também constam regras e práticas profissionais.

Deste modo, centra-se em investigar o jornalismo não apenas a partir das suas lógicas materiais, mas simbólicas, tendo como balizas as seguintes premissas:

✓ O compromisso com o mundo real, tão caro ao jornalismo, ao mesmo tempo em que o aproxima do campo dos estudos culturais, cria tensões se analisado sob essa última ótica. Se, de um lado, o jornalismo torna-se objeto desse campo por dar conta das relações e dos eventos da vida cotidiana, de outro, evidencia-se que a prática profissional pouco reconhece o seu caráter subjetivo. Resulta, portanto, essencial considerar que as convenções

¹² A definição dessa perspectiva, bem como seu desenvolvimento no Reino Unido e no Brasil, encontra-se no terceiro capítulo desta tese.

jornalísticas, as rotinas produtivas e as práticas são dinâmicas e apresentam dimensões não apenas materiais, mas também simbólicas;

✓ O jornalismo é uma instituição social que, por meio de práticas materiais e simbólicas, produz representações, nas quais a linguagem possui um lugar privilegiado na construção e circulação de significados. Nesse sentido, considera-se que o produto jornalístico, embora busque referenciar-se na realidade concreta, nas práticas materiais e produtivas, é na articulação com a audiência que adquire significado ou “efetividade política” (HALL, 2003);

✓ As representações sobre o Brasil – país geograficamente distante dos leitores da imprensa do Reino Unido – circulam no espaço doméstico e de consumo local britânico, portanto, é importante considerar os movimentos entre o público e o privado, que acontecem nas articulações dos diferentes momentos que envolvem o processo cultural. A representação brasileira torna-se pública junto aos textos. A mensagem não pode, assim, ser vista de forma isolada das condições sociais que a formaram, pois essa é também submetida a um processo de avaliação pública em diferentes escalas, que ocorre no momento de leitura, quando há um retorno ao privado.

Para dar conta dos objetivos propostos, a presente tese adotou como percurso metodológico o modelo analítico de Richard Johnson (1999), que propõe uma articulação mais complexa dos diferentes momentos do processo comunicativo – *produção-textos-leituras-culturas vividas* – a partir da descrição do que o autor denomina de circuito de cultura¹³. Destaca-se que foram perseguidas as características e implicações de cada momento, porém a ênfase deste trabalho reside nas *articulações* entre eles, as quais fornecem também uma estrutura analítica para a pesquisa, assim nomeadas: *produção e culturas vividas*, *produção e textos* e *textos e leituras*.

A definição do *corpus* pesquisado¹⁴, determinado a partir de um processo criterioso de análise quantitativa e qualitativa da imprensa britânica [*macrocontexto*], concretizou-se na escolha do jornal de qualidade já antecipado, *The Guardian*, que apresentava os elementos empíricos necessários para o desenvolvimento deste trabalho [*microcontexto*]. O *corpus* foi composto, portanto, por 65 reportagens produzidas pelo correspondente Tom Phillips durante o ano de 2011, sendo que sete dessas registraram comentários dos leitores, os quais são também tomados como objeto de análise no que diz respeito às respectivas relações com as leituras.

¹³ Método esse definido e detalhado no terceiro capítulo desta tese.

¹⁴ A descrição completa desse processo é apresentada no quinto capítulo deste relatório.

A presente tese encontra-se estruturada em sete capítulos, sendo que o primeiro e o último, isto é, a introdução e as considerações finais, apresentam tanto a pesquisa e seu delineamento teórico-metodológico quanto os resultados obtidos ao término do percurso.

O *segundo capítulo* enquadra este estudo em uma matriz teórico-metodológica dos estudos culturais britânicos, filiando-se à concepção de cultura sob seu caráter *substantivo* e *epistemológico*: o primeiro situa a cultura na estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições e relações culturais em um momento histórico específico, cujos recursos econômicos e tecnológicos em expansão permitem trocas materiais e simbólicas que têm transformado culturalmente o cotidiano e a formação das identidades pessoais e sociais; o segundo considera a cultura como constitutiva da vida real e que essa depende da interpretação de seus participantes daquilo que está no entorno e do sentido por eles dado ao mundo. Dentro dessa perspectiva, são elencados os conceitos que norteiam teoricamente este estudo: representação (HALL, 1997b), estruturas de sentimento (WILLIAMS, 1977), identidade cultural e nacional (HALL, 1997a, 1999) e comunidades imaginadas (ANDERSON, 1991).

Desse modo, se estabelece que o objeto aqui estudado é interpretado a partir de ambas as formas analíticas, aquela de caráter substantivo, que envolve a estrutura e a organização do jornalismo britânico em um contexto histórico atual, e aquela epistemológica, que demarca uma abordagem na qual as representações adquirem significado essencial na vida cotidiana. Neste caso, as representações do Brasil no *The Guardian* e as suas conexões com a manifestação dos leitores. Ainda nessa parte, emprega-se uma aproximação ao contexto brasileiro de pesquisa em jornalismo a fim de identificar alicerces e/ou lacunas deixadas por trabalhos anteriores que tangenciam o objeto e/ou enfoque deste estudo.

O *terceiro capítulo* dedica-se a definir a perspectiva da análise cultural do jornalismo, destacando os pontos de convergência e de tensão entre o campo dos estudos culturais e do jornalismo (ZELIZER, 2004a, 2004b). Esboça-se, nesse sentido, uma continuidade de estudos, com destaque para o contexto britânico, porém com alguma incursão a propostas que têm sido discutidas e apresentadas no Brasil, conforme Escosteguy (2013, no prelo). Em seguida, apresenta-se o percurso metodológico da tese, descrevendo o método de Johnson (1999) e, detalhadamente, os procedimentos e instrumentos utilizados nesta pesquisa. Conforme apenas descrito, o modelo deste autor é aplicado a partir de articulações entre os diferentes momentos. Ressalta-se que, nesse processo, foram consultadas diversas fontes de

dados – bibliográficos e documentais – e, também, realizadas entrevistas em profundidade com o correspondente e o editor do *The Guardian*¹⁵.

A problemática da identidade brasileira é apresentada no *quarto capítulo* da tese e mirou estabelecer categorias analíticas culturais que serviram para tematizar a análise dos elementos culturais e históricos identificados nos textos do jornal. As contribuições de autores foram trabalhadas a partir de duas frentes – com a intenção de embasar uma compreensão da pesquisa sobre a identidade nacional – de modo a compreender a discussão em torno de um posicionamento do país *interno* e *externo*. Por meio da literatura referente à questão, evidenciaram-se elementos culturais brasileiros que, em períodos distintos e com motivações históricas diferentes da nação, compuseram a “narrativa simbólica” do que significa ser brasileiro. Por conseguinte, para a abordagem de um *interna*, buscou-se afastar de um olhar “essencialista” e elucidar a complexidade social e cultural do país, isso por meio da discussão da constituição da *nação* [com os contornos territoriais característicos], do papel dos *mentores simbólicos* ligados ao Estado e das *características culturais e sociais* peculiares, dirigidas pelo arranjo migratório miscigenado e desigual da população brasileira.

Sob uma perspectiva *externa*, foi possível identificar o papel do Estado no posicionamento do Brasil no cenário internacional e a contínua reinvenção da identidade ao longo do tempo e, sobretudo, nas duas últimas décadas. Alia-se a essa, referências sobre as relações de intercâmbio econômico e cultural entre o Brasil e o Reino Unido, as quais demonstram que o interesse mútuo não é algo recente: há trocas estabelecidas no passado que têm continuidade na atualidade.

O *quinto capítulo* parte de um *macrocontexto* para chegar ao *micro*, isto é, apresentam-se as características editoriais da imprensa britânica, tendo sempre como referência a cobertura produzida sobre o Brasil em um cenário amplo; a partir desses dados, expõem-se os critérios e os procedimentos adotados na definição do *corpus* analisado, o qual é exposto detalhadamente.

A análise do *The Guardian* segue, desse modo, no *sexto capítulo*, subdividida em três seções que correspondem a *articulações* previstas no método:

Produção e culturas vividas – preocupa-se com as condições de produção do jornal em estudo, buscando perseguir os aspectos *objetivos* e *subjetivos* em jogo e a repercussão desses nos demais momentos do circuito. Conjugam-se, dessa maneira, dois tipos de fontes de dados: uma de origem na história do *The Guardian* [por meio do material institucional disponível, sem

¹⁵ Complementada com uma visita à sede do jornal, em Londres, cujo detalhamento será apresentado em momento oportuno no presente estudo.

priorizar a organização produtiva e econômica do processo de produção, mas enfatizando as relações culturais envolvidas] e a outra que se alimenta do relato das experiências dos jornalistas, com foco na entrevista com o correspondente do jornal, Tom Phillips, no período estudado, e do editor internacional, baseado na Inglaterra, Martin Hodgson. Juntos, eles expõem informações tanto dos processos e das condições de produção de material jornalístico sobre o Brasil quanto do caráter subjetivo das experiências de vida deles, que interferem na cobertura brasileira diária do referido jornal. A análise centra-se na observação da relação do correspondente que produz as matérias, a partir do Rio de Janeiro, com o trabalho diário na redação, gerenciado por editores, que acontece na sede do jornal em Londres;

Produção e textos – nesta etapa de análise, o foco reside na articulação do momento da produção com o estudo dos *textos*, no sentido de identificar traços da produção nos textos. Os documentos analisados são os 65 títulos das matérias de autoria de Tom Phillips, publicadas em 2011, que atravessam referências dos depoimentos citados. Emprega-se uma análise dos títulos, retomando as categorias temáticas compostas no *capítulo quatro* desta tese em busca de representações de elementos culturais historicamente constituídos no contexto brasileiro e/ou naquele de circulação britânico. Para tanto, concentra-se em duas formas de contextualização do objeto, uma *interna*, composta por características editoriais e visuais do *The Guardian*, e outra *externa*, que retoma as categorias temáticas, as identifica e as correlaciona com os elementos culturais encontrados nos títulos dos textos, para, então, destacar a “estrutura de sentimento” apresentada pelo jornal sobre o país no período pesquisado. Observam-se, no material empírico, os elementos culturais que, coordenados pelas práticas sociais e formas de produção, ajudam a dar sentido à experiência vivida;

Por fim, em *textos e leituras* – considera-se que texto não deve ser estudado por ele próprio, mas de forma “descentrada”, por isso uma apreciação do contexto tornou-se fundamental. Diante disso, aplica-se um estudo dos elementos culturais contemporâneos presentes nos textos, aqui tomados na sua completude, e uma análise dos comentários relacionados a esses para identificar possíveis “efeitos” nos leitores do jornal. Tendo presente o reservatório da *cultura vivida*, do correspondente Tom Phillips, a pesquisa concentra-se em analisar as sete reportagens produzidas pelo jornalista no referido período que geraram comentários dos leitores, postados abaixo dos textos na versão *on-line* do jornal. Promove-se, então, uma leitura do texto e dos comentários, identificando aspectos tanto da produção no texto quanto dos leitores e suas práticas culturais em torno do material publicado.

Na análise dos textos, emprega-se também o estudo das fontes entrevistadas pelo jornalista, destacando os *mentores simbólicos* por ele elencados, bem como as eventuais

estratégias editoriais utilizadas na abordagem sobre o Brasil. Para a análise das postagens, concentra-se no elemento do texto que gerou a manifestação [*efeitos* do texto] e em aspectos da própria *cultura vivida* dos leitores, isto é, a expressão de experiências pessoais sobre o tema, provocadas pela leitura desse tipo de material jornalístico na vida cotidiana.

Enfim, acredita-se que este relatório, assim formulado, apresente os elementos necessários para o entendimento do objeto aqui proposto de modo a contribuir para o desenvolvimento do campo do jornalismo.

2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa busca estudar o jornalismo a partir de uma perspectiva da cultura, evidenciando os processos de representação do Brasil na imprensa de qualidade britânica. Isto significa explorar este objeto não apenas a partir do texto e de suas condições de produção e circulação, mas, também, das práticas simbólicas e dos processos por meio dos quais a representação adquire significado na audiência. Trabalhar sob esse viés significa buscar combinar os termos referenciais do jornalismo – fatos, verdade e realidade – à sua própria relação com a subjetividade e a construção.

Barbie Zelizer (2004b) apresenta uma contribuição importante nesse sentido, ao definir o ponto de vista da análise cultural a partir da problematização da trajetória de pesquisas já realizadas sob essa ótica. A reflexão da autora aponta que a incômoda coexistência de princípios dos campos da cultura e do jornalismo apresenta tensões que trabalham em mútua desvantagem¹⁶.

É importante enfatizar, no entanto, que o termo *cultura* é aqui empregado conforme a acepção dos estudos culturais britânicos¹⁷, ou seja, um conjunto de práticas preocupadas com a produção e a troca de significados entre membros de uma sociedade ou grupo. As ciências sociais e humanas já haviam reconhecido anteriormente os aspectos constitutivos destacados acima, mas não de modo a oferecer à cultura uma “centralidade substantiva e epistemológica” (HALL, 1997a, p. 16).

O caráter substantivo, de fato, situa a cultura na estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições e relações culturais em um momento histórico específico. Em termos atuais – inferindo ao objeto deste estudo, o jornalismo internacional, é possível afirmar que esse se encontra na lógica da sociedade moderna tardia, sofrendo os

¹⁶ Essa perspectiva será aprofundada no terceiro capítulo desta tese.

¹⁷ Toma-se como ponto de partida a narrativa e/ou versão britânica da concepção do campo dos estudos culturais, apresentada no Brasil por Escosteguy (2010 [2001]): *Cartografias dos estudos culturais. Uma versão latino-americana*. A obra busca, sobretudo, traçar um mapa sobre os estudos culturais britânicos e a possível vinculação dessa vertente com a emergência de uma perspectiva latino-americana de análise cultural. O trabalho problematiza o desenvolvimento do campo e condensa as primeiras manifestações dos estudos culturais na Inglaterra, na década de 1950, a partir de textos-chave de Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson. Aborda, ainda, a fundação do *Centre for Contemporary Cultural Studies* [CCCS], em 1964, por Hoggart, que oferece ao campo uma forma organizada. Posteriormente, embora não referenciado como integrante do trio fundador, Stuart Hall passa a assumir um papel central, ao suceder Hoggart no final da década de 1960. Além de discorrer sobre as questões nodais de formação, o trabalho da autora, nesta versão *on-line* (2010), agrega entrevistas com os principais atores da atualidade sobre o desenvolvimento deste campo.

processos de desenvolvimento global¹⁸, por meio dos quais os recursos econômicos e tecnológicos têm se expandido e permitido trocas simbólicas e materiais antes impensáveis, gerando transformações culturais no cotidiano e na formação das identidades pessoais e sociais. No entanto, é sob o caráter epistemológico que a “virada cultural” efetivamente ocorreu, quando uma abordagem da análise social contemporânea “[...] passou a ver a cultura como condição constitutiva da vida real” (HALL, 1997a, p. 27), ao invés de apenas uma variável dependente dos processos econômicos, das instituições sociais e de produção de bens e serviços. Essencialmente, essa perspectiva ganha “fôlego” a partir de um novo posicionamento com relação à linguagem, não como os linguístas já vinham trabalhando, mas com um interesse voltado às práticas de representação, nas quais a linguagem possui um lugar privilegiado na construção e na circulação do significado.

Tal conjectura corresponde a apontar que a cultura depende da interpretação de seus participantes daquilo que está no seu entorno e do sentido por eles dado ao mundo, por isso a importância dos significados. A questão da significação surge, portanto, imbricada e relacionada aos diferentes momentos ou práticas no nosso “circuito cultural”, a saber:

[...] na construção da identidade e na demarcação da diferença, na produção e consumo, assim como na regulação da conduta social. [...] Membros da mesma cultura devem compartilhar um conjunto de conceitos, imagens, ideias que os permitam pensar e sentir o mundo, interpretando-o de modos mais ou menos semelhantes (HALL, 1997b, p. 4).

Inicia-se, portanto, pelo entendimento das práticas de *representação* no sentido que Hall (1997b) dá ao termo. Esse conceito é compreendido como parte essencial do processo de construção de sentido, produzido e intercambiado por membros de uma cultura. Em sua concepção mais simples, conforme descreve o autor, trata-se: “[...] da produção de sentido e de conceitos das nossas mentes por meio da linguagem. É a conexão entre os conceitos e a

¹⁸ Sobre essa conjuntura, ver Harvey (1998). Considerando que essa atravessa, mas não é objeto desta tese, destaca-se aqui a obra desse autor que se tornou referência desde a publicação de *Condição pós-moderna*, no final da década de 1980, em Oxford. Isso não apenas por dar conta do significado do termo pós-moderno em seus diferentes contextos, mas, sobretudo, por identificar as mudanças nas práticas culturais e político-econômicas, vinculadas à emergência de novas maneiras pelas quais se experimenta o tempo e o espaço na organização do capitalismo na condição atual, mostrando principalmente que essa variação afeta valores individuais e processos sociais. Sobre essa conjuntura e o jornalismo, ver a tese de Fonseca (2005), intitulada *O jornalismo no conglomerado de mídia, reestruturação produtiva sob o capitalismo global*, que buscou analisar as implicações dessa etapa global do capitalismo sobre as organizações jornalísticas e as formas de manifestação do regime e acumulação flexível nas estruturas de organização do trabalho e de produção das notícias na mídia impressa. A autora sustenta a hipótese, a partir de uma vertente crítica da Economia Política, de que há uma relação - entre as mudanças provocadas pela reestruturação capitalista e as novas tecnologias da comunicação e informação - mais próxima aos conceitos de informação, prestação de serviços e entretenimento do que a uma ideia de notícia ligada ao interesse público.

linguagem que nos permite referir ao mundo ‘real’ ou ‘imaginário’ dos objetos, pessoas e eventos” (HALL, 1997b, p. 17).

Hall ressalta, no entanto, que, no processo de significação da cultura, há dois sistemas de representação correlacionados que permitem interpretar significativamente o mundo. O primeiro sistema nos habilita a dar sentido ao mundo por meio da construção de uma série de correspondências, ou uma sequência de equivalências, entre as coisas, as pessoas, os objetos, os eventos, as ideias abstratas, ou seja, seriam os nossos mapas conceituais.

O outro sistema depende da construção dessas correspondências entre o mapa conceitual e o conjunto de signos organizados em várias linguagens, que significam ou representam aqueles conceitos. O autor salienta que a relação entre as “coisas”, os conceitos e os signos encontra-se no centro da produção de sentido em linguagem e, assim sendo, a *representação* é o processo que conecta esses três elementos (HALL, 1997b, p. 19). É importante ter presente que o significado é sempre construído e produzido, logo, é a prática [denominada pelo autor de *signifying practice*] que produz significado e faz as coisas terem sentido.

Hall (1997b) amplia a sua abordagem, indicando que desses sistemas originam-se três teorias que buscam explicar o funcionamento da representação: a reflexiva, a intencional e a construtivista¹⁹. Emprega-se neste estudo essa última, por reconhecer o caráter público e social da linguagem. De acordo com essa perspectiva, não se deve confundir o mundo *material*, no qual coisas e pessoas existem, com os processos e as práticas *simbólicas* nos quais a representação, significação e linguagem operam. São os atores sociais que usam os sistemas conceituais, linguísticos e outros sistemas representacionais da sua cultura para dar sentido ao mundo e comunicar sobre o mundo de modo significativo aos outros. Nesse sentido, o autor destaca que:

É claro que signos também podem ter uma dimensão material. Os sistemas representacionais consistem nos *sons* reais que fazemos com as nossas cordas vocais, nas *imagens* que fazemos em papel sensível à luz com as câmeras, nas marcas que fazemos com tinta nas telas, nos *impulsos* digitais que transmitimos eletronicamente. Representação é a prática, um tipo de “trabalho”, que utiliza objetos materiais e efeitos. No entanto, o significado depende, não da qualidade material do signo, mas da sua função simbólica. É porque um som ou palavra particular *significa*, *simboliza* ou *representa* um conceito que ele pode funcionar em linguagem como um signo e transmitir significado – ou, como os construtivistas dizem, significar [HALL, 1997b, p. 25-6, grifos do autor].

¹⁹ Para aprofundar a definição e a diferenciação das teorias, ver Hall (1997b, p. 24-6). Em outro momento [DALPIAZ, 2013, no prelo], trabalhou-se a perspectiva de Stuart Hall e o viés semiótico na complexificação das práticas de representação por meio de uma análise da capa da revista *The Economist*.

Ainda dessa concepção construtivista derivam duas vertentes teóricas referenciadas por Hall (1997b, p. 42-3): uma que se concentra em compreender como a linguagem e a significação produzem sentido [a partir dos pensadores Ferdinand de Saussure e Roland Barthes], e outra discursiva, que questiona como o discurso e as práticas discursivas produzem conhecimento [seguindo a linha de Michel Foucault]. Hall (1997b, p. 42) problematiza essas concepções, ao ressaltar que, em uma cultura, o significado depende de amplas unidades de análise, tais como narrativas, afirmações de grupos de imagens, uma totalidade de discursos que operam por meio de textos, isto é, áreas de conhecimento sobre um determinado tema que adquiriram difundida autoridade.

Desse modo, o autor salienta que, enquanto a aproximação semiótica tratou do processo de representação na linguagem como um sistema fechado e estático, a outra contribuição passou a considerar o conceito como fonte da produção social de conhecimento, ligada às práticas sociais e às questões de poder. A contribuição de Foucault, conforme Hall (1997b, p. 44), foi a de preocupar-se com essa produção de conhecimento através do *discurso*. Seguindo essa concepção, a prática de significação é construída no interior do discurso²⁰.

Retornando à comparação entre as duas concepções, Hall indica que o principal aporte a ser tomado é que o discurso, a representação, o conhecimento e a verdade são aspectos radicalmente historicizados por Foucault, contrariando a tendência a-histórica dos semióticos (HALL, 1997b, p. 46). Isso, sobretudo, por enxergar que as coisas têm significado e são verdadeiras somente em um contexto histórico específico, que diferem radicalmente de período a período e não possuem necessariamente continuidades. Foucault acreditava que o aspecto mais significativo reside nas rupturas radicais e descontinuidades entre uma formação discursiva e outra (HALL, 1997b, p. 47).

O autor salienta, ainda, que a maior crítica sobre o trabalho de Foucault está na tendência em absorver tudo para o discurso, encorajando seguidores a negligenciar a influência dos fatores materiais, econômicos e estruturais na operação do poder e conhecimento, além de estimular a rejeição de qualquer critério de verdade²¹.

²⁰ Hall salienta que a ideia de Foucault de que “[...] o discurso produz objetos de conhecimento e que nada tem significado *fora do discurso*” (1997b, p. 44) é uma proposição desconcertante que gerou críticas e merece ser aprofundada. O autor explica que, na realidade, Foucault não nega que as coisas possam ter uma existência real e material, o que, de fato, afirma é que “*nada tem significado fora do discurso*” (FOUCAULT, 1972 citado por HALL, 1997b, p. 45) [grifos do autor]. A obra de Michel Foucault à qual Hall faz referência é *The Archaeology of knowledge*. London: Tavistock, 1972.

²¹ Sobre essa questão, Hall (1997b, p. 49) comenta que Foucault “[...] não se refere a uma verdade do conhecimento no sentido absoluto, mas uma verdade que permanece qualquer que seja o período, definição, contexto de uma formação discursiva, sustentando um regime da verdade”.

De qualquer modo, apesar desses questionamentos, registra-se aqui o impacto de Foucault nas teorias de representação²². Hall (1997a, p. 33), por seu turno, ensina a pensar que isso não corresponde a afirmar “[...] que não há nada senão a cultura” a ser considerado. O argumento do autor defende que:

[...] de fato, *não* é que “tudo é cultura”, mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda a prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social *tem seu caráter discursivo* (HALL, 1997a, p. 33, grifos do autor).

Diante disso, cabe salientar que a dimensão do significado é uma das condições constitutivas do funcionamento do jornalismo, por vezes, negligenciada pela tendência de enxergar os objetos predominantemente sob seu viés materialista da produção²³. A questão reside em articular essas dimensões – simbólica e material – que, aparentemente, situam-se em direções opostas, para compreender que há uma referência na realidade concreta e material a ser considerada, mas o sentido se completa, de fato, no simbólico. Contudo, ao se tratar de identidade e jornalismo, essas discussões tornam-se essenciais.

O jornalismo, nesta pesquisa, é tomado como uma instituição e/ou atividade social, que agrega elementos de uma conjuntura material, estrutural e econômica. No entanto, é fundamentalmente constituidor de significados e práticas simbólicas que compõem a sua dimensão cultural articulada, tanto no espaço da produção jornalística quanto no espaço da leitura/audiência²⁴. Isto corresponde a ponderar que, embora o jornalismo ganhe corpo na redação por meio de suas condições produtivas e institucionais de atuação – olhar predominante de seus profissionais – é junto ao público que o significado de sua produção adquire sentido ou “efetividade política”, nos termos de Hall (2003, p. 368). Portanto, refletir sobre as representações do Brasil, a partir da imprensa britânica, implica considerar que o

²² Reconhece-se que o termo tem tido ampla utilização nos trabalhos acadêmicos atuais nos campos das ciências humanas e sociais, no entanto, ratifica-se que não se pretende aqui aprofundar a discussão em torno do mesmo, dado que a problematização teórica em si mesma não é o objeto desta tese. Contudo, considera-se válido apontar o estudo de Soares (2007), intitulado *Representações e comunicação: uma relação em crise*, que realiza uma contextualizada revisão do conceito em sua longa trajetória teórica, a partir da diversidade disciplinar que o caracteriza, mas balizando sua aplicação nos estudos sobre a comunicação e cultura. Nesse sentido, esse autor, com o propósito de indicar questões teóricas sobre as concepções desse conceito e estabelecer referências aplicáveis nos trabalhos da área, identificou quatro enfoques a serem problematizados e abordados: a representação mental, os determinantes sociais das representações, as representações mediáticas e, por fim, a representação distribuída. A pesquisa encontra-se disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewArticle/4643>. Acesso em: 28 fev. 2013.

²³ Embora tal denominação não seja a usada, endossa-se a posição de Silva (2009).

²⁴ Sobre esse aspecto ver Escosteguy (2013, no prelo) e Escosteguy e Felippi (2012).

significado não depende apenas das condições de produção dessas, circunscritas ao ambiente da redação e seus atores, mas da função simbólica que possuem no contexto em que circulam e de sua articulação aos valores, às regras e às convenções nele existentes.

Por outro lado, as representações do jornalismo britânico também assinalam marcas fragmentadas da cultura nacional, que, se analisadas em conjunto, exibem referências de uma identidade brasileira estabelecida historicamente²⁵. Nesse sentido, Raymond Williams²⁶ e as suas reflexões sobre a *estrutura de sentimento* ajudam a amparar a questão da identidade brasileira na imprensa britânica da atualidade. Segundo Cevasco (2001, p. 97), “[...] o termo foi cunhado pelo autor para descrever como nossas práticas sociais e hábitos mentais se coordenam com as formas de produção e organização socioeconômica que as estruturam em termos do sentido que consignamos à experiência do vivido”.

Williams (1977, p. 134-5) salienta que, metodologicamente, uma *estrutura de sentimento* é uma hipótese cultural derivada de tentativas de compreender os elementos [afetivos da consciência prática, em uma continuidade viva e inter-relacionada] e as suas ligações em uma geração ou período. Trata-se, portanto, de uma experiência social que está ainda *em processo*, não reconhecida ainda como social, mas como privada. Ela pode, também, ser definida como experiência social em solução, distinta de outras formações semânticas sociais precipitadas e evidentes. Para o autor,

[...] é uma formação estruturada, que, por estar na margem mesma da disponibilidade semântica, tem muitas características de uma pré-formação, até que as articulações específicas – novas figuras semânticas – são descobertas na prática material – por vezes de formas relativamente isoladas, que só mais tarde são vistas como parte de uma geração [com frequência de uma minoria] significativa, e que, por sua vez, em muitos casos tem ligação substancial com seus antecessores (WILLIAMS, 1977, p. 136).

²⁵ A aproximação a essas referências encontra-se na quarta seção desta tese.

²⁶ Sobre as referências ao pensamento Raymond Williams no Brasil, ver Cevasco (2001), que apresenta uma valiosa introdução à obra do autor. Em termos de aproximação desse ao campo da comunicação no país e, especificamente, sobre o conceito ou hipótese cultural de *estrutura de sentimento*, consultar Gomes (2011). Em artigo, a autora busca interpretar o conceito seguindo os deslocamentos de sentido que a expressão assume no trabalho de Williams, o qual se destina tanto para enfrentar o marxismo ortodoxo quanto para empreender esforços de análise cultural [preocupação com o sujeito e o processo ativo de produção de sentido na cultura]. Para Gomes (p. 29-30), a *estrutura de sentimento*, que deve ser compreendida em articulação com o conceito amplo de cultura, nasce de um duplo esforço, tensionado na obra de Williams: de um lado, o esforço teórico-metodológico de rejeitar o determinismo marxista e empreender uma análise cultural relacionada aos elementos de um modo inteiro de vida, de outro, o esforço político de enfrentar o capitalismo. A fim de compreender o lugar, os limites e as potencialidades do conceito, a autora percorre a trajetória desse na obra de Williams para, em seguida, apontar pistas para guiar uma análise duplamente material e cultural dos processos e produtos comunicativos. Quanto à aplicação desse conceito empiricamente, ver o estudo de Ridenti (2005) sobre a compreensão da relação da cultura e da política entre artistas e intelectuais no Brasil pós-1960, e ainda, Gomes (2007), que o utiliza como conceito metodológico para compreender o telejornalismo como instituição social.

Diante dessa proposição, indica-se aqui a possibilidade de articular, de um lado, a esfera material com a experiência vivida e, de outro, de examinar elementos culturais, discutidos nas obras modernas sobre a identidade brasileira, e a significação desses no contexto britânico atual. Nas palavras de Williams: “[...] quando essa estrutura de sentimento tiver sido absorvida, são as conexões, as correspondências, e até mesmo as semelhanças de época, que mais saltam à vista. O que era então uma estrutura vivida é agora uma estrutura registrada, que pode ser examinada, identificada e até generalizada” (WILLIAMS, 1987 citado por RIDENTI, 2005, p. 82).

Isso corresponde a afirmar que as “formas substantivas” da revolução cultural global são penetrantes na vida cotidiana das pessoas; não de forma regular e homogênea, mas de modo a interferir em situações sociais, de classe e geográficas, entre outras. Essa questão, em parte, justifica a presença do Brasil na pauta jornalística britânica, dado o destaque à crise europeia e à pujança dos países do BRIC. Há uma variedade de significados de outros povos, diversos modos de vida, lugares diferentes sendo veiculados pela mídia, “[...] a cultura global necessita da diferença para prosperar” (HALL, 1997a, p. 19), e o resultado dessa mistura cultural é a criação de alternativas híbridas, ou multiculturais, que sintetizam elementos de diferentes contextos, mas que não se resumem completamente a nenhum deles.

Refletir sobre o Brasil representado na imprensa britânica pode, portanto, ajudar a compreender essa “estrutura de sentimento”. Mas isso não é possível sem antes ter presente que a identidade emerge não de um “eu verdadeiro”, central e único, mas de um diálogo entre conceitos e definições representados para nós pelos discursos de uma cultura, são “[...] sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações [...] que adotamos para viver” (HALL, 1997a, p. 26). Desse modo, esta pesquisa apoia-se também no conceito de *identidade cultural*²⁷:

[...] como ponto de *sutura* entre, de um lado, os discursos e as práticas que nos interpelam enquanto sujeitos sociais de um determinado lugar e, de outro, de processos de produção de subjetividade, os quais nos constituem enquanto sujeitos. Identidades são estes pontos temporários de apego a posicionamentos enquanto sujeitos, nos quais as práticas discursivas são construídas para e por nós (HALL, 2000, p.19).

²⁷ Aqui também se registra a amplitude do emprego desse conceito em diversas áreas, o qual vem sendo exaustivamente discutido. Nesse sentido, cabe destacar alguns dos autores de referência além de Hall, Bauman (2005), Castells (2000) e Giddens (1991).

Desse modo, identidades são construídas no interior da representação, e não fora dela, por meio da cultura. Em termos de *identidade nacional*²⁸, Hall (1999) evidencia que essa é mais uma dentre as diversas identidades culturais que nos interpelam enquanto sujeitos. O autor salienta que, embora a nação seja uma entidade política, ela também produz sentidos através de um sistema de representação cultural.

As culturas nacionais são compostas de símbolos e representações, portanto, discursos. O autor destaca pelo menos cinco elementos por meio dos quais a cultura nacional é construída: a *narrativa da nação* [presente nas histórias contadas e recontadas, na literatura, na mídia e na cultura popular]; a ênfase nas *origens, continuidade, tradição e intemporalidade*; a *invenção da tradição* [que parece ter origens antigas, mas são bastante recentes]; o *mito fundacional* [a “estória” que localiza a origem da nação e do povo em um passado distante perdido no tempo]; por fim, a ideia de uma identidade nacional simbolicamente baseada em uma versão de *povo puro e original* (HALL, 1999, p. 52-7, grifos do autor). Conseqüentemente, as “[...] identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas formadas e transformadas no interior da *representação*” (HALL, 1999, p. 48).

Nesse sentido, vale ressaltar que, ainda que essa cultura nacional seja distintamente moderna, o seu discurso, por vezes, não é tão moderno como aparenta ser. Conforme o autor, essa narrativa constrói identidades que são colocadas ambigüamente entre o passado e o futuro, em um equilíbrio entre o retorno às glórias passadas e o impulso em direção ao “amanhã”.

Igualmente, buscou-se apoio para esta pesquisa na contribuição de Benedict Anderson (1991), a partir da noção de *comunidades imaginadas*, também referência nos estudos de Hall sobre identidade nacional. Anderson (1991) não apenas argumenta que as diferenças entre as nações residem justamente nas variadas formas em que são “imaginadas”, como também revisa seu discurso a partir de textos-chave, que, na década de 1980, transformaram em qualidade histórica e teórica a literatura sobre o nacionalismo²⁹.

O autor define nação, a partir de um viés que chama de “espírito antropológico”, ou seja, “[...] uma comunidade política imaginada inerentemente limitada e soberana” (ANDERSON, 1991, p. 6). Refere-se à nação como algo limitado porque até a maior e mais populosa possui, mesmo que elásticas, fronteiras definidas; a considera soberana visto que almeja incondicionalmente ser livre. Anderson (1991) alarga, contudo, a concepção sugerindo que a nação é imaginada, pois muitos de seus membros jamais conhecerão seus co-seguidores,

²⁸ Sobre esse conceito, além dos citados, apoia-se também nas leituras dos seguintes autores/obras: Anthony Smith, *La identidad nacional* (1997); Eric Hobsbawm, *Era dos extremos - o breve século XX: 1914-1991* (1995); Philip Schlesinger, *Media, state and nation* (1991).

²⁹ Sobre essa discussão, ver Anderson (1991, p. xii).

nem mesmo se encontrarão, mas nas mentes das pessoas permanece sempre uma imagem de comunhão. Para o autor, é possível agregar à nação esse sentido independentemente da desigualdade e exploração que possa existir, já que é sempre concebida de uma profunda e horizontal familiaridade (ANDERSON, 1991).

Hall (1999) aproxima-se desse ponto de vista, ao colocar que as identidades nacionais são imaginadas e tendem ainda a ser representadas como unificadas. O autor avança, porém, em sua abordagem, argumentando que, ao contrário de pensar as culturas nacionais apenas como algo integrado, deve-se identificá-las como produtoras de um *dispositivo discursivo*, que representa a diferença como unidade ou identidade. Ao contrário do “eu” inteiro, unificado nas diferentes formas de poder cultural, deveria-se considerar que as identidades são atravessadas por divisões e diferenças internas. As tentativas de unificá-las, por exemplo, em torno do discurso da etnia [língua, religião, costume, tradições, sentimento de lugar] compartilhado por um povo, ou então, da raça [categoria discursiva e não biológica] fracassam, pois as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo do poder, de divisões e de contradições internas. Elas contribuem, no entanto, para “costurar” as diferenças em uma única identidade.

Portanto, a questão norteadora, que nesta tese se coloca, é compreender o significado das representações do Brasil na imprensa de qualidade britânica, indagando sobre os elementos culturais presentes nos textos a partir da relação do seu lugar de origem com o contexto em que circulam na atualidade. Desse modo, apresenta-se aqui um estudo desse objeto, sob a perspectiva da cultura, considerando ambas as formas analíticas, ou seja, aquela de caráter substantivo, que envolve a estrutura e a organização do jornalismo britânico em um contexto histórico atual, e aquela epistemológica, que demarca uma abordagem na qual as representações adquirem uma relevância essencial na vida cotidiana, no caso em tela, as representações do Brasil no *The Guardian* e suas conexões com a manifestação dos leitores.

2.2 UMA APROXIMAÇÃO AO OBJETO

Com a intenção de aproximar pesquisas já produzidas ao objeto desta tese, buscou-se aqui elencar determinados trabalhos acadêmicos [teses e dissertações] que tangenciam tanto o objeto teórico-metodológico desta tese – *a análise cultural do jornalismo* – quanto o objeto empírico – *o estudo do Brasil no jornal de qualidade britânico The Guardian*. Concentra-se, no entanto, primeiramente em identificar trabalhos brasileiros sobre jornalismo, que, de algum modo, aplicaram métodos que reivindicam uma articulação mais complexa dos diferentes

momentos do processo comunicativo, ou mesmo aquele proposto por Richard Johnson (1999, 2004), o qual se assume como percurso metodológico para a presente pesquisa. Nesse sentido, a título de ilustração se faz referência às teses de doutorado de Strelow (2007) e Felippi (2006) e, ainda, à dissertação de mestrado de Santi (2009). Destaca-se, entretanto, que o olhar mais amplo do objeto teórico-metodológico encontra-se documentado no capítulo apresentado a seguir, assim como a descrição do método adotado.

Além das pesquisas já mencionadas, apresentam-se também neste momento duas dissertações que tratam de representações do país no jornal norte-americano *The New York Times* (LIMA, 2008; PAGANOTTI, 2010). Acrescenta-se a esse elenco a tese de Mota (2008) que, mesmo tralhando com telejornalismo e não com o jornalismo impresso, desenvolve um estudo sobre a representação da identidade brasileira na cobertura de um episódio “conflituoso” envolvendo o Brasil e os Estados Unidos. Dessas referências, apenas Felippi (2006), Mota (2008) e Santi (2009) destacam uma filiação em seus trabalhos ao campo dos estudos culturais.

Aponta-se, nesse sentido, que a finalidade neste momento ao discorrer brevemente sobre essas pesquisas é identificar essas contribuições e assinalar os limites encontrados em tais percursos de estudos para buscar, por fim, na presente tese, contemplar à medida do possível determinadas lacunas. Sabe-se que, em termos de revisão, uma pesquisa nunca se esgota, já que os campos estão continuamente sendo estudados. Outras obras e artigos acadêmicos, em momento oportuno, serão referenciados especificamente ao longo desta tese.

Diante desses aspectos, observou-se que tanto a tese de Strelow (2007) quanto a dissertação de Santi (2009) se propõem a realizar uma aplicação do circuito da cultura, proposto por Johnson (1999), e percorreram de modo equilibrado os três momentos do processo por ele estabelecido – produção, texto e leituras – no entanto, o que se verifica é que não há uma apreensão direta à articulação entre os referidos momentos, na própria estrutura dos trabalhos, e àquele relacionado a um quarto ponto do processo, ou seja, para dar conta das relações sociais/culturas vividas.

Strelow (2007) sugere uma estratégia metodológica para o estudo do jornalismo impresso, com base em Johnson, a qual denomina de *análise global de periódicos jornalísticos* (AGPJ). Após discorrer sobre as teorias e os métodos de pesquisa comumente aplicados ao jornalismo, a autora sugere a utilização de tal método, que permite combinar diferentes técnicas de pesquisa social, para analisar os seguintes momentos do processo jornalístico: produção, textos, leituras, tomando como objeto concreto de estudo a revista cultural *Aplauso*. Santi (2009) também defende uma configuração análoga, mas a designa de

circuito das notícias, para estudar as representações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e as suas ações nos textos do jornal *Zero Hora (ZH)*.

Diferente dos estudos anteriores, a proposta de Felippi (2006) vislumbrou compreender o funcionamento do fazer jornalístico também do jornal *ZH*, a partir dos distintos momentos de seu processo produtivo, que, de acordo com a autora, interferem para que o veículo construa uma identidade cultural gaúcha. Felippi filiou-se à perspectiva dos estudos culturais e valeu-se das teorias do discurso e do jornalismo como referenciais teóricos para a pesquisa. No entanto, em termos metodológicos, utilizou o mapa de Jesús Martín-Barbero (2003), que permite percorrer os momentos [matrizes culturais, lógicas de produção, formatos culturais e competências de recepção (consumo)] e as mediações [institucionalidade, tecnicidade, ritualidade e sociabilidade] para pensar as relações e a dinâmica do processo comunicativo do objeto em questão. Desse modo, a autora identificou as matrizes culturais da identidade gaúcha hegemônica, o funcionamento da produção de *ZH*, o discurso relativo à identidade gaúcha por meio dos textos jornalísticos e as competências de recepção e consumo, através da caracterização do leitor do jornal.

Entretanto, é possível afirmar também que Felippi dá conta das matrizes culturais, das lógicas de produção e dos formatos culturais em maior proporção – e em níveis teórico e empírico – do que as instâncias relativas à mediação da ritualidade e ao momento das competências de recepção e consumo, caracterizadas apenas em um nível teórico de pesquisa, sem apresentar uma estratégia metodológica que mirasse o leitor empírico. Empregando-se uma leitura mais atenta, percebe-se que não há um equilíbrio entre as partes, ou seja, a pesquisa situa-se na estrutura econômica e nas representações postas em circulação pelo jornal, dedicando maior atenção ao espaço da produção e do texto. Outro aspecto, salientado por Escosteguy (2007), que decorre dessa instância, é o posicionamento de leitura produzido e vinculado ao “código profissional” jornalístico, isto é, amparado em dados sobre as tiragens e circulação do próprio jornal, sem uma entrada empírica ao universo dos leitores de *ZH*.

Johnson (1999, p. 57), nesse sentido, alerta que o problema de adotar esse tipo de estratégia reside em inferir o caráter de um produto cultural e seu uso social das condições de produção como se a produção determinasse tudo. Seguindo essa lógica sinaliza que: “[...] Elas [as condições de produção/origem] podem ser verdadeiras na medida em que estão de acordo com a lógica daquele momento, mas negligenciam toda a gama de possibilidades das formas culturais, especialmente na medida em que essas são realizadas no consumo ou na ‘leitura’” (JOHNSON, 1999, p. 58).

Vale também destacar, no entanto, que a ausência do ponto de vista do leitor no referido trabalho não é totalmente negligenciada. A autora – embora proponha “procurar cercar o processo como um todo” (FELIPPI, 2006, p. 20) – destaca os limites de alcance de uma pesquisa e, por esse motivo, opta por trabalhar o leitor [e a instância que o discute] em um nível apenas teórico, caracterizando-o por meio de pesquisas de opinião já existentes e de fontes bibliográficas e entrevistas, embora não dos próprios leitores.

Outro elemento importante que diferencia a pesquisa de Felippi (2006) deste estudo é, justamente, o envolvimento do leitor com as matrizes culturais. No caso referenciado, verifica-se que *ZH* se relaciona com os elementos culturais e vai buscar na vida cotidiana o material necessário para a sua produção, reconhecendo o público nas páginas do jornal e criando um sentimento de pertencimento à identidade gaúcha. Ao passo que, no objeto desta tese, o leitor britânico não possui uma relação direta com os elementos culturais brasileiros, fator esse que evidencia aspectos diferenciados e sinaliza aprofundar ainda mais o momento da leitura e a sua articulação com os demais.

As duas dissertações identificadas sobre o Brasil representado no jornal *New York Times* são estudos centrados no *texto*. Paganotti (2010) analisa os artigos do correspondente Larry Rohter, publicados no veículo sobre o país, identificando as estratégias textuais adotadas pelo jornalista para reproduzir, alterar, questionar, negar ou criar representações brasileiras. O método utilizado é o da análise crítica de discurso, por meio do qual o autor busca avaliar os mecanismos de tradução de conceitos próprios do Brasil para um público estrangeiro. Já o trabalho de Lima (2008) centra-se na vertente dos estudos de tradução como prática linguística para verificar como o jornal norte-americano constrói as representações brasileiras. Cabe ressaltar que este estudo toma como objeto textos do referido jornal e, ainda, as suas traduções em veículos brasileiros. Ambas as pesquisas estão estruturadas na apresentação do referencial teórico-metodológico eleito e de capítulos de análise, a partir da temática das representações brasileiras identificadas.

O outro trabalho, que se aproxima e, de certa forma, contribui para o delineamento desta pesquisa, trata das representações da identidade nacional brasileira na televisão. Mota (2008) buscou no âmbito do telejornalismo, através da análise do discurso, investigar a constituição dos significados de uma narrativa sobre a identidade nacional, tomando como objeto o episódio de exigência de visto feita pelo governo norte-americano, que resultou em atitude idêntica por parte das autoridades brasileiras, abordado em uma sequência de reportagens veiculadas na televisão.

A contribuição de Mota (2008) centra-se, sobretudo, na produção e no texto, sendo que a esse último dedica uma atenção ainda maior. É evidente a sua preocupação com a compreensão da linguagem da televisão, do telejornal e suas rotinas produtivas de construção da notícia, mas é sob os procedimentos enunciativo-discursivos da narrativa que se debruça efetivamente. Situa o seu estudo no campo dos estudos culturais, embora a aproximação teórica enquadre-se fundamentalmente no âmbito da análise do discurso crítica, apresentada pelo linguísta inglês Norman Fairclough e de origem foucaultiana. Agrega a esse, também, a linha francesa, a partir de uma aproximação com Michel Pêcheux e de sua seguidora brasileira Eni Orlandi. Os aportes da comunicação são buscados na teoria da narrativa, que vem sendo desenvolvida, desde os anos 1990, pelo pesquisador Luiz Gonzaga Motta.

Em termos metodológicos, o trabalho de pesquisa subdivide-se em cinco partes. Na primeira, Mota (2008) dedica-se a apresentar o sentido dialógico de qualquer linguagem para chegar a uma conceituação da função social da linguagem, que leva ao discurso como prática social. Em seguida, desenvolve os princípios do discurso, tomando o conceito de formação discursiva, conforme as regras e regularidades do dizer [enunciadores e campos enunciativos]. Após, trabalha a narrativa como fato cultural [história que emerge de um determinado espaço enunciativo], quando passa, então, a abordar os conceitos de nação e de identidade, ou seja, as diferenças entre o “eu” brasileiro e o “outro” estrangeiro.

A segunda parte volta-se ao jornalismo e às diferenças e práticas da televisão, trabalha a relação texto-imagem, montagem, enunciação e enunciadores. Na terceira parte, encontram-se os caminhos da análise da narrativa, chamados de plano de expressão [análise do discurso], plano da história [onde os sentidos se formam] e o plano da metanarrativa [no qual os mitos e os valores da identidade nacional compõem o objeto de pesquisa]. O trabalho segue, na quarta parte, com a análise semântico-enunciativa dos recortes, bem como a apreciação microestrutural do texto de telejornalismo. Por fim, são trabalhados os sentidos da identidade nacional, a partir dos elementos que mostram as diferenças entre brasileiros e norte-americanos, entre outros aspectos do estudo de narrativas.

Essa descrição permite salientar que, ainda que esse tipo de abordagem reúna uma riqueza de elementos sobre as práticas de significação do objeto, estudos sob essa tendência, conforme aponta Johnson (1999, p. 77) apresentam limites paradigmáticos por “[...] permanecerem no interior dos termos da análise textual”, pois, mesmo quando ultrapassam os limites dessa, acabam subordinando os outros momentos à análise do texto. Na prática, de acordo com Johnson (1999, p. 78), também evidenciado na pesquisa da Mota (2008), percebe-se que, ao dar maior enfoque à análise textual, as questões sobre a produção das formas

culturais e de sua organização social mais ampla, tendem a reduzir a produção à produtividade dos sistemas de significação [linguagens formais ou códigos]. Igualmente, identifica-se que o âmbito das leituras [feitas pelo público] tendem a ser deduzidas a partir da leitura do próprio autor da pesquisa.

Desse modo, aponta-se que é evidente a contribuição desses autores, no entanto, objetiva-se, nesta tese, dar conta dessas lacunas metodológicas, buscando principalmente articular os momentos do circuito da cultura, assim como descrever as suas características de modo equilibrado, sem dar maior ou menor ênfase à produção e/ou texto e, incluindo também, uma estratégia metodológica que contemple o posicionamento do leitor.

3 JORNALISMO E A ANÁLISE CULTURAL³⁰

Estudar um objeto empírico do jornalismo a partir da perspectiva da cultura no contexto brasileiro – onde tal abordagem é relativamente pouco conhecida – requer não apenas mapear os conceitos que o norteiam, mas também definir o que se entende por análise cultural³¹. O jornalismo tem sido elemento de estudo em diversas disciplinas e campos no decorrer de seu desenvolvimento, fato esse que se, de um lado, gera uma diversidade de leituras, de outro, determina que jornalistas e pesquisadores encontrem balizas consensuais para que possam delinear um fenômeno.

Nesse sentido, paralelamente à abordagem da perspectiva cultural do jornalismo, que interessa propriamente a esta tese, busca-se evidenciar neste capítulo também os traços convergentes de estudos que assumem como objeto principal o jornalismo, tanto no contexto britânico – berço dos estudos sobre a cultura – como nas discussões atuais sobre o tema no Brasil. Duas referências essenciais sistematizam pesquisas realizadas anteriormente e acrescentam dados contemporâneos em ambos os países, indicando tendências gerais³²: *Journalism Research in the UK [From isolated efforts to an established discipline]*, de Karin Wahl-Jorgensen e Bob Franklin (2008), e *O estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil: 2000 a 2010*, de Aline Strelow (2011).

No Reino Unido, conforme descrevem Wahl-Jorgensen e Franklin (2008), apresenta-se um paradoxo. Enquanto profissão, o jornalismo carrega o tradicional rótulo de ser mais o prestigiado e bem-sucedido do mundo, em termos de pesquisa *sobre* jornalismo [grifo dos autores], o seu desenvolvimento mostra-se moroso e está distribuído em uma variedade de

³⁰ Para pensar esta perspectiva em um contexto mais global, porém se referenciando na experiência britânica, trabalha-se nesta tese a partir de duas contribuições de Barbie Zelizer: primeiro, parte-se de seu estudo mais amplo sobre o desenvolvimento do campo de pesquisas em jornalismo e as suas dimensões, apresentado em *Taking journalism seriously* (2004a); em seguida, concentra-se nas tensões identificadas pela autora no artigo intitulado *When facts, truth and reality are the god-terms: on the journalism's uneasy place in Cultural Studies*, publicado na revista *Communication and Critical/Cultural Studies* (2004b). Sobre sua circulação no Brasil, evidenciam-se, por meio de pesquisa realizada em banco de dados da revista *Brazilian Journalism Research*, publicada pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), duas referências: em 2007, a publicação do artigo *What to do about journalism? Journalism and the international academic world*, no qual apresenta os campos em diálogo com o jornalismo; a outra é uma resenha de seu livro *Taking journalism seriously*, produzida pela pesquisadora portuguesa, Cristina Ponte (2005a). Acrescenta-se a essa lista o texto de Machado (2006), submetido ao Grupo de Trabalho de Jornalismo do XV Encontro da Compós, em junho de 2006, que faz uma crítica ao livro de Zelizer de 2004.

³¹ Especificamente sobre esta perspectiva no Brasil, ver Escosteguy (2013, no prelo), a qual será aprofundada no item 3.2.1 desta tese. Este texto da autora foi inicialmente apresentado no *Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*, realizado em 2012, na UFBA.

³² Isso sem deixar de valorizar importantes discussões e iniciativas no sentido de sistematizar tais tendências e aprofundar determinadas questões teórico-metodológicas ligadas ao jornalismo: Machado (2007); Melo (2006, 2007); Melo e Moreira (2009), Silva (2008, 2009); entre outras referências consultadas.

campos do conhecimento. Essa dissonância entre a prática e a pesquisa se deve, sobretudo, ao desenvolvimento tardio da localização do jornalismo nas instituições de ensino.

Ainda que o primeiro jornal diário – *Daily Courant* – tenha surgido, em Londres, em 1702, a profissionalização do jornalismo ocorreu somente no final do século XIX. A primeira tentativa de se estabelecer um curso na Universidade de Londres, em 1937, não vingou desfazendo-se dois anos depois por pressão do próprio mercado jornalístico, que acreditava que a formação se dava na prática da redação.

Em 1951, nasceu o *National Council for the Training of Journalists* [Conselho Nacional para o Treinamento de Jornalistas], entretanto foi somente nos anos 1970 que surgiu o primeiro programa de pós-graduação para treinamento de jornalistas na Universidade de Cardiff, no País de Gales, fundado por Tom Hopkinson. Além disso, registra-se também que a Universidade de Sheffield foi a primeira a oferecer um curso de graduação em jornalismo.

Uma década depois foram contabilizados mais de 600 cursos de graduação com jornalismo no título. Por conseguinte, o desenvolvimento expressivo nas universidades britânicas ocorreu, de fato, nos anos 1990 e em instituições novas, criadas pelas reformas na educação em 1992 (WAHL-JORGENSEN e FRANKLIN, 2008, p. 173-4). O curioso é que dados apresentados no início dos anos 2000 revelavam que 98 por cento do total de jornalistas possuía um curso de graduação, sendo que 58 por cento desses com qualificação em jornalismo especificamente, e 42 por cento do total deles completaram inclusive um curso de pós-graduação ou mestrado (HARGREAVES, 2002 citado por WAHL-JORGENSEN e FRANKLIN, 2008, p. 174).

Os autores salientam ainda que a origem da pesquisa em jornalismo se deu a partir da consolidação da sociologia como disciplina nos anos 1960 – o que significa destacar que os estudos britânicos em jornalismo raramente enxergaram a profissão de modo isolado, pelo contrário, continuamente consideraram o relacionamento entre o jornalismo e o mundo social (WAHL-JORGENSEN e FRANKLIN, 2008, p. 174).

Inicialmente marcadas pela tradição de compreender os processos de produção das notícias, outras tendências foram surgindo ao longo do tempo, tais como aquelas que adotaram uma pauta mais crítica, permeadas pela teoria marxista, oriundas dos estudos culturais³³ e da economia política [que estudava não apenas os processos de produção, mas também como esses se relacionam com o mercado competitivo do capitalismo]. Registram-se também estudos sobre dados demográficos do jornalismo, que apontam para um mercado

³³ Uma descrição mais aprofundada dessa perspectiva ligada aos estudos culturais é apresentada no item 3.2.1 desta tese.

predominantemente masculino e branco, ou seja, com discrepâncias em torno das questões étnicas [jornalistas negros e asiáticos eram frequentemente marginalizados pela *mainstream* mídia] e de gênero [espaço no mercado e salários inferiores para a jornalista mulher]. Há ainda um lugar significativo relacionado à linguagem do jornalismo e aos estudos sobre o jornalismo local e regional. Entretanto, cabe salientar que o marco inicial foram aqueles estudos sobre a história da imprensa e da radiodifusão. Nessa perspectiva se destacam os livros publicados por Raymond Williams³⁴ nos anos 1960, que estabeleceram a base para os estudos culturais e para o entendimento do jornalismo como texto cultural (WAHL-JORGENSEN e FRANKLIN, 2008, p. 178).

Com relação aos demais contextos – considerando-se aqui especificamente aquele brasileiro, Escosteguy e Felippi (2012) identificam um desenvolvimento similar nos estudos em jornalismo. Nesse sentido, destacam que

[...] o contexto de legitimação dos estudos de jornalismo é de desenvolvimento das indústrias culturais e do próprio jornalismo em distintos suportes, de regulamentação da prática profissional e, principalmente, da criação dos cursos superiores em Jornalismo. [...] No Brasil, o primeiro curso de graduação em Jornalismo é criado em 1947, na Faculdade Cásper Líbero, e a pós-graduação em Comunicação *stricto sensu*, abarcando os estudos de jornalismo, em 1972, na Universidade de São Paulo. E em 1973, José Marques de Melo defende a primeira tese sobre jornalismo no Brasil (ESCOSTEGUY & FELIPPI, 2012, p. 4-5).

Desse modo, verifica-se que situação análoga ao contexto britânico, apenas descrito, é evidenciada no Brasil, uma vez que as autoras destacam que a existência de pesquisa sistemática e acadêmica sobre o jornalismo no país ocorre a partir dos anos 1970. Além disso, foi somente nos anos 1990 que se registrou um crescimento efetivo em termos de pesquisadores, de grupos de pesquisa, de revistas especializadas e de associações científicas que trabalharam o jornalismo como objeto principal. Isso igualmente decorre, sobretudo, da ampliação do ensino superior privado e público e da propagação de programas de pós-graduação³⁵.

Em termos mais específicos, Strelow (2011) parte de duas pesquisas seminais, realizadas por Melo (2006, 2007), para dar continuidade e compreender os caminhos trilhados pela pesquisa em jornalismo nos séculos XX e XXI. A sistematização apresentada abarca o

³⁴ Entre eles, destaca-se a obra *The long revolution*, publicada em Londres, em 1961, pela editora Penguin, na qual Williams descreve a história da imprensa popular no Reino Unido, ressaltando o relacionamento entre a mídia, a esfera pública e as formações culturais.

³⁵ Salientam as autoras a criação de iniciativas importantes com relação à pesquisa na área: da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo [SBPJor], em 2003, e da revista científica editada em português e inglês, a *Brazilian Journalism Research*, em 2005; além disso, foi instituído o primeiro mestrado em Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2007.

trabalho de outros autores, isso para poder concentrar-se no estudo da década passada, que atualiza e compara com tal evolução. Não cabe aqui descrever especificamente cada fase, tarefa desempenhada de modo detalhado pelos autores citados, contudo servem alguns pontos levantados para reflexão que tangenciam o tema em debate nesta tese.

Identifica Strelow (2011, p. 68) – com a propriedade de uma espécie de “meta-análise” de dados composta por várias pesquisas – que os estudos de jornalismo no Brasil são marcados pela interdisciplinaridade, cuja evolução obedece às mudanças ocorridas na história política, cultural e social brasileira. Conforme aponta, os quatro principais campos teóricos nos quais os estudos se apoiaram na última década podem, nesta ordem, ser listados: sociologia do jornalismo, estudos de discurso e narrativa, história do jornalismo e estudos culturais [*sic.*] (STRELOW, 2011, p. 83).

Embora situados teoricamente, assinala a autora ser “preocupante” o fato de que quase a metade das pesquisas analisadas, isto é, 46,2 por cento do total, negligenciaram a discussão metodológica³⁶; paralelamente a isso, verifica-se que, entre os métodos citados, há uma predominância de estudo do texto, ou seja, do emprego de análises de discurso ou de conteúdo. Áreas pouco exploradas também foram evidenciadas na pesquisa. Há uma lacuna nos estudos de recepção, o que demonstra ser incipiente ainda o interesse pelas audiências e, também, quanto à abordagem de temas ligados ao jornalismo internacional.

Diante do exposto, no caso brasileiro, Silva (2009)³⁷ identifica, contudo, que esses esforços em mapear os estudos em jornalismo são ainda embrionários e dificultam a constituição de um campo sob o ponto de vista epistemológico. A autora esboça uma importante contribuição ao problematizar as tentativas de demarcação de um campo propriamente científico do jornalismo no país.

O estudo atenta, entre outras questões, para a necessidade de enfrentar a fragilidade epistemológica do jornalismo, algo que exigiria investimento conceitual, metodológico e teórico. Silva (2009) aponta que, embora seja inviável e temerosa a busca de uma teoria geral, o foco hegemônico – na prática jornalística e na sua expressão material – impossibilita o afastamento necessário para pensar o objeto de estudo do campo epistêmico do jornalismo. “Ao considerar como sinônimos Teoria do Jornalismo e Teoria da Notícia (como faz Souza, 2004, p. 2), toma-se parte do objeto do jornalismo como todo o objeto da Teoria do Jornalismo” (SILVA, 2009, p. 204).

³⁶ Preocupação análoga é evidenciada e discutida por Silva (2008) e Machado (2010).

³⁷ Nesse artigo a autora, partindo do conceito de campo de Bourdieu, busca pensar o campo do jornalismo, ampliando o debate em torno do uso indiscriminado dessa noção e o equívoco em reduzir o objeto de estudo do jornalismo à prática da profissão e/ou à fragmentação do suporte tecnológico.

A questão reside, portanto, em operar um “corte epistemológico” e não apenas um levantamento e classificações confusas sobre o que se tem investigado em jornalismo. Observam-se no Brasil categorias³⁸, sem critérios e métodos, geridas comumente pela divisão lógica do suporte tecnológico (telejornalismo, radiojornalismo, webjornalismo), ou, então, pela clássica herança que separa os elementos do circuito: produção/rotina – produto em circulação/mensagem/linguagens/discursos – consumo/recepção.

Silva (2009) salienta ainda que, pensar a pesquisa nesses termos, pode apontar para uma institucionalização do campo científico, mas não do que se está tratando na pesquisa em jornalismo efetivamente.

Trabalhar para a constituição do campo do jornalismo demandaria, ao mesmo tempo, mais pesquisa epistemológica, investigando como se consolidam e se superam os conceitos e as teorias, e mais apuro metodológico e acuidade teórica nas pesquisas particulares, principalmente nas de opção empírica, cujo esforço descritivo costuma esgotar-se em si mesmo – geralmente por tratar a materialidade empírica como o próprio objeto da pesquisa, cuja escolha é individual, mas que sabemos ser também este construído teoricamente e, por isso, deveria ser tomado como uma das manifestações do objeto de estudo do campo (SILVA, 2009, p. 206).

Nesse sentido, considera-se que a análise cultural traz uma contribuição para o desenvolvimento do campo do jornalismo, pois tem estado ativamente preocupada em investigar o jornalismo a partir de questões que vão além dos pressupostos do espaço produtivo. Ao assumir que o jornalismo se realiza mais próximo das premissas dos grupos culturais envolvidos na sua produção-recepção, foca-se também nos fatores contextuais que formulam a prática jornalística. Pensar o jornalismo sob essa lógica permite enxergar dimensões não somente materiais, mas também simbólicas. Olhar que corrobora a reivindicação de Silva (2009), ao salientar a necessidade de debruçar-se sobre aspectos que vão além dos efeitos pragmáticos das rotinas e fórmulas de coletar e apresentar notícias.

No entanto, o que se tem observado é que em distintos períodos e cenários acadêmicos e, em diferentes partes do mundo, o estudo do jornalismo tem seguido vários caminhos. Cada um deles impactado por critérios utilizados para demarcar suas fronteiras³⁹. Por conseguinte, verifica-se que nenhum é capaz de dar conta de todo o conhecimento sobre o jornalismo. Por outro lado, observa-se que o campo torna-se ainda mais complexo quando

³⁸ A título de exemplificação ver Melo (2006).

³⁹ Zelizer (2004a, p. 15-20) apresenta um mapeamento sobre o surgimento de grupos e experiências de estudos em jornalismo, sobretudo, nos Estados Unidos e Reino Unido; com menor incursão na Europa germânico-saxônica, apontando brevemente os casos do Brasil e do México.

incorporado transversalmente por outros modos de investigação [e/ou disciplinas] nos quais a análise do jornalismo é frequentemente enquadrada.

3.1 PRINCIPAIS CAMPOS DE PESQUISA EM DIÁLOGO

Zelizer (2004a) revisa a literatura⁴⁰, principalmente anglo-saxônica, sobre o jornalismo e identifica cinco campos principais de pesquisa em diálogo – *sociologia, história, estudos de linguagem, ciência política e análise cultural* –, no entanto, enfatiza que a produção acadêmica sobre o jornalismo não se limita apenas a essas lentes marcadas por ela. A autora destaca que, embora essa divisão indique mais exclusividade do que na prática exista, todavia, em cada tipo de investigação, podem ser identificados modelos e linhas sistemáticas de explanação, mesmo que, alguns autores, dependendo das premissas empregadas, possam filiar-se a diferentes perspectivas. Apresenta-se, a seguir, de modo conciso, como cada uma dessas linhas dialoga com o jornalismo, optando-se por aprofundar o campo da *análise cultural*, na próxima seção, por ser esse onde se pretende situar o objeto desta pesquisa.

A *análise sociológica*⁴¹ tem sido o modelo de maior amplitude para pensar o jornalismo, focando-se nas relações, nas rotinas de trabalho e outras interações formuladas entre os membros da comunidade envolvida na coleta e na apresentação de notícias, assim como nas organizações, instituições e estruturas que guiam o trabalho⁴². A investigação sociológica configura o jornalismo favorecendo o estudo de práticas dominantes em detrimento das desviantes, destacando momentos do processo produtivo de notícias em análises, em vez de considerar o fenômeno como um todo. Tem também enfatizado comportamentos e efeitos nos significados e produzido uma visão de jornalistas como profissionais que não apresentam os atributos formais do profissionalismo. Produziu também pesquisas substanciais sobre a natureza, as funções e os tipos de audiência de notícias.

⁴⁰ Optou-se neste item por não citar os autores referenciais, bem como as obras que marcaram historicamente cada uma dessas lentes por considerar que esse “resumo” está disponível, em língua portuguesa, no artigo de Ponte (2005b): *Lentes cruzadas na pesquisa em jornalismo: a proposta de Barbie Zelizer*.

⁴¹ Para um aprofundamento sobre essa tendência de estudos ver Zelizer (2004a, capítulo 3, p. 45-80).

⁴² Sob este viés, na tentativa de aproximar essa revisão a produção acadêmica brasileira, destaca-se a obra *Campos em confronto: a terra e o texto*, de Christa Berger (2003), que busca compreender o encontro do popular com o massivo através do estudo da relação entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o jornal *Zero Hora*, ambos os objetos legitimados como tema pela Sociologia e a Teoria da Comunicação. O trabalho da autora evidencia, sobretudo, que os movimentos sociais consideram a dinâmica da imprensa na elaboração de suas estratégias políticas. Amparada na noção de campo, de Pierre Bourdieu, identifica dois campos em confronto, o do jornalismo e o político. Diante disso, coloca em contexto a notícia sobre o Sem Terra observando de um lado, as condições de produção do discurso do MST e, de outro, do jornal, sem deixar de considerar os sujeitos dos campos de produção e seus destinatários.

A *investigação histórica*⁴³ estabeleceu a longevidade do jornalismo e suas práticas. Mais dependente de documentos do que de pessoas, utiliza o passado – suas lições, triunfos, tragédias – como impulso legitimador para compreender o jornalismo atual. Nessa perspectiva, “[...] o que atrai a atenção acadêmica é o que persiste, ou seja, o contemporâneo tende a ser visto através de um ‘visor’ situado em algum ponto do passado”⁴⁴ (ZELIZER, 2004a, p. 11).

Por outro lado, os *estudos de linguagem*⁴⁵ têm enfatizado os textos do jornalismo de várias maneiras. Esse tipo de investigação assumiu que as mensagens jornalísticas não são transparentes e nem simplistas, mas resultado de uma atividade construída por parte dos enunciadores. Alguns estudos encontram-se empenhados em análise textual, linguística ou discursiva da notícia; outros examinam o pragmatismo da linguagem, ou seja, os modelos de uso de linguagem nas notícias e o modo como esses são formatados pela narrativa [*storytelling*], o enquadramento ou as convenções retóricas. Essa perspectiva destaca não apenas a configuração da linguagem, como também o seu papel na ampla configuração da vida social e cultural⁴⁶.

Registra-se também que os *cientistas políticos*⁴⁷ têm dedicado tempo e interesse em estudar o jornalismo. Ramificando pesquisas desde as mais amplas considerações sobre o papel da mídia em diferentes tipos de sistemas políticos até estudos de comportamento de campanhas políticas ou sobre padronização de fontes utilizadas por repórteres. A investigação da Ciência Política tem numerosas linhagens, cada uma delas investe em considerar o amplo papel político do jornalismo ao produzir notícias. Aborda o jornalismo, sobretudo, nos mais altos escalões – os editores, os conselhos de administração, os diretores editoriais. Ao mesmo tempo, essa perspectiva sugere que o jornalismo deve estar em sintonia com os impulsos políticos da sociedade como um todo.

3.2 A PERSPECTIVA CULTURAL

A *análise cultural* do jornalismo observa o mundo das notícias como uma oferta de um complexo e multidimensional emaranhado de significados para todos aqueles envolvidos

⁴³ Para um aprofundamento sobre essa tendência de estudos ver Zelizer (2004a, capítulo 4, p. 81-110).

⁴⁴ Acrescenta-se aqui a essa afirmação da autora que, embora o objeto de estudo possa estar situado no passado, a sua interpretação estará também impregnada pelo olhar do presente.

⁴⁵ Para um aprofundamento sobre essa tendência de estudos ver Zelizer (2004a, capítulo 5, p. 111-44).

⁴⁶ Nesse sentido, a obra de Beatriz Marocco (2004) é ilustrativa. Em *Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico*, a autora apresenta uma contribuição ao campo do jornalismo ao realizar uma análise, a partir de Foucault, dos acontecimentos publicados nos jornais do século XIX de Porto Alegre, frutos dos discursos de uma rede de instituições que o jornalista acolhia e anunciava em um conjunto de crônicas diárias sobre a desordem, o ruído e a imoralidade.

⁴⁷ Para um aprofundamento sobre essa tendência de estudos ver Zelizer (2004a, capítulo 6, p. 145-73).

no jornalismo [tanto jornalistas quanto leitores]. Nas palavras de Swidler (1986 citado por ZELIZER, 2004b, p. 101), trata-se de “[...] um *kit* de ferramentas de símbolos, estórias, rituais e visões de mundo, que as pessoas utilizam em várias configurações para resolver diferentes tipos de problemas”.

Interdisciplinar e reflexiva, a investigação cultural endereça o jornalismo percorrendo uma trajetória analítica com lados um tanto incompatíveis. Ao mesmo tempo em que busca enxergar o jornalismo através do olhar de seus profissionais, monitora o significado do material que eles colocam em circulação. Assinala a autora que, ao enfatizar as forças contrastantes do amplo sistema simbólico cultural, considera também as características organizacionais e de rotinas ocupacionais, desse modo, a análise cultural do jornalismo se movimenta decididamente junto a essas, mas também em oposição aos convencionais entendimentos de como o jornalismo funciona. Por conseguinte, esse tipo de investigação assume que os jornalistas empregam conhecimento coletivo para se tornarem membros de um grupo e manter sua filiação ao longo do tempo, mas, por outro lado, considera que esse conhecimento não reflete completamente no que é o jornalismo ou tenta ser. “[...] A investigação cultural, portanto, viaja em uma estrada acidentada ao entender o jornalismo contra a sua própria textura e, ao mesmo tempo, dar atenção extensiva a esta” (ZELIZER, 2004b, p. 101).

Vale destacar, ainda, que as pesquisas da análise cultural do jornalismo consideram os significados, os sistemas simbólicos, as ideologias, os rituais e as convenções por meio dos quais jornalistas mantêm a sua autoridade cultural como porta-vozes de eventos no domínio público. Diante disso, a autora apresenta “pistas” para entender como os trabalhos realizados nessa direção foram impactados, inicialmente, por outros desenvolvimentos científicos. Ela salienta que a pesquisa em diversos âmbitos da academia – filosofia, sociologia, antropologia e linguística – ajudaram a “legitimar o interesse na cultura como uma lente por meio da qual apreciar o jornalismo” (ZELIZER, 2004a, p. 176).

Paralelamente a essas influências, fez-se presente um importante acompanhamento do campo dos estudos culturais, a partir de duas disposições – uma de origem britânica e outra norte-americana – que auxiliaram na criação de pontos focais para o estudo do jornalismo.

No Reino Unido, a combinação do neo-marxismo, psicanálise, estudos feministas, teoria crítica, teoria literária, semiótica e etnografia, que constituíram o início dos estudos culturais, complementaram o interesse no pragmatismo, no interacionismo simbólico, na antropologia cultural e na sociologia cultural nos Estados Unidos (ZELIZER, 2004a, p. 176).

Ainda que um modelo analítico para o estudo das dimensões culturais do jornalismo tenha sido delineado amplamente, questões específicas tornaram-se mais suscetíveis de críticas a partir dos estudos culturais, tais como a expressão subjetiva do jornalismo, a natureza construída dos significados dos eventos, a política de suas identidades construídas e a ligação de cada uma dessas premissas na prática. Isso para salientar que essa perspectiva analítica trabalha de modo diferente das aproximações acadêmicas tradicionais do jornalismo (ZELIZER, 2004a, p. 178), que o encaram de forma mais essencialista.

A autora pontua três princípios que marcam essa diferença (ZELIZER, 2004b, p. 102). Primeiro, as características culturais são pensadas para vincular o jornalismo a outras profissões, sem que haja um *status* exclusivo, ao contrário, verificam-se similaridades em diversos modos de argumentação cultural, expressão, representação e produção, sugerindo mais semelhanças do que diferenças entre jornalistas e outros profissionais. Segundo, as variáveis utilizadas em outros lugares na academia para manter o jornalismo como algo particular, tais como a distinção da ficção, a demarcação entre o jornalismo de referência e o sensacionalista, entre outros aspectos, são reposicionadas à condição de pontes que conectam determinadas diferenças. Nesse sentido, as ferramentas, os tipos e as similaridades do jornalismo com o mundo de fora são colocados para iluminar o seu caráter matizado em todas as suas possibilidades. Terceiro, a análise cultural do jornalismo olha os jornalistas não apenas como transmissores de informação, mas como produtores de cultura, posicionando-os como criadores e portadores de visões sobre o funcionamento do mundo, ligadas àquelas de suas audiências, que dão sentido às notícias de modo a refletir suas próprias identidades políticas.

No entanto, verifica-se que essas premissas levam a identificar uma problemática. Zelizer (2004b) assinala que a insistência na construção de significado como princípio básico desafia dois elementos importantes da investigação em jornalismo: o viés normativo das pesquisas existentes e as noções profissionais dos próprios jornalistas.

A consideração cultural do jornalismo, por seu turno, nega a visão de mundo sustentada por grande parte da pesquisa tradicional em jornalismo, alicerçada na ideologia profissional e, sobretudo, na reivindicação de um *status* exclusivo, fator esse que cria uma situação dissonante.

Tudo isso sugere que o estudo cultural do jornalismo estrategicamente e pronunciadamente interroga os fundamentos articulados de estudo do jornalismo e das práticas jornalísticas que parecem ter sido tomadas como certas na academia, compensando a miopia da investigação em jornalismo (ZELIZER, 2004b, p. 103).

Isso equivale a considerar que há tensões na conjunção das duas arenas de pesquisa: se, por um lado, a análise cultural questiona criticamente o jornalismo, esse, por seu turno, coloca um desafio especial para os estudos culturais. Amplia-se a seguir as considerações sobre a coexistência de princípios entre ambos os campos que trabalham em mútua desvantagem.

3.2.1 Tensões entre os campos

A tensão entre os campos reside principalmente na articulação dos termos referenciais do jornalismo – fatos, verdade e realidade – à sua relação com a subjetividade e a construção. As possibilidades germinativas de investigação dos estudos culturais com o estudo do jornalismo, a partir de premissas originárias de ambas as arenas, fizeram deles incômodos companheiros, ainda que tenham a lucrar com uma sólida convergência (ZELIZER, 2004b, p. 100). Esse desconforto é identificado pela autora ao mapear o desenvolvimento da trajetória da investigação jornalística nos estudos culturais nos contextos norte-americano e, principalmente, britânico⁴⁸.

Não é objetivo desta pesquisa traçar em detalhes o percurso já exaustivamente levantado pela autora. No entanto, cabe destacar alguns pontos cruciais, sobretudo no que concerne ao viés britânico, ao qual esta pesquisa se filia teoricamente e se aproxima devido ao objeto empírico. Nesse domínio, não é possível afirmar que o interesse no jornalismo tenha sido estável. No entanto, verifica-se que, no início dos anos 1970, em Birmingham, o jornalismo estava em evidência; momento em que os estudos do CCCS emergiam como resposta ao formalismo marxista e a sua ressonância na teoria literária elucidava as condições da classe trabalhadora britânica. Nessa mesma rubrica, muitos dos textos clássicos iniciais basearam-se em notícias, embora esse não seja o aspecto usualmente destacado nos estudos culturais⁴⁹.

Diretor do CCCS, editor da *New Left Review* e frequente colaborador do *New Times*, Stuart Hall, em seu seminal ensaio *Encoding/Decoding*⁵⁰, lidou com a notícia para reivindicar uma visão global e completa do processo comunicativo sustentado pela ideia de integração do espaço da produção e da recepção, identificando outros modos de produção cultural. Esse ensaio representou mudanças cruciais para o campo e se tornou uma clássica formulação em termos da intersecção produção-audiência, assim como o seu outro trabalho, também de 1973,

⁴⁸ Sobre esta trajetória ver Zelizer (2004a, p. 180-93).

⁴⁹ Geralmente, os textos clássicos aqui referenciados são destacados como marco inicial para os estudos de recepção, que passaram reivindicar uma visão mais ampla do processo de comunicação.

⁵⁰ Este texto foi originalmente publicado com o título de *Encoding and decoding in the television discourse*, no CCCS, em Birmingham, em 1973; e, mais tarde, também na obra *Culture, Media, Language*, por Hutchinson/CCCS, em 1980, em Londres.

sobre a retórica da imagem a partir de Roland Barthes, no qual analisou a fotografia noticiosa. Ambas as referências, firmemente situadas em análises do jornalismo, foram ampliadas no clássico estudo de Charlotte Brunson e David Morley [*Everyday Television: Nationwide*]⁵¹ sobre a audiência de notícias, que alargou a perspectiva de Hall e tornou-se o texto preliminar ao refletir sobre as respostas da audiência para diferentes tipos de mensagens (ZELIZER, 2004b, p. 107).

Nesse sentido, o percurso de estudos acadêmicos de Morley merece certa atenção. Ele publicou duas obras importantes na década de 1980 [além do já citado, *The Nationwide Audience* (1980) e *Family Television* (1986)], que marcaram sua trajetória no campo dos estudos culturais pela abordagem de diferentes aspectos do modelo de comunicação proposto por Hall. *Everyday Television* apresentava uma análise, principalmente semiótica, do programa televisivo britânico *Nationwide*.

Ao se concentrarem em diferentes características do texto – sua construção e articulação de temas, no uso do detalhe do contexto e dos marcos explicativos na apresentação dos temas, dos comentários e entrevistas – os autores acenavam para a necessidade de estudar os processos mediante os quais audiências específicas decodificavam o texto. Posteriormente, por meio da publicação de *The Nationwide Audience*, Morley passou a estudar as condições de consumo do texto, dedicou-se, sobretudo, a analisar os modos como distintas audiências decodificavam o programa em questão, examinando inclusive como as diferentes leituras poderiam se relacionar com as várias posições socioeconômicas e culturais da audiência.

Já em *Family Television*, Morley passa a se concentrar na análise de como as pessoas assistem à televisão em família nos seus lares, ou seja, seu interesse se voltava a indagar sobre o amplo papel da televisão dentro das relações domésticas. Há, nesse sentido, um deslocamento da análise das pautas de leituras da audiência para as análises do próprio contexto de visão doméstica (JANCOVICH, 1994).

A publicação, na revista *Screen*, de *Where the global meets the local, notes from the sitting room* [1991], representa o texto de “virada” metodológica na trajetória do autor. Após longas incursões etnográficas, nas quais somente os processos micro eram privilegiados em detrimento do contexto amplo, ele propôs, nesse artigo, uma articulação entre os estudos etnográficos sobre o consumo da mídia e as dinâmicas da globalização.

Outras pesquisas seguiram a mesma estrada. A título de referência, Stanley Cohen e Jock Young, em *Manufacture of news*⁵², conduziram o primeiro trabalho crítico sobre a construção da realidade pela mídia, o qual deu atenção à construção simbólica de modelos

⁵¹ Publicado em 1978 pelo *British Film Institute*, em Londres.

⁵² Publicada pela Sage, em Londres, em 1973.

subjacentes de tratamento do jornalismo sobre crimes e comportamento desviante, desenvolvendo um entendimento sobre o papel da mídia como propagadora de pânicos morais.

Há ainda *Policing the crisis*⁵³ e o trabalho de Dick Hebdige⁵⁴ sobre subcultura e o significado do estilo, em ambas as obras foram utilizadas notícias como pano de fundo para pensar, de modo mais genérico, os modos de produção cultural e de distribuição do poder social e cultural.

Policing the crisis – uma coletânea de textos de professores que lecionaram no CCCS de Birmingham ou de pesquisadores que lá estiveram – examinava as dimensões políticas, econômicas e ideológicas dos assaltos que vinham ocorrendo nas ruas de Londres e que recebiam cobertura massiva da mídia, situando, dessa forma, a questão do “crime” em um contexto histórico amplo. A obra mostra, sobretudo, de que modo uma particular definição social de “assalto” [construída pela mídia e por agências de controle de crimes] foi conectada às ansiedades sociais da população e acabou por legitimar um papel coercitivo do Estado, em um período de crescimento de conflitos políticos, econômicos e raciais (HALL et al., 1978).

Entre os capítulos que compõem a obra, encontra-se uma valiosa contribuição de Stuart Hall: *The Social Production of News*⁵⁵, texto no qual descreve a notícia como um *produto final de um processo complexo*, que se inicia com a seleção da pauta, de acordo com uma sucessão de categorias *socialmente construídas*, as quais organizam as editorias dos jornais. Na cobertura de diferentes áreas existe, também, uma rotina de produção. Naquele momento da publicação, Hall já alertava para o fato de que não deveriam ser considerados somente os aspectos de *produção social* em uma análise sobre a imprensa, ou seja, a sua *organização burocrática* e as *estruturas que definem o valor da notícia*, mas também um terceiro significado:

A construção da história da notícia é importante, se menos óbvia. Isto envolve a apresentação do item à suposta audiência, nos termos em que os apresentadores julgam ser interessantes para torná-la compreensível. Se o mundo não é representado como uma aleatória confusão de eventos caóticos, eles precisam ser identificados por um contexto social. [...] Um evento somente “faz sentido” se localizado numa sucessão de significações sociais, culturalmente conhecidas [HALL, 1978, p. 54].

⁵³ O título original é *Policing the crisis. Mugging, the State, and Law and Other*.

⁵⁴ *Subculture: the meaning of style* foi publicado em 1979, em Londres.

⁵⁵ Em estudo anterior (DALPIAZ, 2008), tomou-se como base este texto de Hall para analisar as reportagens publicadas pelos jornais britânicos sobre as eleições presidenciais no Brasil em 2006. Ao explorar a produção e verificar como se diferenciam com relação à posição ideológica, o estudo discutiu características dos diários relacionadas ao estilo jornalístico e ao conteúdo das notícias. O objetivo era identificar de que modo os diários britânicos estavam endereçando temas brasileiros às suas audiências, a partir das contribuições de Stuart Hall (1978b) e Roger Fowler (1991).

Após o registro das publicações dos estudos ligados ao CCCS, é possível afirmar também que distintas instituições, que tomaram o jornalismo como objeto, começaram a dar eco aos estudos culturais britânicos fora de Birmingham. No País de Gales, a *Cardiff University* criou uma nova escola de jornalismo, mídia e estudos culturais [*Cardiff School of Journalism, Media and Cultural Studies*], em 1970, tendo à época o jornalista e professor Tom Hopkinson como diretor⁵⁶. Não muito longe, provenientes da *Polytechnic of Wales*, John Fiske e John Hartley tornaram-se reconhecidos por seus estudos avançados de semiologia como um modo de ler a televisão e as notícias, invocando o jornalismo para compreender o poder, a produção cultural e o impacto da cultura e da mídia na audiência⁵⁷. Outra aproximação a ser citada é o estabelecimento do *Centre for Mass Communication Research*⁵⁸, em 1966, na *University of Leicester*, na Inglaterra, que abriu caminho, posteriormente, para estudos sobre o papel do jornalismo na formatação de eventos públicos.

De igual forma, o *Glasgow University Media Group*, de origem escocesa, abordou as notícias de modo a acomodar simultaneamente imagem e texto, alegando que a notícia da televisão é mais tendenciosa em favor das forças de poder e atores da sociedade em detrimento de pequenos grupos da classe trabalhadora organizada, menos favorecida [ZELIZER, 2004b]. As obras *Bad News* (Glasgow Media Group, Routledge and Kegan Paul, 1976), *More Bad News* (Glasgow Media Group, Routledge and Kegan Paul, 1980) e *Really Bad News* (Glasgow Media Group, Writers and Readers Co-operative, 1982) foram também pioneiras no estudo do jornalismo televisivo, imprimindo uma preocupação crítica à aceitação do “senso comum” da neutralidade da notícia da televisão⁵⁹.

Além disso, é válido acrescentar que, por mais de 30 anos, o *Glasgow University Media Group* tem desenvolvido técnicas para vincular análises de conteúdo da mídia com os processos nos quais as audiências recebem e interpretam mensagens, as quais vêm sendo utilizadas e discutidas amplamente por pesquisadores dentro e fora do Reino Unido. Há duas décadas na direção da unidade, Greg Philo é o responsável pelo desenvolvimento de métodos focados nos usos da linguagem das notícias, além de outros formatos de mídia, para investigar de que modo os significados são produzidos para a audiência⁶⁰.

⁵⁶ Mais informações sobre seu pioneirismo, cursos e grupos de pesquisa em jornalismo estão disponíveis *on-line* em: <http://www.cardiff.ac.uk/jomec/aboutus/index.html>. Acesso em: 9 jan. de 2013.

⁵⁷ Cf. FISKE, John; HARTLEY, John. *Reading television*. Londres: Methuen, 1978.

⁵⁸ Primeiro centro acadêmico britânico para o estudo de mídia. Sobre seu desenvolvimento ver: <http://www2.le.ac.uk/departments/media/about/history-of-x>. Acesso em: 10 jan. de 2013.

⁵⁹ Essas e outras informações sobre o *Media Group* podem ser obtidas em: <http://www.glasgowmediagroup.org/content/section/5/17/>. Acesso em: 10 jan. de 2013.

⁶⁰ Nesse sentido, ver Philo (2007).

Assim como esses centros, diversos pesquisadores podem ser identificados para demonstrar que, em cada caso, o jornalismo foi oferecido como base para compreender o poder, a produção cultural e o impacto nas audiências. Entre eles, vale destacar alguns contemporâneos⁶¹. É o caso, por exemplo, de Simon Cottle, que uniu os pressupostos da prática jornalística com uma área específica de investigação por meio da etnografia⁶². Atualmente, é professor e diretor-adjunto da *Cardiff School of Journalism, Media and Cultural Studies* e diretor do *Mediatized Conflict Research Group*. Desenvolve, sobretudo, pesquisas sobre a sociologia do jornalismo, a produção de notícias, metodologia da pesquisa e diferentes conflitos midiáticos, tais como: tumultos e manifestações nas cidades; raça e minoria étnica; meio ambiente, sociedade de risco, mudanças climáticas; terrorismo e guerra. Entre suas principais obras estão: *Mediatized Conflict: Developments in Media and Conflict Studies* (Open University Press, 2006) e *Global Crisis Reporting: Journalism in the Global Age* (Open University Press, 2009).

Philip Schlesinger⁶³, Michael Bromley, Howard Tumber, Cynthia Carter⁶⁴, Stuart Allan, Gill Branston investigaram a intersecção entre jornalismo e as desigualdades em torno de questões de classe, gênero e identidade cultural. Já Stuart Allan⁶⁵ destaca-se por produzir uma instigante obra sobre a cultura jornalística. Em *News Culture* (2010), o autor estuda as formas, as práticas, as instituições e as audiências do jornalismo, explorando os modos de produção das notícias, as convenções textuais e as negociações com os leitores, ouvintes e telespectadores

⁶¹ Compreende-se ser uma tarefa impossível mapear todos os pesquisadores e suas obras que hoje atuam no campo dos estudos culturais e do jornalismo, já que muitos estão espalhados e vinculados a diferentes centros cuja aproximação é mais ampla do que os campos citados. Certamente, qualquer tentativa de buscar uma linha essencialista seria no mínimo questionável. Portanto, vale salientar que a seleção aqui empregada não tem a intenção de chegar a uma listagem completa, mas de esboçar uma continuidade de estudos. Nesse sentido, partiu-se da revisão de autores realizada por Zelizer (2004b), aliando-se a essa uma pesquisa no acervo e nos *databases* que reúnem as principais revistas acadêmicas da área na biblioteca da *Nottingham Trent University*, durante o estágio de doutoramento, realizado em 2012, na Inglaterra.

⁶² Cf. COTTLE, Simon. News(s) times: towards a second wave of news ethnography. *Communications: The European Journal of Communication Research*, v. 25 (1), 2000, p.19-41.

⁶³ Philip Schlesinger encontra-se, atualmente, na University of Glasgow, mas foi professor de *Film & Media Studies* na *University of Stirling* e diretor-fundador do *Stirling Media Research Institute*. É autor de *Putting 'Reality' Together* (1987) e *Media, State and Nation* (1991), que tratam especificamente da mídia e identidade nacional. Informações sobre seus trabalhos atuais estão disponíveis em: <http://www.gla.ac.uk/schools/ccs/staff/philipschlesinger/#tabs=0>. Acesso em: 10 jan. 2013.

⁶⁴ Cynthia Carter leciona na *Cardiff School of Journalism, Media and Cultural Studies* e tem atuado ativamente na perspectiva feminista na mídia. Suas principais obras são: *Current Perspectives in Feminist Media Studies* (Routledge, 2013); *Critical Readings: Violence and the Media* (Open University Press, 2006); *Critical Readings: Media and Gender* (Open University Press, 2004), *Violence and the Media* (Open University Press, 2003), *Environmental Risks and the Media* (Routledge, 2000) e *News, Gender and Power* (Routledge, 1998). É ainda co-editora fundadora da *Feminist Media Studies* (Routledge) e membro editorial de diversas revistas, entre elas, *Communication, Culture & Critique* (Wiley-Blackwell), *Communication Review* (Taylor & Francis), *Communication Theory* (Wiley-Blackwell), *Critical Studies in Media Communication* (Taylor & Francis). Cf. <http://www.cardiff.ac.uk/jomec/contactsandpeople/profiles/carter-cynthia.html>. Acesso em: 10 jan. 2013.

⁶⁵ Professor de jornalismo na *Media School* da *Bournemouth University*, na Inglaterra.

como parte da vida cotidiana. Outros ainda, como Colin Sparks⁶⁶, se concentraram em compreender de que modo as formas populares do jornalismo preencheram funções deixadas de lado pelo domínio tradicional das práticas jornalísticas (ZELIZER, 2004b).

O reconhecimento do jornalismo como modo de pensar sobre a cultura prosseguiu em toda pesquisa orientada por essa perspectiva. Entretanto, os casos relatados servem para enfatizar que a ligação inicial entre o jornalismo e os estudos culturais foi significativa e evoluiu a partir de um compromisso compartilhado com o mundo real (ZELIZER, 2004b, p. 108).

Portanto, em termos de definição, a investigação cultural força um exame das tensões entre o modo como o jornalismo gosta de se ver e de que maneira ele se apresenta ao olhar dos outros, isso ao adotar uma visão das convenções jornalísticas, rotinas e práticas – como dinâmicas e contingentes – e em circunstâncias históricas e situacionais (ZELIZER, 2004b, p. 103). A autora destaca ainda que:

A ideologia profissional dos jornalistas é deslocada por uma insistência de que a produção de sentido é sempre comprometida pelos interesses de ambos, aqueles que detêm o poder ou aqueles que contestam o poder. A tendência de olhar em direção as audiências, para situar o jornalismo numa dimensão viável, hoje prevalente nos estudos culturais, entra em conflito com o sólido pressuposto dos jornalistas de que o jornalismo ganha corpo na redação, não junto ao público (ZELIZER, 2004b, p. 104).

Enquanto os estudos culturais se abasteciam no político, o jornalismo buscava considerar eventos da vida real de modo a aumentar a compreensão pública dos principais processos institucionais em questão na vida cotidiana – governo, economia, educação (ZELIZER, 2004b). Ainda que os estudos culturais britânicos tenham se expandido a fim de abraçar amplamente as mais variadas formas de produção cultural *no* e *fora* do Reino Unido, o interesse no jornalismo como opção de veia analítica diminuiu, quase desaparecendo das suas publicações da década de 1980 em diante (ZELIZER, 2004b, p. 109).

De um lado, isso se deve à migração da pesquisa para aquelas dimensões do jornalismo que estavam mais distantes da sua própria natureza declarada – o tabloide, o jornal alternativo, a mudança para o *on-line*. Por outro lado, pesquisas sobre notícias populares⁶⁷, quando apareciam, eram redigidas como se o jornalismo fosse mais uma opção dentre outras

⁶⁶ Cf. SPARKS, Colin. Popular journalism: theories and practice. In: DAHLGREN, P.; SPARKS, C. (Eds.). *Journalism and popular culture*. London: Sage, 1992, p. 24-44.

⁶⁷ Neste sentido, a tese de doutorado de Márcia Amaral (2004) é ilustrativa. O estudo busca, a partir de noções da sociologia de Bourdieu, dos estudos culturais e da análise de discurso, e da análise do jornal popular *Diário Gaúcho*, a formulação do conceito de “lugares de fala”, entendido como a representação no texto, das posições sociais e da posse de capital simbólico do jornal e do leitor (e da visão que cada um tem do outro).

configurações relacionadas aquele universo. É possível que os estudos culturais tenham deixado de incorporar mais pontualmente o jornalismo nas suas propostas porque fazendo isso haveria a necessidade de olhar de perto as próprias limitações da investigação cultural.

Reconhecendo que há uma realidade fora e que, em certos lugares, verdade e fatos têm valor, não significa deixar de lado a relatividade, a subjetividade e a perspectiva construtivista. Isso fundamentalmente sugere, conforme ressalta Zelizer (2004b, p. 114), articular a preocupação com esses referenciais com algum conhecimento do mundo de fora; e o “campo dos estudos culturais se encontra atualmente forte o bastante para fazer isso”. Esse desafio, segundo aponta, poderia auxiliar os estudos culturais no movimento rumo a sua maturação como campo. Para tanto, faz-se necessário perseguir essa inquietação epistemológica no centro da coexistência do jornalismo e dos estudos culturais de modo a manter a integridade de ambos os campos.

No Brasil, diferentemente do que aponta Strelow (2011, p. 83), é possível afirmar que tal perspectiva não é dominante, ainda que determinados pesquisadores de estudos de jornalismo, na última década, possam estar indicando se situarem no campo teórico dos estudos culturais.

A posição de Escosteguy (2013, no prelo) evidencia essa incipiência no caso brasileiro e discorre, em ensaio preliminar, sobre quatro balizas que poderiam auxiliar na delimitação da constituição de uma perspectiva cultural do jornalismo: jornalismo como forma cultural [que se concretiza mediante o exame das categorizações e diferenciações culturais produzidas por uma determinada prática jornalística], jornalismo como comunicação [pressupõe abarcar uma integração entre as instâncias da produção e recepção e entre os sujeitos que os constituem], jornalismo como instituição [indica uma preocupação maior com as mudanças macro-históricas, atentando para as dinâmicas mais abrangentes que moldam o cenário onde produção e consumo da mídia ocorrem, do que nos microprocessos de interação social nos quais se pode observar a especificidade da mídia na modelagem de comportamentos e identidades] e, por fim, jornalismo como prática contextual e situada [entende que a cultura está articulada ao político e ao econômico – ou à sociedade, adquirindo uma forma concreta, uma materialidade, dependendo de um contexto determinado – lugar e período].

Ainda que embrionárias, essas balizas auxiliam na demarcação do objeto desta tese, ao passo que trabalham de forma a integrar o estudo do jornalismo à perspectiva dos estudos culturais, mantendo-se fiel tanto aos princípios *formadores* quanto ao *projeto* intelectual dos estudos culturais.

3.2.2 Percurso metodológico cultural

Diante do exposto, para dar conta do objeto-problema e dos objetivos traçados neste estudo, considerando também a exposição anterior de aproximação teórica, a presente tese buscou perseguir “pistas” metodológicas do modelo analítico de Richard Johnson (1999, p. 31), que propõe uma articulação mais complexa dos diferentes momentos do processo comunicativo – *produção, textos, leituras e culturas vividas* – a partir da descrição do que o autor referencia como circuitos de capital/circuitos de cultura⁶⁸.

A presente tese apoia-se, nesse sentido, não apenas em uma ideia de compreensão do jornalismo sustentada por uma articulação entre a produção e o consumo, mas também nas balizas apresentadas por Escosteguy (2013, no prelo), pois se trata aqui de estudar uma forma cultural, articulada e situada em um cenário macro e dinâmico, com características de interações sociais próprias de um tempo e um lugar.

A escolha do modelo de Johnson (1999) deve-se justamente ao fato de o autor adotar uma prática interdisciplinar e indicar, sobretudo, as limitações isolacionistas vigentes, ao passo que contempla ainda a inclusão de elementos que viabilizam um olhar mais relacional e completo do todo.

Considera-se, todavia, que o exercício de análise – a partir da adoção de alguns procedimentos desse modelo – das representações do Brasil na imprensa de qualidade do Reino Unido ajuda a explicar a constituição, nos diversos processos sociais/momentos, de uma identidade brasileira permeada por elementos simbólicos do contexto social britânico.

Johnson (1999, p. 35) apresenta o modelo esquematizado em um diagrama [Fig. 1] para representar o circuito da produção, circulação e consumo dos produtos culturais. O autor salienta que cada quadro representa um momento do processo cultural e que cada momento depende dos outros, sendo indispensável para o todo. Cada momento, no entanto, é distinto e envolve mudanças características de forma. As formas mais importantes, em um determinado ponto, podem parecer bastante diferentes quando localizadas em outro. Além disso, avalia que os processos desaparecem nos produtos. Por esse motivo, indica que os produtos culturais exigem ser produzidos, mas as condições de sua produção não podem ser inferidas somente no exame dos textos. Igualmente destaca que os produtos culturais não são “lidos” apenas por

⁶⁸ Para uma discussão e referência em termos dos textos originais e a multiplicidade de métodos empregados na composição do circuito cultural ver: Johnson, R., Chambers, D., Raghuram, P., Tincknell, E. (orgs.) *The practice of cultural studies*. London: Sage, 2004.

analistas profissionais, mas pelo público em geral (JOHNSON, 1999, p. 33-34), outra questão central considerada.

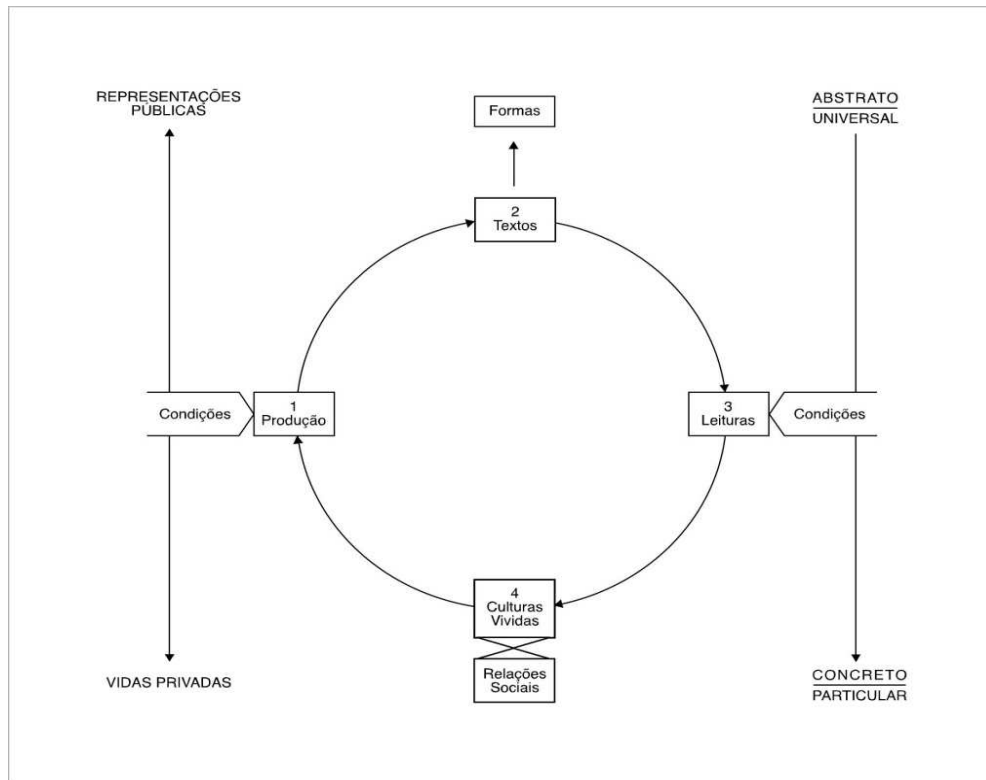


Fig. 1 – Circuitos de capital / Circuitos de cultura
Fonte: Johnson (1999, p. 35)

Nesse sentido, concorda-se, em parte, com a proposta de Silva e Maia (2011, p. 22). Mesmo apoiando-se em uma abordagem mais global do processo jornalístico, nos termos de Johnson (1999), as autoras discordam de tal afirmação. Defendem a hipótese de que “o processo nem sempre desaparece no produto” (SILVA; MAIA, 2011, p. 23) e sustentam o contrário, que se manifesta no produto em maior ou menor medida.

A crítica das autoras situa-se na ideia de que métodos propostos por pesquisadores brasileiros que adotaram o referido modelo (ESCOSTEGUY, 2007; STRELOW, 2007; SANTI, 2010) permanecem investindo em cada momento do circuito separadamente e que, portanto, insistem em um modelo segmentário, ainda que explorem as conexões entre um e outro, corroborando a ideia de que cada momento revela dados de si mesmo. Como alternativa, apresentam um protocolo metodológico de análise de cobertura jornalística, cujo método organiza-se em três níveis analíticos: marcas da apuração, marcas da composição do produto e aspectos da caracterização contextual, sendo os dois primeiros considerados

fundamentais, para a análise do processo produtivo a partir do produto, e o terceiro, complementar (SILVA; MAIA, 2011).

Apesar de se considerar válido esse método, ao se pensar metodologicamente como possibilidade de abordagem do momento do texto/produto e algumas das suas articulações com os demais momentos, o protocolo proposto não explicita de que forma o terceiro nível “contexto da publicação” pode ser analisado, principalmente, no quesito “contexto externo”, que trata da caracterização do tema/fato/assunto específico e da conjuntura sócio-histórico-cultural envolvente, tão “cara” aos estudos sobre identidades.

Por esse motivo, portanto, optou-se nesta tese por explorar diretamente as articulações entre os diversos momentos do circuito, conforme sugere Johnson (1999), ainda que seja impossível deixar de se abordar características de cada um deles. Acredita-se que essas conexões não podem ser inferidas somente por meio do produto/texto, ainda que este forneça pistas dos demais processos. Nesse sentido, o percurso aqui empregado busca combinar fontes de dados bibliográficas e documentais, incluindo-se técnicas, tais como, entrevistas em profundidade com atores envolvidos, para compor um elenco de informações significativas que deem conta das articulações com os outros momentos.

Ainda seguindo Johnson (1999), é importante ressaltar que o circuito envolve movimentos entre o público/privado e formas abstratas/concretas. Segundo aponta, esses dois pólos encontram-se intimamente relacionados: “[...] as formas privadas são mais concretas e mais particulares em seu escopo de referência; as formas públicas são mais abstratas, mas também têm abrangência maior” (JOHNSON, 1999, p. 38-9).

Transpondo essa ideia para o objeto desta tese, no momento da publicação do produto cultural, é possível identificar que: primeiro, a representação brasileira torna-se pública, junto aos textos, adquirindo uma importância abrangente e universal; segundo, com relação ao significado, considera-se que a publicação envolveu um processo de abstração, a mensagem sobre o Brasil pode ser vista então isolada das condições sociais que a formaram; terceiro, a representação foi submetida a um processo de avaliação pública em diferentes escalas [como um instrumento técnico-social, um símbolo nacional ou outros interesses em jogo], tornando-se um local de disputas em torno do significado. No entanto, no momento da *leitura* há um retorno ao privado, ao concreto, ao particular, sem importar a exposição dos materiais brutos.

No que concerne aos meios públicos de comunicação, o autor argumenta que essa abstração em formas reais conjuga métodos que “[...] focalizam a construção da realidade através das próprias formas simbólicas, tendo a linguagem como primeiro modelo, mas o momento-chave é a objetivação da linguagem no texto” (JOHNSON, 1999, p. 46). A noção

de texto é por ele apresentada como algo que pode ser isolado, fixo, passível de exame. O texto depende da circulação dos produtos culturais, que foram separados das suas condições imediatas de produção em um momento de suspensão, antes de serem consumidos. Portanto, Johnson (1999) salienta que as formas públicas e privadas de cultura não se isolam, pois existe uma circulação real de formas. “A produção cultural frequentemente envolve publicação – o tornar público formas privadas. Por outro lado, os textos públicos são consumidos ou lidos privadamente” (JOHNSON, 1999, p. 47).

Desse modo, esta pesquisa, em termos teórico-metodológicos, toma como base esse circuito proposto por Johnson (1999), para estudar as representações do Brasil na imprensa britânica, adotando como objeto o jornal *The Guardian*. A ideia é buscar cercar o processo de modo mais complexo, perseguindo as características e implicações de cada momento. No entanto, a abordagem aqui empregada parte da ênfase nas articulações entre eles. Disso resulta a estrutura analítica descrita a seguir, ou seja, o percurso metodológico é composto por três etapas/articulações, cada uma delas com características oportunas de aproximação empírica⁶⁹: *produção e culturas vividas*, *produção e textos* e, por fim, *textos e leituras*.

É importante salientar, também, que se reconhecem as limitações de pesquisa em termos de amplitude, diante disso, o trabalho desenvolvido buscou aprofundar as articulações entre os momentos *produção*, *textos*, *leituras* e *culturas vividas* em um nível teórico-empírico, porém equilibrando a análise dessas partes. Para articular o momento dos *textos* com aquele das *leituras*, no entanto, a “entrada” empírica é realizada por meio dos comentários postados junto aos principais textos publicados na versão *on-line* do jornal analisado, para dar uma visão da produção do leitor.

Para abordar a primeira etapa/articulação – *produção e culturas vividas* – toma-se como premissa a preocupação com a produção, a organização das formas culturais e a inferência aos usos sociais dessas, a partir das condições de produção.

Nesse sentido, Johnson (1999, p. 53) aponta que o momento da *produção* é aquele essencialmente no qual se deve concentrar maior preocupação com a organização política da cultura. No entanto, o autor identifica dois limites comuns em análises decorrentes desse ponto de vista. Um deles refere-se ao economicismo, ou seja, há uma tendência de olhar os produtos culturais apenas sob o enfoque da produção capitalista. Por esse motivo, evidencia que as condições de produção são compostas não apenas por meios materiais de produção e

⁶⁹ Ainda que, em termos de nomenclaturas, os termos/momentos *produção* e *textos* se repitam, a aproximação empírica em cada um deles é efetivada de forma diferenciada, ou seja, cada etapa abarca determinado tipo de dado sobre a produção e/ou textos.

modos de organização capitalista, mas por elementos culturais já existentes, encontrados no reservatório da *cultura vivida* ou em campos de discursos públicos (JOHNSON, 1999, p. 56).

A segunda tendência problemática é o produtivismo, que entende o caráter do produto cultural e o seu uso social como se as condições de produção fossem os elementos determinantes. Segundo o autor, elas podem parecer verdadeiras em primeira instância na medida em que apresentam a lógica do momento, no entanto, negligenciam outras possibilidades de formas culturais realizadas na leitura/consumo (JOHNSON, 1999, p. 57-8).

Diante desses argumentos, os procedimentos aplicados nesta tese perseguem aspectos objetivos e subjetivos da produção e observam a sua repercussão nos demais momentos, compondo-se, desse modo, a primeira articulação. Trata-se daquela que conjuga elementos da *produção* e das *culturas vividas* a partir de dados coletados por meio de entrevistas em profundidade com o editor e o correspondente no Brasil do jornal selecionado⁷⁰ e da observação da relação entre o correspondente e o periódico no contexto da redação. Explora-se igualmente a biografia desse jornalista, que fornece uma série de informações relacionadas à experiência profissional e a aproximação cultural com o Brasil, a fim de se compreender os elementos culturais subjetivos em jogo. Não se trata, no entanto, de avaliar o quanto o produtor conhece sobre o país e a qualidade do texto que produz, mas de que modo o conhece, ou seja, busca evidenciar as práticas vividas em torno da temática que reporta.

As informações coletadas são combinadas aos elementos constitutivos da história da instituição [jornal para o qual trabalha] e das diretrizes editoriais praticadas. Portanto, há uma aproximação bibliográfica e também documental de pesquisa, ou seja, a coleta e análise dos dados para essa articulação se dá por meio de entrevistas com os jornalistas envolvidos na produção e as referências bibliográficas sobre as características editoriais dos veículos pesquisados.

A outra etapa/articulação, não menos importante, ocorre em torno da *produção* e dos *textos*. Inicialmente, por meio do estudo da bibliografia referente à constituição da identidade brasileira, adianta-se um primeiro mapeamento dos elementos culturais presentes nas narrativas colocadas em circulação por historiadores, sociólogos e antropólogos ao longo do tempo⁷¹. Esse mesmo enfoque também incide, posteriormente, nas discussões em torno da visibilidade do Brasil no exterior no período atual, buscando compreender essa “estrutura de sentimento”, nos termos de Williams (1977), que posiciona o país de modo diferente. Em seguida, conforme identifica Johnson (1999, p. 107-8), a atenção deve recair sob os traços da produção no próprio texto:

⁷⁰ Martin Hodgson [editor de *foreign news*] e Tom Phillips [correspondente] do jornal *The Guardian*.

⁷¹ Estudo realizado no capítulo 4 desta tese.

É também possível ler os textos como formas de representação desde que se compreenda que estamos sempre analisando a representação de uma representação. O primeiro objeto, aquele que é representado no texto, não é um evento ou um fato objetivo: ele vem com significados que lhe foram atribuídos a partir de alguma outra prática social.

Dessa maneira, seguindo a reflexão do autor, é possível verificar que existe uma relação intrínseca entre as ideias em circulação colocadas historicamente pelos analistas da identidade brasileira e a maneira pela qual essa é representada no jornal em estudo. Portanto, com base na proposição apenas descrita, busca-se articular a *produção* e o *texto*, primeiro trabalhando o *corpus* de pesquisa de modo mais largo, identificando os assuntos e as práticas culturais em torno das temáticas abordadas⁷². Neste sentido, para se alcançar uma aproximação mais ampla e fiel das temáticas veiculadas pelo jornal *The Guardian*, optou-se por considerar o conteúdo dos títulos dos textos publicados pelo correspondente, Tom Phillips, em 2011, que representam um universo total de 65 matérias.

Na sequência desse mapeamento, busca-se estabelecer duas formas de aproximação aos dados. Uma *interna*, que trabalha características editoriais e visuais do jornal estudado, cuja coleta de dados se dá através do próprio *website* do veículo, que revela uma série de características sobre o seu conteúdo informativo e visual. A outra *externa* identifica e correlaciona elementos culturais do texto com aqueles fornecidos pela literatura sobre identidade brasileira. A ideia é elencar os recursos utilizados nos textos que representam o Brasil e contribuem para a constituição de uma identidade brasileira permeada por aspectos culturais tanto do contexto brasileiro como do britânico, no qual circulam. Este estudo busca, nesse sentido, destacar os discursos em circulação apresentados pela imprensa britânica sobre o país, por meio do estudo do referido jornal.

Ainda que articulado com os elementos recém-apontados, identifica-se também a necessidade de se trabalhar o momento do texto de forma descentrada, ou seja, demarca-se aqui uma terceira etapa/articulação – *textos e leituras*. Johnson (1999, p. 75) aponta que o texto não deve ser estudado por ele próprio e nem pelos efeitos sociais que se pensa produzir, mas pelas formas subjetivas ou culturais que efetiva e coloca à disposição.

O autor define que, nos estudos culturais, o texto é apenas um meio, um material bruto, a partir do qual determinadas formas [narrativas, modo de endereçamento, ideologia, posição do sujeito] podem ser subtraídas. Destaca, ainda, que esse também pode fazer parte de

⁷² Conforme descrição do *corpus* apresentada na seção 5.2 desta tese.

um campo discursivo amplo ou ser uma combinação regular de formas de outros espaços sociais. Ele sublinha, em última análise, que o texto não é o principal objeto, mas a vida subjetiva das formas sociais em cada momento de sua circulação. Nesse sentido, propõe um tratamento das formas simbólicas de modo abstrato, pois se deve empregar uma análise preocupada com os mecanismos pelos quais os significados são produzidos. Por isso, a análise do contexto é crucial, ao se apreender elementos da contemporaneidade e dos “efeitos”, ligados aos diferentes sistemas de representação, é possível alcançar aspectos da experiência cotidiana de ouvir, ler e ver (JOHNSON, 1999, p. 74).

Embora Johnson (1999) admita não haver como abdicar totalmente das formas existentes de análise textual, essas devem ser adaptadas ao estudo das práticas reais de leitura dos diferentes públicos, o que implica duas exigências: primeiro, a leitura formal do texto precisa ser aberta e multiestratificada, indicando quadros de referência e leituras alternativas, mesmo que possam parecer apenas fragmentos ou contradições das formas dominantes; segundo, os analistas devem abandonar a ideia de crítica avaliativa dos textos e de aspiração da análise textual como ciência objetiva.

Para uma descrição cultural concreta, sugere evidenciar a presença de estruturas textuais e de formas particulares de organização discursiva. Dessa forma, conforme assinala, é possível especificar a relação diferencial de grupos sociais com os distintos meios e processos de leitura envolvidos (JOHNSON, 1999, p. 108-10).

Diante do exposto, com relação à escolha do método para se trabalhar o momento do *texto* em si, ou seja, o caráter textual da produção cultural aqui estudada e suas implicações, duas contribuições foram fundamentalmente esclarecedoras. Primeiro, a obra *Research Methods for Cultural Studies*, editada por Michael Pickering (2008), que advoga por um emprego “multimétodo”, em se tratando dos estudos culturais, e relaciona artigos de diferentes pesquisadores que apresentam uma série de possibilidades de pesquisa para o campo, isso para se investigar tanto os processos de produção e consumo quanto à assimilação de produtos culturais pelas audiências. Entre eles, encontra-se a proposta de Martin Barker sobre adoção de análise discursiva, no qual apresenta as tendências/teorias sistematizadas a partir da definição do conceito de discurso, dos pressupostos ontológicos e epistemológicos e das questões e métodos associados a ele. São essas as principais elencadas: *Saussurean Structuralism*, *Lacanian Post-structuralism*, *Foucauldian Theory*, *Rhetorical Psychology Analysis*, *Conversation Analysis*, *Critical Discourse Theory* e *Volosinovian Dialogism*. Contudo, Barker (2008) ressalta que cada qual conduz a um tipo de resultado, a partir de determinadas perguntas,

limites e premissas. São perspectivas, sobretudo, baseadas no estudo centrado no texto e, portanto, limitadas com relação aos demais processos em jogo na produção cultural.

A outra contribuição é de Greg Philo (2007), *Can discourse analysis successfully explain the content of media and journalistic practice?*, trata-se de um artigo específico e relacionado ao objeto [jornalismo] desta tese. O autor é incisivo ao problematizar esse tipo de aproximação metodológica, pois ao comparar os métodos desenvolvidos pelo *Glasgow University Media Group*, do qual é diretor, e outros dois teóricos de análise de discurso, Norman Fairclough e Teun van Dijk, defende um percurso mais amplo que analise os processos de produção, conteúdo, recepção e circulação.

Após observar sistematicamente as propostas, Philo (2007) identifica que ambos os teóricos, além de centralizarem seus métodos na análise do texto, consideram que o discurso está ligado aos interesses sociais e de poder e estão principalmente preocupados com os efeitos ideológicos desse discurso. Conforme salienta, é necessário um emprego metodológico que se estenda além do texto. Diante disso, quando se refere aqui a uma análise textual e/ou ao discurso dos textos jornalísticos estudados, o que se está propondo é uma identificação da presença de elementos culturais historicamente dominantes na literatura sobre a identidade brasileira e dos personagens/fontes jornalísticas acessadas, analisando, deste modo, como se constitui a representação desses aspectos na abordagem do jornal em questão. Trata-se de articular um arcabouço de informações oriundas dos diferentes momentos do processo produtivo [que dialogam entre si, pois são combinadas ao relato das experiências vividas pelo correspondente e à manifestação dos leitores] e não inferidas apenas a partir do texto.

Portanto, diante da perspectiva do texto, é importante destacar que são analisados nesta etapa igualmente aqueles produzidos pelo correspondente no Brasil do jornal selecionado, diante do recorte temporal individualizado, no ano de 2011, porém apenas aqueles que provocaram a participação do leitor, registrando comentários nas versões *on-line* do jornal, que são ao todo sete reportagens⁷³. Ressalta-se, contudo, que nesta etapa os textos são analisados por completo, isto é, título e corpo do texto, além dos comentários dos leitores.

Entretanto, cabe destacar que, se na etapa/articulação antecedente, o foco da pesquisa foi identificar os elementos culturais constituintes da narrativa histórica sobre a identidade brasileira, presentes nos textos, analisando como esses se estruturam, indicando aspectos tanto dominantes quanto alternativos nas abordagens publicadas; agora, parte-se de um *corpus* mais específico para indicar marcas não apenas do profissional que escreveu o texto e do próprio jornal britânico, mas

⁷³ Conforme indicado na seção 5.2 de apresentação do recorte do objeto.

de seus leitores, considerando essa uma relação diferencial entre os grupos sociais, fator este que permite identificar elementos simbólicos do contexto no qual a informação circula, ou seja, daquele britânico. Considera-se que as narrativas implicam posições a partir das quais devem ser lidas, isso inclui identificar marcas do profissional e do próprio jornal nos textos, permitindo assim a realização de uma articulação entre o momento do *texto* e das *leituras*.

Para tanto, é também empregado um estudo das fontes [utilizadas pelo jornalista e explicitadas no texto] e da organização de notícias. Entretanto, faz-se necessário, também neste momento, a partir de dados fornecidos pelo próprio jornal e de pesquisas de mercado, traçar um perfil dos leitores do veículo em questão. Porém, é no momento da leitura, sugere o Johnson (1999), que se deve dar mais atenção às práticas sociais de recepção, compreendidas como um espaço de produção de sentido.

Conforme aponta Escosteguy (2007), há um risco de se assumir a autonomia da leitura em oposição à autoridade do texto. Para dar conta desse limite, recorrem-se às narrativas de sujeitos situados em determinados contextos, procurando problematizar as próprias falas. Desse modo, paralelamente à publicação do texto na versão *on-line* é feita uma análise dos comentários postados nos espaços apropriados no *site* do jornal selecionado sobre os temas de manifestação dos leitores, considerando os mesmos um ato de produção (JOHNSON, 1999, p. 88).

Por fim, completando a composição do circuito, há o conjunto das culturas vividas ou do meio social [já referenciado em articulações com outros momentos] no qual se encontram elementos culturais ativos que regulam tanto o espaço de produção quanto de leituras (ESCOSTEGUY, 2007). Desse modo, para compreender elementos da contemporaneidade e seus efeitos, busca-se extrair evidências empíricas dos temas abordados nos textos, das fontes utilizadas pelo jornalista e do foco/tema dado pelo leitor no comentário. Acredita-se que, juntos, esses aspectos forneçam pistas, tanto sobre a *cultura vivida* do produtor quanto do leitor e os vínculos que os relacionam.

4 A IDENTIDADE BRASILEIRA

Há uma diversidade de obras que buscam explicar o Brasil e suas características culturais, apresentadas a partir do olhar de diferentes disciplinas – história, sociologia, antropologia –, e que, certamente, revelam peculiaridades dos diferentes momentos históricos em que foram produzidas. No entanto, o que se observa é que muitas delas somente foram analisadas, criticadas e compreendidas tempos depois de terem sido publicadas. Nesse sentido, considera-se – como ponto de partida para a aproximação à questão da identidade brasileira, nacional ou mesmo “brasilidade”, termo utilizado por alguns autores – que qualquer tentativa de mapeamento resultaria em simplificação. Optou-se, portanto, por trabalhar a partir de textos de pesquisadores contemporâneos, que discutem criticamente obras e autores reconhecidos no cenário acadêmico e intelectual nacional, ao invés de recorrer diretamente aos “clássicos” sobre o tema. Justifica-se essa opção tendo em vista que o presente estudo não pretende problematizar a questão da identidade nacional como tema, mas tomá-la como um norte para alcançar o objeto desta tese. Salienta-se, ainda, que essas referências dão conta dos elementos destacados por Hall (1999), como constituidores da identidade nacional e que podem ser, de certa forma, identificados na discussão e compreensão do contexto brasileiro: a narrativa da nação, a ênfase nas origens, a invenção da tradição, o mito fundacional e a versão de povo puro e original⁷⁴.

Desse modo, destacam-se quatro pontos cruciais para a compreensão da construção da identidade brasileira – já discutidos e revisados por pesquisadores/intelectuais – que, para este estudo, importa retomar. São, contudo, abordagens que refletem sobre aspectos específicos da temática em questão, diante da diversidade de narrativas em circulação.

O primeiro desses pontos refere-se à constatação de que, no Brasil, a formação do Estado surge antes da nação. O historiador Richard Graham (2001), nesse sentido, busca explicar através da problemática da América Latina o porquê de a América portuguesa emergir como uma entidade única, constituída em território extenso, enquanto que a América espanhola fragmentou-se em 18 países. O segundo procura aportes na obra do sociólogo Renato Ortiz (1999, p. 8), para destacar que “[...] não existe uma identidade autêntica brasileira, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais e momentos históricos”. Já o terceiro ponto segue Fabrício Maciel (2007), ao reconhecer os diferentes formatos e tonalidades discursivas que as aparições do termo “Brasil-nação” assumiram no decorrer de sua história, identificando,

⁷⁴ Conforme referenciado na problematização teórica desta tese, ver seção 2.1.

sobretudo, os principais momentos de convulsão política, seus interlocutores e obras. Por fim, com Jessé Souza (2009a, 2009b), apresentam-se as tensões em torno do “mito da brasilidade”, as quais Diogo Corrêa (2006) coloca em discussão, ao abordar a desigualdade social brasileira a partir das ideias do próprio Souza e do antropólogo Roberto DaMatta.

Pretende-se, com isso, perseguindo as questões, elencadas a seguir, romper com a noção “essencialista” que continuamente procurou entender os brasileiros a partir de uma ideia de “autenticidade”, ou seja, de “quem somos nós?” tal como sujeitos unificados e homogêneos em uma concepção bastante problemática de nação. Contrariamente, busca-se aqui empenhar-se em uma formulação da identidade brasileira “não-essencialista”, que procura apreender “como temos nos representado?” e/ou “como estamos sendo representados?”, em um contexto específico. Acredita-se que, ao se enfatizar esse conjunto de narrativas em torno do “ser brasileiro”, afasta-se de uma visão de “entidade política nacional” e aproxima-se de um sistema de representação cultural não-unificado, mas “imaginado”. Em última análise, acredita-se que são esses elementos culturais que contribuem não apenas para tematizar a análise das representações do Brasil no jornal *The Guardian*, mas, também, para identificar em que medida essas práticas simbólicas se apresentam no contexto cultural britânico.

4.1 A FORMAÇÃO DO BRASIL-NAÇÃO

Contrastando interpretações históricas divergentes, ao revisar o processo de emancipação política ocorrido no século XIX, Graham (2001) demonstra como se deu a unificação brasileira. Ao retomar o período da Independência, o autor ressalta que não havia – por parte dos precursores do movimento – um interesse de construir um “Brasil” unido, nem tão pouco que uma única cidade centralizasse essa representação. As capitânias de então, embora desejassem a liberdade do controle de Lisboa, não queriam ser governadas a partir do Rio de Janeiro. Havia, contudo, um sentimento regionalista de interesses próprios, materializados em rebeliões no Norte e protestos no Sul, mas com características opostas. Assim interpreta o brasilianista:

Quando as cortes portuguesas, em 1820, exigiram o retorno do rei D. João VI a Portugal, as províncias do Norte do Brasil aprovaram, enquanto que as do Sul protestaram, insistindo para que ele ficasse. Quando seu filho D. Pedro I declarou a Independência do Brasil, em 1822, a maior parte das províncias do Norte foi contra e permaneceu leal a Portugal, até defrontar-se com uma força vinda do Rio de Janeiro. A unidade do Brasil pareceu duvidosa para os contemporâneos [...] mesmo os grupos do Sul que

declararam aliança a D. Pedro I [...] preferiam o domínio dele, com a promessa de autonomia local, ao domínio das cortes portuguesas, que ameaçava esta autonomia. A unidade do Brasil inteiro não se destacava entre as suas aspirações (GRAHAM, 2001, p. 21).

Mais tarde, salienta o autor, quando políticos contrariados forçaram D. Pedro I a abdicar do seu trono em favor de seu filho, “[...] o país parecia desintegrar-se” (GRAHAM, 2001, p. 22). A fragmentação ocorrida na América espanhola poderia ter sido seguida pela portuguesa, no entanto, as elites locais, em meados do século XIX, já se consideravam vinculadas por meio do território. Por outro lado, diferentemente do caso espanhol, a formação intelectual e ideológica da elite política brasileira era realizada a partir de Coimbra, baseada no direito romano e na crença do poder centralizado.

Desenvolvida por burocratas [advogados, juízes, jornalistas, professores, médicos, empresários, políticos, entre outros], a ideologia de ordem recebeu apoio da classe senhorial, de oposição aos escravos e à plebe urbana. Foi nesse processo de constituição de uma “classe poderosa” dominante, que emergiu um forte Estado centralizado, fator esse que contribuiu para a formação de uma nação.

No contexto da época, o apoio à monarquia ratificava sua utilidade. Embora os chefes locais do país tivessem um poder baseado nos recursos econômicos, nas alianças políticas e na força, sua autoridade era fraca e, portanto, dependia de uma legitimidade, concretizada somente por meio da figura do Imperador. Com isso, essas elites locais conseguiram construir um sistema político estável e centralizador – do qual participavam ativamente – fortalecendo uma hierarquia, que validava a posição local predominante, mas eliminava disputas entre si, por serem ameaçadoras da ordem. Essa participação se deu por meio da ocupação de cargos oficiais, cedidos pelo governo central, que assegurava autoridade legítima e fazia com que os líderes locais ampliassem a sua clientela pessoal.

Desse modo, conforme aponta Graham (2001), os senhores de engenho e fazendeiros garantiam o controle político sobre os seus territórios, meta essa que não conflitava com o crescimento do poder central, ou seja, as autoridades – local e central – possuíam uma relação de reciprocidade. Vale destacar, ainda, que o poder simbólico era atribuído ao poder central:

A coroa contribuiu, poderosamente, para a construção de um sentimento de nacionalidade entre os líderes provinciais, que inicialmente teriam uma fraca percepção de sua unidade. Mas a coroa era apenas um símbolo, enquanto que a essência da coesão residia em uma rede nacional de clientelismo e patrocínio, baseada nos princípios gerais da hierarquia, da lealdade e das obrigações pessoais. [...] A lealdade para com a nação foi demonstrada na localidade [...]. Rituais de patriotismo eram realizados com variações, de

acordo com as tradições locais e oportunidades [...]. Os notáveis trajavam-se da melhor forma que pudessem para os eventos dos vilarejos e cidades nos quais proclamavam em discursos sonoros sua participação no empreendimento nacional (GRAHAM, 2001, p. 43).

Graham (2001) salienta que não se trata de afirmar que, em meados do século XIX, a maioria dos brasileiros se considerasse um povo único e identificado, pois é pouco provável que os escravos se sentissem parte disso. Aponta o autor que o “[...] sentimento nacional de outros segmentos da população se desenvolveu somente no século XX”, ou seja, foi resultado da educação, da participação dos meios de comunicação de massa no processo, do treinamento militar universal para homens e, essencialmente, da comunicação mais eficiente. Diante disso, a questão importante a ser considerada aqui, evidenciada pelo autor, é que esse processo de consolidação do Estado fomentou a emergência da nação única brasileira, delimitou e garantiu a unidade territorial. Portanto, estavam lançadas – já no século XIX – as bases do Estado-nação, oriundas de um projeto político, centrado no território, cujos recursos naturais e potencialidades de desenvolvimento passam a fazer parte da narrativa simbólica do Brasil e perduram até o presente, configurando-se a primeira categoria analítica da identidade cultural brasileira.

4.2 O PAPEL DO MEDIADOR SIMBÓLICO

Ortiz (1999), por seu lado, retoma as diferentes formas como a identidade nacional foi considerada ao longo do desenvolvimento da história do país. Nesse sentido, vale destacar que refletir sobre a cultura brasileira significa tratar de “relações de poder”. Conforme salienta o autor, a problemática desse tema deve ser colocada de forma a considerar que há uma história da identidade – e da cultura brasileira – que corresponde aos interesses dos diferentes grupos sociais na sua relação com o Estado. A base dessa afinidade tem origem no período abordado na seção anterior, que consolidou o Estado e a sua unidade territorial. Diante disso, o sociólogo assinala que procurar uma essência genuína para a identidade nacional é, na verdade, um falso problema:

A questão que se coloca não é a de se saber se a identidade ou a memória nacional apreendem ou não os “verdadeiros” valores brasileiros. A pergunta fundamental seria: quem é o artífice desta identidade e desta memória que se querem nacionais? A que grupos elas se vinculam e a que interesses elas servem? (ORTIZ, 1999, p. 139).

É, nesse sentido, que o autor considera que o processo de construção da identidade nacional se fundamenta sempre em uma interpretação. O discurso nacional pressupõe valores populares e nacionais concretos integrados em uma totalidade ampla, residindo nessa a

relação entre o popular, o nacional e o Estado. Portanto, ao longo da história foi necessário contar com um elemento exterior aos citados: a figura do mediador simbólico. Esses intelectuais se dedicaram a realizar uma interpretação do Brasil, confeccionando uma ligação entre o particular e o universal. São agentes que descolam as manifestações culturais dessas esferas e as articulam a uma totalidade que as transcende⁷⁵.

Ortiz (1999) chama atenção, no entanto, para a necessidade de distinção entre movimentos sociais e manifestações culturais, pois as expressões culturais não se apresentam na sua concretude como projeto político, da mesma forma que os movimentos populares não coincidem com as expressões populares. Eles agem como filtro, privilegiando alguns elementos em detrimento de outros. O autor, desse modo, sintetiza sua ideia:

A cultura enquanto fenômeno de linguagem é sempre passível de interpretação, mas em última instância são os interesses que definem os grupos sociais que decidem sobre o sentido da reelaboração simbólica desta ou daquela manifestação. Os intelectuais têm neste processo um papel relevante, pois são eles os artífices deste jogo de construção simbólica (ORTIZ, 1999, p. 142).

É importante ressaltar que esse autor, ao amarrar os elementos – popular, nacional e Estado – à cultura brasileira, parte das teorias explicativas sobre o Brasil, elaboradas em fins do século XIX e início do século XX, que se apresentavam com contornos claramente racistas. À época, o quadro de interpretação social atribuía à raça branca uma posição de superioridade na construção da civilização brasileira⁷⁶.

O problema teórico, para os cientistas do período, era justamente o de “como tratar a identidade nacional diante da disparidade racial” (ORTIZ, 1999, p. 20), ainda que o mestiço –

⁷⁵ São vários os intelectuais que, em momentos distintos, atuaram como mediadores simbólicos da identidade brasileira. Ortiz (1999) trabalha a partir de Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, apenas para citar alguns.

⁷⁶ Com relação a essa temática, a revisão elaborada por Campos (2006) é esclarecedora, ao apontar que os estudos sobre o negro são marcados, no Brasil, por modelos deterministas [superioridade da raça ariana] e evolutivos [Darwinismo Social] de análise que imperavam entre os pesquisadores brasileiros no fim do século XIX. Eles encontravam-se ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil: Nina Rodrigues (1861-1903), Sílvio Romero (1851-1914), Oliveira Viana (1883-1951), entre outros. Esses estudos foram realizados a partir das seguintes perspectivas: reconhecer o caráter singular da miscigenação do povo brasileiro e buscar alternativas de futuro frente às conclusões pessimistas para um país miscigenado. Tem-se Nina Rodrigues como um dos principais interlocutores das teorias evolucionistas, preocupado com a higiene social, pois partia da convicção da existência de um “critério científico da inferioridade da raça negra”. Além disso, o Darwinismo Social entendia a questão racial como fundamental para o desenvolvimento. Destaca o autor que, conforme essa perspectiva, o Brasil estaria fadado ao subdesenvolvimento, a menos que pudesse purificar-se em termos étnicos [conceito de “retorno à raça branca” – teoria do branqueamento], via seleção natural por meio de políticas de imigração e miscigenação” (CAMPOS, 2006, p. 7). Contudo, é possível afirmar que, nas primeiras décadas do século passado, o branqueamento tornou-se proposta hegemônica para a solução do chamado “problema racial brasileiro”.

para os pensadores do século XIX – fosse já uma realidade concreta. Durante o romantismo, o negro foi praticamente ignorado. É somente a partir do advento da abolição (1888) que ele passa a ser considerado um fator dinâmico da vida social e econômica brasileira. Logo, sua posição passa ser reavaliada pelos intelectuais e autores⁷⁷. Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil sofre mudanças profundas. Houve uma aceleração do processo de urbanização e de industrialização e o surgimento da classe média e do proletariado urbano. O modernismo trouxe consigo uma consciência histórica até então esparsa na sociedade, conforme avalia o autor:

Com a Revolução de 30, as mudanças que vinham ocorrendo são orientadas politicamente, o Estado procurando consolidar o próprio desenvolvimento social. Dentro desse quadro, as teorias raciológicas tornam-se obsoletas, era necessário superá-las, pois a realidade social impunha outro tipo de interpretação para o Brasil (ORTIZ, 1999, p. 40).

Todavia, é a esse contexto que o trabalho de Gilberto Freyre procura atender⁷⁸. Ao contrário de seus contemporâneos [Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda]⁷⁹, que encontram no universo “moderno” da academia o espaço para a busca distinta da realidade nacional, Freyre produz seus escritos seguindo moldes antigos dos Institutos Históricos e Geográficos, fator esse que representa uma continuidade e permanência de uma tradição de cunho ideológico. Ele reedita a temática racial, transformando a negatividade do mestiço em positividade, ou seja, o mito das três raças torna-se plausível e se atualiza como ritual celebrado nas relações do cotidiano e/ou em grandes eventos como o carnaval e o futebol: “o que era mestiço torna-se nacional” (ORTIZ, 1999, p. 41).

Apesar de ser considerado multifacetado, o trabalho de Freyre oferece ao brasileiro uma “carteira de identidade”. Mais do que isso, segundo Ortiz (1999), se assiste, nesse momento, a uma transformação cultural profunda, política e ideologicamente amparada pelo governo de Getúlio Vargas, que busca adequar as mentalidades às novas exigências de um Brasil “moderno”. A crítica do autor reside, justamente, na observação de que é possível enfrentar a questão nacional em termos novos:

⁷⁷ Para uma compreensão detalhada sobre a questão racial no Brasil ver o trabalho de Lilia Moritz Schwartz (1993), intitulado *O espetáculo das raças*. Ao analisar o contexto brasileiro no período de 1870 a 1930, a autora procura apresentar, nessa obra, como o argumento racial foi política e historicamente constituído no referido momento, assim como o conceito de *raça*, que, além de sua definição biológica, recebeu uma interpretação social. Modelo de sucesso na Europa em meados de 1800, as teorias raciais chegam ao Brasil tardiamente e recebem uma “entusiasta” acolhida por parte de uma elite intelectual nacional.

⁷⁸ O autor refere-se ao livro *Casa Grande e Senzala*, cuja primeira edição data de 1933.

⁷⁹ Referindo-se, respectivamente, às obras: *Evolução política do Brasil* (1933) e *Raízes do Brasil* (1936).

[...] o sucesso da obra se encontra também fora dela. Ao permitir ao brasileiro se pensar positivamente a si próprio, tem-se que as oposições entre um pensador tradicional e um Estado novo não são imediatamente reconhecidas como tal e são harmonizadas na unicidade da identidade nacional (ORTIZ, 1999, p. 43).

Ortiz (1999) evidencia que – nos diversos estudos relacionados na obra de Freyre sobre a temática cultural brasileira – a questão do Estado é recorrente. A contribuição de Ortiz (1999, p. 41), contudo, sintetiza que Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha se propõem a compreender as crises, os problemas sociais e a elaborar uma identidade adequada ao novo Estado, inserida na tradição de pensamento do século XIX. No entanto, posteriormente, com Freyre, se recoloca a demanda de redefinição nacional. Para os intelectuais da época, o mote era pensar um Estado que se moderniza.

Nos anos 1950 e 1960, a problemática do nacional e do popular está entre as questões de embate político e econômico brasileiro do período. Essa luta ideológica em torno do Estado é facilmente percebida nas discussões do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e nas tentativas de explicar a “essência” brasileira. Com o golpe militar, o Estado autoritário vai reinterpretar a questão nacional-popular e desenvolver uma política de cultura, visando concretizar uma identidade “autêntica” brasileira. Ao analisar criticamente esse processo, sobretudo, a partir da afirmação de que o nacional se definiria como a “conservação daquilo que é nosso”, ou seja, a ideia de que a memória nacional seria um prolongamento da memória coletiva (ORTIZ, 1999, p. 130-1), o autor é enfático: “[...] a memória nacional opera uma transformação simbólica da realidade social, por isso não se pode coincidir com a memória particular dos grupos populares” (1999, p. 138).

O aporte ao presente estudo a ser destacado aqui é o de se compreender que o Estado representa a totalidade que transcende e integra os elementos concretos da realidade social, ou seja, é dele o papel de delimitar o quadro de construção da identidade nacional. Desse modo, considera-se que é por meio de uma relação política que se constitui a identidade, como uma construção de segunda ordem, estruturada na interação entre o nacional e o popular, tendo como suporte a sociedade como um todo. Isso equivale a dizer, conforme aponta Ortiz (1999), que a procura de uma identidade brasileira é um “falso problema”, pois o processo de construção da identidade nacional se fundamenta sempre em uma interpretação de um mediador simbólico que desprende as manifestações culturais de uma esfera particular e as articula a uma totalidade que as transcende. Alguns desses “elementos” deixados por diferentes mediadores da identidade brasileira serão abordados a seguir. No entanto, é necessário ter presente o papel dos mediadores

simbólicos, ligados ao Estado brasileiro, como mais uma categoria na análise proposta neste estudo, abordagem essa a ser retomada na compreensão do objeto desta tese.

4.3 ENTRE O BRASIL IDEAL E O BRASIL REAL

A terceira perspectiva a ser destacada está presente na contribuição de Maciel (2007), que – ao analisar autores e obras que fizeram parte da trajetória ideológica do Brasil-nação – salienta que é preciso apontar as contradições e coincidências entre o Brasil ideal – seja em suas conotações políticas, sociais ou culturais – e a vida real. A obra do autor centra-se no conteúdo produzido pelos seguintes intérpretes: José Bonifácio [o ideólogo da Independência – 1808-1822], Joaquim Nabuco [que tematiza o abismo de classes e a relação com as raças – período pós-independência], Gilberto Freyre [o sistematizador da brasilidade – década de 1930], Roberto DaMatta [que promove a versão culturalista atual – década de 1970] e Marilena Chauí⁸⁰ [que propõe uma versão filosófica da inautenticidade – década de 1980].

Apesar de Maciel (2007) reconhecer a dificuldade de se enumerar e dar conta de todos os intelectuais⁸¹ que se empenharam em compreender e apontar explicações para a complexa realidade social brasileira, o autor evidencia, com coerência, que essa tem origem em uma ideologia e um tempo. Nos escritos que analisa, é possível verificar a (re)invenção constante de mitos tradicionais da nação⁸².

O ponto de partida de Maciel (2007) é a obra de José Bonifácio, que faz alusão a uma nação livre e independente para o mercado moderno. Ele identificava o Estado como fonte do

⁸⁰ A obra de Chauí não será destacada na presente pesquisa da mesma maneira que faz o autor, pois se entende que há um caráter controverso na sua proposta ao centralizar o elemento religioso como variável estruturante da cultura brasileira.

⁸¹ Uma fragilidade que talvez possa ser apontada no estudo de Maciel (2007) é o fato de não ter contemplado a contribuição de Florestan Fernandes, a qual se pretende olhar com atenção na próxima seção.

⁸² Aqui vale o registro da obra de José Carlos Reis (2002), *As identidades do Brasil, de Varnhagen a FHC*, outro historiador que, com propriedade, estuda o tema da identidade brasileira a partir de uma “reposição” de alguns intérpretes do Brasil cada qual em sua época e com problemáticas específicas. Reis (2002) ratifica a ideia de que os historiadores reescrevem continuamente a história, por isso, também a diversidade de estudos em torno da identidade nacional. Aponta-se, contudo, que essa obra auxiliou na compreensão do tema, principalmente pela aproximação a outros autores não trabalhados por Maciel (2007), já que os estudos citados partem de delimitação diferenciada. No caso de Reis, as interpretações do Brasil também são produzidas em datas específicas e podem ser divididas em duas correntes. Ao abordar a primeira delas, *Descobrimento do Brasil [1850-1930]*, representada por Francisco Adolfo Varnhagen e Gilberto Freyre, ressalta que esses preferem o passado brasileiro ao futuro, ou seja, o Brasil português ao Brasil brasileiro, o tradicional e não o moderno (REIS, 2002, p. 16). A outra, *Redescobrimento do Brasil [1900 a 1960-70]*, é composta por sínteses dos historicistas, Capistrano de Abreu e Sérgio Buarque de Holanda, e dos marxistas, Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Jr., Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso, em conjunto priorizam uma mudança com relação ao passado, preferem o brasileiro ao português, o Brasil moderno ao tradicional e colonial (REIS, 2002, p. 17). O autor destaca que ambas as correntes pensam de modo diverso a identidade brasileira e divergem quanto aos “verdadeiros” sujeitos da história do Brasil, mas todas são legítimas e informam sobre o Brasil, representado, de forma eficaz, desde que consideradas em sua época.

progresso nacional e o liberalismo como ideologia de ruptura definitiva com o colonialismo. Ao reconhecer a riqueza natural do território, os costumes e as crenças, justificava a necessidade de assegurar o seu domínio político, jurídico e econômico (MACIEL, 2007, p. 23). Os apontamentos de Bonifácio deixam clara essa posição, segundo delinea o autor:

[...] uma concepção hierárquica da sociedade brasileira, onde os miseráveis índios, bem como os infelizes escravos se encontravam em condição socioeconômica, civil, política e até mesmo espiritual inferior à dos cidadãos-cristãos brasileiros. Isto porque brasileiros, na realidade, eram apenas os descendentes dos portugueses, senhores de terra e suas famílias [...] (MACIEL, 2007, p. 35).

Joaquim Nabuco, por seu turno, foi um expoente diferenciado no discurso da nacionalidade no século XIX por se opor a Bonifácio e a todos que vieram depois e que buscaram “essencializar” a identidade nacional brasileira. Nabuco registrou que a cor não era o elemento estruturante da sociedade, mas a escravidão, conforme descreve Maciel sobre sua contribuição:

[...] a estrutura da escravidão reduziu todos os envolvidos a condições imorais e improdutivas de existência que ficaram marcadas na personalidade social da nação [...] ela desenvolveu uma condição psicossocial precária que colaborou para a sua dificuldade de inserção no mercado após abolição (MACIEL, 2007, p. 51-2).

Em outras palavras, o abismo entre as classes, no seu ponto de vista, era maior que o da raça. Já na análise da obra de Freyre ([1933] 2006), também trabalhada por Ortiz (1999), o autor procura mostrar os principais argumentos e a forma sutil com que o intelectual inventa a nação a partir de uma construção de uma cultura e uma tradição, que acaba por fornecer ao brasileiro uma identidade própria.

A composição família-religião [sistema patriarcal de colonização portuguesa no Brasil] está no centro de toda argumentação de Freyre para justificar a ausência de preconceito étnico na cultura brasileira e salientar a presença de uma democracia racial. Ele tenta provar que a singularidade brasileira significa uma miscigenação em todos os sentidos, desde a raça até a fé, passando pela cultura. Valoriza, sobretudo, o papel do negro no processo de civilização brasileira, buscando diminuir a distância social entre as raças. Contudo, por considerar-se impossível dar conta aqui da complexidade e das críticas em torno da obra de Freyre, vale destacar apenas que, além de atuar como ideólogo da unidade nacional do século XX, ele trabalhou junto à Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [SPHAN, atual IPHAN], criada pelo Estado Novo, em 1937, com a missão de recuperar o

acervo histórico que constituiria o passado nacional. Freyre, assim como Sérgio Buarque de Holanda, atuou como correspondente do seu estado, participação que ratifica seu envolvimento com o Estado (MACIEL, 2007, p. 72).

O estudo de Maciel (2007) demonstra que o antropólogo Roberto DaMatta⁸³ – décadas depois – segue a mesma linha freyriana, no entanto, não consegue ultrapassar a tese da síntese singular brasileira, ou seja, da cultura representada como reflexo da democracia racial proveniente da miscigenação. A questão do “jeitinho” e da sociologia relacional de DaMatta – que levanta a problemática da dissociação entre as leis e a realidade social brasileira – conforme a crítica de Jessé Souza (2000 citado por MACIEL, 2007, p. 84), apresenta-se como uma sistematização da imagem do senso comum do brasileiro sobre si próprio. Os autores são enfáticos ao defenderem que o antropólogo confunde e omite a complexidade sociopolítica e econômica da sociedade brasileira.

Não obstante, ainda que de modo incipiente, o trabalho de Maciel (2007) é original não somente por criticar dois autores consagrados no período pós-ditadura⁸⁴, portanto, democrático, mas, sobretudo, por ressaltar as contradições veladas por um otimismo acerca do brasileiro que, conforme aponta, mais dificulta do que ajuda no desenvolvimento social de uma cidadania: “[...] o narcisismo exacerbado e vazio de nosso mito, [...] se constitui por isso mesmo em nosso maior inimigo, nosso maior obstáculo para uma emancipação moral e política diante de nossos modernos dilemas” (MACIEL, 2007, p. 105).

Portanto, o que se pode observar a partir de uma leitura atenta das principais obras dos autores ditos “culturalistas”⁸⁵, por exemplo, bem como seguindo a crítica evidenciada por Maciel (2007), entre outros, é que esses textos clássicos, a seu tempo, podem ter representado “certa ruptura ou avanço” ao fornecer ao brasileiro uma identidade cultural miscigenada. No entanto, verifica-se que, na tolerante convivência das três raças, apresentada por Freyre ([1933], 2006), permanece intocada a relação de superioridade-inferioridade entre homem/português/branco e o escravo/mestiço/negro; de igual modo, percebe-se em DaMatta

⁸³ Consideram-se sobre esse autor principalmente as obras: *Carnavais, malandros e heróis - para uma sociologia do dilema brasileiro* (1981) e *O que faz o Brasil, Brasil?* (1984).

⁸⁴ O autor também aborda a obra de Marilena Chauí, que considera que o elemento temporal é um detalhe central da “reificação” constante do mito. Para ela, a construção da nação – enquanto ideologia em si mesma – é parte principal da trajetória do mito fundador, que oferece um repertório inicial de representações da realidade, ou seja, “em cada momento da formação histórica, tais elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna, como da ampliação de seu sentido, o que inclui novos elementos” (MACIEL, 2007, p. 92). Chauí aponta que, da década de 1970 em diante, o discurso nacionalista perdeu força para discussões civis, multiculturais e ainda para questões de reconhecimento e alteridade. Outro ponto a ser destacado, e peculiar da sua contribuição, é a sua descrição de “sagração da brasilidade”, ou seja, o papel central da religião na cultura e suas implicações sociais e políticas (MACIEL, 2007, p. 96).

⁸⁵ Trata-se aqui dos originais, Freyre ([1933], 2006), DaMatta (1981, 1984).

(1984, p. 100) que, com sua proposta relacional, apresenta a cultura “do jeito de ser brasileiro” [essencialista] como algo positivo, conforme define:

No Brasil, porém, entre o “pode” e o “não-pode”, encontramos um “jeito”. Na forma clássica, do “jeitinho”, solicita-se precisamente isso: um jeitinho que possa conciliar todos os interesses [...]. A *malandragem*, como outro nome para a forma de navegação social nacional, faz precisamente o mesmo. O malandro, portanto, seria um profissional do “jeitinho” e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis. [...] Por tudo isso, não há no Brasil quem não conheça a malandragem, que não é só um tipo de ação concreta situada entre a lei e a plena desonestidade, mas também, e sobretudo, é uma possibilidade de proceder socialmente, um modo tipicamente brasileiro de cumprir ordens absurdas, uma forma ou estilo de conciliar ordens impossíveis de serem cumpridas com situações específicas, e – também – um modo ambíguo de burlar leis e as normas sociais mais gerais (DAMATTA, 1984, p. 100-3).

Portanto, compõe-se, desse modo, uma terceira categoria de análise, ou seja, aquela que identifica nessa tonalidade de otimismo exarcebado, uma espécie de “ufanismo nacional” em torno do mito e da convivência pacífica, que obscurece as questões sociais mais evidentes no país e fazem dele uma das sociedades mais desiguais do mundo.

4.4 O MITO DA BRASILIDADE E QUESTÃO DA DESIGUALDADE

Busca-se, nesta seção, evidenciar alguns dos principais mentores simbólicos e o papel que desempenharam na construção da identidade nacional com suas teorias e explicações, elaboradas de acordo com o contexto histórico em que estavam inseridos. A ideia a seguir – a partir da contribuição de Jessé Souza (2009a, 2009b) – é tensionar determinadas questões que, no Brasil, foram colocadas como dadas e não devidamente apreciadas criticamente.

Souza (2009a) aborda a construção do “mito da brasilidade”, ou mito nacional, como um elemento que ajudou a encobrir, principalmente, a desigualdade presente em toda a sociedade brasileira. O autor inicia sua reflexão sobre a identidade nacional destacando o reconhecimento de pertencimento do brasileiro de origem no senso-comum, ou seja, a partir de elementos da “emocionalidade” e “espontaneidade”, impressos nas características de povo alegre, de calor humano, de hospitalidade e, também, da sensualidade.

Trata-se, no entanto, de compreender que o mito nacional é uma forma moderna para se criar um sentimento coletivo de solidariedade, que supera barreiras de sangue e localidade, e conduz [ou deveria conduzir] à dimensão de cidadania, que sugere laços maiores com a comunidade. O autor emprega o termo “mito” como sinônimo de imaginário social, isto é,

“[...] um conjunto de interpretações e de ideias que permitem compreender o sentido e a especificidade de determinada experiência histórica coletiva” (SOUZA, 2009a, p. 30). Desse modo, destaca que o mito transfigura a realidade abastecendo-a de um “sentido moral” para os indivíduos e grupos sociais que compõem uma determinada sociedade. Esse sentido moral, ao qual o autor se refere, permite cimentar as relações de sentimento grupal e de identificação social, garantindo laços afetivos entre indivíduos. Por isso, a importância de se esclarecer de que modo se constituiu o “DNA simbólico coletivo” brasileiro que, ao contrário daquele individual, é sempre construído historicamente.

Ressalta, portanto, Souza (2009a) que uma nação somente se constitui quando os nacionais se identificam efetivamente. Isso implica, todavia, a constituição de vínculos abstratos, que se contrapõem àqueles concretos de sangue, de vizinhança e de localidade. A noção de cidadania, nesse sentido, está entre os vínculos abstratos mais importantes para uma nação, pois estabelece direitos e deveres intercambiáveis entre seus membros. Conforme aponta o autor, o Estado-nação para existir deverá criar um “arsenal simbólico” de ideias e de imagens para se contrapor às lealdades locais. Para tanto, o mito, ou imaginário social nacional, tem que ser “internalizado” como algo pessoal e representar o caminho para a identidade nacional.

É nesse sentido que um olhar mais crítico desse processo, no caso brasileiro, resulta indispensável [segundo foi mencionado nas seções precedentes], isso para compreender a eficácia da construção de uma identidade comum em quase dois séculos de experiência independente. Conforme abordado anteriormente, o Brasil logo que se torna independente passa a reconhecer a necessidade de uma identidade própria [simbólica e material] para a sobrevivência da nação. A questão urgente enfrentada pelo Estado foi convencer a população a sentir-se pertencente à comunidade nacional, em um país de dimensões continentais, sem comunicação entre suas regiões (SOUZA, 2009a). Os obstáculos para essa “afirmação” nacional, assinala o autor, eram quase intransponíveis:

O Brasil se via – e era efetivamente – uma nação pobre. O país que se torna autônomo em 1822, e que, portanto, vê-se subitamente confrontado com a questão de elaborar uma identidade em si – quem somos? De onde viemos? Para aonde vamos? – sofria de extraordinário complexo de inferioridade, especialmente em relação à Europa, ideal e sonho inatingível de toda a elite culta. Que fazer com um país recém-autônomo, composto em sua imensa maioria de escravos e homens livres incultos e analfabetos? Homens acostumados a obedecer e não a serem livres? (SOUZA, 2009a, p. 35).

A natureza foi a resposta imediata para a ausência de elementos positivos da sociedade, tema esse que vai se tornar recorrente durante o século XIX, sobretudo, na literatura.

O paradoxo do período sobre a identidade nacional brasileira – que persiste até a década de 1920 – reside, de um lado, na “alusão metafórica” de grandeza da natureza e, de outro, na ausência da participação dos habitantes, os verdadeiros sujeitos da história nacional. A época – na qual o racismo possuía prestígio científico internacional – impossibilitava a construção de uma imagem positiva para um povo de mestiços. No caso brasileiro, o mulato vai ser percebido como uma degeneração das raças puras. Resulta que os pensadores brasileiros do período – Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Oliveira Vianna – preconizados por preconceitos racistas, não conseguiam vislumbrar um futuro positivo para o país (SOUZA, 2009a).

A “virada culturalista”⁸⁶ ocorre somente em 1933, com a publicação de *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre. Embora não totalmente desvinculado do pensamento racial, Freyre é o primeiro a notar a singularidade social e cultural brasileira, percebida como um processo histórico de combinações e de intercorrências de hábitos e costumes de vida. Sua tese parte do horizonte cultural lusitano e da mistura étnica, comprovada empiricamente na cor mestiça do povo brasileiro, que passa a ser percebida como um fator não mais negativo, mas de orgulho. Salienta Souza (2009a, p. 37): “[...] a partir dela é que poderíamos nos pensar como o povo do encontro cultural por excelência, da unidade na diversidade, desenvolvendo uma sociedade única no mundo precisamente por sua capacidade de articular e unir contrários”.

No entanto, essas ideias não exercem imediata influência sobre o cotidiano das pessoas comuns, visto que a população brasileira era, à época, predominantemente analfabeta. Os argumentos de Freyre chegam ao povo a partir do interesse do Estado reformista de Getúlio Vargas, que os incorpora como uma ideologia positiva do brasileiro para dar prosseguimento a seu esforço de integração nacional. Unindo com harmonia os opostos, a tese confere autoridade intelectual e um caráter particular “brasileiro” ao projeto do Estado Novo, que entendia a nação como superação de conflitos de classe. Segundo Souza (2009a), nasce da índole pacífica do povo brasileiro o encobrimento da crítica e da explicitação das diferenças:

A negação dos conflitos de toda a espécie passa a ser percebida como atributo “positivo”, agora “articulado”, explicitado e desenvolvido como ideia e não, como antes, uma “prática” inconfessável. Está criado [...] o

⁸⁶ Nesse sentido, o livro de Edson Dalmonte (2009) pode ser esclarecedor. Em *Mídia, fonte & palanque do pensamento culturalista de Gilberto Freyre*, ele defende a hipótese de haver entre Freyre e a tradição dos estudos culturais britânicos uma relação de proximidade conceitual. Aponta que, para a tradição britânica culturalista, o indivíduo seria capaz de resistir ao impacto dos produtos midiáticos com base no seu referencial cotidiano; de forma semelhante, segundo Dalmonte, o autor brasileiro destaca as crenças pessoais, bem como a subjetividade como “local” de elaboração de significados. O curioso desse estudo, no entanto, é que, embora identifique essa relação, não menciona *Os ingleses no Brasil*, obra publicada por Freyre em 1948, editada posteriormente em 2000, no Brasil, e em 2011, na Inglaterra, em Oxford, e sua relação com autores e essa cultura, expressa no artigo de Pallares-Burke (1997).

DNA simbólico do Brasil moderno, um conjunto de ideias que legitimam práticas sociais e institucionais que se destinam, em última instância, a retirar qualquer legitimidade do diferente e da diferença [...]. A união, assim como a solidariedade e o amor entre “raças” e “culturas” que comporiam a brasilidade, empiricamente visível [...] a olho nu nas ruas e no cotidiano brasileiro, passa a ser ensinada nos livros de escola, celebrada como singularidade nacional nas campanhas de propaganda do governo, carnavalizada nos sambas e desfiles, discutida e debatida nos jornais e nas universidades (SOUZA, 2009a, p. 38).

O autor evidencia, contudo, que esse mito construído apresenta-se como uma “fantasia compensatória” para os graves problemas da sociedade brasileira, ou seja, a aversão ao conflito é o núcleo da identidade nacional. Souza (2009a) aponta, nesse sentido, que a desigualdade no Brasil é justificada pelo “esquecimento” do pertencimento de classe e das diferenças sociais individuais, potencializada pela aliança invisível com o mito da brasilidade.

Não há como compreender a questão sem envolver esse vínculo, cujo fundamento está prefigurado na obra de Freyre que, ao inverter os elementos constitutivos do problema da identidade nacional, apresenta a base para uma “interpretação científica dominante” sobre o Brasil moderno. A partir disso, elementos como a emocionalidade, a ênfase nos sentimentos, a cordialidade, a sensualidade – originada na construção de uma tendência portuguesa, depois luso-brasileira e, por fim, no encontro cultural – oferecem o suporte teórico à evidência empírica da mestiçagem. Isso ocorre sem que esses aspectos, no entanto, tenham sido pensados sob outra lógica, que seria aquela do resultado do poder dos homens brancos sobre as mulheres índias e negras.

Freyre passa, então, a ser reconhecido nas ciências sociais brasileiras, aponta Souza, como pai-fundador da concepção dominante de como o brasileiro se percebe, a qual pouco tempo depois, em 1936, será implementada em *Raízes do Brasil*, por Sérgio Buarque de Holanda. Influenciado por Freyre, ele vai elaborar o conceito de “homem cordial” e a tese do binômio “personalismo/patrimonialismo”. O primeiro termo refere-se a uma forma de viver em sociedade que enfatiza os vínculos pessoais, ligado ao sentido de “homem cordial” que se deixa levar pelo coração, moldado pela família. O outro alude ao Estado e à gestão da política, baseada no interesse particular em oposição à questão pública. Essa interpretação passou a dominar as discussões na academia e no senso comum do brasileiro até a atualidade (SOUZA, 2009b, p. 54-5).

Ao inverter o que antes era positivo em negativo, a ênfase crítica de Buarque de Holanda desloca-se para o sentido de “vítimas indefesas de uma espécie de ‘mal de origem’”, resultado do legado deixado pelos portugueses:

Como o mundo dos sentimentos é ambíguo, ou seja, os sentimentos podem ser tanto “maus” como “bons”, construímos uma tradição, a de Gilberto Freyre por exemplo, da glorificação dessa herança pré-moderna, e outra, que pretende possuir um “charminho crítico”, como a de Sérgio Buarque, Raimundo Faoro e Roberto DaMatta, apenas porque invertem o sinal e acusam essa mesma tradição de “mal de origem”. É essa segunda perspectiva de uma mesma tradição de pensamento que pretende “explicar” tanto a cultura do privilégio e a extraordinária desigualdade, a partir do acesso diferencial a certo capital de relações pessoais, quanto a presença da corrupção, por outro lado, pensada como uma característica folclórica desse tipo de sociedade e não como algo congênito do capitalismo – em qualquer latitude do globo (SOUZA, 2009b, p. 56).

O fato de as identidades nacionais penetrarem nas individuais de modo afetivo e emocional as torna resistentes às críticas, pois devem oferecer algo positivo aos seus destinatários. No caso em tela, a “fantasia compensatória” passou a ser a base da solidariedade da sociedade brasileira e a modernização mais importante dessa tradição é oferecida por Roberto DaMatta, cuja crítica permanece sendo abordada. Vale destacar, salienta Souza (2009b), que o processo de dominação social e de legitimação da desigualdade não pode ser discutido no sentido em que é apresentado, pois sequer é percebido como questão fundamental. Desse modo, o progresso econômico é concebido como solução para os problemas mais densos da sociedade brasileira, sejam eles relativos à desigualdade ou à marginalização e à subcidadania.

A desigualdade no Brasil é um fato concreto, precariamente explorado criticamente por atores sociais brasileiros. Corrêa (2006), nesse sentido, realiza um estudo a partir de dois pesquisadores – Roberto DaMatta⁸⁷ e Jessé Souza⁸⁸ – que tentaram explicar individualmente o fenômeno da desigualdade e da estratificação social no país. De perspectivas teóricas diferentes, os dois autores apresentam explicações sobre a questão da desigualdade no cotidiano brasileiro.

A perspectiva de DaMatta é abordada a partir da tese do personalismo, pois o antropólogo explica a questão da desigualdade por meio da noção de hierarquia, cuja origem encontra-se no pensamento francês de Luis Dumont – sustentado na concepção acerca do individualismo e do holismo – em diálogo com a tradição do pensamento social brasileiro, seguindo, alguns já mencionados mentores [Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Oliveira Vianna, Caio Prado Jr., entre outros].

Destaca Corrêa (2006) que para DaMatta:

⁸⁷ Estuda o autor a partir das obras: *Carnavais, malandros e heróis* (1979) e *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira* (1993).

⁸⁸ O autor refere-se aos livros *A modernização seletiva, uma reinterpretação do dilema brasileiro* (2000) e *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica* (2003).

[...] o “dilema brasileiro” centra-se em uma articulação bastante atípica entre o moderno e o tradicional; entre a igualdade formal e a hierarquia; entre o indivíduo afeto ao sistema legal moderno e a pessoa caracterizada pelas relações pessoais, de favores e camaradagens; entre as leis constitucionais conscientemente debatidas e as normas não escritas; entre o burguês e o malandro (CORRÊA, 2006, p. 365).

Desse modo, seguindo uma lógica híbrida, DaMatta sintetiza os aspectos institucionais e as práticas cotidianas na denominada *gramática profunda do universo social brasileiro*. Nessa gramática, encontram-se dualidades: a pessoa e o indivíduo; a casa e a rua; isso para indicar que o espaço do indivíduo é a rua, e o da pessoa, a casa. Nesse universo, há também interpretações para diversos ritos brasileiros, que vão desde o carnaval até a cultura religiosa.

Entre os ritos mais curiosos, destacados por DaMatta, e que permitem evidenciar o modo como a desigualdade é latente nesse contexto, está a frase: “Você sabe com quem está falando?”, expressão essa verbalizada na condição diferencial e hierárquica do modo como o brasileiro se relaciona com o outro, isto é, conforme as relações afetivas pessoais é possível garantir uma posição hierárquica superior. Reside, também, nessa condição da estrutura social brasileira a explicação de DaMatta para o “jeitinho” e, de certa forma, para a desigualdade, que, no entanto, apresenta-se diferente dos termos sociológicos tradicionais de explicação para a estratificação social no país. Assinala Corrêa (2006, p. 369), nesse sentido, que DaMatta oferece apenas um *corpus* teórico para explicar a desigualdade através da hierarquia. Logo, na sua perspectiva, ressalta o que faz com que determinado indivíduo se destaque:

[...] é a existência de um capital de relações pessoais que permite ao agente elevar-se acima das leis e normas vigentes [...] permite que as pessoas transfiram as relações da casa para a rua, possibilitando que esta última seja marcada não pelas leis impessoais do Estado e do mercado, mas por relações baseadas no binarismo favor/proteção [...] (CORRÊA, 2006, p. 369-70).

Conforme o olhar de DaMatta, o que torna os indivíduos desiguais no Brasil é, portanto, o capital de relações pessoais, no qual a hierarquia se atualiza em forma de privilégio. O ponto de vista de Jessé Souza sobre a problemática da desigualdade também é estudado por Corrêa (2006). Souza, por seu turno, apresenta – a partir de uma articulação entre o sociólogo francês Pierre Bourdieu [teoria da distinção social] e o filósofo canadense Charles Taylor [hierarquia moral subjacente ao racionalismo ocidental] – uma estrutura teórico-analítica para pensar a desigualdade em termos brasileiros, considerando mecanismos impessoais, capazes de atribuir um valor diferencial acerca dos seres humanos.

De acordo com Corrêa (2006), é por meio da fusão das ideias desses autores que Souza pensa o fenômeno da desigualdade tanto em um contexto central quanto periférico:

Jessé [Souza] associa a teoria do reconhecimento de Taylor a uma teoria das distinções sociais de Bourdieu e acredita que, mediante essa união, pode produzir uma “reformulação muito mais sofisticada e útil do tema clássico marxista de ideologia espontânea do capitalismo” (CORRÊA, 2006, p. 375).

Fundamentalmente, cabe destacar que, em termos de aproximação à literatura brasileira, para Souza, é Florestan Fernandes [1920-1995] quem mais se aproxima das causas reais da desigualdade no Brasil. A sua obra *Integração do negro na sociedade de classes*⁸⁹ resgata as causas de exclusão e marginalidade do negro e do mulato ao estudar – no período de 1880 a 1960 – as condições dos libertos na transição da ordem escravocrata à competitiva. Florestan registra o abandono desse grupo que, ao se tornar livre, situava-se em uma estrutura social contrária a qualquer possibilidade de inclusão, isto é, encontrava-se em uma economia emergente competitiva de mercado, que tendia ao oportuno desprezo dessa nova classe de indivíduos. Não houve sequer uma instituição, após a libertação, que apresentasse algum tipo de amparo capaz de incluir essas pessoas que, assim sendo, estavam lançadas, naquele momento, às condições para a perpetuação da marginalização.

Mais tarde, conforme Corrêa (2006), Souza amplia essa concepção ao identificar a existência de uma estrutura residual por trás dessa, que produziu a naturalização da desigualdade por meio de mecanismos opacos e impessoais. Destaca-se ainda que, a partir do quadro teórico em que se apoia, Souza evidencia a desvinculação de elementos pré-modernos, ao salientar que a desigualdade não pode ser pensada em termos de pessoalidade. Para o autor, seguindo Souza, são os condicionantes impessoais, invisíveis e extremamente modernos que atuam de forma a “[...] legitimar, naturalizar e reproduzir” a hierarquia produtora de diferenciação (CORRÊA, 2006, p. 382).

Todavia, não cabe avaliar que autor apresenta, ou apresentou, uma versão mais apropriada sobre a construção da identidade nacional e/ou a realidade brasileira, mas enfatizar que, nesse processo histórico, estão em jogo estruturas de poder, interesses econômicos e, sobretudo, características culturais que transmutam no tempo.

De fato, observa-se a presença de um conjunto de narrativas sobre o que significa “ser brasileiro”, termo esse que remete a uma ideia de unificação e homogeneidade, mas que, em última análise, configura-se de modo bastante problemático. Não obstante, verifica-se,

⁸⁹ Publicada em 1964.

também, que o mais importante é perceber que a cultura e a desigualdade social no país não podem ser reduzidas à questão econômica, frequentemente demonstrada na disposição de números significativos de crescimento econômico aliado à distribuição mais adequada de renda, sem interpretação mais aprofundada. Portanto, acrescenta-se desse modo, uma última categoria cultural de análise, que entende, seguindo a revisão crítica apresentada, que a questão da desigualdade social no Brasil não pode ser reduzida ao âmbito econômico, pois está constantemente sendo atravessada por diversos fatores culturais, inclusive a ausência de uma noção de cidadania.

Busca-se, desse modo, destacar questões complexas que, se analisadas a partir dos registros da imprensa britânica de qualidade, ganham visibilidade e apresentam indícios de que o país carece, sobretudo, é de uma referência de cidadania para prosperar. Portanto, os pontos abordados sobre a identidade brasileira contribuem para destacar elementos norteadores culturais, que serão empregados na tematização da análise das representações do Brasil no contexto do Reino Unido, tais como, as *referências ao território brasileiro de dimensões continentais e de recursos naturais abundantes, aos mentores simbólicos do passado e da atualidade e as suas relações com o Estado* e, ainda, *à questão da desigualdade social diante da evidência de um país emergente economicamente, porém diversificado culturalmente*⁹⁰.

4.5 AS POLÍTICAS INTERNACIONAIS BRASILEIRAS E AS RELAÇÕES COM O REINO UNIDO

Nas seções anteriores, buscou-se – por meio da literatura sobre a questão nacional discutida por alguns críticos dessa – evidenciar elementos culturais brasileiros que, em períodos distintos e por motivações específicas da história da nação, internamente compuseram, de algum modo, a “narrativa” simbólica do que significa ser brasileiro.

De igual forma, evidenciou-se que tal abordagem não deve ser enfrentada a partir de um “olhar essencialista”, que advoga por uma perspectiva “cerrada”, isto é, uma vez descritas às características culturais comuns, estaria explicada a complexidade social e cultural do Brasil. Sabe-se que a identidade nacional possui o propósito da unificação desses elementos,

⁹⁰ Um primeiro exercício de análise foi realizado em artigo científico produzido para a disciplina *Sociedade, Política e Relações Internacionais I*, cujo tema proposto foi *Nações, Estados e Identidades Ibero-Americanas*, cursada em 2010, no Programa de Pós-Graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Essa aproximação à perspectiva histórica auxiliou a compreensão da temática, em momento posterior, durante a produção da presente tese, foi possível avançar e “afinar” as categorias de análise da identidade brasileira a partir da observação do seu próprio objeto.

mas que, em última análise, trata-se, sobretudo, de mais uma identidade entre as diversas outras que nos interpelam continuamente enquanto sujeitos sociais.

As reflexões apresentadas foram amadurecidas pelo tempo e posteriores à publicação das obras originais. Entretanto, vale lembrar que a discussão em torno dessas análises auxilia a compreensão do *microcontexto* – proposto no percurso metodológico desta tese – uma vez que essas elucidam de que modo se deu a constituição da *nação* [com os contornos territoriais próprios, compostos por recursos naturais abundantes em um país de dimensão continental], do papel crucial dos *mentores simbólicos* ligados ao Estado e das *características culturais e sociais* peculiares dirigidas pelo arranjo migratório diversificado e, desse modo, miscigenado da população brasileira.

Em um *macrocontexto* mais amplo, ou externo poderia também se dizer, é possível identificar o papel crucial do Estado no posicionamento do Brasil no cenário internacional. Desse modo, com o objetivo de entender também como o país se colocou ao longo do tempo, aos “olhares” estrangeiros, duas frentes de pesquisa são destacadas. A primeira delas é da ordem interpretativa da história, da ciência política e da diplomacia brasileira, na qual as contribuições de Santos (2005) e de Bernal-Meza (2010) evidenciam não apenas elementos de permanência, mas também de contínua “reinvenção” da identidade internacional brasileira.

A segunda contribuição, não menos importante, é mais específica, pois situa, nesse panorama internacional, as relações de intercâmbio econômico e cultural entre o Brasil e o Reino Unido, que colaboraram para modernização do jovem país, momento em que ainda “ensaiavam-se” as bases da assimilação nacional por parte dos contemporâneos.

Os autores de referência nesse ponto, já citados anteriormente – Graham (2001) e Freyre ([1933] 2006) – porém a partir de diferentes estudos, indicam que o interesse dos britânicos no Brasil e vice-versa não é algo recente, pelo contrário, as trocas estabelecidas pelos dois países no passado sugerem uma continuidade na atualidade e são, frequentemente, reportadas pela imprensa.

4.5.1 O posicionamento internacional brasileiro

Ao discorrer sobre a identidade internacional do Brasil, Santos (2005) fundamenta o posicionamento deste estudo ao destacar que não existem identidades “naturais”, dissociadas dos processos históricos. Para o autor, tanto no sistema internacional quando no plano da

política interna “[...] as identidades são construídas e evoluem dentro do espaço de relações e das diferenças específicos de cada momento histórico” (SANTOS, 2005, p. 185)⁹¹.

Em conjunto, a identidade internacional brasileira, em cada período histórico, se constituiu de diferentes características, apenas para citar algumas, refere-se ao Brasil desde como um país pacífico, fiel ao direito internacional, que busca o desenvolvimento, até terceiro-mundista, ocidental, cristão, subdesenvolvido, americano, ibero-americano, latino-americano, sul-americano, entre outras variáveis que, geralmente, compõem a identidade brasileira diante de um contexto externo (SANTOS, 2005).

Observando o passado, no período imperial, o Brasil diferenciou-se dos vizinhos americanos, pois se colocava ao lado das potências europeias. Seguindo a ideia de “civilização”, representava uma autoimagem de um regime político que o aproximava das monarquias europeias⁹². Mesmo escravista e atrasado, sentia-se superior aos vizinhos “anárquicos e selvagens”. Durante aquele período, nos relatórios e documentos diplomáticos era comum a referência de relações entre a “Europa e os países Americanos” (SANTOS, 2005, p. 186).

No final do século XIX, expandiram-se expressões forjadas em torno da ideia de América. A mais importante, aponta o autor, era a noção de pan-americanismo [criada em 1882]. A partir disso, marcou-se de forma expressiva a liderança dos Estados Unidos nas iniciativas de integração continental que, com o tempo, foram adquirindo outros contornos e conteúdos (SANTOS, 2005, p. 187).

Com o advento da República, em 1889, o discurso brasileiro distanciou-se daquele americano e passou a incorporar as expressões “América Latina”, “América do Norte”, “América Central” e “América do Sul”. Conforme Santos (2005), a diplomacia brasileira nas primeiras três décadas da República atuou situada em dois cenários: um sistema americano, liderado pelos Estados Unidos; e um subsistema sul-americano, no qual o Brasil (aliado à Argentina e ao Chile) dispunha de uma autonomia relativa. Entretanto, verifica-se que o subsistema sul-americano à época não englobava, na prática, o que na atualidade se compreende por América do Sul. A disputa de limites entre a Venezuela e a Guiana inglesa, a secessão do Panamá, e outros temas dos países situados ao Norte da América do Sul, eram questões de influência dos Estados Unidos (SANTOS, 2005, p. 188).

⁹¹ Embora esse autor, em seu artigo, concentre-se em perseguir como se deu efetivamente a construção da identidade “sul-americana” brasileira, a proposta aqui é buscar identificar, ainda que de modo incipiente, por meio de seu estudo, o processo contínuo de reinvenção e construção das diversas faces da identidade nacional produzidas para “fora” das fronteiras do país ao longo do tempo. Considera-se, contudo, que esse artigo do autor deve, também, ser lido a partir do momento histórico em que foi publicado, ou seja, durante o primeiro mandato do Governo Lula [2003-2006], quando as políticas externas encaminhavam-se para um fortalecimento político dos países da América do Sul.

⁹² Processo esse trabalhado na seção 4.1 deste capítulo.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a política americanista do Brasil foi testada. Após a declaração de guerra dos Estados Unidos contra a Alemanha e o afundamento por submarinos alemães do cargueiro brasileiro Paraná, aumentaram as pressões para que o Brasil se engajasse no esforço militar contra o império alemão. A declaração de guerra à Alemanha foi ocorrer somente depois do torpedeamento do navio brasileiro Tijuca, no porto francês de *Brest*. Todavia, o Brasil foi o único país sul-americano a brigar com os alemães e seus aliados. Bolívia, Equador, Peru e Uruguai apenas romperam relações diplomáticas com a Alemanha; já Argentina, Chile, Colômbia, Paraguai e Venezuela permaneceram neutros no conflito (SANTOS, 2005, p. 189). Mais adiante, com Getúlio Vargas, sob a égide nacionalista, deu-se continuidade ao discurso americanista brasileiro⁹³. Dirigido pelos Estados Unidos, o pan-americanismo foi trabalhado em defesa as ameaças extracontinentais, isso com o suporte brasileiro (SANTOS, 2005, p. 193).

O Brasil saiu da Segunda Guerra considerando merecer, dos Estados Unidos, um tratamento especial como resultado da colaboração prestada durante o conflito. A ajuda econômica, como retorno, não vingou efetivamente, pois os Estados Unidos encontravam-se engajados na reconstrução da Europa. O benefício estratégico para a América Latina somente se consolidou uma vez que o plano norte-americano restaurava mercados para as matérias-primas e produtos tropicais. Assim que a Europa recuperasse seu parque industrial, a América Latina obteria novamente uma fonte de bens de capital. Isso só fez por confirmar o tradicional papel latino-americano de fornecedor de matérias-primas para o mundo industrial (SANTOS, 2005).

Entre 1945 e 1952, as nações americanas receberam menos auxílio econômico dos Estados Unidos do que pequenos países europeus, tais como a Bélgica e Luxemburgo (SANTOS, 2005, p. 195). Sentindo-se traído pela atitude dos Estados Unidos diante do empenho dado a essa nação na Segunda Guerra, o Brasil passou a aproximar-se dos demais países latino-americanos. Com isso, os conceitos de países menos desenvolvidos e/ou

⁹³ Em termos culturais e específicos sobre a estratégia dos Estados Unidos de envolver o Brasil para garantir a soberania do continente, ver o trabalho do historiador Antonio Pedro Tota (2000), intitulado *O imperialismo sedutor. A americanização do Brasil na época da segunda guerra*. O autor, com propriedade, aponta o referido período como ponto de virada na história das relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos. Não cabe aqui aprofundar a temática, ainda que tangencie os temas abordados nesta tese com relação às influências culturais. O foco desta pesquisa é o Reino Unido, no entanto, considera-se importante situar e reconhecer que, em período posterior a aproximação brasileira a elementos da economia e cultura britânica [conforme abordado na próxima seção], durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, se estabeleceu uma forte relação entre os Estados Unidos e o Brasil, concretizada por um “bombardeio ideológico” [grifo do autor], realizado através dos meios de comunicação de massa – rádio, cinema e revistas – como estratégia da Política da Boa Vizinhança. A obra parte de uma problemática paradoxal sobre o tema da americanização no sentido em que busca explicar os interesses mútuos em posições antagônicas, “o Estado liberal, exigência mínima para a ‘americanização’ [...] estava longe da realidade do Brasil dos anos 40. ‘Apocalípticos’ e ‘integrados’ não chegaram a levar em conta que a americanização do Brasil tem sua gênese no Estado não liberal, das décadas de 1930 e 1940” (TOTA, 2000, p. 16).

economias subdesenvolvidas começaram a ganhar espaço na retórica diplomática brasileira. De igual modo, a ideia de enxergar o país como parte integrante da América Latina, rompendo com o discurso que vinha desde o Império, que olhava para seus vizinhos hispânicos como o “outro”, naquele momento, o “outro” passa definir também a identidade brasileira (SANTOS, 2005, p. 196).

Posicionamento análogo foi seguido pelos presidentes Jânio Quadros e João Goulart, que adotaram uma “Política Externa Independente”, quando o Brasil passou a se identificar efetivamente com os países em desenvolvimento, fator esse que integrou questões do debate *Norte-Sul* ao discurso da diplomacia brasileira. Essa política buscou congrega os países da Ásia e da África e defendeu a descolonização e a abertura para os países do Leste Europeu (SANTOS, 2005, p. 197). Atitude semelhante do Governo Lula, em momento histórico posterior, é também ressaltada por Santos (2005) e Bernal-Meza (2010).

Antes disso, destaca-se, porém, um posicionamento significativo a partir do golpe de 1964. Diante da Guerra Fria, a visão de mundo dos governantes brasileiros retomou a ideia de bipolarização, reduzindo as possibilidades de atuação diplomática aos limites do alinhamento com o bloco ocidental. Houve, desse modo, uma progressiva aproximação à identidade de país em desenvolvimento e latino-americano, e o Brasil na Organização das Nações Unidas [ONU] torna-se referência na busca de uma nova ordem econômica internacional (SANTOS, 2005, p. 197-8). Além disso, ainda no período do general Emílio Garrastazu Médici, devido à aceleração da economia, a política externa procurou agregar também a característica identitária de “potência emergente” (SANTOS, 2005, p. 199).

Após o retorno da democracia, cimentada pela Constituição de 1988, voltou-se, então, à consolidação da identidade latino-americana do Brasil. Diante disso, em termos efetivos, superando inclusive a rivalidade com a Argentina, foi possível a formação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL).

Santos (2005, p. 200) destaca, contudo, que – do Império à década de 1990 – mesmo que a expressão “América do Sul” eventualmente se apresentasse no discurso diplomático brasileiro, essa não era utilizada com um propósito identitário. Vale apontar que o Brasil era identificado como país americano ou latino-americano. A expressão, no entanto, passou a definir uma entidade geográfica que incluía os doze países americanos ao Sul da República do Panamá [exclusive] e a Guiana Francesa. Paralelamente, a afirmação do conceito de “América Latina”, concretizado a partir da construção de um imaginário comum por intelectuais da própria região [inventado em 1850, mas consolidado somente após 1945], perdeu força

quando o México, em 1992, adere ao Tratado Norte-Americano de Livre Comércio [NAFTA], aproximando-se definitivamente aos Estados Unidos.

Portanto, em um contexto de crise, percebendo que o cenário internacional passava a ser gerenciado por representativos blocos econômico-comerciais, a diplomacia brasileira, na primeira gestão do chanceler Celso Amorim, ainda durante o Governo Itamar Franco [1992-1994], vai retomar o termo “América do Sul”, inicialmente concretizando-se a partir da formulação de uma proposta de Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA).

Em seguida, no início do primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso [1995-1998], a proposta de ALCSA foi atenuada, no entanto, há uma atuação em projeto de desenvolvimento regional para o país [leia-se “Avança Brasil”], cuja ênfase encontrava-se nas questões da infraestrutura regional e de consolidação da democracia.

Apesar disso, a noção de “América do Sul”, depois de 2000, retorna outra vez à pauta do discurso diplomático brasileiro (SANTOS, 2005, p. 201). Sobretudo durante o primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva [2003-2006], a América do Sul passou a ser apresentada como prioridade e as negociações econômico-comerciais foram retomadas. Nesse sentido, aponta o autor, o ponto de partida para uma nova inserção do Brasil no cenário internacional foi a América do Sul, consolidada a partir da reconstrução do MERCOSUL, das negociações com a Comunidade Andina e da incorporação do Chile, da Guiana e do Suriname nessa integração.

A partir desse contexto, o Brasil passou também a buscar parcerias com outros países, tais como África do Sul, Índia, China e Rússia. Além desses, empregou-se uma estratégia de cooperação *Sul-Sul*, respaldada também pelo diálogo com a África e com os países árabes em 2005.

Como resultado disso, a participação brasileira no processo de reforma da ONU e o projeto de obtenção de um assento permanente no Conselho de Segurança foram retomados (SANTOS, 2005, p. 202). É importante ter presente, no entanto, ressalta o autor, que, ao reconhecer a vertente sul-americana da identidade brasileira, não se exclui inteiramente as suas dimensões latino-americana e continental: “[...] a América Latina continuará a ser um conceito útil em diversos contextos” (SANTOS, 2005, p. 203).

Em termos mais recentes, para se compreender o posicionamento internacional brasileiro nas gestões de Fernando Henrique Cardoso [1995-1998 e 1999-2002] e Luiz Inácio Lula da Silva [2003-2006 e 2007-2010]⁹⁴, a contribuição de Bernal-Meza (2010), além de corroborar com algumas das questões apresentadas por Santos (2005), apresenta um quadro

⁹⁴ Luiz Inácio Lula da Silva foi sucedido pela atual presidente Dilma Rousseff [2011].

específico e contemporâneo. Nesse sentido, Bernal-Meza (2010) destaca que a visão Cardoso e de Lula sobre o mundo político e da globalização foram divergentes:

O primeiro aderiu ao neoliberalismo, enquanto Lula e seus colegas aderiram ao neo-realismo. Portanto, enquanto Cardoso confiou na configuração de uma nova ordem multipolar com o desenvolvimento progressivo de mais justas e harmoniosas relações internacionais, Lula manteve uma visão hierárquica do poder mundial e foi cético sobre a visão geral de mundo mais pacífica, cooperativa e harmoniosa. [...] A primeira, que promoveu a aliança com os Estados Unidos, foi predominante no governo Cardoso. A segunda seria dominante no governo Lula, quando o Brasil retornou ao universalismo seletivo, reprisando as suas alianças e laços com a Índia, China, África do Sul e Rússia (BERNAL-MEZA, 2010, p. 198-9).

De todo modo, em ambos os posicionamentos, havia em comum a necessidade de promover a cooperação internacional para avançar nas metas nacionais e internacionais de paz, desenvolvimento, justiça e capital. Dado os recursos e as potencialidades do país, a visão de mundo de “polaridades infinitas” abriu espaço para a inserção da ascensão do Brasil na estrutura de poder global (BERNAL-MEZA, 2010).

É possível identificar duas dimensões para essa aproximação, sintetizadas pelo autor, da seguinte forma: “a) uma variedade de percepções de mudanças recentes do sistema internacional e do papel do Brasil no cenário mundial; e b) um conjunto de políticas que norteiam o desenvolvimento e as relações internacionais” (BERNAL-MEZA, 2010, p. 202).

Diante desse quadro, dois grupos de poder emergente surgiram com o propósito de reformular a ordem global, por meio do “multilateralismo”: de um lado, os países do BRIC [Brasil, Rússia, Índia e China] e, de outro, aqueles da IBSA [Índia, Brasil e África do Sul]. Enquanto o último retoma a perspectiva de estratégia de Hemisfério Sul, o primeiro é significativo por representar um grupo de poder de emergência global. O Brasil tem dado preferência a esses grupos participando das mesas de negociações mundiais, no âmbito da Organização Mundial do Comércio [OMC] e do G20⁹⁵, além de aspirar tornar-se membro permanente do Conselho de Segurança da ONU (BERNAL-MEZA, 2010).

⁹⁵ Conhecido como *Grupo dos 20*, criado em 1999, é composto pelas 19 maiores economias do mundo, mais a União Europeia, e visa favorecer a negociação internacional no sistema financeiro mundial. Outras informações disponíveis em: <http://www.g20.org/>. Acesso em: 28 de jan. 2013.

No âmbito governamental, segundo Bernal-Meza (2010), é possível destacar que, enquanto Cardoso buscou substituir o “Estado desenvolvimentista” para o de “Estado neoliberal”, Lula avançou na prática de um “Estado logístico”⁹⁶. Visando um modelo de integração internacional que conduzisse ao desenvolvimento, o Governo Lula construiu uma estratégia política e econômica de atuação e um novo papel na ordem internacional, o qual seria alcançado por meio da geração de confiança entre os poderosos e da moderação na sua política multilateral. Além disso, o governo criaria acordos com os mesmos para fortalecer o sistema das Nações Unidas e promover uma política de integração, cumprindo um papel de mediador e estabilizador do Terceiro Mundo no Conselho de Segurança. Para esse propósito, o Governo Lula conduziu estudos e preparou uma proposta de políticas públicas, que incentivava, inclusive, a formação de corporações capazes de atuar no mercado mundial (BERNAL-MEZA, 2010, p. 205-6). Promoveu, portanto, a concepção de “gigantes nacionais”, política essa projetada na sucessão presidencial e a ser implementada pela presidente Dilma Rousseff.

Um exame por parte de alguns analistas internacionais, consultados como fonte pela BBC Brasil⁹⁷, indica que, após um ano de Governo Rousseff [2011], não houve mudanças significativas na política externa da nova presidente brasileira, pelo contrário, a atuação do país deu continuidade às propostas iniciadas por seu antecessor, sobretudo quanto ao posicionamento de se abster nas votações na Assembleia Geral da ONU contra as violações dos direitos humanos praticadas pelo Irã. Além disso, em entrevista coletiva após encontro do G20, em novembro de 2011, a presidente defendeu a posição do país em primar pelo livre comércio internacional, adotando, porém, medidas para proteger o Brasil dos desequilíbrios cambiais e manter o crescimento⁹⁸.

Adiantam-se, nesse sentido, os elementos da identidade brasileira em termos internacionais que serão tomados como base na análise do *corpus* textual desta tese. Considera-se, nesse sentido, que os aspectos e processos, apresentados pelos autores, enfrentados pelo país ao longo dos anos e, principalmente, nas últimas duas décadas, colaboram na compreensão do *macrocontexto*, isto é, do cenário internacional no qual há uma

⁹⁶ Segundo Bernal-Meza (2010), o conceito de “Estado logístico” permite desvincular o Brasil da visão teórica da Dependência sobre o “centro” e a “periferia”, desde uma perspectiva de representação do desenvolvimento econômico, ou seja, o Brasil deixou de ser periferia e encontra-se em posição transitória, capaz de alcançar o grupo seleto de estados que comandam os padrões de riqueza e poder no sistema mundial.

⁹⁷ CORREA, Alessandra. Um ano após posse, Dilma mantém política externa de Lula. *BBC Brasil*. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111221_dilma_politica_externa_ac.shtml. Acesso em: 28 de jan. 2013.

⁹⁸ WASSERMANN, Rogério. Dilma nega 'virada protecionista' do Brasil. *BBC Brasil*. http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/11/111104_dilma_protecionismo_rw.shtml. Acesso em: 28 jan. 2013.

atuação do Estado brasileiro e da própria imprensa internacional ao colocar em circulação essas dinâmicas, considerando também um universo de significados britânicos, objeto principal desta pesquisa.

4.5.2 Pontos históricos de intercâmbio político-econômico e cultural entre Brasil e Reino Unido

As relações e os interesses que vinculam o Brasil e o Reino Unido têm origens anteriores ao atual cenário geopolítico mundial e foram reportados pela imprensa. Entre os diversos registros isolados, há duas obras fundamentais que retratam a presença britânica no Brasil, ainda no século XIX, raramente mencionadas na literatura da formação da cultura brasileira. Conforme já apontado, Graham e Freyre, paralelamente aos estudos que conduziram sobre a constituição histórica e de identidade do Brasil, em outro momento, apresentaram e discutiram temáticas direcionadas às influências externas na cultura do país, sobretudo, de origem britânica.

O historiador brasilianista Richard Graham, por seu turno, publicou a pesquisa *Britain and the onset of the modernization in Brazil [1850-1914]*⁹⁹, cuja primeira edição saiu em 1968 [1972]. Ao passo que o sociólogo e antropólogo brasileiro Gilberto Freyre registrou esse encontro de culturas com a publicação do livro *Os ingleses no Brasil*, em 1948¹⁰⁰.

Essas referências conjugam aspectos econômicos e socioculturais, no entanto, cabe ressaltar que enquanto Graham versa sobre as contribuições britânicas na economia e no desenvolvimento do país, Freyre busca retratar a história dessa relação a partir da vida privada e de personagens. Comum entre eles encontra-se o fato de buscarem apoio em jornais da época.

⁹⁹ Tradução: *A Grã-Bretanha e o início da modernização do Brasil*.

¹⁰⁰ Para esta tese, o acesso a essa obra se deu na Inglaterra, durante o estágio de doutoramento, portanto, a versão aqui citada é aquela inglesa, traduzida pela primeira vez neste idioma e publicada, em 2011, pela editora Boulevard, de Oxford, na Inglaterra. No entanto, é importante destacar que, posteriormente, por meio da leitura dessa obra, identificou-se a existência de uma versão brasileira original, sob o mesmo título, em português, *Os ingleses no Brasil*, publicada primeira vez, em 1948, pela editora José Olympio, no Rio de Janeiro. Depois disso, a obra foi “esquecida” e somente retomada com a sua republicação, em 2000, pela editora Topbook. Paralelamente à história dessa obra, cabe reconhecer aqui o trabalho de resgate e pesquisa realizado pela pesquisadora da FEUSP, especialista na obra de Freyre, e associada ao *Centre of Latin American Studies* da *University of Cambridge*, Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, que publicou contribuições importantes sobre o autor. Na resenha *Ingleses no Brasil: Um estudo de encontros culturais [Tempo Social– Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 13 (2), p. 227-30, nov. 2001. Disponível on-line em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v13n2/v13n2a12.pdf>, acesso em: 28 jan. 2013]*, a autora destaca que essa obra raramente é mencionada em estudos sobre a formação da cultura brasileira, no entanto, trata-se de “uma contribuição essencial ao projeto freyreano, iniciado em *Casa-grande e Senzala*, de reconstruir o desenvolvimento do Brasil nos seus aspectos mais íntimos” (PALLARES-BURKE, 2001, p. 227-8). Além dessa referência, há ainda um artigo anterior, intitulado *Gilberto Freyre e a Inglaterra: Uma história de amor*, no qual Pallares-Burke discorre em parte sobre a influência da literatura britânica em Freyre, sobretudo de Walter Pater, e em outra, do impacto da obra de Freyre em Asa Briggs [*Tempo Social– Revista de Sociologia da USP, S. Paulo, 9 (2), p. 13-38, out. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v9n2/v09n2a02.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2013]*.

Graham, além de fazer referência a inúmeras fontes de pesquisa, menciona publicações da revista inglesa *The Economist*. Já Freyre dedica um capítulo inteiro ao material coletado em jornais do Rio de Janeiro, Bahia e Recife no período de maior aproximação entre os dois países.

Desses aportes, destacam-se elementos que auxiliam a compreensão do momento atual de visibilidade brasileira na imprensa britânica. Graham (1972), por seu turno, parte de um olhar sob o Reino Unido de 1850, com o intuito não apenas de abranger as nações modernas do século XX e contrastar com o Brasil, mas identificar que a presença britânica no país não foi um caso isolado na sua expansão e sim parte de uma tendência maior na história da nação.

Conforme destaca, na sociedade inglesa do período, o fluxo de aceleração tecnológica já havia começado e a dinâmica da vida social exigia um rótulo de “modernidade” em 1859 (GRAHAM, 1972, p. 1). Durante aquele século, a indústria do algodão havia sido completamente transformada pelo uso de processos mecânicos, resultando em um período bastante produtivo. O desenvolvimento tecnológico também marcou efetivamente a questão da mobilidade e do transporte. Na década de 1850, somente 25 anos após a construção da primeira ferrovia, 5 mil milhas foram ampliadas interligando a pequena nação.

Outra transformação radical, de cunho industrial e de aplicação de teorias científicas, foi a termodinâmica, que eliminou os últimos obstáculos para o fluxo contínuo de mudança tecnológica e promoveu a rápida expansão econômica. Enquanto isso, acúmulos de capital vinham ocorrendo e, frequentemente, sendo direcionados para investimentos estrangeiros. Não obstante, o Reino Unido naquele período expandia seus interesses econômicos em todo mundo subdesenvolvido e, no final do século XVIII, havia se tornado “impaciente” diante das restrições impostas a sua expansão no mercado internacional pelas políticas de fechamento dos impérios coloniais da Espanha e de Portugal (GRAHAM, 1972, p. 3). Assim sendo, passou a exercer pressão para trazer independência à América Latina.

Com o vigor do país aumentando, as esferas econômicas alçavam, cada vez mais, áreas não modernas. Diante do domínio das técnicas de transporte de oceano e de terra, o mundo tornava-se parte de um sistema econômico dominado pelo Reino Unido. O século XIX foi, portanto, uma era caracterizada pela acelerada migração de britânicos que espalhavam os ideais de seu governo pelo mundo afora, entre eles, destacam-se o aumento da exportação de mercadorias e os investimentos no exterior (GRAHAM, 1972, p. 4). Graham demonstra também que esses investimentos, principalmente na América Latina, aumentaram rapidamente na última etapa do século XIX.

A quantidade de capital britânico na região era ainda modesta na primeira metade do século, entretanto alargou-se entre a década 1850-1860. Mesmo apresentando períodos mais

brandos, como no caso dos anos 1873-1879; por volta de 1880, os investimentos chegaram a 179 milhões de libras. Desse total, 38,8 milhões ingressaram no Brasil. Porém, a entrada de capital britânico cresceu como um todo nos anos 1880, declinando apenas durante a depressão dos anos 1890, mas, em seguida, disparou novamente, marcando positivamente a primeira década do novo século. Em 1913, o capital britânico na região foi estimado em 999,3 milhões de libras. Dessa soma, 223,9 milhões de libras foram destinadas ao Brasil (GRAHAM, 1972, p. 5).

De um lado do oceano Atlântico, as transformações sociais identificavam o Reino Unido como moderno naquele período. A população aumentava e mudava em passo acelerado. Ainda no século XVIII, a disseminação da agricultura científica levou ao fechamento das áreas rurais, direcionando milhares de pessoas para as cidades. Em 1851, a Grã-Bretanha era uma nação dividida entre as zonas rural e urbana, pois registrava-se que entre 42-49 por cento da população estava empregada em fábricas, na mineração ou outro tipo de indústria; apenas 21,7 por cento da sociedade economicamente ativa ocupava-se da agricultura, pesca e silvicultura (GRAHAM, 1972, p. 6).

Do outro lado, o Brasil de 1850 apresentava um forte contraste com o Reino Unido. Na realidade, o país teve sua vida econômica colonial inicial dominada pelo desenvolvimento das plantações de açúcar, as quais foram fundadas para gerarem lucros aos capitalistas, muitos deles com capital emprestado pelos mercantes que permaneciam na pátria-mãe, Portugal. Os escravos importados da África eram considerados mercadorias e o capital investido neles considerava os fatores dessa produção. Como colônia, em uma era mercantilista, o Brasil era recebedor de produtos manufaturados da metrópole, sujeito ao seu controle político e a sua orientação intelectual.

Graham (1972), nesse sentido, dedica-se a identificar aspectos da presença britânica no Brasil, que, mesmo de modo incipiente, ajudaram o país a progredir em diferentes instâncias. O autor, embora não atribua apenas aos britânicos [que ingressaram no país no período] a responsabilidade de fornecer as bases para a modernidade no Brasil, relaciona que o desenvolvimento do transporte e da indústria, o caráter empreendedor e os ideais de liberdade, o estilo urbano, a defesa de um novo padrão trabalhista e o término da escravidão, entre outros elementos, foram iniciativas provocadas de alguma maneira por eles.

Apesar do interesse em controlar a exportação, os britânicos ajudaram – direta e indiretamente – na transformação do Brasil de uma economia agrária em industrializada. Graham (1972, p. 125) apresenta as primeiras esferas dessa participação: a primeira aponta que construíram parte substancial do sistema de transporte do qual dependia a indústria não somente para receber matéria-prima, mas para ter acesso aos mercados; a segunda considera

que a maior parte do maquinário industrial utilizado pelas fábricas brasileiras era produzida no Reino Unido e vendida através de um sistema criado pelos próprios britânicos; a terceira identifica que adiantavam não apenas o crédito para financiar as vendas, mas forneciam o capital que possibilitava aos brasileiros investirem em indústrias; a quarta salienta que os técnicos que instalavam os equipamentos, direcionavam a sua operação e ensinavam os trabalhadores a operá-los, eram, frequentemente, britânicos; eles ainda investiram diretamente em plataformas têxteis, na indústria calçadista, de açúcar e de farinha.

Ressalta o autor que o “[...] desenvolvimento econômico requer certas condições físicas, tais como, estradas, ferrovias, usinas e facilidades portuárias – as quais os economistas chamam de infraestrutura” (GRAHAM, 1972, p. 125). Nesse sentido, observa que o fato de que os britânicos tenham construído ferrovias e portos para servirem, inicialmente, à economia de exportação não impediu que essa estrutura fosse utilizada também pelos empreendedores brasileiros.

Um dos eventos históricos mais significativos – que colocou o Brasil na direção moderna – foi o fim da escravidão em 1888, aspecto esse já mencionado nesta tese. Segundo Graham (1972, p. 161), as principais fontes do “sentimento abolicionista” originaram-se dos plantadores de café de São Paulo, insatisfeitos com a oferta cada vez menor de escravos, e dos grupos em ascensão econômica das cidades que consideravam a escravidão uma ameaça a sua visão de mundo. Surgia assim uma ideia de insustentabilidade, enquanto os industrialistas acreditavam que a substituição da força escrava pelo trabalho livre era a solução para o problema brasileiro, as lideranças de plantadores de café passavam a investir na importação de trabalhadores europeus para ocupar o lugar dos escravos (GRAHAM, 1972, p. 162).

No contexto dessas mudanças, os britânicos desempenharam um papel crucial. Inicialmente, através da força e da diplomacia, o governo de “sua majestade” assegurou-se de que a escravidão não poderia sobreviver indefinidamente no Brasil não somente cortando os subsídios da vinda de escravos da África, mas fazendo prevalecer o decreto que dava o direito à liberdade às crianças nascidas a partir de 1871. Dessa forma, os britânicos forneceram inspiração e encorajamento aos abolicionistas, que assumiram a causa no Brasil. Isso teve início quando terminaram as conexões do mercado escravo com o império britânico, durante os anos 1806-1807 e que culminou, em 1833, com a abolição. Enquanto isso, o interesse no mercado escravo voltou-se para fora da Inglaterra.

Destaca Graham (1972, p. 163) que

[...] o Brasil foi o maior importador de africanos e a atenção britânica logo se voltou ao império tropical. Em troca do reconhecimento da independência por parte da Grã-Bretanha, o Brasil assinou um tratado em 1826 que incluía um acordo para acabar com o tráfico de escravos em três anos. Em 1831, o governo brasileiro tardiamente, e sob contínua pressão britânica, declarou livres todos os escravos trazidos a partir de então. Mas era difícil reforçar esta restrição naquele momento, pois milhares de escravos continuavam a ser comprados por traficantes.

De fato, complementa o autor (1972, p. 167), o término do comércio escravo não marcou o fim do interesse britânico em acabar com a escravidão, todavia, prosseguiu até que o Brasil apresentasse provas concretas de efetivação. A lei que tornava livres os filhos de escravos nascidos após 28 de setembro de 1871 foi a evidência real da causa abolicionista e a conclusão de uma intervenção que havia se iniciado 40 anos antes.

Por outro lado, o Ato de Reforma de 1832 foi um dos eventos mais importantes na história britânica, pois significou uma transformação na textura política e fez surgir novos padrões na vida econômica e social da nação. Durante a primeira metade do século XIX, a classe média britânica procurou fortalecer o poder recém-adquirido, propagando ideias para “limpar” características da antiga ordem aristocrática e proteger sua posição. Portanto, o liberalismo político, proferido no período, serviu para esses propósitos e inspirou os brasileiros, a partir dos seguintes ideais: primeiro defendia que todos os membros da sociedade, inclusive os soberanos, fossem submetidos a uma regra uniforme; segundo, os britânicos empresários e industriais depositavam confiança em resultados, acreditavam que as leis deveriam ser formuladas como solução racional de problemas mesmo que isso significasse romper com tradições do passado; terceiro, o objetivo legal era deixar o indivíduo livre para satisfazer a si próprio, o único dever da sociedade era a defesa de sua liberdade, portanto oferecer a oportunidade de realização pessoal; diante disso, as batalhas em busca da liberdade civil, da abolição, de leis para os pobres, liberdade intelectual e religiosa, foram reflexos desse conceito.

A crença era a de que somente os indivíduos que contribuíam deveriam ser representados pelo governo. Esses eram primeiramente os capitalistas, os empreendedores, aqueles que, se tornando ricos, enriqueciam a nação (GRAHAM, 1972, p. 251-2). Destaca, nesse sentido, o autor que a ideologia residia na crença na liberdade individual: “[...] John Stuart Mill foi o mais citado no Brasil, seu famoso ensaio *On Liberty* revelou-se atraente, pois nele continha o princípio de que o único direito que o Estado teria em restringir a liberdade do indivíduo seria se esse infringisse a do outro” (GRAHAM, 1972, p. 253).

A economia cafeeira de exportação deu nova vida ao Brasil, e as estradas de ferro fizeram com que o “boom” do café fosse algo possível. Em seu estudo, Graham salienta, no entanto, que deve ser feita uma avaliação cautelosa sobre o papel britânico em terras brasileiras. De fato, eles deram o impulso inicial para a modernização do Brasil com a construção de ferrovias e, em seguida, forneceram os técnicos necessários, os empréstimos, o capital, *know-how*, material e suprimentos.

A economia de exportação foi também auxiliada pelos fatores mencionados: casas de exportação, obras portuárias, transportadoras, empresas de seguro e o estabelecimento de bancos e os distribuidores e importadores de máquinas agrícolas (GRAHAM, 1972, p. 322). As ferrovias e portos facilitaram o trabalho dos industriais, o maquinário e o equipamento das fábricas, a ajuda de crédito, frequentemente, permitia brasileiros até mesmo iniciarem seu próprio negócio; entretanto, isso tudo foi realizado pelo interesse – sempre vantajoso – em ampliar e manter a expansão econômica britânica em mercados distantes.

Esses e outros elementos socioeconômicos e culturais foram também problematizados por Freyre ([1948] 2011), porém seguindo a ideia de compreender a presença britânica no desenvolvimento do Brasil a partir da interpretação do papel desempenhado pela cultura ao entrar em contato com o contexto brasileiro. A obra anterior de Freyre ([1933] 2006) é reconhecida por refletir, sobretudo, sobre a influência portuguesa e africana no país, mas ele jamais deixou de lado o interesse pelos franceses, holandeses e ingleses¹⁰¹ que, em determinadas conjunturas e regiões, contribuíram para a constituição da cultura miscigenada do brasileiro.

Cabe ressaltar, contudo, que a re-europeização da cultura brasileira teve início na segunda metade do século XIX, após anos de segregação colonial. Esse processo foi a “face cultural” da queda do monopólio português sob o comércio com o Brasil. Devido às perdas de posição nos bastidores do desenvolvimento ocidental, Portugal não se encontrava em condições de obter vantagens diante da abertura brasileira para a burguesia europeia daquele século. Foram os ingleses e franceses que encabeçaram esse processo, cada um do seu modo, mas, de qualquer forma, trataram o país como um “condomínio” econômico e cultural: os franceses especializados no comércio de mercadorias de luxo e os ingleses concentrados nos produtos da sua revolução industrial (MELLO, 2011, p. 371-2).

Freyre (2011, p. 13) parte de uma tese peculiar, que, de certa forma, também predomina na pesquisa de Graham, ou seja, o caráter cultural “cordial” da relação anglo-

¹⁰¹ Nesse sentido, ver Pallares-Burke, 1997.

brasileira. Ele salienta que os brasileiros em geral, apesar das contradições, sobretudo, entre a monarquia e a democracia trabalhista, possuem certa afeição pelos britânicos.

No reconhecimento do equilíbrio e na interpretação dos opostos – que na formalidade inglesa é chamada de “acordo” e no coloquialismo do português brasileiro de “jeito” – salienta Freyre, reside a “[...] delicada habilidade de encontrar pacificamente soluções intermediárias para situações difíceis, de desajustes, desarmonia e conflito entre extremos” (FREYRE, 2011, p. 14). Essa, segundo o autor, seria a semelhança mais evidente entre ambos: brasileiros e britânicos não são dados ao radicalismo, extremismo e absolutismos, buscam uma terceira solução para situações polarizadas.

O autor relata que, durante anos, coletou material para o desenvolvimento dos ensaios que resultaram na referida obra. Sua proposta combinou elementos individuais com o social e o universal, ou seja, com aquilo que é histórico, porém transcende no tempo e é intencionalmente científico, mas ao mesmo tempo poético (FREYRE, 2011, p. 21). Vale apontar que ele introduz os personagens com a lucidez da história, como pode ser observado no seguinte trecho: “imperialismo político, imperialismo naval, imperialismo comercial – era praticamente imperialismo em primeiro lugar nos tempos de *Sir Sidney Smith* e a sua poderosa frota” (FREYRE, 2011, p. 24), ao referir-se ao comandante da força naval britânica, que ameaçou bombardear Lisboa e destruir a frota portuguesa para evitar que caísse em mãos francesas se o príncipe regente – futuro João VI – não embarcasse para o Brasil. Resultou disso que os navios britânicos escoltaram a família real portuguesa até o Rio de Janeiro.

Desse modo, Freyre ressalta que procurou estudar o imperialismo britânico no Brasil a partir do espaço e do tempo, do século XVI ao XIX, especialmente nesse último, de modo a compreender também o processo por meio do qual uma cultura encontrou a outra e, nesse sentido, salienta que são as atitudes e as ações não dos “homens de Estado”, abordada, frequentemente, pelos historiadores, mas dos piratas, técnicos, aventureiros, negociantes, missionários, professores, governantas e cônsules que mais se anunciam na obra. Ele acredita que a aproximação biográfica não exclui a sociológica (FREYRE, 2011, p. 27).

A presença da cultura britânica não pode ser ignorada por aqueles que almejam compreender e interpretar o Brasil, assinala Freyre (2011, p. 28). Em termos gerais, a predominância econômica inglesa adquiriu uma aparência imperialista, durante o período de 1835 a 1912, quando lentamente começou a declinar e a ser superada pela expansão norte-americana e “minada” pela Alemanha. Contudo, essa preponderância foi direcionada a outras esferas culturais de influência, identificada no vocabulário, nos autores brasileiros que registravam a convivência e traduziam obras para o português, tais como, Eça de Queiros e

Manuel Bandeira, mas também por meio de outros intelectuais, mesmo britânicos, cujas obras e tradutores são igualmente mencionados (FREYRE, 2011, p. 25). Entretanto, Freyre interpreta essa influência através de desconhecidos técnicos, engenheiros, comerciantes e missionários, que, nas anotações e cartas [nunca publicadas] revelam as figuras típicas que marcaram o relacionamento mantido pela Grã-Bretanha com o Brasil semi-colonial.

Para o autor, trata-se de aproximar-se de um Brasil em que as primeiras bases modernas – os cabos submarinos, as ferrovias, os telégrafos, os bondes, as usinas de açúcar, a luz a gás, os barcos a vapor, o sistema de esgotos – resultam do trabalho e/ou da iniciativa de ingleses (FREYRE, 2011, p. 46).

Freyre descreve igualmente expressões e palavras que se originaram desse contato, registradas por autores que caricaturizavam ou escreviam anedotas sobre os ingleses. Sobre a vida ordinária, descreve que o brasileiro aprendeu muito com o “*mister*”:

[...] a influência pode ser atribuída não apenas a popularização do terno branco, do chá, do pão de trigo, da cerveja e do uísque (*whisky*), gim, rum, bife (*beef*), rosbife (*roast beef*), pijama (*pyjamas*) [...] mas também ao início de algumas seitas protestantes e modernos métodos de ensino para crianças (a adoção da educação física); um gosto por romance policial (especialmente Sherlock Holmes), grogue (*grog*), *picnics*, *clowns*, *habeas corpus*, *the jury*, *meeting*, aferição, a arte do debate, *humour* [...]. Quando todos esses anglicanismos chegaram, a própria língua tornou-se anglicizada, houve assim a naturalização de verbos como chutar e driblar (*to shoot and to dribble*) no *football*, blefar (*to bluff*), boicotar (*to boycott*) [...] (FREYRE, 2011, p. 49-51).

Outro episódio, frequentemente, narrado, mas sem muitos detalhes, na literatura sobre a história do jornalismo no Brasil é aludido por Freyre (2011). Trata-se do início, em Londres, da circulação do jornal *Correio Braziliense*, fundado em 1808 por Hipólito José da Costa, brasileiro, casado com uma inglesa, “protegida” pelo Duque de Sussex e pela maçonaria britânica. Além desse, ele destaca o fato, geralmente negligenciado, realizado por um inglês tipógrafo, chamado F. Pinthis, de ter ensinado os pernambucanos a colocar as letras e a compor as colunas de jornal. Há um registro na edição da coluna *A Carteira*, de 28 de setembro de 1856, no *Diário de Pernambuco*, reproduzido por Freyre (2011, p. 55), que atribui a esse britânico essa contribuição.

De fato, há uma diversidade de eventos e personagens na obra de Freyre que conferem à confluência cultural exemplos de intercâmbio entre o Brasil e o Reino Unido, impossível de ser reproduzido nesta pesquisa devido à riqueza de material trabalhado pelo autor. Esses episódios nascem do exame das correspondências oficiais consulares, que

sugerem uma rotina burocrática, mas também intrigas e mistério político; entre outras fontes, encontram-se as crônicas escritas por um anônimo intérprete oficial naval de *Warspite*, navio britânico no qual Dom Pedro I e sua família se refugiaram, em 1831, antes de navegar para Portugal, nas quais se identifica certo “preconceito” com relação à paixão de Dom Pedro I por terras, escravos e dinheiro, testemunho etnocêntrico compreensível, apesar do uso abusivo de anedotas e humor (FREYRE, 2011, p. 368). Apesar disso, são os anúncios publicitários que Freyre mais se dedica a analisar:

Os almanaques e registros comerciais do Rio de Janeiro, Bahia e Recife na primeira metade do século XIX eram cheios de nomes ingleses. Pessoas estabelecidas nas cidades mais importantes da costa brasileira com lojas de tecidos, instrumentos de ferro, pintura, louça e talheres, assim como fundições, oficinas, casas de leilão, escritórios, hotéis e fornecedores de navios. Havia ainda alguns médicos e professores de língua inglesa. Vários engenheiros, técnicos, governantas, dançarinos e mágicos (FREYRE, 2011, p. 129).

Registra, por conseguinte, o autor que os anúncios de comercialização de produtos e serviços ingleses mostram as transformações nos hábitos e no estilo de vida da população de classe média e da aristocracia brasileira daquele período, sobretudo, com relação à alimentação, à higiene, ao modo de se vestir, ao transporte, à recreação e à medicação. São listados alguns usos que vão desde lâminas de barbear, papel de parede, porcelana, manteiga, entre outros, apreciados anteriormente apenas por alguns brasileiros mais sofisticados de Pernambuco e Bahia que, desde o século XVI, conheceram produtos, também ingleses, tais como, chapéus e sapatos, introduzidos desde cedo pela ocupação holandesa. Todavia, ressalta Freyre (2011, p. 273), que foi apenas no século XIX que os brasileiros entraram em contato com os valores e a tecnologia da Europa setentrional, especialmente, da Inglaterra. Material esse que abastece sociólogos e historiadores com elementos que servem para estudar a penetração de uma cultura na outra (FREYRE, 2011, p. 272), mesmo que, em determinados momentos, o próprio Freyre considere que os anúncios de jornais sejam “irritantemente misteriosos”, pois divulgam apenas alguns aspectos das pessoas e dos eventos, deixando ainda mais curiosos os leitores para conhecerem a história por completo (FREYRE, 2011, p. 132).

Cabe salientar que esses elementos históricos relatados auxiliam, sobretudo, na compreensão do *macrocontexto* da relação entre o Brasil e Reino Unido, ou seja, intercâmbio esse que faz parte, como foi possível verificar na palavra dos autores, de um “reservatório” de *culturas vividas*. Considera-se, assim, que o interesse atual da imprensa britânica em cobrir o Brasil não é

algo novo, mas fator intrínseco a uma conjuntura cujas bases históricas são anteriores e constituídas por trocas socioeconômicas e culturais estabelecidas entre os dois países.

Atualmente, esse interesse mútuo permanece e reflete em publicações dos principais jornais de qualidade [tal como demonstra o cenário amplo da imprensa britânica e o *microcontexto* apresentado nas análises do jornal *The Guardian*, descritos nos próximos capítulos desta tese], que replicam acordos bilaterais, visitas de chefes de Estado e políticas públicas de cooperação internacional comuns.

Em consulta ao *site* do Ministério das Relações Exteriores do Brasil¹⁰², é possível obter uma cronologia das relações bilaterais entre os dois países desde 1824, quando o Reino Unido reconheceu a independência brasileira. Há ainda uma listagem dos Atos bilaterais cujo primeiro registro é de 1909. Não cabe listá-los, mas evidenciar que há uma história de trocas entre as duas nações que exprime continuidade e reciprocidade, sejam elas de questões da ordem das políticas internacionais tanto econômicas quanto culturais. Vale destacar que o Reino Unido tem dado suporte ao Brasil nas suas “batalhas” globais, inclusive, em 2003, anunciou apoio formal à “campanha” brasileira por assento permanente no Conselho de Segurança da ONU.

Em 2012, em visita ao Brasil, o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros do Reino Unido e da Comunidade Britânica, William Hague, foi recebido pelo Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Antonio de Aguiar Patriota, para dar início ao que chamaram de “Diálogo Estratégico Brasil-Reino Unido”, voltado à análise de temas de política externa e discussões bilaterais, buscando uma nova dinâmica do relacionamento entre os dois países¹⁰³. Passaram, desse modo, a mapear áreas de cooperação para os próximos quatro anos, entre as principais, estão: o desarmamento e a não-proliferação nuclear, a participação política e maiores oportunidades para os países do Oriente Médio e Norte da África, o compromisso com a erradicação da fome e da pobreza globais e a preocupação com as mudanças climáticas, a proteção aos direitos humanos, os progressos em áreas de comércio e de abertura bilateral, além do reconhecimento do programa “Ciência sem Fronteiras”. Para esse, a parte britânica comprometeu-se a acolher até 2014 cerca de 10 mil estudantes e pesquisadores brasileiros em 77 instituições do Reino Unido. Sublinhando, desse modo, a importância da cultura na relação bilateral.

¹⁰² Cf. <http://www.itamaraty.gov.br/temas/temas-politicos-e-relacoes-bilaterais>. Acesso em: 30 jan. 2013.

¹⁰³ Cf. <http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/comunicado-conjunto-por-ocasio-do-encontro-entre-o-ministro-das-relacoes-exteriores-antonio-de-aguiar-patriota-e-o-secretario-de-externo-dos-negocios-estrangeiros-do-reino-unido-e-da-comunidade-britanica-william-hague>. Acesso em: 30 jan. 2013.

5 AS REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NO JORNALISMO BRITÂNICO

Durante os anos que englobaram a elaboração desta tese, ou seja, de 2009 a 2013, empregaram-se diversas formas de aproximação ao objeto de estudo, desde uma revisão de literatura sobre o tema até o acompanhamento frequente das reportagens publicadas sobre o Brasil no *The Guardian*. Inicialmente, parecia um “navegar desorientado em um mar” de textos informativos sobre o Brasil na imprensa britânica em geral. Logo se percebeu a necessidade de compor um recorte consistente, um *microcontexto*, isto é, a escolha de um veículo específico que permitisse visualizar o *macro* [a prática jornalística britânica] e vice-versa. Tal entendimento foi concretizado mediante um recorte de matérias exclusivas que, tendo sido produzidas por um correspondente britânico sediado no Brasil, ilustram o fenômeno em questão.

A definição completa do *corpus* a ser analisado somente foi possível após a realização, em 2012, de parte desta pesquisa *in loco*, quando, com o auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES], por meio do Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior [PDSE] e da PUCRS, foi possível visitar, de janeiro a junho, daquele ano, os bancos de dados e os arquivos da biblioteca da *Nottingham Trent University*, instituição inglesa que também apostou nesta pesquisa e ofereceu a “sua casa” para o aperfeiçoamento desta.

Logo no primeiro contato com o material empírico, por meio do *database* NEXIS UK¹⁰⁴, verificou-se, em pesquisa preliminar, a presença de um número expressivo de textos sobre o Brasil por ano¹⁰⁵, conforme mostra o quadro da figura 2. Em cada um dos principais jornais britânicos listados, nas edições impressas, que circularam em Londres, nos últimos quatro anos, apenas utilizando como filtro a palavra “*Brazil*” foram registrados os seguintes números:

Jornais de qualidade	2009	2010	2011	2012*
<i>The Daily Telegraph</i>	712	1677	1513	1785
<i>Financial Times</i>	1464	2185	2046	1367
<i>The Guardian</i>	1053	1247	920	582
<i>The Independent</i>	672	940	703	583
<i>The Times</i>	2336	2014	1510	2268

Nota: 2012 abrange o período de 1º de janeiro a 14 de setembro de 2012, quando esta pesquisa foi realizada.

Fig. 2 – Quadro de matérias sobre o Brasil publicadas em jornais britânicos (2009-2012)

Fonte: NEXIS UK, Biblioteca da Nottingham Trent University

¹⁰⁴ Trata-se de um banco de dados que oferece acesso aos textos completos dos principais jornais mundiais em língua inglesa e/ou estrangeira, além daqueles locais, regionais e nacionais do Reino Unido em suas versões *on-line* e impressa. Permite ainda a combinação de vários filtros de conteúdo e de período de publicação.

¹⁰⁵ No universo levantado, não houve restrição quanto ao gênero jornalístico empregado, portanto, a referência aqui independe ainda do tipo de material computado.

Partiu-se, desse modo, de uma análise quantitativa das versões impressa e *on-line* [disponíveis separadamente nos bancos de dados da biblioteca] e da observação desse volume de textos como exame inicial para ratificar a propriedade do estabelecimento de critérios seletivos, que conduzissem a um *corpus* de análise viável e significativo para este estudo. Antes de estabelecer esses critérios, foi também necessário constituir mais dois procedimentos. Um deles revisou uma classificação editorial para compreender o tipo de material jornalístico que os principais veículos em circulação no Reino Unido oferecem aos seus leitores, pois há um contexto essencial a ser compreendido com relação à produção e à sua respectiva audiência. Assim sendo, buscou-se um entendimento teórico, por meio da revisão de literatura sobre a história da imprensa britânica¹⁰⁶, e um exercício prático de pesquisa, ainda que incipiente, de análise comparativa das matérias publicadas nos tabloides e nos jornais de qualidade, em janeiro de 2012, para identificar eventuais características que serviram, em seguida, para estabelecer os critérios seletivos.

Além desses, outro procedimento se preocupou em constituir um cenário mais amplo de análise qualitativa do material jornalístico e/ou analítico coletado ao longo dos anos e publicado nos principais jornais e revistas do Reino Unido, além da cobertura da rede BBC, a fim de compreender de que forma diversos veículos abordaram o Brasil. Buscou-se, nesse sentido, elencar apenas os considerados de relevância que, de forma análoga, comunicam para um leitorado britânico e internacional [*macrocontexto*]. Após, constituiu-se o processo de definição do *corpus* textual estudado. Dessa forma, apresentam-se os critérios de seleção adotados e a descrição detalhada do mesmo para, no capítulo seguinte, prosseguir com a análise dos dados [*microcontexto*], conforme a orientação metodológica descrita anteriormente.

5.1 CARACTERÍSTICAS EDITORIAIS DA IMPRENSA BRITÂNICA

Tradicionalmente, a imprensa britânica é reconhecida pela evidente divisão editorial dos seus diários. Diferenciados, inicialmente, por termos de referência característicos de formato – *tabloid* e *broadsheet*¹⁰⁷ –, ao longo dos anos essa separação passou a incorporar um sentido discursivo mais amplo, de estilo editorial, afastando-se da simples caracterização de dimensão.

¹⁰⁶ Conboy (2011); McNair (2003); Molina (2007).

¹⁰⁷ O *tabloid* é o tamanho mais popular de jornal no Reino Unido, com páginas de cerca de 430 mm de altura (16,9 polegadas) e 280 mm de largura (11 polegadas). Esse formato teve origem no início do século XX e foi aplicado aos jornais de tendência sensacionalista por ser mais portátil e de fácil manuseio. Nos últimos anos, mesmo os jornais tradicionalmente de formato *broadsheet*, ou seja, de 794 mm (29 ½ polegadas) e 597 mm (23 ½ polegadas), têm adotado medidas semelhantes, mas referenciando-se eufemisticamente como “compacto”. Ainda que com o passar dos anos esses formatos tenham tido conotações diferentes, esse último mencionado passou a representar um grau de informação superior em termos de análise e de conteúdo.

Em termos de circulação nacional, há uma subdivisão em três grupos de jornais: *heavyweights* [quality], *mid-market* e *red-tops*. Os principais *heavyweights* são o *The Daily Telegraph* [diário conservador, iniciou em 1855 como um jornal liberal], o *Financial Times* [diário liberal de caráter econômico-analítico de abrangência internacional]; o *The Guardian* [abertamente centro-esquerda, adotou a *internet* mais do que qualquer outro veículo]; *The Independent* [o mais recente jornal de qualidade lançado em 1986]; *The Times* [o mais antigo dos jornais britânicos, fundado em 1785 como *Daily Universal Register*, desde 1788 carrega o nome atual]. Ampliam essa lista as respectivas edições dominicais. São elas: *The Sunday Telegraph*, *The Observer*, *Independent on Sunday* e *The Sunday Times*. Todos esses veículos são também chamados de *quality newspapers*¹⁰⁸, classificação caracterizada pela quantidade substancial de reportagens sobre política e economia, com qualidade de análise e opinião editorial, que aborda ainda educação, artes e pautas em discussão.

Os jornais *mid-market* são aqueles intermediários, que se posicionam entre os *quality* e os populares, ou seja, pretendem oferecer mais informação e análise do que os populares, no entanto, estão fortemente marcados pela cobertura de entretenimento, moda e intrigas. Os principais são o *Daily Mail* e *Daily Express*.

Os *red-tops* representam o mercado de massa da imprensa britânica. Eles oferecem pouca informação de qualidade, basicamente intrigas, reportagens policiais sensacionalistas, cobertura esportiva e de entretenimento; lideram em número de leitores e vendas, conforme ilustrado a seguir¹⁰⁹: *Daily Mirror* [1.092.182, tabloide diário, único jornal nacional que apoia o Partido Trabalhista desde 1945], *Daily Star* [616.498, diário lançado em 1978 para competir com o *The Sun*] e *The Sun* [2.530.843, fundado em 1964, pertence ao grupo do magnata

¹⁰⁸ Merrill (2009, p. 16-7) ressalta que há um consenso em considerar que a qualidade do sistema midiático depende do grau de desenvolvimento nacional. Conforme salienta, existem diferentes concepções de qualidade jornalística no mundo, no entanto, estudos anteriores (MERRILL, 1968; MERRILL & FISHER, 1980 citados em MERRILL, 2009) apontaram um núcleo comum de requisitos para um jornal de qualidade: deve apresentar conteúdo aprofundado e sério; dar ênfase às relações internacionais e políticas sobre economia, ciência, religião e ideias; deve aproximar as notícias a uma visão cosmopolita e interconectada; deve contar com o *feedback* da audiência e material de convidados; estimular a crítica social, literária, artística e musical; isso tudo aliado a aspectos mais formais de discussão como, por exemplo, ser lido por líderes de opinião e diplomatas de vários países, ser citado em círculos jornalísticos e literários, utilizado em discursos de lideranças mundiais, além de ser composto por uma clara e efetiva apresentação tipográfica.

¹⁰⁹ Nesta tese, utilizam-se duas fontes de dados sobre a circulação dos veículos britânicos. Primeiro, busca-se apoio, sempre que disponível, nos próprios *websites* dos jornais, que divulgam dados oficiais, regularmente pesquisados pela *Audit Bureau of Circulations UK* [ABC], órgão sem fins lucrativos que, por meio de pesquisas quantitativas, gerencia os modelos e as tendências do mercado midiático britânico. No entanto, cabe ressaltar que se faz necessário ser assinante para acessar diretamente os relatórios atualizados publicados no *site* da ABC: <http://www.abc.org.uk>. Há também a revista *UK Press Gazette* [UKPG], voltada à mídia britânica, que atende, especificamente, ao mercado jornalístico e que publica esse tipo de dado, destacando análises dos principais jornais e revistas, baseando-se nos relatórios da ABC. Nesse caso, é possível consultar as últimas tendências mensalmente através do link: <http://www.pressgazette.co.uk/mediametrics>. Os dados citados no texto foram retirados da UKPG, edição de fev. 2012, p. 44, e referem-se aos números de dezembro de 2011 [Anexo A].

australiano *Rupert Murdoch News Internacional*]. Importante mencionar também o recentemente extinto jornal dominical *News of the World*, do mesmo grupo, que liderava o mercado até ser fechado em julho 2011 devido ao escândalo das escutas telefônicas¹¹⁰.

Há também um amplo mercado de revistas especializadas, voltadas a diferentes grupos de leitores, que podem, de algum modo, representar também essa divisão – femininas, masculinas, informática/*internet*, esporte, motores, humor, entre outros. É importante destacar o nicho de economia e de mercados, no qual a tradicional *The Economist* se destaca¹¹¹, oferecendo conteúdo informativo de qualidade, comentário político-econômico e análises nacional e internacional.

Vale ressaltar que, em termos acadêmicos, esses “rótulos”, embora forneçam uma ideia de diferenciação no modo de produção e de recepção de notícias no contexto em questão, se analisados atentamente, levantam outras lacunas, frequentemente problematizadas por estudiosos do campo. Connell (1998), por seu turno, avalia conceitos que versam sobre duas perspectivas distintas, seja aquela da “polarização” (SPARKS, 1992) entre *tabloid* e *broadsheet* – conforme a lógica dos dados apenas descritos – ou da visão que trata da “homogeneização” (FRANKLIN, 1997), ao considerar que o jornalismo de baixa qualidade estaria se espalhando pela mídia de modo geral.

Connell (1998), ao revisar a discussão, aponta que o debate sobre “tabloidização” não compara objetos de mesma ordem, o que leva a resultados frequentemente equivocados. Na

¹¹⁰ O caso do jornal dominical mais vendido do país desencadeou um inquérito na Justiça da Grã-Bretanha sobre as violações éticas na mídia. O chamado de “Inquérito Leveson”, aberto em novembro de 2011, depois que o *News of the World* admitiu ter interceptado mensagens de telefone de pessoas famosas, contou com duas etapas: uma investigou as relações entre a imprensa, políticos e a polícia, e a conduta de cada um, com o objetivo de analisar até que ponto o atual regime regulatório foi insatisfatório ao verificar se houve falhas em agir com relação a alertas prévios sobre má conduta da imprensa; a outra analisou a conduta ilegal ou imprópria por parte da *News International* e de outras empresas de comunicação. O resultado das investigações, encerradas em novembro de 2012, deu origem a um documento que recomenda a criação de um órgão independente regulador, que apoie a integridade, a liberdade de imprensa e estimule padrões profissionais de ética. Esse está sendo levado ao debate parlamentar a fim de que as leis que regulamentam a imprensa no país sejam reformuladas. Atualmente, a imprensa britânica é autorregulada pela Comissão de Reclamações sobre Imprensa [PCC, sigla em inglês], órgão custeado pelos próprios veículos de comunicação e com poderes apenas para fazer recomendações. Esses e outros detalhes sobre o caso estão disponíveis em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120426_murdoch_midia_jp.shtml (Acesso em: 14 jul. 2012); em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121129_leveson_conclusoes_pai.shtml (Acesso em: 2 dez. 2012); também no *site* oficial: <http://www.levesoninquiry.org.uk/> (Acesso em: 26 nov. 2012).

¹¹¹ Em 2011, sua circulação mundial foi de 1.486.838. No Brasil, atingiu 6.849 entre janeiro e junho daquele ano (<http://www.economistgroupmedia.com/planning-tools/circulation/>. Acesso em: 12 jun. 2012). Cabe ainda destacar que a revista brasileira *Carta Capital* tem divulgado traduções de artigos semanais e cadernos especiais produzidos pela revista britânica, mediante contrato de exclusividade em vigor desde março de 2009.

Inglaterra, ele defende, por exemplo, que o que se entende por “*fabulous reportage*”¹¹² não pode ser relacionado de igual para igual com o discurso noticioso, pois se trata de outro gênero.

Uma válida aferição entre o discurso noticioso nos *tabloids* e o discurso noticioso nos *broadsheets* do Reino Unido, empregada pelo autor, evidencia diferenças cruciais. A principal delas mostra que o “clássico” discurso jornalístico não tem sido “tabloidizado”, pelo contrário, comumente tematiza as questões nacionais ao descrever as relações internacionais por meio das pretensões realistas de importantes atores do mundo político, territorialmente organizado em entidades; ao passo que a “*fabulous reportage*” é mais cosmopolita, pois a relação dependente com o entretenimento a torna mais autônoma no que diz respeito ao pertencimento nacional (CONNELL, 1998, p. 29).

Independentemente da discussão proposta pelo autor, os termos colocados, ou seja, que destacam as características discursivas dos *tabloids* e dos *broadsheets*, servem neste estudo para empregar uma observação análoga, evidenciada a partir do exame dos títulos publicados na imprensa britânica, em janeiro 2012, tendo em vista o conteúdo veiculado nos tabloides e nos jornais de qualidade¹¹³.

Daily Mirror, *Daily Star*, *The Sun*, em pesquisa nos respectivos *websites*, a partir da palavra “*Brazil*”, apresentaram pautas semelhantes. A maioria das matérias tratou de esporte, sobretudo futebol, as demais cobriram celebridades visitando o país, violência e incidentes trágicos, tal como o suposto estupro ao vivo no *reality show* Big Brother Brasil, o colapso dos prédios no centro do Rio de Janeiro e a intoxicação de britânicos por causa de melancia importada do Brasil. Seguem abaixo alguns exemplos, a título de ilustração:

Prince Harry to visit Brazil on behalf of charities in March [Príncipe Harry em visita ao Brasil] – **Daily Mirror** – 19/01/2012

Retro Kelly is all go in Brazil – glowing Kelly Brook shows off her va-va-voom curves in a vintage bikini [Kelly retrô se solta no Brasil – Kelly

¹¹² O autor salienta que há uma série de confusões em torno do termo, que leva a um entendimento de uma forma de jornalismo vulgar e degradado. Nesse sentido, destaca que esse tipo de reportagem não pretende ser discurso noticioso e, portanto, não deve ser discutida a partir dos mesmos critérios (CONNELL, 1998, p. 12).

¹¹³ Para essa pesquisa comparativa, predominaram dois tipos de fonte de consulta. No caso dos jornais de qualidade, *The Guardian* e *FT*, foi utilizado o acervo impresso, pois os exemplares dos três últimos meses encontravam-se completos e à disposição na biblioteca da *Nottingham Trent University*, no período da pesquisa *in loco*, ou seja, a partir de janeiro de 2012. Esse momento representou o estabelecimento de uma primeira aproximação aos jornais e a conseqüente observação de características editoriais dos mesmos. Os demais jornais, também de qualidade, *The Times* e *The Daily Telegraph*, foram consultados apenas em parte, em suas edições impressas, empregando-se pesquisa basicamente no acervo *on-line*, pois faltavam algumas edições na biblioteca. No caso específico dos tabloides, a única fonte utilizada foram os respectivos *websites*, dado que normalmente não são assinados e/ou arquivados em *databases* eletrônicos, nem mesmo pela biblioteca por meio de edições impressas.

Brooks exhibe suas curvas sensuais num biquíni de época] – **Daily Mirror** – 06/01/2012

Rapper Aggro Santos denies 2 rapes [Rapper Aggro Santos nega dois estupros] – **Daily Star** – 06/01/2012

Harry to visit Brazil for Jubilee [Harry em visita ao Brasil para o jubileu] – **Daily Star** - 18/01/2012

Six die in Rio building collapse [Seis morrem em desmoronamento de prédio no Rio] – **The Sun** – 27/01/2012

Brazilian Big Brother girl 'raped on live television' [Garota do Big Brother Brasil é violentada ao vivo na televisão] – **The Sun** – 17/01/2012

Essa observação, direcionada à cobertura do Brasil, ratifica questões descritas pelo autor (CONNELL, 1998), ao identificar que os tabloides, de modo geral, abordam temáticas mais específicas de interesse humano, não enviam correspondentes ao país, pois a maioria dos textos publicados e das ilustrações origina-se de material de agências noticiosas e arquivos, mesmo em casos de pautas factuais. Diante disso, focam-se em histórias personalizadas e eventos e, se cobrem relações político-econômicas, ainda assim, endereçam os textos a celebridades, pois tendem a se abster do cidadão comum, além de ressaltarem tragédias, crimes e frivolidades. Nos exemplos identificados na cobertura brasileira, as pautas condizem com tal tipificação, fator esse que evidencia que o material jornalístico é oriundo de despachos de agências noticiosas, pois não se verifica a presença de textos exclusivos sobre o país, assinados por correspondentes no local.

O tabloide *Daily Mirror* publicou 14 matérias especificamente sobre o Brasil no mês pesquisado, isto é, em janeiro de 2012. Neste universo, observa-se o predomínio de pautas sobre personalidades britânicas em visita ao país, nas quais há sempre referência a elementos generalistas ligados à cultura gastronômica e territorial brasileira, tais como, água de coco e praias; e também sobre esportes, principalmente futebol e olimpíadas, associando a de Londres, em 2012, com a próxima, que deve ocorrer, em 2016, no Rio de Janeiro.

Embora tenha abordado a visita do príncipe inglês e a violência sexual na televisão brasileira, nas sete matérias encontradas, o *Daily Star* volta-se à cobertura esportiva, destacando os jogadores brasileiros que atuam em times da Inglaterra. Já o líder de audiência, o *The Sun* [ver Anexo A], nos nove textos sobre o Brasil, aborda exclusivamente celebridades em viagens ao país, sempre associando os personagens famosos às praias brasileiras, ou então à violência, incluindo as tragédias e os destaques brasileiros no futebol inglês.

Vale salientar, contudo, a cobertura do *site* do jornal intermediário *Daily Mail* sobre o país, que registra um volume maior de publicações, isto é, 37 textos: 13, sobre o universo esportivo, isto é, futebol, olimpíadas e outros esportes; sete, sobre meio ambiente [principalmente Amazônia]; seis matérias, sobre celebridades do mundo da moda em aparições no Brasil; duas, sobre economia. O restante é composto por textos diversificados, que remetem, porém, a acidentes, a violência e a irregularidades associadas à sexualidade, conforme é possível observar nos títulos abaixo¹¹⁴:

*He's got his knickers in a twist: Brazilian councillor proposes law demanding **brides wear underwear** when they marry* – [Ele ficou enfurecido: vereador brasileiro propõe lei que obriga noivas a vestir roupas íntimas quando se casam] – 10/01/2012

The jail in danger of collapse... because prisoners have dug so many escape tunnels [Presídio em risco de desabamento... devido a tantos túneis cavados por presidiários em tentativas de fugas] – 13/01/2012

*Bungling paint thieves leave a trail of brilliant white **footsteps straight to their hideout*** [Ladrões atrapalhados deixam rastro de pegadas brancas brilhantes de tinta direto do esconderijo] – 18/01/2012

*Housemate on Brazilian version of **Big Brother** was 'raped on live TV' after alcohol-fuelled party* [Participante da versão brasileira do Big Brother foi 'violentada ao vivo' após festa regada a álcool] – 18/01/2012

University investigated after using state funds to buy 2,000 'educational' sex toys... for just 40 medical students [Universidade é investigada após usar verbas do estado para comprar 2000 brinquedos sexuais 'educativos'... para apenas 40 estudantes de medicina] – 25/01/2012

*Is this the world's clumsiest **bank robber**? Moment armed raider shoots himself in the foot* [Seria este o ladrão de banco mais desajeitado do mundo? Moment armado atira no próprio pé] – 26/01/2012

*More than 24 feared dead as two multi-storey buildings collapse after **explosion in centre of Rio*** [Mais de 24 podem ter morrido em desabamento de dois edifícios depois de explosão no centro do Rio] – 26/01/2012

*Fancy seeing you here! Father and son reunited after 17 years after they're **both arrested and brought to same police station*** [Legal te encontrar aqui! Pai e filho se reencontram 17 anos depois de terem sido presos e levados para a mesma delegacia de polícia] – 30/01/2012 [grifos da autora]

Observa-se, contudo, que os tabloides e o jornal intermediário, ao cobrirem o Brasil, destacam pautas que generalizam características do país, associando-o frequentemente a

¹¹⁴ Cf. *Daily Mail archive* disponível em: http://www.dailymail.co.uk/home/sitemaparchive/month_201201.html. Acesso em: 12 jun. 2012.

elementos que representam a criminalidade, a sexualidade, o meio ambiente, além da atenção evidente aos esportes¹¹⁵.

Considerando as pautas publicadas nos jornais de qualidade em suas versões impressas, no mesmo período, sobre o Brasil, verifica-se que o discurso noticioso, conforme Connell (1998), é trabalhado de modo “tradicional”, ou seja, esses periódicos oferecem um jornalismo analítico e tratam de temas dirigidos ao público leitor que pretendem atingir. O *Financial Times*, por seu turno, publica na sua versão impressa somente material exclusivo, com conteúdo jornalístico assinado por repórteres sediados no Brasil e/ou editores na Inglaterra. O texto, geralmente, é analítico e de cunho econômico, inclui avaliação de mercado, a partir de grandes empresas brasileiras e reportagens especiais sobre atuação do governo brasileiro em suas relações internacionais e políticas internas. Das sete reportagens publicadas, destaca-se a seguir dois exemplos que ilustram a questão, assinados por Joe Leahy¹¹⁶:

A high-flyer now flags [Analysis] [Luz de alerta em voo alto – Análise] – 11/01/2012

Vale proposes 50% leap in minimum dividend pay-out [Vale propõe salto de 50% no pagamento mínimo de dividendos] – 18/01/2012

Por não ser especializado somente em economia e política, o *The Guardian*, além de apresentar material jornalístico elaborado e assinado por correspondente, trabalhou pautas factuais e relacionadas ao debate manifesto no país naquele momento, inclusive as abordagens publicadas nos jornais locais brasileiros são referenciadas e, por vezes, citadas nos textos do então correspondente Tom Phillips¹¹⁷. Questões políticas, sociais e culturais são colocadas em discussão, ao todo foram encontradas seis matérias no período observado:

China's latest export: football player to Brazil [A última exportação chinesa: jogador de futebol para o Brasil] – 03/01/2012

Made in Rio: Brazil's millionaire women [Produzido no Rio: mulheres milionárias do Brasil] – 04/01/2012

¹¹⁵ Cabe esclarecer que essa cobertura esportiva não trata exclusivamente de eventos que ocorrem no Brasil, com a exceção de inferências sobre os jogos olímpicos, quando o Brasil, sucederá Londres, em 2016, mas principalmente da citação de atletas brasileiros que atuam no contexto esportivo britânico e/ou europeu.

¹¹⁶ Ele é o chefe do escritório brasileiro do FT. Além da reportagem, gerencia um *blog* no *site* do jornal intitulado *Beyondbrics*. Disponível em: <http://blogs.ft.com/beyond-brics/author/joeleahy>.

¹¹⁷ Após ter trabalhado sete anos como correspondente no Rio de Janeiro para o *The Guardian*, o jornalista deixou o cargo em meados de março de 2012 para assumir a função de correspondente em outro jornal de qualidade, o *The Daily Telegraph*, em Xangai, na China.

Cuban blogger appeals to Brazil's president for help to leave the island
[Blogueira cubana apela à presidente do Brasil por ajuda para deixar a ilha]–
06/01/2012

Police storm São Paulo slum in eviction row [Ação da polícia de São Paulo
coloca favela na linha de despejo] – 24/01/2012

Three dead and 16 missing as three buildings collapse in Rio [Três mortos e
16 desaparecidos em desabamento de três prédios no Rio] – 27/01/2012

Brazil's first openly gay MP takes his fight to the right [Primeiro deputado
homossexual assumido do Brasil leva a sua luta para a legalização] –
28/01/2012

Os jornais *The Times* e *The Daily Telegraph* revelaram as seguintes características: o primeiro publicou sete textos analíticos no período sobre países em desenvolvimento e economia. Além desses, produziu cobertura esportiva, abordando jogadores brasileiros que atuam na Inglaterra. Já o segundo, elaborou três breves reportagens sobre as economias emergentes [BRICs] nas quais incluiu o Brasil. Individualizou-se também uma matéria sobre sugestões de roteiros turísticos no país e, ainda, outras duas destacando celebridades inglesas e brasileiras, além de ter tratado em outras duas de esportistas brasileiros [F1 e futebol].

Em ambos os veículos, não há evidência de correspondentes sediados no Brasil. De forma semelhante, o jornal *The Independent*, também de qualidade, não registrou matéria específica sobre o Brasil no período analisado. O país foi apenas citado em textos genéricos sobre o BRIC.

Uma vez concluída a observação do contexto editorial britânico, em termos de tipagem de jornais, a presente pesquisa passou a focar um cenário mais amplo de observação da imprensa do Reino Unido de qualidade, considerando também o papel desempenhado no mercado editorial internacional. É possível verificar que, além dos já mencionados, outros veículos britânicos passaram a investir e a publicar com frequência material exclusivo sobre o Brasil.

Desde a composição do BRIC em 2009, observa-se um grande interesse em abordar o país regularmente, apresentando textos analíticos de especialistas colaboradores, encartes ou reportagens especiais. Os exemplos variados, relacionados a seguir, circularam para um leitorado britânico e internacional em língua inglesa¹¹⁸.

¹¹⁸ Ressalta-se neste sentido que tal interesse tem sido registrado pela imprensa brasileira, a título de exemplificação, aponta-se a reportagem especial do jornal *Zero Hora* – “O novo Brasil que o mundo vê” –, assinada pelo jornalista Itamar Melo e publicada em 25 de setembro de 2011.

A icônica capa da revista *The Economist*¹¹⁹, por seu turno, publicada em novembro de 2009¹²⁰ [Fig. 3], e também a sua cobertura semanal sobre o Brasil, produzida a partir da atuação de uma equipe de jornalistas, editores e da correspondente em São Paulo, Helen Joyce, são registros impossíveis de se deixar de mencionar.



Fig. 3 – Capa da revista *The Economist*
Fonte: *The Economist* edição impressa

A edição em tela, por exemplo, trouxe, além de um caderno especial de 14 páginas exclusivamente de conteúdo informativo sobre o país, um texto editorial intitulado *Brazil takes off* [Brasil decola] no qual destacou que o ceticismo com relação ao país era algo do passado, ou então, um elemento a ser revisto, já que encontrava-se ao lado das demais economias emergentes. O artigo salienta, todavia, pontos positivos brasileiros relacionados às características de seus parceiros:

Unlike China, it is a democracy. Unlike India, it has no insurgents, no ethnic and religious conflicts nor hostile neighbours. Unlike Russia, it exports more than oil and arms, and treats foreign investors with respect. Under the

¹¹⁹ Esse mesmo caderno especial foi objeto de estudo da autora em ensaio intitulado *Stuart Hall e o viés semiótico na complexificação das práticas de representação* [2013], cuja publicação encontra-se no prelo. No ensaio, a capa da revista foi tomada como exemplo de representação de elementos brasileiros de caráter simbólico, ou seja, identificou-se que o significado registrado pela revista não depende apenas das condições de produção dessa, mas da função simbólica no contexto em que circula. Observou-se, ainda, que as representações da revista britânica assinalam marcas fragmentadas da cultura nacional que, se analisadas em conjunto, exibem referências de uma identidade brasileira estabelecida historicamente.

¹²⁰ A edição impressa [14 nov. 2009, v. 3931, n. 8657] está também disponível *on-line* em: <http://www.economist.com/node/14829485>. Acesso em: 2 set. 2012.

presidency of Luiz Inácio Lula da Silva, a former trade-union leader born in poverty, its government has moved to reduce the searing inequalities that have long disfigured it. The Economist (14 nov. 2009, p. 15).

[Diferentemente da China, é uma democracia. Ao contrário da Índia, não possui rebeldes, conflitos étnicos e religiosos e nem vizinhos hostis. Diferente da Rússia, exporta mais do que apenas petróleo e armas, e ainda trata os investidores estrangeiros com respeito. Sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, ex-líder sindicalista que nasceu na pobreza, mobilizou-se para reduzir as desigualdades marcantes que desde sempre o desfiguravam].

O editorial evidencia ainda que o Brasil encontrava-se naquele momento quase que em uma condição “arrogante”, adjetivo esse empregado para demonstrar a situação do país que se salientava diante dos outros componentes do grupo econômico. O texto imprime, no entanto, um questionamento sobre o contexto de crescimento, que surgiu anos antes, e que no momento de transição de governo [Lula-Dilma Rousseff] demandava cautela. Esses e outros temas são aprofundados nas reportagens que compõem a edição especial, nas quais os problemas econômicos e sociais brasileiros não deixam de ser discutidos.

As pautas variam entre setores de investimento e de mercado, apresentam gráficos, ilustrações [fotos de pessoas nas praias cariocas, líderes de governo antagônicos se cumprimentando lado a lado e trabalhadores do setor financeiro]. Expõe, inclusive, uma breve relação de crises históricas que influenciaram o país até se chegar à crise financeira desencadeada mundialmente em 2008, disso resulta o fortalecimento de empresas de capital nacional que passaram a competir no exterior. Inclui nas temáticas o setor de *commodities* e o reconhecimento internacional de empresas brasileiras, tais como, Petrobras e Embraer.

Além disso, destaca os investimentos estrangeiros no Brasil e o crescimento da classe média no país, derivando no aquecimento do mercado consumidor brasileiro. Contudo, é possível perceber que essa visibilidade é fruto de iniciativas de sucesso, de crescimento econômico, sejam elas oriundas do mercado, de empresas ou mesmo consequência de alguma atuação política. As fontes consultadas são geralmente de institutos de pesquisa e/ou representantes do setor em questão. Registram-se, desse modo, evidências de posicionamento brasileiro apresentadas pelos analistas contemporâneos (conforme BERNAL-MEZA, 2010) no capítulo anterior.

Vale lembrar que *The Economist* é uma revista semanal inglesa, impressa toda a quinta-feira simultaneamente em seis países e encontra-se disponível nas bancas das principais capitais mundiais. Leitores dos mais variados lugares recebem o mesmo conteúdo editorial, somente a publicidade pode se diferenciar. A ordem das seções e a capa podem ser

alteradas, mas o conteúdo jornalístico é sempre igual. Apenas os leitores britânicos podem, eventualmente, contar com páginas extras de cobertura local.

De acordo com *Audit Bureau of Circulations UK/US* [jul./dez. 2011], a revista registrou um aumento de sua circulação mundial – aproximadamente 1,5 milhão – número que inclui as versões impressa e *on-line*. O veículo possui a característica de não assinar os textos por defender que o “conteúdo é mais importante do que quem o escreve” e devido ao fato de que seus jornalistas, frequentemente, cooperam entre si, além de, muitas vezes, terem seu material submetido à severa edição.

Estabelecida em 1843 para cobrir questões cotidianas e internacionais, em mais de 150 anos, *The Economist* nunca deixou de circular e de defender os princípios de seu fundador James Wilson. Desde 1928, metade de seu capital pertence ao *Financial Times Group*, corporação subsidiária da *Pearsons PLC*, e a outros investidores. Contudo, cobre política, negócios, ciência e tecnologia, além de livros e arte. Em seu *site*, encontram-se artigos publicados nos últimos dez anos e conteúdo produzido exclusivamente para o *on-line*, em formato de *blogs*, áudio ou vídeo¹²¹.

A emblemática entrevista publicada em áudio, em inglês, e versão editada em texto com o ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso, em janeiro de 2012, demonstra como a revista tem aproveitado material informativo exclusivo em diferentes formatos para ser veiculado no *site*. Nessa entrevista, correspondente e entrevistado discutem os desafios brasileiros e a crescente figuração de poder do país no cenário global¹²².

Outro exemplo é um ensaio publicado, em março de 2011, pela *London Review of Books* [LRB]. Intitulado *Lula's Brazil* [O Brasil de Lula]¹²³, é o terceiro de uma série de análises produzidas por Perry Anderson¹²⁴ sobre o país¹²⁵. No ensaio, o autor destaca a

¹²¹ Essas e outras informações editoriais podem ser consultadas no *site* do veículo, disponível *on-line* em: <http://www.economist.com>.

¹²² Essa edição está disponível *on-line* em http://www.economist.com/blogs/americasview/2012/01/fernando-henrique-cardoso-brazils-future-0?fsrc=gn_ep. Acesso em: 12 set. 2012.

¹²³ Cf. LRB, 2011, v. 33, n. 7.

¹²⁴ Perry Anderson é um historiador marxista londrino, professor emérito do Departamento de História da Universidade da Califórnia [UCLA], em Los Angeles, e editor da *New Left Review*. É irmão do também historiador, já citado nesta tese, Benedict Anderson. Sua formação política data de 1956, quando ingressou na Universidade de Oxford e passou a militar em grupos de esquerda da faculdade. Cf. <http://www.history.ucla.edu/people/faculty?lid=252>. Acesso em: 13 set. 2012.

¹²⁵ Há registro de, pelo menos, outros dois ensaios do mesmo autor sobre a política brasileira e seus governantes no banco de dados *on-line* da revista: o primeiro, *The dark side of the Brazilian conviviality*, publicado em 1994 (v. 16, n. 22, p. 3-8), trata da eleição de Fernando Henrique Cardoso e o processo de democratização no Brasil, passando pela ditadura, o governo de Fernando Collor de Mello e as disputas eleitorais do então líder metalúrgico do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. O outro, *The Cardoso legacy*, de 2002 (v. 24, n. 24, p. 18-22), discorre sobre o legado deixado por FHC e as expectativas quanto à eleição de Lula. Os dois textos levam em consideração as relações históricas brasileiras com os outros países América Latina e, também, com aqueles do desenvolvido Hemisfério Norte.

capacidade de Lula de terminar o seu segundo mandato com um índice de cerca de 80 por cento de aprovação dos cidadãos brasileiros. Certamente, aponta, “acima de qualquer critério, Lula é o mais bem-sucedido político de seu tempo” (2011, p. 3). No entanto, o ensaio não é composto apenas por elogios a um governante que deixa o cargo, destaca, sobretudo, que os dois mandatos Lula não foram de sucesso pleno. Conforme descreve, já no primeiro ano de gestão – após ter enfrentado o descrédito do mercado financeiro internacional diante da nova conjuntura política – seu governo quase entrou em colapso devido à descoberta de corrupção ligando o alto escalão à compra de votos de deputados em favor de projetos do executivo. Esse esquema se tornou público e ficou conhecido como “*Mensalão*”. Os envolvidos foram julgados somente em 2012. Isso acabou, de certo modo, por abalar a credibilidade do Partido dos Trabalhadores (PT), mas não de seu líder, pois o comprometimento de Luiz Inácio Lula da Silva com os pobres era mais representativo do que o escândalo deflagrado.

O autor expõe ainda, de forma sistemática, que os programas sociais implementados, desde o *Fome Zero* até o *Bolsa Família*, cujos custos foram menores do que seu impacto político, portavam uma “mensagem simbólica”: o Estado brasileiro efetivamente se preocupa com seus cidadãos; não importa quão miseráveis sejam, eles possuem direitos sociais. Entretanto, ao finalizar, o ensaio destaca, também, as características do segundo mandato de Lula, no qual as relações internacionais implementadas, diante da crise econômica mundial, deflagrada em 2008, colocaram novamente o Brasil em cena. Acrescenta-se a isso a composição do BRIC, em 2009, fator esse que, segundo Anderson, foi a consagração do novo posicionamento brasileiro no contexto mundial, tal evidência corrobora a descrição de Bernal-Meza (2010) já referenciada no capítulo anterior.

É importante salientar, no entanto, que o texto de Anderson é mais profundo e analítico de quanto possa ter sido aqui exposto, porém, o que neste momento interessa identificar é a representatividade do tema [Brasil], publicado em uma revista que prima pela tradição de trabalhar com ensaios intelectuais e literários em inglês, produzidos por acadêmicos, escritores e jornalistas. As edições tratam, geralmente, de diferentes objetos, variando entre comentários políticos, análises científicas, embasamentos históricos, entre outros, que podem ser trabalhados por meio da crítica literária ou amarrados à antropologia social, entre outras abordagens.

A LRB foi fundada em 1979 e conta com um número expressivo e variado de colaboradores que, para participar, devem combinar atualidade com profundidade, erudição com boa escrita. Declara-se “favorável em receber ideias desafiadoras”, no entanto, o espaço fornecido aos autores não valoriza avaliações pessoais sobre um determinado tema, mas a

contribuição efetiva de um novo “trabalho” apresentado a partir de diferentes perspectivas. Disso resulta também seu leitorado, pois registra a maior circulação – se comparada a qualquer outra revista literária europeia [conforme ABC/2010 possui 53.215 leitores] – o que significa apontar que, também fora do Reino Unido, apresenta certa dimensão e reputação de alcance mundial¹²⁶.

Faz-se necessário mencionar ainda outra produção, que, mesmo independente, foi colocada em circulação junto ao caderno *Business* do jornal *The Daily Telegraph*, em junho de 2012, por ocasião da Rio+20¹²⁷. Trata-se de uma parceria entre o veículo e a empresa de comunicação *Image Diplomacy* [iD]¹²⁸, sediada em Dublin, na Irlanda. O caderno especial, de quatro páginas, entre outras questões, coloca em discussão o papel do Brasil, país de dimensão continental, no cenário mundial. Em termos gerais, aponta-se que o território é, ao mesmo tempo, “uma bênção e uma maldição”, pois se, por um lado, o espaço e as condições climáticas possibilitariam que o Brasil “alimentasse o mundo”, de outro, a implementação do policiamento de proteção ambiental é ainda uma demanda desafiadora.

Ao utilizar recursos editoriais e infográficos, os jornalistas não somente introduzem as pautas, como também destacam iniciativas e características particulares sobre o país. Sob a cartola *Agribusiness* [agronegócio], exploram-se as potencialidades brasileiras no mercado internacional, destacando que o país é recordista mundial em exportação de produtos desse setor, tais como a laranja (81,30%), o café (27,98%), o açúcar (41,98%), a soja (35,61%) e o frango (42,24%); salienta também que, com relação à produção dos três primeiros citados, o Brasil é líder mundial absoluto.

Com a cartola *Energy* [energia], identificam-se os recursos energéticos à disposição no país. Ao se tratar de “energia limpa”, demonstra-se que, sobre esse aspecto, o Brasil também é destaque, pois quase a metade de sua produção é renovável [47,2%]. As fontes de informação consultadas para a produção das matérias são profissionais brasileiros atuando em diferentes frentes, como, por exemplo, o presidente da Eletrobrás, José Costa, o ex-presidente da Shell do Brasil, Vasco Dias, além de dados de pesquisas da Fundação Getúlio Vargas [FGV].

Finalizando a edição, identifica-se uma página inteira sobre as relações bilaterais entre o país e o Reino Unido. Vale destacar um trecho que aponta empresas britânicas já atuando no Brasil, ratificando a ideia de mercado potencial para novos investidores:

¹²⁶ Cf. <http://www.lrb.co.uk>. Acesso em: 13 set. 2012.

¹²⁷ Conferência das Nações Unidas, realizada em junho de 2012, no Rio de Janeiro, para discutir políticas comuns em torno da questão do desenvolvimento sustentável.

¹²⁸ Empresa de propriedade do italiano Gabriele Villa e da britânica Sorcha Hellyer, que trabalham há mais de dez anos com iniciativas no campo da comunicação internacional. Outras informações podem ser obtidas em <http://www.imagediplomacy.com>. Acesso em: 16 set. 2012.

As Brazil rises in the rankings of the world's most powerful economies and the population's middle class increases by the day, it is not surprising that the UK government has renewed its commitment to the country, with increased diplomatic presence and an impressive number of high-profile visits. The UK already features prominently in the economic landscape as Brazil's 4th largest investor. Big names like BG, BP, Rolls Royce and Shell are all speculating substantial amounts. [...] Many other opportunities exist and UK companies should not be tardy in entering the market since numerous countries are eyeing Latin America's most populous nation and being far more bullish.

[Enquanto que o Brasil sobe no ranking das economias mais poderosas do mundo e a classe média da população aumenta diariamente, não é surpreendente que o governo do Reino Unido tenha renovado seu compromisso com o país, com o aumento de sua presença diplomática e um número impressionante de visitas importantes. O Reino Unido já aparece proeminente no panorama econômico como quarto maior investidor do Brasil. Grandes nomes como BG, BP, Rolls Royce e Shell estão todos especulando quantias substanciais [...]. Existem muitas outras oportunidades e as companhias (britânicas) não devem tardar em entrar no mercado já que vários países já estão de olho na nação mais populosa e otimista da América Latina].¹²⁹

Fotografias de personalidades brasileiras e britânicas, governantes e representantes de empresas dos setores público e privado, assim como a publicidade veiculada – pois a edição também apresenta anúncios ligados aos mesmos – são dispostas nas páginas para ilustrar e evidenciar o potencial brasileiro em termos de investimentos financeiros e negócios.



Fig. 4 – Capa do caderno especial do *Telegraph*
Fonte: *The Daily Telegraph* website

¹²⁹ Cf. Brazil Feature 2012. Celebrating all that is great. *The Daily Telegraph*/iD, p. 4.

Fundado na metade do século XIX, por Lieutenant Colonel Arthur Sleigh, o jornal *The Daily Telegraph* é, atualmente, o diário *quality* de maior circulação entre os leitores britânicos. Conforme ABC/Press Gazette¹³⁰, a circulação do veículo encontra-se em torno de 580 mil, sendo seguido pelo seu principal concorrente *The Times*, com uma média de 400 mil exemplares. Esse leitorado é, tradicionalmente, reconhecido por ser composto por apoiadores do Partido Conservador britânico, identificado pela nítida ligação entre editores e líderes políticos desse.

Em se tratando de cenário midiático britânico, impossível deixar de aludir ao seu modelo público de referência mundial e, nesse sentido, ao papel crucial desempenhado pela BBC. Desde os primórdios das transmissões, a BBC é reconhecida internacionalmente pela qualidade de suas produções, que se espalham pelo mundo através de vários serviços, elaborados em diversos idiomas [antes para rádio e televisão e, desde final dos anos 1990, também para *internet*, espaço midiático no qual os demais convergem atualmente].

Fundada, em 1922, por um grupo de seis empresas de telecomunicações com o nome de *British Broadcast Company* para fins de transmissões experimentais, tornou-se, em janeiro de 1927 – quando o modelo público foi incorporado concretamente pela Carta Real – *British Broadcast Corporation* [BBC]. Em 1932, surgiram as transmissões televisivas em caráter experimental, as quais ganham regularidade quatro anos depois (LEAL FILHO, 1997)¹³¹.

Em estudos anteriores (DALPIAZ, 2011, 2012), foi possível identificar, a partir do caso brasileiro, as práticas culturais combinadas às políticas de desenvolvimento, estruturação e expansão da BBC em quase um século de atuação em jornalismo. Observaram-se pelo menos três fases, das quais o Serviço Brasileiro participou, que caracterizaram a passagem da BBC do *broadcast* para uma cultura digital. As bases do Serviço Brasileiro foram lançadas ainda no início dos anos 1930, com transmissões em inglês de Londres em ondas curtas. Em 1938, foi inaugurado o Serviço Latino-Americano de rádio, em espanhol e português.

Durante e depois da Segunda Guerra, a BBC passou a fazer frente à expansão nazista e fascista no território sul-americano e, em seguida, de 1964 a 1985, também se manifestava contra a ditadura em vigor no Brasil, denunciando abusos políticos. A década de 1980 foi marcada por uma reestruturação e parcerias com emissoras locais. Em 1999, lançou o *site*¹³² e, em 2000, a marca BBC Brasil. Em 2005, a extinção do serviço de rádio em ondas curtas deu

¹³⁰ Fontes: *Press Gazette*, fev. 2012, p. 44 [Anexo A]; ABC, dados de agosto 2012 indicam que permanece igual; BBC NEWS <http://news.bbc.co.uk/1/hi/uk/3409185.stm>. Acesso em: 11 out. 2012.

¹³¹ Para um aprofundamento, em língua portuguesa, sobre o modelo público britânico de rádio e televisão, a BBC e, especificamente, a BBC Brasil, ver Leal Filho (1997, 2008). Em língua inglesa, Curran & Seaton (1997), por seu turno, oferecem uma revisão crítica sobre as relações de poder que se expressaram ao longo da história da BBC, considerando o debate sobre a globalização da mídia no período em que a pesquisa foi publicada, em 1981. A obra aqui citada trata-se de uma revisão do original, ou seja, 5ª edição.

¹³² Cf. <http://www.bbc.co.uk/portuguese/>

espaço a uma produção multimídia convergente – propiciada pela *internet* – fazendo com que o *site* da BBC Brasil se tornasse, no ano seguinte, o segundo colocado em audiência do Serviço Mundial, perdendo apenas para o inglês (LEAL FILHO, 2008).

A condução da informação proveniente de diferentes partes do mundo jamais pode ser considerada algo alheio ao Serviço Mundial da BBC¹³³, pois esse sempre trabalhou sob uma perspectiva desterritorializada de produção jornalística. Vale destacar, contudo, que, ao se estudar esses espaços – durante muito tempo centrados na relação complexa das fronteiras “concretas” da nação, das etnias, das migrações, enfim, das questões do local e do global, entre outras abordagens – a BBC passou a considerar a presença de um novo espaço virtual conexo com os demais contextos. Ao veicular texto, imagem e áudio de diversas partes do mundo via *internet* para a audiência brasileira, a produção atual da BBC Brasil ilustra esse deslocamento, que, ao narrar fatos de lugares distantes, mistura raízes socioculturais com transgressão de fronteiras, no sentido em que passam virtualmente a ser absorvidas por diferentes contextos culturais, que necessariamente não ocupam o mesmo espaço geográfico (DALPIAZ, 2012).

Não seria ingênuo afirmar, portanto, que a BBC está entre os principais geradores britânicos de conteúdo sobre o país, isto devido não somente à produção para a audiência brasileira, em língua portuguesa, por meio da BBC Brasil, mas também àquela essencialmente local e/ou estrangeira, através da *BBC News*, em inglês¹³⁴.

Uma breve consulta ao *site* da Embaixada do Brasil na Inglaterra, através do *link Brazil in the British Press*¹³⁵, permite visualizar esse aspecto. Os exemplos são inúmeros de reportagens publicadas por diferentes veículos e encontram-se separadamente listados por temáticas, são elas: *Relações Bilaterais, Cultura, Economia e Mercado, Energia, Meio Ambiente, Política Externa, Política, Sociedade, Olimpíadas de 2016, Copa do Mundo de 2014 e Turismo*. A *BBC News* está presente em todas, com exceção da última, pois publica as mais variadas pautas, mas não sobre turismo. Individualizam-se, a seguir, algumas reportagens analíticas para fins de ilustração.

¹³³ Atualmente, veicula informações e análises em 27 idiomas. Cf.

<http://www.bbc.co.uk/worldservice/languages/index.shtml>. Acesso em: 22 out. 2012.

¹³⁴ *BBC News* é o *site* que engloba toda a sua produção. Lançado em 1997, desde então, registra cerca de 1,5 milhão de páginas noticiosas disponíveis no seu motor de pesquisa. Cada página é publicada por equipes de jornalistas *on-line* da principal redação no *BBC TV Centre*, na White City, do *BBC World Service*, sediado na Bush House, ambos em Londres, e das demais redações regionais dentro e fora da Inglaterra, tais como, Glasgow, Belfast e Cardiff, além das sucursais espalhadas pelo mundo.

Cf. <http://www.bbc.co.uk/news/10621655>. Acesso em: 16 out. 2012.

¹³⁵ Trata-se de uma clipagem semanal produzida pelo setor de imprensa e arquivada no *site* da Embaixada do Brasil em Londres, a qual se encontra à disposição para assinatura eletrônica ou consulta por meio dos *sites* originais dos principais veículos de comunicação do Reino Unido:

<http://www.brazil.org.uk/press/brazilbritishpress.html>. As reportagens são selecionadas nos principais veículos *quality* em circulação na capital inglesa.

A entrevista veiculada no programa *HARDtalk*¹³⁶, da *BBC News*, em 6 de abril de 2009, com o então Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, é um exemplo a ser referido, pois o questionava sobre o acordo firmado entre as nações do G20, durante o encontro que ocorreu em Londres, e o que esse essencialmente representava para países emergentes, tais como o Brasil. Amorim, nesse sentido, discute a crise econômica mundial e seus efeitos na economia brasileira, mas, quando indagado sobre o excessivo otimismo por parte do governo em considerar que o país não seria afetado diretamente, contesta apontando que algum efeito também se incidirá sobre o país. Responde, sobretudo, ao jornalista da BBC salientando as potencialidades do mercado interno brasileiro e os benefícios de adotar uma política economicamente diversificada, sem depender de um único produto especificamente. Também foi abordado o crescimento da classe média brasileira e a consequência disso para a economia interna. Entre outras questões, a entrevista mostrou a preocupação quanto à política protecionista do Governo Lula desde o início da crise, mas que, para o Ministro, não se tratava de uma “retirada” brasileira, já que esse tipo de medida é comumente adotado pelos países desenvolvidos. Todavia, afirmou ainda [sobre os resultados do encontro] que considerava “o Brasil como parte das soluções e não do problema mundial”, isso devido aos recursos naturais e a capacidade de produção que possui. Esse registro da BBC ratifica o posicionamento do Estado brasileiro, relatado no estudo de Bernal-Meza (2010).

Cabe ressaltar que o programa de televisão *HARDtalk* é o carro-chefe da BBC. Ele consiste em entrevistas em profundidade de meia hora a partir de investigação detalhada sobre o tema. É transmitido quatro vezes por semana [de segunda a quinta-feira] na *BBC World News* e no canal local da *BBC News*. Lançado em 1997, é reconhecido mundialmente devido ao seu alcance global através da *BBC World News*. *HARDtalk* questiona criticamente os entrevistados sobre aquilo que está por trás da simples notícia. Os convidados podem ser líderes políticos internacionais, artistas, ou até mesmo pessoas comuns que foram submetidas a grandes desafios. Até o início de 2005, era apresentado por Tim Sebastian; desde 2006, o experiente jornalista da BBC, Stephen Sackur, assumiu o posto, ele que, anteriormente, foi correspondente da BBC em Washington e Bruxelas. O programa eventualmente conta com a mediação de outros jornalistas da BBC.

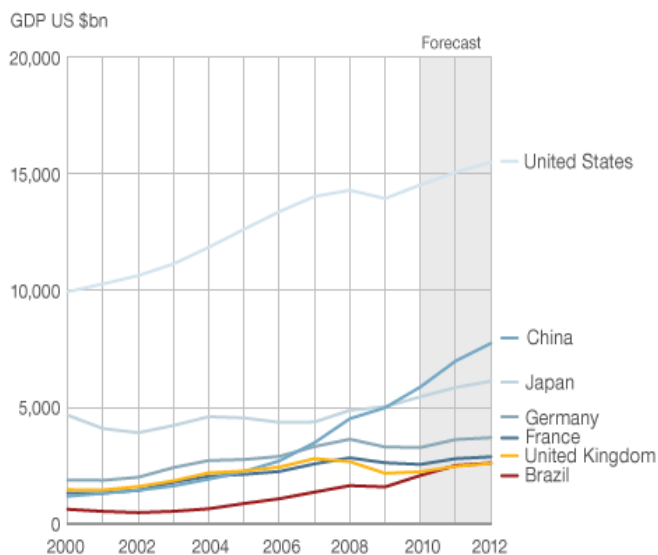
Considerando o esforço de mediação brasileira em tentar persuadir o governo do Irã a mudar as estratégias de utilização de urânio no país, sob o título *Viewpoint: Brazil's*

¹³⁶ Exibido pela *BBC News* em dois horários, 14h30 e 23h30, na *internet* pode ser acessado ao vivo ou por meio de *podcasts*, como no caso em tela. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/hardtalk/7985418.stm>. Acesso em: 16 out. 2012.

growing international presence [Ponto de vista: o crescimento da presença internacional brasileira], de 24 de maio de 2010¹³⁷, a *BBC News* apresenta o Brasil figurando entre as principais lideranças mundiais. Muito mais do que uma eventual atuação, o texto reporta o país como uma potência emergente, aliado aos demais países do BRIC, que realizou importantes mudanças políticas e econômicas nos últimos 16 anos, fruto de gestões governamentais que o levaram a estabilidade financeira. Exibe informações sobre esse processo e dados estatísticos atuais sobre o país. O texto encontra-se publicado no menu *Latin America* e está acompanhado de fotos do último encontro dos líderes do BRIC, no mesmo ano, em Brasília, do então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e de uma criança segurando uma grande bandeira brasileira. As informações provêm de entrevista com ex-embaixador brasileiro nos Estados Unidos e no Reino Unido, Rubens Barbosa.

A sequência de destaques para o crescimento do Brasil nos canais da BBC culmina com o anúncio de que a economia brasileira oficialmente havia superado a do Reino Unido, no início de março de 2012¹³⁸, ocupando o lugar de 6º colocado, atrás apenas dos Estados Unidos, China, Japão, Alemanha e França, conforme o gráfico a seguir, anexado a reportagem:

Brazil about to overtake UK as world's sixth biggest economy



Source: IMF

Fig. 5 – Gráfico das principais economias mundiais
Fonte: *BBC News website*

¹³⁷ Disponível *on-line* em: <http://www.bbc.co.uk/news/10146223>. Acesso em: 16 out. 2012.

¹³⁸ Cf. <http://www.bbc.co.uk/news/business-17272716>. Acesso em: 16 out. 2012.

Ao apresentar dados oficiais, a *BBC News* aponta que o Brasil cresceu 2,7 por cento em 2011, índice superior aos 0,8 por cento do Reino Unido. No entanto, o mais curioso, nesse caso, não é apenas observar as fontes consultadas pela equipe de jornalismo – somente para citar alguns, Fundo Monetário Internacional [FMI], Instituto Brasileiro de Economia e Estatística [IBGE], FGV, Ministro da Economia, Guido Mantega, entre outras – mas a quantidade de comentários de leitores que o texto suscitou na *internet*, isto é, em número de 413¹³⁹. Tendo em vista também que o percurso metodológico desta tese prevê uma aproximação empírica ao universo de produção do leitor, em termos qualitativos, é interessante visualizar aqueles cinco mais votados pela audiência, dado que este estudo considera também que é junto aos leitores que o processo comunicativo se completa.

[JohnD - Comment number 5 is an Editors' Pick - 6th March 2012 - 14:25 – rate +96]

What people dont realise, is that this is down to mineral extraction, and accompanying (massive) deforestation; especially of the rain forests. We have been taught for as long as I can remember that these are the lungs of the Earth. Despite this, I see nobody linking this with rising CO2. Am I missing something, or is profit more important than humanity [...]

[O que as pessoas não se dão conta é que isto se reduz a extração mineral e ao desmatamento (enorme) que a acompanha, especialmente, das florestas tropicais. Fomos ensinados desde sempre que esses são os pulmões da Terra. Apesar disso, não vejo ninguém ligando isso ao aumento de CO2. Estou enganado ou o lucro é mais importante que a humanidade...]

[Marc2012 - Comment number 2 is an Editors' Pick - 6th March 2012 - 14:12 – rate +60]

What does it matter if the Brazilian economy has overtaken ours in size or not? If it means living standards over there are increasing and thousands of people are being taken out of poverty, good luck to them!

[Do que interessa saber se a economia brasileira ultrapassou a nossa em tamanho ou não? Se isto significa que o padrão de vida lá está aumentando e milhares de pessoas estão sendo tiradas da pobreza, boa sorte para eles!]

[Sean - Comment number 96 is an Editors' Pick - 6th March 2012 - 16:54 – rate +41]

This is simply a short term measure of Brazil's willingness to exploit it's natural resources. As their forests are destroyed and resources exhausted, we will all pay the price for the world's uncontrolled consumerism as we slowly run out of air to breath.

[Essa disposição brasileira de explorar seus recursos naturais é simplesmente uma medida de curto prazo. Quando suas florestas estiverem destruídas, todos nós vamos pagar o preço pelo consumo mundial descontrolado enquanto lentamente ficamos sem ar para respirar].

¹³⁹ A BBC, nas suas páginas, disponibiliza espaço junto às reportagens para comentários dos leitores. Esses são mediados e devem obedecer às regras éticas da empresa.

[KingoftheChavs - Comment number 81 - 6th March 2012 - 16:48 – rate +40]

Brazil has a population of 190 million people. The UK has only 70 million, we are punching well above our weight! Plus i think our standard of living and education is much higher. Though alot of the people that moan on this website won't agree?? Then again they think that poverty is only having a freeview box and to shop at Aldi instead of Sainsburys.

[O Brasil tem uma população de 190 milhões de pessoas. O Reino Unido tem somente 70 milhões, nós estamos quase acima do peso! Além disso, eu acho que nosso padrão de vida e a educação são bem mais altos. Apesar de muitas pessoas que gemem neste *website* não concordarem?? Então, novamente, eles pensam que pobreza é ter canais de televisão grátis e comprar no Aldi ao invés do Sainsburys].

[Fishermans_Enemy – Comment number 20 - 6th March 2012 - 15:37 – rate +28]

Nothing wrong with this and its good news for Brazil. The UK should get off our backsides and start building things again!! new markets and customers are emerging. Look at German exports. So stop cold calling me offering new windows for my house and start manufacturing them instead!!

[Nada de errado com isso e é boa notícia para o Brasil. O Reino Unido deveria se mexer e começar a construir isso de novo!! Novos mercados e consumidores estão surgindo. Olhem as exportações alemãs. Então, parem com essas ligações frias me oferecendo janelas novas para a minha casa e, ao invés disso, comecem a fabricá-las].

É possível verificar que, mesmo que de modo incipiente, os leitores britânicos questionam, cada qual por seu turno, não apenas o que representa para eles o fato de o Brasil superar a economia do Reino Unido, mas também como o país está lidando e construindo esse crescimento, ou seja, que tipo de economia sustentável apresenta com relação as suas reservas naturais e o retorno que esse crescimento oferece aos seus cidadãos. Os comentários indicam, portanto, que a audiência britânica está atenta às questões ambientais, à erradicação da pobreza extrema e ao acesso à educação da população brasileira, assim como à ampliação da atuação do Reino Unido em mercados emergentes.

O interesse britânico em operar no mercado brasileiro é sinalizado em outra matéria publicada pela *BBC News*, na seção *UK/England*, especificamente para a audiência de Stoke e Staffordshire. A matéria *JCB's Brazil plant 'will benefit West Midlands' economy*¹⁴⁰ corrobora a ideia de que o governo britânico trata o Brasil como parceiro econômico potencial, pois registra a inauguração da sede de uma empresa inglesa, fabricante de equipamentos para construção, em Sorocaba, no estado de São Paulo, pelo primeiro-ministro britânico, David Cameron, em visita ao Brasil em setembro de 2012. O texto revela certo “protecionismo” britânico ao destacar a declaração do presidente da empresa, Anthony Bamford, afirmando

¹⁴⁰ Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/uk-england-stoke-staffordshire-19743138>. Acesso em: 22 out. 2012.

que, embora a fábrica venha a produzir cerca de 10 mil máquinas ao ano no Brasil, parte significativa dos componentes é enviada pelo Reino Unido. Essa empresa assinou, em maio do mesmo ano, um contrato de 60 milhões de libras esterlinas [196 milhões de reais] para reformar as estradas brasileiras¹⁴¹.

Essa visita da delegação britânica foi, também, amplamente divulgada pela equipe da BBC Brasil¹⁴². Entre os diversos temas abordados na cobertura, há uma reportagem que revela a motivação em empreender trocas comerciais. O repórter da BBC Brasil Paulo Cabral registrou, pelo menos, duas declarações de Cameron em seu discurso para os empresários brasileiros na sede da Federação das Indústrias de São Paulo [FIESP], conforme os trechos destacados a seguir¹⁴³:

No ano passado, o Brasil ultrapassou a Grã-Bretanha e se tornou a sexta maior economia do mundo. E nós britânicos temos um ditado: se não pode vencê-los, junte-se a eles”, disse o premiê britânico, arrancando risos da plateia, formada principalmente por empresários do setor industrial.

Além disso, ao responder a observação do presidente da FIESP, Paulo Skaf – de que a Grã-Bretanha era o principal parceiro comercial do Brasil até 1927 e que, igualmente, muito ensinou ao país, referindo-se a Charles Miller pela introdução do futebol – Cameron replicou referindo-se ao passado e as intenções atuais: “Acho que o futebol é uma boa metáfora para outras coisas que estamos discutindo aqui. Pode ser que os britânicos tenham inventado o jogo, mas ele foi aperfeiçoado pelos brasileiros” (*BBC Brasil*, 27 set. 2012). Aponta-se, contudo, que essa declaração do premiê britânico corrobora o contexto histórico descrito por Graham (1972) e evidenciado culturalmente por Freyre (2011) das relações estabelecidas no passado, entre os dois países, que atualmente apresentam continuidades.

Apesar da qualidade de suas produções jornalísticas, de modo geral, na Inglaterra, a BBC não está isenta de críticas e de crises internas, pelo contrário, frequentemente, sofre reestruturações a partir dos relatórios apresentados ao parlamento britânico, pela Secretaria de Estado para Cultura, Mídia e Esporte, os chamados *White Papers*, no quais constam as diretrizes e políticas governamentais para o serviço público. No entanto, recentemente, uma

¹⁴¹ Cf. <http://www.bbc.co.uk/news/uk-england-stoke-staffordshire-18069648>. Acesso em: 22 out. 2012.

¹⁴² Em outra reportagem da BBC Brasil, sobre o encontro entre a presidente Dilma Rousseff e o premiê britânico David Cameron, são descritos os acordos assinados, entre os principais: produção cinematográfica conjunta; colaboração no planejamento a partir do legado econômico, social, ambiental e material na organização das Olimpíadas; participação do Reino Unido no programa Ciência Sem Fronteiras de cooperação universitária; além da implementação do comércio bilateral, que, em 2011, foi de 22 bilhões de reais (Cf. http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/09/120928_cameron_dilma_pai.shtml). Acesso em: 22 out. 2012).

¹⁴³ As declarações encontram-se na matéria publicada pela BBC Brasil. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/09/120927_visita_cameron_brasil_pc.shtml. Acesso em: 22 out. 2012.

nova crise¹⁴⁴ foi desencadeada após denúncias de execução de “padrões jornalísticos não aceitáveis”, acusações de que o *Newsnight* [outro programa dos mais importantes da emissora] tenha conduzido reportagem de forma errônea, a partir de especulações, isso apenas para citar um exemplo. De todo modo, diversos inquéritos foram abertos em 2012, dentro e fora da BBC que, por esse motivo, anunciou em meados de novembro do mesmo ano, a nomeação de um novo diretor geral, Tony Hall, que trabalhou, anteriormente, por 28 anos, como diretor de jornalismo¹⁴⁵.

Nota-se que, para dar conta do objeto de estudo desta tese, foi necessário inicialmente observar o universo característico que se constituiu ao longo dos anos na imprensa britânica. A busca pela compreensão [da diferenciação do modo de trabalhar jornalisticamente o Brasil nos tabloides, nos jornais e revistas de qualidade e na própria BBC] auxiliou na constituição do *corpus* de análise.

Dois aspectos fundamentais surgiram dos procedimentos apenas descritos. Primeiro, o fato de que o que se procura compreender nesta pesquisa está presente nos textos informativos¹⁴⁶ veiculados na imprensa de qualidade por correspondentes internacionais, e não nos textos genéricos das agências noticiosas, replicados geralmente nos *red-tops*. O segundo fator refere-se ao contexto da cobertura jornalística de qualidade e sua intencionalidade – que é ampla e complexa – já que diversos veículos intensificaram em termos quantitativos e qualitativos a abordagem sobre o país nos últimos quatro anos.

Verificou-se nesse processo que *FT*, *The Guardian* e *The Economist* investem em cobertura exclusiva sobre o Brasil, enviam repórteres e correspondentes para São Paulo e para o Rio de Janeiro, portanto, com escritórios no Brasil¹⁴⁷ [com exceção do *Guardian*], que produzem conteúdo aprofundado, ampliando não somente em qualidade jornalística, como

¹⁴⁴ Cf. http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121112_entenda_crise_bbc_pai.shtml. Acesso em: 12 nov. 2012.

¹⁴⁵ Outras informações disponíveis em:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121116_diretorgeral_bbc_pai.shtml;

<http://www.guardian.co.uk/media/2012/nov/22/lord-hall-bbc-director-general>, ambas as reportagens acessadas em 22 nov. 2012.

¹⁴⁶ Leia-se, neste sentido, o termo como da ordem do *gênero jornalístico informativo*, que se refere aos formatos nota, notícia, reportagem e entrevista; diferenciado daquele *opinativo*, presente nos editoriais, comentários, artigos, resenhas, colunas, crônicas, caricaturas e cartas. Sobre as características e tendências brasileiras, ver Melo (1985) e Fonseca (2002).

¹⁴⁷ Considerando que o termo “sucursal” seria muito amplo para identificar o espaço de trabalho dos jornalistas do jornal *FT* e da revista *The Economist*, utiliza-se nesta tese “sede” ou “escritório”. Esse último, talvez, seja ainda o mais adequado, pois em inglês os profissionais fazem referência à sala de trabalho, traduzindo o termo “bureau” para “escritório” dos referidos veículos em São Paulo. O mesmo não se aplica ao *The Guardian*, pois o correspondente trabalha em seu local de residência, no Rio de Janeiro, sem que haja um espaço específico do jornal que se configure como sede oficial no país.

também oferecendo espaço, nas suas páginas da *internet*, para a interpretação do leitor, o que é também de interesse deste estudo, conforme já sinalizado no percurso metodológico.

5.2 RECORTES DO OBJETO

Para a escolha do *corpus* de análise, partiu-se de uma sistematização temporal e editorial. Considera-se que [mesmo que a presença contínua do Brasil na mídia internacional seja anterior à elaboração desta tese, segundo apontado em outro momento, referindo-se a pesquisas precedentes realizadas pela autora e outros pesquisadores] foi a partir das políticas externas internacionais adotadas pelo governo brasileiro, entre os anos 2008 e 2009, que o país passou a figurar internacionalmente como uma nação emergente e, de certo modo, também a posicionar-se como tal no contexto geopolítico mundial¹⁴⁸.

Com a observação da constituição de um cenário amplo de publicações sobre o Brasil, conforme descrito, verificou-se que, de 2009 a 2012, o país foi pauta de rotina e tema de reportagens especiais, acompanhando a tendência da imprensa internacional, que também questionava sobre tal posicionamento. Portanto, dentro desse período, buscou-se individualizar um ano que não tenha provocado coberturas extraordinárias que pudessem “mascarar” a atenção ao cotidiano brasileiro, tais como, eventos esportivos mundiais e eleições presidenciais. Seguindo essa lógica, verificou-se que o ano de 2011 apresentava essa característica e, conseqüentemente, seria o escolhido para a coleta de material documental para a presente pesquisa. Os demais, isto é, 2009 representava a composição de bloco BRIC e o estabelecimento da crise econômica mundial e o seguinte, 2010, a eleição presidencial e Copa do Mundo de Futebol. O ano de 2012 constituiria uma amostra incompleta pelo óbvio motivo da composição do relatório final da tese.

Diante da adoção de um período específico para a coleta dos textos, outros três critérios de classificação se impuseram na eleição do jornal a ser pesquisado. Primeiro, os textos selecionados deveriam ser produzidos por correspondentes/repórteres sediados no Brasil. Assim sendo, apenas *Guardian*, *FT* e *The Economist* se enquadrariam, pois se fazia necessária uma aproximação à biografia desses profissionais, observando também a relação deles com o veículo que representam e com a cultura brasileira, dada a importância que adquire na proposta metodológica indicada. O segundo refere-se ao formato jornalístico e às características editoriais. O material a ser analisado deveria ser composto somente por textos do

¹⁴⁸ Conforme Bernal-Meza (2010) discutido na seção 4.5 desta tese.

gênero informativo, excluindo-se, desse modo, aqueles de caráter opinativo [presente em editoriais, *blogs* ou artigos de colaboradores]. Aliado a isso, afastou-se também a possibilidade de se trabalhar com textos da *The Economist* por tratar-se de uma revista especializada em economia, com características editoriais e de periodicidade discrepantes. Por motivos semelhantes [listados abaixo], excluiu-se o *FT*, embora esse seja também um jornal diário, sua cobertura encontra-se significativamente centrada na economia do país e, sobretudo, na atuação de empresas brasileiras no exterior. O terceiro considerava que os textos deveriam ser seguidos de comentários de leitores, isso para dar conta, também, das articulações, previstas no plano teórico-metodológico, conforme questões assentadas neste estudo. Cabe relatar ainda que, nesse momento, a fim de se obter dados concretos sobre a amostra escolhida, realizou-se uma pesquisa preliminar nos acervos do *The Guardian* e do *FT*, considerando os mesmos critérios, para verificar a viabilidade de um investimento empírico em um desses jornais.

Desse modo, ocorreu o mapeamento dos jornalistas no Brasil dos referidos veículos e retomou-se a pesquisa documental no *database* NEXIS UK, empregando como filtros a palavra “*Brazil*”, o nome do correspondente e o período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2011. Assim sendo, foram selecionadas todas as reportagens assinadas, publicadas, no período em questão, por Tom Phillips [*Guardian*] e Samantha Pearson [*FT*]. Implementou-se, portanto, uma análise preliminar dos títulos [temáticas] e das editoriais nas quais os textos foram publicados. Verificou-se, também, a ocorrência ou não de comentários de leitores, nos respectivos *sites*, bem como a coleta dos mesmos. Por conseguinte, o universo documental a ser analisado foi individualizado, a partir da evidência anual de publicações e, em seguida, da aplicação dos critérios classificatórios apenas descritos.

Destarte a eliminação do *FT* se confirmou a partir dos dados levantados nesta pesquisa preliminar. Considerando-se os mesmos critérios seletivos, o jornal *FT* apresentou 160 textos assinados pela *Brazil reporter* [repórter no Brasil], Samantha Pearson, pelo *Brazil Bureau Chief* [Chefe da sucursal brasileira], Joe Leahy, e por inúmeros outros colaboradores das diversas sucursais espalhadas pelo mundo que, conforme a pauta, são acionados para complementar os textos.

Desse modo, verificou-se que existem muitas matérias conjuntas assinadas por vários repórteres e editores, sendo que as matérias exclusivas e individuais de Samantha Pearson totalizavam 79 textos. Porém, ao se observar essas no *FT.com*, verificou-se que há um predomínio de matérias publicadas na editoria *Companies* [Empresas] do *menu* de acesso do *site*, representando quase 50 por cento da amostra. Evidenciou-se também que o Brasil é normalmente reportado nos setores da economia em que atua internacionalmente, ou seja –

Energy, Financials, Industrials, Transport, Retail Consumer – energético, financeiro, industrial, transporte e consumo, entretanto, por meio de suas grandes corporações, tais como, Vale do Rio Doce, Petrobras, Gerdau, Itaú-Unibanco, Bradesco, Bovespa, Natura, Tam, entre outras; os demais assuntos encontrados são dispostos na editoria *World*, que separa o mundo por zonas territoriais. Nesse caso, o Brasil enquadra-se em *Latin America & Caribbean*, cujos textos também versam sobre a economia brasileira em geral, negócios e finanças. Constatou-se ainda textos na editoria *Markets* [Mercados], cobrindo a participação brasileira em rodadas de negociação, moedas e mercados ações e de países emergentes. Há registros também em *Global Economy, Management* e em *Special Reports* [dois deles já foram objeto de pesquisa da autora (DALPIAZ, 2011c; 2013, no prelo)]. Com relação à participação do leitor, foram identificados textos com comentários somente nos meses de novembro e dezembro de 2011. Salienta-se, nesse sentido, que a consulta completa aos textos no *site* somente foi possível mediante a assinatura da versão *on-line* do veículo, quando então se verificou que os comentários são mantidos por apenas um ano¹⁴⁹, tornando, desse modo, a participação dos leitores, na composição de possível amostra, também discrepante, pois não se teria como observar os temas que, para a audiência, seriam aqueles mais relevantes.

Também, nesse momento da investigação, verificou-se que o *The Guardian* reunia todas as características necessárias para o desenvolvimento dessa pesquisa, além de realizar uma cobertura generalista. Observou-se, deste modo, que o jornal publicou 65 reportagens específicas sobre o Brasil, em 2011, elaboradas e assinadas exclusivamente pelo correspondente no Rio de Janeiro, Tom Phillips; 56 dessas foram publicadas na editoria *World* [Mundo]; cinco, na intitulada *Environment* [Meio Ambiente]; sendo que, em cada uma das editorias – *Music, Travel, Society* e *TV-and-Radio* –, registrou-se a ocorrência de uma matéria.

Vale ressaltar que, de modo geral, os textos publicados na editoria *Mundo* também abarcam temáticas semelhantes, o que indica ser uma escolha editorial ocasional. Em análise preliminar no *site* do *Guardian Unlimited*, as reportagens abordam as seguintes categorias analíticas/temas: território [meio ambiente, recursos naturais, desflorestamento]; sociedade [violência urbana, tráfico de drogas, trabalho escravo, favelas, migração, religião, questões de gênero e raça]; política [governo, economia, obituário de líderes, corrupção]; cultura [bossa nova, jazz, samba, carnaval].

¹⁴⁹ Limite esse identificado neste momento de definição do *corpus* de análise, o *FT.com* não armazena postagens de leitores dos anos anteriores e o acesso ao conteúdo do veículo é cobrado, permanecendo “abertos” apenas os *blogs*.

Dentro desse universo, no que concerne o espaço de interação com o leitor, sete textos publicados geraram comentários dos leitores. Entre as temáticas trabalhadas nas matérias, predominam questões em torno da preservação do meio ambiente, com coberturas sobre desflorestamento amazônico, do tráfico e consumo de drogas, da violência urbana e as condições vulnerabilidade social nas favelas.

Acredita-se que o *corpus* textual, assim composto neste recorte pelo *The Guardian*, represente um *microcontexto* adequado para dar conta das questões colocadas neste estudo. O capítulo a seguir apresenta a análise do jornal estudado a partir da estrutura e dos procedimentos previstos no percurso metodológico.

6 O BRASIL NO *THE GUARDIAN*

O jornal *The Guardian* é reconhecido desde seu lançamento, em 1821, como um jornal de tendência liberal, sem manter vínculos próximos com o Partido Liberal. Atualmente, oferece apoio crítico ao Partido Trabalhista britânico, pois promove debates que acabam por influenciar na condução da “vida pública”. Para muitos, é considerado um jornal de centro-esquerda. Originalmente provincial, ganhou espaço e destaque nos anos 1960, quando se tornou um *jornal de qualidade* de circulação nacional e de prestígio internacional. Informações específicas sobre a conduta editorial de seus profissionais e o manual de redação e estilo podem ser consultadas abertamente no *site* do veículo¹⁵⁰. Em termos de audiência, é voltado para uma audiência adulta e economicamente ativa¹⁵¹.

6.1 PRODUÇÃO E CULTURAS VIVIDAS

Para dar conta da primeira articulação de análise cultural do *The Guardian*, faz-se necessário retomar brevemente os procedimentos de pesquisa expostos na seção 3.2.2 desta tese. Ao apresentar o percurso metodológico, foi assinalado que, para esta etapa, caberia uma preocupação com as condições de produção do jornal em estudo, buscando perseguir os aspectos *objetivos* e *subjetivos* em jogo e, ainda, a repercussão desses nos demais momentos do circuito.

Nesse sentido, conjugam-se dois tipos de fontes de dados. Uma delas trata da história do *The Guardian* por meio do material institucional disponível no *site* do jornal¹⁵² e da bibliografia existente em português¹⁵³, porém sem priorizar apenas a organização produtiva e econômica do processo de produção, mas dando também ênfase às relações culturais envolvidas. A outra se alimenta do relato das experiências dos jornalistas entrevistados. Nesse caso, mesmo que o foco seja a entrevista com o correspondente do jornal, Tom Phillips¹⁵⁴, no período estudado, acrescenta-se ao trabalho a contribuição do editor internacional, baseado na

¹⁵⁰ Nesse sentido, consultar os seguintes *links*: para o código editorial, ver <http://www.guardian.co.uk/info/guardian-editorial-code>; já o manual de redação e estilo encontra-se disponível em <http://www.guardian.co.uk/styleguide/i>. Acesso em: 19 fev. 2013.

¹⁵¹ Um perfil mais detalhado dos leitores do jornal é trabalhado na seção 6.3 desta tese.

¹⁵² Cf. <http://www.guardian.co.uk/gnm-archive/2002/jun/06/1>. Acesso em: 8 fev. 2013.

¹⁵³ Cf. Trata-se de referência densa, produzida pelo jornalista e historiador, Matias M. Molina (2007), intitulada *Os melhores jornais do mundo: Uma visão da imprensa internacional*, na qual apresenta uma descrição aprofundada da história e do quadro atual dos principais jornais da Alemanha, Canadá, Estados Unidos, Espanha, França, Itália, Japão, Suíça e, principalmente, do Reino Unido [*Financial Times*, *The Guardian* e *The Times*].

¹⁵⁴ Em entrevista concedida à autora por *skype* em 6 de fevereiro de 2013.

Inglaterra, Martin Hodgson¹⁵⁵, e o depoimento do primeiro correspondente do *Guardian*, sediado no Brasil, Alex Bellos¹⁵⁶.

Os dois últimos citados fornecem um quadro ilustrativo adicional e complementar, porém não essencial para este estudo, já que o *corpus* textual, a ser analisado nas próximas seções, é formado exclusivamente por matérias de Phillips, de acordo com o recorte estabelecido para a análise. Acredita-se que juntos, esses jornalistas, podem apresentar uma série de informações tanto dos processos e das condições de produção de material jornalístico sobre o Brasil, quanto do caráter subjetivo das experiências e das escolhas de vida feitas por eles, que acabam por interferir, de certo modo, na própria cobertura brasileira diária para o referido jornal. Centra-se, nesse sentido, na observação da relação do correspondente que produz as matérias, a partir do Rio de Janeiro, com o trabalho diário na redação, gerenciado por editores, que acontece na sede do jornal em Londres.

O jornal *The Guardian* – identificado por Molina (2007, p. 345) como um exemplo de coerência editorial e capacidade de adaptação – foi fundado em 1821, em Manchester, cidade situada ao Norte da Inglaterra, para defender valores liberais em termos de posicionamento editorial. Entretanto, para manter esses princípios, enfrentou diversas mudanças: de semanal passou a diário para não desaparecer; mudou a estrutura societária; trocou de nome, pois até a década de 1960, carregou a identificação com a sua cidade – *The Manchester Guardian*; alterou o tamanho e evitou a fusão com um concorrente, fator esse que poderia ter provocado sua extinção. Segundo o autor, o jornal “[...] conseguiu a extraordinária proeza de sobreviver durante quase dois séculos sem vender sua alma ou sequer alugá-la” (MOLINA, 2007, p. 348).

¹⁵⁵ Em entrevista concedida à autora em Londres em 2 de julho 2012. Na ocasião, o editor recebeu a autora na sede do jornal, quando também foi possível visitar a redação, conhecer a editoria e alguns dos profissionais que nela atuam.

¹⁵⁶ Informações coletadas em entrevista realizada pela autora com Alex Bellos, em 19 de abril de 2011, no Teatro da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, após evento de ações paralelas do *Fronteiras o Pensamento*, intitulado *Fronteiras Educação – Diálogos com Professores*. Na ocasião, Bellos apresentava seu segundo livro publicado no Brasil: *Alex no país dos números, uma viagem ao mundo maravilhoso da matemática* (2010). Antes disso, o jornalista e escritor, como resultado da sua experiência no país, já havia publicado outra obra sobre a cultura brasileira [além de inúmeras reportagens produzidas para a imprensa britânica], *Football: the Brazilian way of life*, cuja primeira edição em língua portuguesa [*Futebol, o Brasil em campo* (2003)] saiu um ano depois da original inglesa, de maio de 2002.



Fig. 6 – Capas do *The Guardian*
Fonte: Google Imagens

Atualmente, o *The Guardian* é controlado por uma espécie de fundação sem fins lucrativos, chamada de *Scott Trust*, criada em 1936, com a finalidade de manter sua independência e garantir sua publicação¹⁵⁷. Faz parte também de um amplo empreendimento, o *Guardian Media Group*, que engloba atividades variadas, que geram um lucro anual de 720 milhões de libras esterlinas (MOLINA, 2007, p. 348).

É importante destacar também nessa história a figura de John Edward Taylor que, com um grupo de progressistas, fundou o jornal, que saiu publicado, pela primeira vez, em 5 de maio de 1821, como resultado de indignação pública pelo *Massacre de Peterloo*, ocorrido dois anos antes, quando tropas da cavalaria mataram onze pessoas e feriram mais de 500 em uma manifestação pacífica que reivindicava reformas na representação parlamentar (MOLINA, 2007, p. 349).

Inicialmente, o *The Manchester Guardian* circulava aos sábados, pois, na época, Londres era a única cidade em que a população podia manter jornais diários, já que a carga tributária do exemplar era elevada (MOLINA, 2007, p. 349). Ao longo de sua história, além de publicar artigos, defendendo a liberdade civil e a expansão de reformas políticas, e informar sobre o Parlamento, o jornal manteve sempre um significativo noticiário sobre o mercado e a indústria têxtil, base da economia da região de Manchester (MOLINA, 2007, p. 351):

O *Guardian* tornou-se “a bíblia dos lordes do algodão”. Mas isso não impediu que mostrasse também a real situação dos empregados das fábricas

¹⁵⁷ Uma interessante e ilustrativa *timeline* [linha do tempo] sobre a história do veículo está disponível *on-line* em: <http://www.gmgplc.co.uk/the-scott-trust/history/interactive-timeline/#timelineWrap>. Ainda exclusivamente sobre a história da *Scott Trust*: <http://www.gmgplc.co.uk/the-scott-trust/history/>. Acesso em: 8 fev. 2013.

de tecidos e que revelasse detalhadamente a situação do trabalho infantil. O jornal serviu como fonte para grande parte das informações contidas no livro *A condição da classe trabalhadora em 1844*, um relato cru da exploração dos trabalhadores ingleses durante a Revolução Industrial escrito por Friedrich Engels, o companheiro e protetor de Karl Marx (MOLINA, 2007, p. 351-2).

Em 1855, a abolição do imposto do selo revolucionou a imprensa da Inglaterra. Os jornais, livres do tributo, passaram a reduzir os preços, aumentando a periodicidade. Com o *The Manchester Guardian* não foi diferente, o veículo tornou-se diário naquele mesmo ano (MOLINA, 2007, p. 352). Algum tempo depois, em 1867, Taylor tomou uma decisão que acabou por influenciar a própria configuração da imprensa britânica nos anos seguintes. Ele contratou, para editar o jornal, um primo de 26 anos (incompletos), Charles Prestwich Scott, que assumiu a direção editorial do mais próspero jornal inglês e ficou no cargo por 57 anos (MOLINA, 2007, p. 353). No decorrer de sua gestão, C. P. Scott [conforme ficou conhecido] trilhou “caminhos” que se, de um lado, colocaram em risco a vida do jornal, de outro, firmaram o veículo como “principal formador de opinião da esquerda intelectual”, pois arriscava sua sobrevivência para manter-se leal aos seus princípios. Segundo Molina:

A imagem do *Guardian* como um jornal liberal, independente, preocupado com a coisa pública e bem escrito está indissoluvelmente ligada à figura de C. P. Scott. Em 1921, na edição que comemorava 100 anos do diário e 50 como editor, ele escreveu: “um jornal tem dois lados. É um negócio, como outro qualquer, e tem que pagar suas despesas para sobreviver. Mas é muito mais do que um negócio; é uma instituição [...]” (MOLINA, 2007, p. 356).

Vale lembrar também que C. P. Scott comprou o jornal, em 1907, após a morte de Taylor. Mesmo com poucos recursos, nos anos seguintes, C. P. Scott instalou uma malha de correspondentes internacionais, aumentando o reconhecimento do jornal. Além da cobertura da Revolução Russa, o veículo já dava informações, nos anos 1930, sobre as consequências da coletivização das propriedades rurais na União Soviética, as quebras nas safras e o confisco de alimentos, que levaram à morte de milhares de pessoas por fome (MOLINA, 2007, p. 358).

A década de 1960 foi o período marcado pela nacionalização do jornal, processo esse que teve início, em 1961, quando ele passou a ser impresso em Londres. Logo após o término da Segunda Guerra, o jornal necessitou redefinir seus “horizontes”, já que ainda era um diário de província, mas com uma rede de correspondentes que representava um quarto do seu orçamento editorial. Devido ao fato de ainda não ser um veículo de circulação nacional, as agências de publicidade de Londres o classificavam como um “matutino do interior”. Aos poucos, manter a equipe, com críticos e correspondentes internacionais de “alto nível”, em um

mercado abalado pela decadência do setor têxtil [base dos negócios de Manchester, que levou ao enfraquecimento econômico da região], tornou-se tarefa difícil. A saída era voltar-se ao mercado nacional para atrair novos leitores.

A primeira iniciativa ocorreu, em 1959, com a supressão da palavra “*Manchester*” do nome do jornal, mantendo-se apenas o título de *The Guardian*. Em seguida, veio a impressão a partir de Londres, que resultou mais em falhas e atrasos constantes do que expansão, devido às instalações ainda precárias. Entretanto, três anos depois, o *The Guardian* mudou definitivamente a sede da redação e das operações para a capital inglesa, deixando de ser um diário de província para tornar-se um jornal nacional editado e produzido em Londres (MOLINA, 2007, p. 360-2).

As consequências financeiras dessa mudança quase levaram a efetivação de uma fusão com o seu principal concorrente, o *The Times*, iniciativa essa que, por pouco, não comprometeu a existência do *Guardian*. Todavia, a partir dos anos 1970, o jornal iniciou uma fase de expansão, mantendo sua “dignidade editorial”. Conforme aponta Molina (2007, p. 365), evitando posições simplistas, o jornal se opôs à guerra do Vietnã sem entrar em uma posição antiamericanista; no Reino Unido, apoiou os trabalhistas, mas também foi “generoso” com os conservadores, contrariando em parte os leitores de esquerda, e ainda conseguiu manter o respeito dos liberais. À época, registra o autor, já se mostrava interessado nas questões relacionadas ao meio ambiente, antes mesmo que isso fosse uma preocupação para os demais jornais britânicos.

Seguindo essa linha editorial, na década de 1980, o jornal passou a atrair um número significativo de jovens leitores de diversos âmbitos profissionais – jornalistas, médicos, professores, cientistas, engenheiros, entre outros – que passaram a consumir os diferentes cadernos especializados introduzidos no período (MOLINA, 2007, p. 363). Essa fase de expansão durou até o surgimento de um novo jornal diário de qualidade no mercado inglês, o *The Independent*, lançado em 1986, cuja linha editorial foi “subestimada” pelos editores dos principais jornais, mas que, em termos efetivos, e com uma aparência sóbria, confiável e graficamente “elegante”, tirou deles um número expressivo de leitores.

Tal situação acabou também provocando uma mudança no projeto gráfico do *The Guardian*, em 1988, com o intuito de modernizar e recuperar a circulação perdida. Além disso, o veículo lançou o caderno *G2*, em formato tabloide, que serviu de modelo para outros jornais em termos de cultura e entretenimento. Nessa época, apesar das mudanças internas, o jornal seguiu sua linha em oposição à maioria das iniciativas do governo da então primeira-ministra do Partido Conservador Margaret Thatcher (MOLINA, 2007, p. 367-8).

Já os anos 1990 são marcados por vários eventos, entre eles, a compra pela *Scott Trust*, em 1993, do jornal dominical *The Observer*¹⁵⁸, também de tendência liberal. Houve ainda, no mercado editorial, a busca acirrada de aumento de circulação dos principais jornais de qualidade britânicos, luta essa travada por Murdoch, dono da *News International*, editora do *The Times* e *The Sunday Times*, que diminuía o preço nas bancas do seu jornal para ganhar mercado (MOLINA, 2007, p. 368-9).

Igualmente importantes foram as mudanças relacionadas à tecnologia¹⁵⁹. Em 1995, foi oficialmente estabelecido o *Guardian's News Media Lab* para implementar a publicação eletrônica dos jornais *The Guardian* e *The Observer*. No entanto, foi somente em 1999, que a rede de *websites* do *Guardian Unlimited* foi lançada, composta pelas seguintes páginas: *News*, *Football*, *Cricket* e *Jobs*. Mais tarde, foram também introduzidas: *Film*, *Education*, *Books*, *Shopping* e *Money*. Em outubro daquele mesmo ano, as pesquisas estatísticas da ABC, registraram que o *Guardian Unlimited* alcançava 10,2 milhões de acessos por mês. No ano seguinte, recebeu os prêmios de melhor *design* de jornal interativo pelo *US Eppy Awards*, de melhor jornal *on-line* da *Newspaper Society Awards* e, ainda, o *News Unlimited* foi nomeado o serviço noticioso do ano pela *British Press Awards*¹⁶⁰.

Paralelamente a adaptação às novas tecnologias, em setembro de 2005, a versão impressa ganhou um novo formato, o *berliner* [Fig. 7], um pouco menor do que o *broadsheet*, mas diferente do tabloide, pois permite ser dobrado em banca e a inserção de vários cadernos separados. Além da mudança de tamanho, o jornal passou a ser impresso integralmente em cores¹⁶¹. A reação dos leitores, conforme Molina (2007, p. 372-3), foi favorável.

Durante o mês da mudança, o *Guardian* aumentou a tiragem para 404 mil cópias, a qual vem recuando paulatinamente, mas se mantém em torno dos 357 mil exemplares¹⁶². A redação encontra-se hoje totalmente integrada e está localizada em um prédio moderno em Londres, que abriga também um centro cultural, conhecido como *Kings Place*¹⁶³.

¹⁵⁸ Esse veículo circula até hoje aos domingos e permanece associado e seguindo a mesma linha do *The Guardian*, sendo também parte do *Guardian Media Group*.

¹⁵⁹ Cf. <http://www.guardian.co.uk/gnm-archive/guardian-website-timeline?intcmp=239>. Acesso em: 11 fev. 2013.

¹⁶⁰ O mesmo pode ser apontado em 2013 sobre o prêmio recém-concedido ao jornal: *website* do ano; disponível em: <http://www.onlinemediaawards.net/nominations>. Acesso em: 13 fev. 2013.

¹⁶¹ Cf. *History of the Guardian. A brief history of the Guardian newspaper*. Disponível *on-line* no site já citado.

¹⁶² Os números atualizados sobre a circulação dos principais britânicos podem ser consultados na seção de *Media* do veículo estudado e são também baseados em pesquisas fornecidas pela ABC. Essas e outras informações sobre o mercado britânico encontram-se disponíveis em: <http://www.guardian.co.uk/media/2013/feb/08/sun-mirror-telegraph?INTCMP=SRCH>. Acesso em: 9 de fev. 2013.

¹⁶³ Uma espécie de centro cultural que abriga galerias, conferências e espetáculos, além de espaços para escritórios e a própria redação do jornal.



Fig. 7 – O formato *berliner*
Fonte: *Guardian Unlimited*¹⁶⁴

Apesar de todas essas modificações, o *The Guardian* conserva ainda hoje a tradição inicial de trabalhar com a cobertura estrangeira, mantendo diversos correspondentes internacionais pelo mundo afora. Nesse contexto, é possível afirmar que o jornal tenha mantido correspondentes no Brasil quase que regularmente desde o final da década de 1990.

No período que abrange os anos 1998 a 2003, o jornalista Alex Bellos foi quem assumiu a tarefa no Rio de Janeiro, mesmo que não tivesse sido instituída, por parte do veículo, uma vaga exclusiva e contínua a ser preenchida no quadro de funcionários, mais especificamente, para um correspondente no Brasil. Antes disso, a cobertura sobre o país ficava a cargo de jornalistas *freelancers*, que atuavam a partir de São Paulo, ou de agências de notícias, sem muita expressividade.

De todo modo, o editor de *Foreign News* do jornal, Martin Hodgson, salienta que a América Latina não tem sido prioridade na imprensa britânica em termos de cobertura exclusiva, diferentemente dos Estados Unidos, que, por razões óbvias de “vizinho próximo”, destinam maior atenção ao país. Por outro lado, ressalta o editor que a tendência do *The Guardian* de cobrir o continente latino-americano deve-se ao fato de ser um dos jornais ingleses que, tradicionalmente, mais investe em noticiário internacional.

In the past, Alex was the first that historically had that title. He went there and he invented the job for himself. In 2006, we sent Rory Carroll in Venezuela. Rory was based in Caracas because of the chavismo and that was quite a big story. Also coincidentally Tom Phillips appeared in Brazil, in that way it was an ideal situation. Brazil is a difficult country in terms of how it relates to Latin America, because is such a big country, has its own news agenda and the correspondent has to learn a different language.

¹⁶⁴ Cf. <http://www.guardian.co.uk/gpc/berliner-format?intcmp=239>. Acesso em: 7 fev. 2013.

[No passado, Alex foi o primeiro historicamente a preencher esse cargo, ele foi para lá e inventou o posto para ele mesmo. Em 2006, enviamos Rory Carroll, que ficou baseado em Caracas, na Venezuela. Ele foi para lá por causa do *chavismo*, que era uma grande história. Tom Phillips apareceu coincidentemente no Brasil, em uma situação ideal também. O Brasil é um país difícil de se trabalhar em termos de como se relaciona com a América Latina, isso porque é um país grande, tem uma agenda própria e o correspondente tem que aprender uma língua diferente] (HODGSON, 2012).

Bellos, por seu lado, revela como foi sua aproximação com o Brasil, que, de certo modo, se assemelha à experiência de Tom Phillips em período posterior:

Eu atuava como repórter de geral na redação do jornal *The Guardian* e sugeri ao meu editor ir para o Brasil como correspondente. Ele imediatamente me mandou tratar disso com o editor de internacional. Este, por sua vez, disse que não tinha como me enviar para o Brasil, mas que se, por acaso, eu estivesse por lá, poderia remeter algumas matérias para que fossem apreciadas por ele. Já o editor-chefe do jornal foi mais enfático: “Alex, se você for, desejo que consiga atingir seus objetivos, mas considere que está saindo de um emprego muito bom e não terá garantia de retorno!” Decidi ir por minha conta, sem nunca ter estado no Brasil. Eu queria morar fora de Londres. Fiz faculdade em Oxford, formei com apenas 20 anos e logo comecei a trabalhar. Ambicionava morar em um lugar diferente para aprender uma nova língua, viver outras experiências. Fui sem falar o idioma e ter ligação com ninguém, apenas uma relação de trabalho informal com o *Guardian*. Quando cheguei, já na primeira semana, produzi uma matéria de capa sobre o cantor e compositor Zeca Baleiro, ganhando o prêmio de revelação do ano com uma música sobre Stephen Fry. A matéria era “Stephen Fry, sem saber, na vanguarda da nova onda musical latina”. Era uma coisa pitoresca e rendeu boa visibilidade. Depois disso, passei a enviar material para vários jornais ingleses: *Sunday Telegraph*, *The Observer*, entre outros. Durante os seis meses iniciais de 1998, fiquei produzindo matérias como *freelancer*, até que o *Guardian* resolveu me contratar novamente para escrever com exclusividade para o jornal (BELLOS, 2011).

Entre o período da saída de Bellos e o ingresso de Tom Phillips, o jornal ficou cerca de um ano sem correspondente baseado no Brasil. Em 2005, Phillips, recém-chegado ao Rio de Janeiro, mas já atuando como *freelancer*, foi contatado pelo editor de internacional à época para cobrir o desdobramento do caso Jean Charles de Menezes – um brasileiro sediado em Londres, que foi assassinado por oficiais da polícia local no metrô da capital inglesa.

Uma vez informado do ocorrido na Inglaterra, Phillips foi designado para contatar a família do electricista, natural de Gonzaga, em Minas Gerais, e enviar material exclusivo do Brasil. A cobertura realizada rendeu, naqueles dias que sucederam a morte do brasileiro e ainda por semanas, matérias de capa do jornalista para o *Guardian*. “A história do Jean Charles foi o ‘*gancho*’ que me ajudou a conseguir o emprego”, identifica o jornalista que

acabou trabalhando para o jornal como correspondente no Brasil, desde a ocorrência do fato em julho de 2005 até o início de 2012.

Recentemente, com a saída de Phillips, no referido ano, outro experiente jornalista britânico, que atuou por quase uma década na Ásia [na China e no Japão] como correspondente, Jonathan Watts, assumiu, com base no Rio de Janeiro, o cargo de correspondente latino americano para o jornal.

Essa trajetória de inserção dos jornalistas no contexto brasileiro, contudo, serve para introduzir o foco dessa seção de análise que se ocupa, em parte, com o momento da produção, mas, sobretudo, preocupa-se em conjugar o reservatório de *culturas vividas* por esses profissionais com a organização e as condições de produção do jornal.

Antes de compreender como se dá a relação do correspondente com a redação do jornal, é necessário inferir sobre a rotina diária de produção, ou seja, as etapas do processo produtivo da notícia, bem como as diretrizes que os jornalistas – que estão “fora” – recebem dos editores que estão situados na redação do jornal em Londres.

Nesse sentido, a descrição de Hodgson (2012) é esclarecedora, pois relata que há efetivamente uma produção integrada para as versões impressa e *on-line* do jornal, porém são “ligeiramente” distintas e devem ocorrer paralelamente. O editor aponta, inclusive, que, com o crescimento dos leitores no espaço da *internet*, a produção também passou a se concentrar nesse, embora a confecção da versão impressa seja ainda aquela mais trabalhosa.

Na redação são, ao todo, oito pessoas trabalhando na editoria de *Foreign News* [Notícias Estrangeiras]¹⁶⁵, que dividem uma escala de domingo a sexta-feira; aqueles que chegam à redação entre 7h e 10h da manhã, se concentram basicamente na produção para o *site*; diversamente da turma que chega às 11h e deve dedicar-se, principalmente, ao jornal impresso. No entanto, isso não significa que os papéis não se cruzem: “se alguém chega cedo e algo importante está acontecendo na China, por exemplo, é bem provável que essa pessoa siga fornecendo diretrizes na produção do impresso também”, ressalta Hodgson (2012).

Há uma pessoa responsável pela pauta, mas também existe uma comunicação contínua o tempo todo. O *Guardian*, diferentemente, de outros jornais com estrutura internacional maior, não possui editores especializados, separados por regiões do mundo. Existe uma espécie de “responsabilidade editorial” por alguns temas e questões, entretanto todos devem editar independentemente da origem do material que está entrando. Nesse

¹⁶⁵ Salienta-se, nesse sentido, uma pequena diferença de nomenclatura: na versão impressa do jornal a editoria carrega o nome de *International*, já na versão *on-line*, situa-se no *menu* de acesso a partir da *News*, com o nome de *World*.

contexto, ainda que o último fechamento do impresso seja às 20h, com a introdução do *on-line*, o *deadline* passou a ser o “agora”. Desse modo, é no fator “tempo” que reside a principal diferença entre as duas edições.

Conforme salienta Hodgson (2012), nenhum tipo de conteúdo exclusivo é reservado para o impresso, tudo que é produzido pela equipe é publicado em ambas as versões. No entanto, no impresso, os textos são trabalhados pensando que esse tipo de leitor vai ter acesso à informação em um momento diferente, geralmente no final da tarde ou pela manhã:

[...] for the paper is more to get what happened and something new that is coming; for the online, we are trying to get more videos, interviews. It is something more interesting that our readers want to get, they want to watch it.

[para o jornal impresso a atenção recai mais sobre o que aconteceu e algo novo que está por vir; para o *on-line* nós estamos tentando trabalhar mais com vídeos, entrevistas. É algo mais interessante que os nossos leitores procuram, eles querem assistir] (HODGSON, 2012).

Na rotina da redação, o contato com os correspondentes antes das 11h é fundamental para formulação da pauta que será levada à reunião principal, na qual todos os editores das diferentes seções do jornal se encontram e apresentam o “*flat plan*” do dia. Esse contato inicial com os correspondentes permite analisar o material que estão pensando em produzir ou já tem produzido e decidir sobre o encaminhamento do dia, já orientando sobre o que devem aprofundar, buscar, investigar ou melhorar com relação às pautas listadas/propostas.

Hodgson (2012) salienta que se trata apenas de uma conversa informal entre o editor e o correspondente, muito mais uma troca de ideias do que propriamente de se fornecer linhas editoriais a serem seguidas sobre determinado tema. Há uma confiança no trabalho dos correspondentes, que diariamente enviam *e-mails* com uma lista contendo as principais histórias e/ou tópicos que podem ser trabalhados. Eles versam sobre algo que observam no dia a dia, na mídia local ou em alguma investigação que vem sendo realizada.

No entanto, destaca Hodgson (2012), que o se espera é que o material produzido seja algo particular: “*there is no point in paying people to go to a different country and produce news stories covered by the agencies*” [não há razão em pagar pessoas para ir para um país diferente e produzir as mesmas notícias que as agências cobrem]. Ao contrário, os editores esperam dos correspondentes – em um momento em que a notícia internacional se tornou algo muito fácil e rápido de se acessar – que efetivamente busquem ampliar, aprofundar as reportagens, apresentando um material mais analítico.

A orientação editorial, portanto, conforme o aponta, no caso do *Guardian*, é que se produzam textos jornalísticos sobre a cultura do país, o que pode resultar na apresentação de um novo livro, uma direção de um filme, um programa televisão, algo que revele um pouco sobre o modo de viver das pessoas, o cotidiano. Até mesmo uma história que envolva um pequeno cenário cultural é válida. Aponta Hodgson (2012):

I think it was what Tom Phillips did in Brazil. We have learnt about people living, settled up in abandon buildings for example. It is not news but everyday life, and that is a kind of stuff we are interested in.

[Eu acho que foi isso exatamente o que o Tom Phillips fez no Brasil. Nós aprendemos sobre um modo de vida, de pessoas vivendo em prédios abandonados, isso para citar um exemplo. Isso não é notícia, mas cotidiano, e é esse tipo de material que nós estamos interessados].

Do outro lado do processo produtivo, Tom Phillips (2013)¹⁶⁶ corrobora Hodgson (2012) ao afirmar que os editores quase não intervêm nas pautas propostas pelos correspondentes. Durante a sua experiência brasileira, não observou por parte da redação um interesse diário no país, fator esse, do seu ponto de vista, positivo, pois proporcionava a ele mais tempo para pesquisar e viajar em busca de informações para uma determinada reportagem.

Muito pouco vem da redação em termos de pedidos, a não ser em cima de fatos “quentes”. A maioria das matérias eu pautava, achava que seria interessante para os leitores ou mesmo porque me interessavam. Meu olhar esteve sempre vinculado ao lado social, à cultura brasileira em si, tentei escrever bastante sobre isso. No Brasil, eu enxergava como temas atuais o desenvolvimento do país, a questão da segurança pública, a cultura, crescimento cultural da população, das cidades e a questão ambiental. Foi interessante ter passado esse tempo no Brasil e depois vir para a China, apesar de não falar mandarim, os temas em torno da corrupção política e da questão ambiental persistem, mesmo que possam parecer um pouco diferentes, também são muito semelhantes, pois envolvem a questão do desenvolvimento. Essas demandas são multiplicadas por mil na China, pois a população é muito maior (PHILLIPS, 2013).

¹⁶⁶ Vale lembrar, conforme exposto previamente, que Tom Phillips foi correspondente do *The Guardian* no Brasil, de 2005 ao início de 2012, quando foi ser correspondente de outro jornal inglês, o *The Daily Telegraph*, em Xangai, na China. O primeiro contato com o jornalista ocorreu durante a mudança de veículo, em meados de abril de 2012 e, a partir deste, foram várias tentativas de encontro para a realização da entrevista em profundidade que somente pode ser efetivada em fevereiro de 2013, por telefone/skype. Deste modo, considerou-se aqui interessante manter o relato e a comparação que, muitas vezes, Phillips fez sobre os dois países em seu depoimento, ou seja, que estão “latentes” já que está vivenciando uma nova experiência atualmente na China. Essa estratégia adotada deve-se, sobretudo, a duas motivações: primeiro, a China é uma país integrante do BRIC e encontra-se em situação análoga ao Brasil em termos de posicionamento internacional; segundo, esse estudo preocupa-se em compreender de que modo as experiências culturais, de vida dos correspondentes, acabam por interferir no dia a dia de trabalho desses profissionais.

Por outro lado, o jornalista ressalta que o auxiliou em muito o fato de ser fluente em língua portuguesa quando começou a operar jornalisticamente no Brasil. Isso resulta da sua experiência pessoal anterior, que o introduziu na cultura brasileira. Phillips (2013) revela que, particularmente, passou os anos formativos da sua vida residindo no Brasil. Nos últimos 13 anos, ele morou na Inglaterra por quatro ou cinco apenas. O restante do tempo viveu no Brasil.

Sua trajetória no país iniciou-se antes de ser correspondente do *Guardian*. Em 2000, depois que terminou a formação escolar em terras britânicas, passou cerca de um ano em Belo Horizonte, em Minas Gerais, próximo de amigos brasileiros, pois almejava conhecer o mundo e outro idioma. Naquele período, conseqüentemente conheceu a música e a cultura brasileira, no entanto, conservava a ideia de trabalhar como jornalista em outros países.

Em 2001, retornou ao Reino Unido para ingressar na faculdade de Letras [tradução inglês-português], na Universidade de *Leeds*. Esse curso possibilitava a realização de uma parte em um país de língua portuguesa. Então, por meio deste tipo de intercâmbio, durante o ano de 2003, Phillips acabou estudando na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, enquanto ensaiava alguns trabalhos de *freelancer*, pois já fazia também parte da equipe de um jornal estudantil da universidade inglesa. Em seguida, formou-se em 2004-5 e retornou, mais uma vez, ao Brasil com a intenção de ficar um tempo parado para observar o que aconteceria em termos de trabalho. Pausa essa que pouco durou, já que surgiu a história de Jean Charles, que rendeu ao jornalista o emprego no jornal, conforme foi citado anteriormente (PHILLIPS, 2013).

Em termos de estrutura de trabalho, no caso de Phillips – e de muitos outros correspondentes internacionais que atuam para jornais que não têm sede no Brasil – é a mínima que existe, faz-se necessário apenas uma espécie de escritório no próprio local de residência:

Não precisava muito, eu falava português, então não necessitava de assistente, de vez em quando, se estava fazendo uma matéria específica buscava ajuda, contratava um cinegrafista durante um dia, mas muito raramente. A maioria das pessoas que colaboravam comigo eram já amigos: tinha o motorista, o fotógrafo, mas não havia um fotógrafo fixo do *Guardian*, não existia isso, nenhum jornal tem. Fiz alguns vídeos e documentários também com um fotógrafo e amigo americano¹⁶⁷ (PHILLIPS, 2013).

Mesmo com a versão *on-line*, ainda é algo novo produzir vídeos para o jornal. Assinala Phillips (2013) que, quando chegou ao *Guardian*, em 2005, quase não se fazia esse

¹⁶⁷ É possível consultar esse material *on-line* em <http://dancingwiththedevilthemovie.com> e ainda o relato e apresentação do mesmo no próprio jornal: <http://www.guardian.co.uk/world/2009/nov/05/brazil-drugs-rio-de-janeiro>. Acesso em: 13 fev. 2013.

tipo de produção jornalística. A inclusão começou a ocorrer a partir de 2009, mas o jornalista não identifica que exista um costume próprio, por parte do jornal, no sentido de solicitação desse tipo de operação, ou seja, trata-se, predominantemente, de trabalhar com conteúdo em texto escrito com eventuais inserções de outros formatos. Nesse sentido, salienta ainda o jornalista que a maioria do trabalho produzido para o *Guardian*, enquanto esteve atuando no Brasil, foi de cunho social e ecológico, com reportagens significativas a partir da Amazônia, algumas no Nordeste, diversas e variadas no Rio de Janeiro.

Com relação à cobertura das demais regiões do Brasil, Phillips (2013) destaca que havia certa dificuldade de introduzir pautas do Sul do país ou de lugares menos conhecidos pelos leitores britânicos. Nesse sentido, ele coloca uma crítica à imprensa estrangeira em geral: “existe uma visão limitada por parte dos editores, pois há um leque de interesse da parte deles que não comporta temas que não fazem parte dessa ideia pré-concebida do Brasil”. Temática essa, a ser aprofundada na seção a seguir, quando se estudam as principais questões sobre o Brasil colocadas em circulação pelo jornal para os leitores britânicos.

6.2 PRODUÇÃO E TEXTOS

Para dar conta desta segunda etapa de análise, centra-se na articulação do momento da *produção* com o estudo dos *textos*, no sentido de identificar traços da produção nos textos. Conforme apontado na descrição dos procedimentos metodológicos e também no recorte do objeto estudado – os documentos, nessa parte analisados, são os 65 títulos das matérias de autoria de Tom Phillips, publicadas durante o ano de 2011, cujo conteúdo atravessa as referências contidas nos depoimentos do próprio correspondente e do editor sediado na redação em Londres. Além disso, emprega-se uma análise dos títulos retomando as categorias temáticas¹⁶⁸ constituídas no estudo sobre a identidade brasileira em busca da presença de representações de elementos culturais historicamente constituídos no contexto brasileiro e/ou naquele de circulação britânico.

Para tanto, empregam-se duas formas de contextualização do objeto. A primeira – *interna* – é composta por características editoriais e visuais do jornal *The Guardian*. A outra – *externa* – que retoma as categorias temáticas, as identifica e as correlaciona com os elementos culturais encontrados nos títulos dos textos, para, então, identificar a “estrutura de sentimento” apresentada pelo jornal sobre o país no período pesquisado. Trata-se de

¹⁶⁸ Conforme elencadas no capítulo quatro desta tese.

identificar no material empírico os elementos culturais que, coordenados pelas práticas sociais e formas de produção, ajudam a dar sentido à experiência vivida.

Em se tratando da contextualização *interna*, por meio da qual se busca descrever editorialmente e visualmente o jornal *The Guardian*, vale lembrar que permanece o mesmo critério estabelecido para a coleta dos dados [conforme já apontado quando da apresentação das características editoriais da imprensa britânica, na seção 5.1 do capítulo anterior, e de recorte do objeto, no item seguinte 5.2], isto é, partiu-se de uma primeira consulta aos textos publicados na versão impressa do jornal e na versão *on-line* [*Guardian Unlimited*] por meio do *database* NEXIS UK, disponíveis na biblioteca da *Nottingham Trent University*.

Naquele momento, foi verificada a semelhança no conteúdo e na edição dos títulos [porém na versão impressa eram mais longos do que na *on-line*], observando-se ainda uma continuidade cronológica análoga de publicação em ambas as versões no ano estudado. Verificação essa que ratifica o depoimento de Hodgson (2012), que relata o emprego de uma “*slight*” [leve] edição dos textos no sentido de ajustar ao “*timing*” da edição com o tempo da circulação. Entretanto, o conteúdo produzido pelo correspondente é aproveitado em ambas as versões.

Porém, para dar conta da composição de um *corpus* adequado ao objeto desta tese, optou-se, em um segundo momento, trabalhar somente a partir da versão publicada no *on-line*. Essa escolha deve-se ao fato de que se considerou que seria possível, somente a partir dessa, identificar os textos que geraram comentários dos leitores. Resultando, desse modo, em uma escolha justificada e, por outro lado, também necessária em termos metodológicos¹⁶⁹.

De todo modo, algumas dessas características com relação à versão impressa podem ser inferidas. A editoria conta diariamente com, no mínimo, três páginas do jornal, podendo esse espaço ser ampliado dependendo da comercialização de anúncios (HODGSON, 2012). Está situada no caderno principal [*main section*] do jornal, logo após as editorias *News* e *National*, de cobertura das principais notícias locais e nacionais. Na versão impressa, a editoria é chamada de *International*, as matérias e as notas são todas assinadas pelos correspondentes ou agências de notícias internacionais. Os principais textos possuem remissão para a versão *on-line* e são, frequentemente, seguidos de fotos amplas e em cores. Da mesma forma no *on-line*, toda a matéria acompanha um *article history*, ou seja, um

¹⁶⁹ Reconhece-se aqui, em termos de pesquisa, a discussão em torno dos diferentes suportes no qual o jornalismo atua, sobretudo, aquelas mais recentes referentes ao jornalismo *on-line*. No entanto, cabe ressaltar que nesta pesquisa emprega-se um entendimento de jornalismo como uma *prática social*, no sentido dado por Rüdiger (1993, p. 7), “componente do processo de formação da chamada opinião pública; prática que, dotada de conceito histórico variável conforme o período, pode se estruturar de modo regular nos mais diversos meios de comunicação [...]”, isto é, mesmo que esse possa assumir características inerentes ao meio trabalhado na sua relação produção-recepção é sempre *jornalismo*.

hipertexto, por meio do qual é possível consultar a data e a hora da primeira publicação *on-line* e eventuais modificações realizadas, bem como as informações sobre a publicação no impresso, indicando a data, a seção e a página.

São dois meios distintos de circulação de conteúdo que, todavia, encontram-se inteiramente integrados. O *Guardian Unlimited* apresenta, por seu turno, duas edições – UK e US – a principal, do Reino Unido, e a nova página dirigida à audiência estrangeira, sobretudo, aquela norte-americana. Não interessa para este estudo descrever a segunda, contudo, é interessante inferir que o jornal tem investido em ampliar sua atuação fora do universo britânico. O *Guardian US*¹⁷⁰, lançado em 2011, origina-se de uma redação digital, situada em Nova Iorque, exclusivamente para cobrir os Estados Unidos para uma audiência *on-line* e internacional. Recentemente, em janeiro de 2013, o veículo anunciou um novo recorde em número de acessos únicos para essa página: 12,5 milhões, que representa um aumento de 31 por cento com relação ao ano anterior. Estima-se que, em 2013, esse alargamento em termos de atuação chegue também à Austrália. A principal produção ainda é, contudo, aquela gerada a partir do Reino Unido, na qual há um *menu* de acesso para os seguintes *sites*: *News/ Sports/ Comment/ Culture/ Business/ Money/ Life & Style/ Travel/ Environment/ Tech/ TV/ Video/ Dating/ Offers/ Jobs*, cada qual com subseções editoriais próprias.

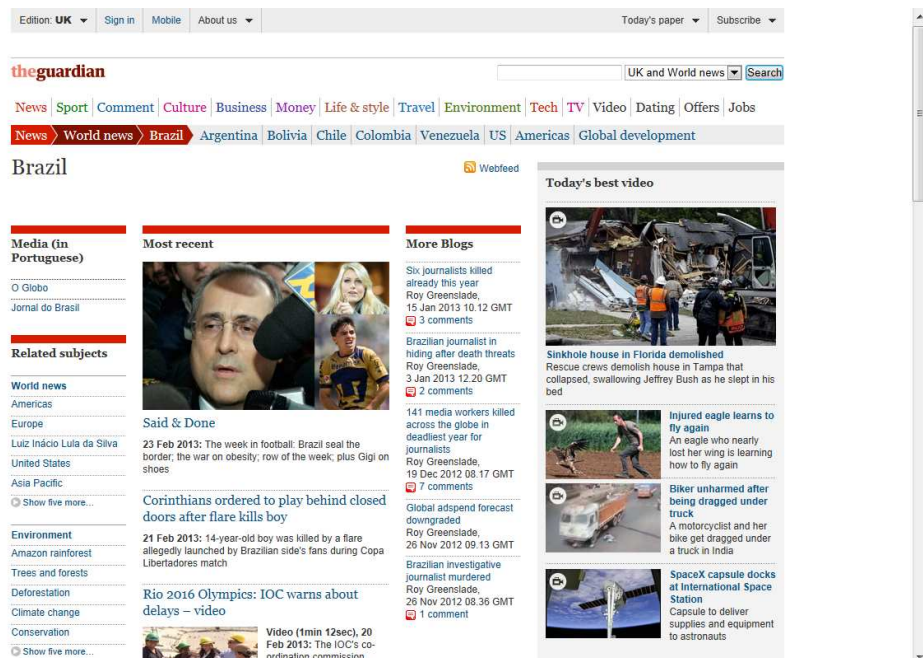


Fig. 8 – Disposição editorial e visual da página *World/Americas/Brazil*
Fonte: *Guardian Unlimited*¹⁷¹

¹⁷⁰ Informações sobre essa redação norte-americana estão disponíveis em: <http://www.guardian.co.uk/info/about-guardian-us>. Acesso em: 13 fev. 2013.

¹⁷¹ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/brazil>. Acesso em: 4 mar. 2013.

As reportagens sobre o Brasil, frequentemente, são publicadas na editoria *World*, a partir da *News*. Para citar um exemplo, no universo de pesquisa individualizado para esta tese, 56 matérias das 65 publicadas por Tom Phillips naquele ano estão localizadas em *World*. As demais se encontram, sobretudo, na página de *Environment*, entre outras exceções apresentadas no recorte. Na capa da seção *World* há também uma subdivisão por regiões do mundo, são elas: *UK/ Europe/ US/ China / Middle East/ Africa/ South and Central Asia/ Asia Pacific/ Americas*, incluindo-se ainda um *link News A-Z*. A partir de *Americas* é possível acessar a cobertura brasileira¹⁷² [Fig. 8]. Nessa, o conteúdo principal encontra-se no centro, *Most recent* [mais recentes] lista as últimas notícias publicadas sobre o Brasil. No lado esquerdo da tela, há *links* para a mídia brasileira, bem como listas de temas relacionados, no qual estão *Rainforest*, Luís Inácio Lula da Silva, Jean Charles de Menezes, entre outros tópicos nem tão próximos, mas nos quais a palavra *Brazil* pode aparecer eventualmente.

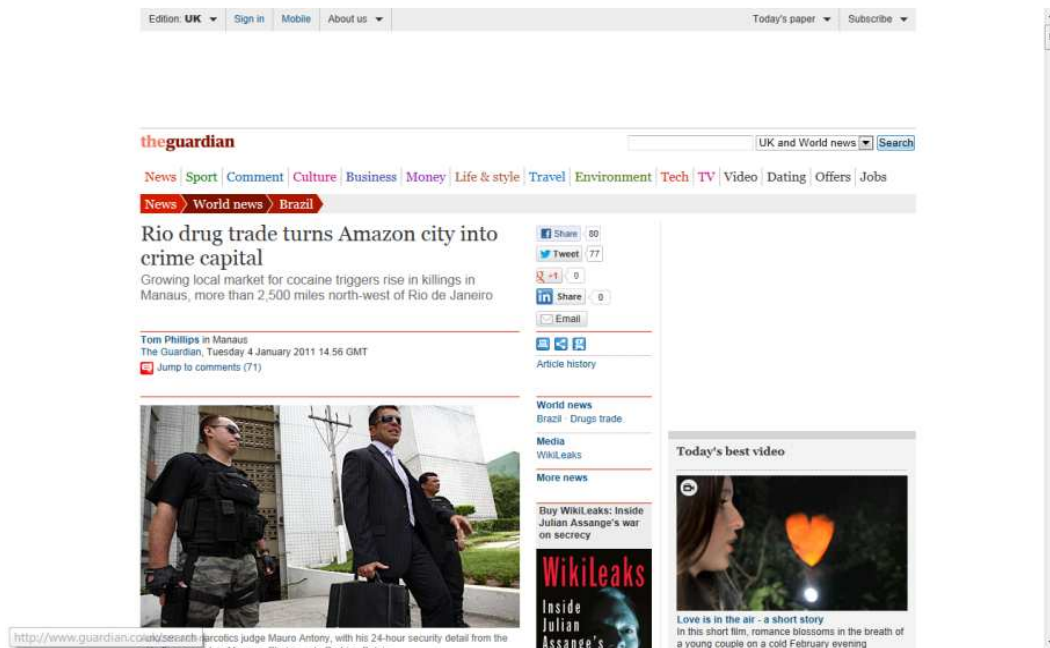


Fig. 9 – Disposição editorial e visual de reportagem de Tom Phillips
Fonte: *Guardian Unlimited*¹⁷³

O acesso a uma matéria propriamente dita se dá através do título que é também hipertexto. Nesse sentido, o exemplo citado acima [Fig. 9] – para uma descrição inicial do objeto – é representado pela primeira reportagem de Tom Phillips publicada em 2011: *Rio*

¹⁷² Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/brazil>. Acesso em: 13 fev. 2013.

¹⁷³ Disponível *on-line* em: <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jan/04/rio-drug-trade-amazon-manauas#history-link-box>. Acesso em: 14 fev. 2013.

drug trade turns Amazon city into crime capital [Comércio de drogas do Rio transforma a capital amazônica em cidade do crime] – publicada *on-line* em 4 de janeiro de 2011, e, no jornal impresso, do dia seguinte, na página 21, do caderno principal.

Na figura 9, portanto, é possível visualizar algumas das características já mencionadas, isto é, o *menu* de acesso do *Guardian Unlimited* e ainda *article history*. Além disso, destacam-se outros elementos jornalísticos, tais como, a assinatura do jornalista, a partir de Manaus, a composição editorial com o título, a linha de apoio, logo abaixo desse – *Growing local market for cocaine triggers rise in killings in Manaus, more than 2,500 miles north-west of Rio de Janeiro* [Crescente mercado local de cocaína provoca aumento de assassinatos em Manaus, mais de 2.500 milhas a Noroeste do Rio de Janeiro], a foto, legendada e creditada e, em seguida, o texto composto por 23 parágrafos de conteúdo jornalístico.

Ressalta-se ainda a presença do *link Jump to comments*, abaixo da assinatura e da data de publicação, que indica o número e encaminha para a listagem de comentários deixados pelos leitores no espaço disponibilizado ao término do texto. Adianta-se, desse modo, a contextualização *interna*, a qual observa que as reportagens estão compostas editorialmente e visualmente pelas características apenas descritas. Acrescenta-se a isso que, na amostra individualizada, o material textual é acompanhado de uma fotografia ou de um vídeo.

Sob o ponto de vista de contextualização *externa*, é possível notar que as categorias culturais analíticas constituídas a partir do estudo da identidade nacional, no quarto capítulo desta tese, podem ajudar a nortear a análise temática dos títulos publicados no referido período [Quadro 2 /Fig. 10], a saber: *território e Brasil-nação* [referências às dimensões continentais e às áreas de recursos naturais abundantes do Brasil], *mentores simbólicos do Estado* [menções aos dirigentes brasileiros e à política do país em geral]¹⁷⁴ e *cultura e sociedade* [evidência do Brasil como um país emergente economicamente, mas diversificado social e culturalmente].

¹⁷⁴ Há ainda, nesse sentido, outra verificação a ser feita com relação aos *mentores simbólicos nacionais do passado e da atualidade*, na seção a seguir, a partir do estudo das fontes contatadas pelo correspondente para a produção dos textos.

Categorias analíticas	Temas	Número de matérias
<i>Território e Brasil-nação</i>	Desflorestamento e construção de hidrelétrica	5
	Violência e tráfico	8
<i>Mentores simbólicos do Estado – passado e atualidade</i>	Política brasileira	7
<i>Cultura e sociedade</i>	Desigualdade social, favelas e tráfico de drogas	7
	Olimpíada e Copa do Mundo	4
	Raça e gênero	4
	Imigração	3
	Cultura	3
	Religião	3
	Factuais ¹⁷⁵	22

Fig. 10 – Quadro de categorias culturais analíticas e temas do *The Guardian*

O jornal *The Guardian* emprega frequentemente elementos relacionados ao *território* brasileiro para tratar de questões ligadas à preservação ambiental. Temáticas em torno da Amazônia denunciam assassinatos de ativistas e o desflorestamento, assim como apontam a necessidade de proteção das terras pertencentes aos povos indígenas. É possível identificar, considerando a área de atuação do correspondente, ou seja, no Rio de Janeiro, que a região amazônica foi aquela que mais gerou cobertura do jornal fora do eixo carioca.

Em 2011, foram 13 reportagens¹⁷⁶ sobre esse assunto. Os enfoques podem ser divididos em duas abordagens: *desflorestamento e construção de hidrelétrica*, *violência e tráfico*, no entanto, todas demonstram preocupação com a preservação do território.

*Belo Monte hydroelectric dam construction work begins*¹⁷⁷ [Começam os trabalhos de construção da barragem hidrelétrica de Belo Monte] – 10/03/2011

*Brazilian anti-dam campaigner sacked*¹⁷⁸ [Ativista brasileiro antibarragem é demitido] – 02/11/2011

¹⁷⁵ Há uma série de outros textos que cobrem temáticas diversificadas, mas que têm em comum serem factuais, ou seja, notícias geradas por fatos pitorescos e dramáticos, tais como assassinatos isolados, cobertura de enchentes (*flooding*) no Rio de Janeiro [somente sobre esse assunto foram registradas nove matérias no início do ano, uma delas é selecionada para aprofundamento em análise na próxima seção, por ter gerado comentários de leitores], trabalho escravo em conhecida empresa da moda europeia, entre outros temas.

¹⁷⁶ Salienta-se que há registro de outra reportagem sobre a Amazônia, mas essa foi deslocada para a terceira categoria temática a ser trabalhada na sequência, tal opção deve-se ao fato de que a matéria, ainda que aborde a imigração haitiana para a referida região, amplia o enfoque em torno da história da imigração brasileira.

¹⁷⁷ Cf. <http://www.guardian.co.uk/environment/2011/mar/10/belo-monte-hydroelectric-work>. Acesso em: 15 fev. 2013.

¹⁷⁸ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/nov/02/brazil-anti-dam-campaigner-sacked>. Acesso em: 15 fev. 2013.

*Brazilian judge orders construction of Amazon dam to stop*¹⁷⁹ [Juiz brasileiro interrompe construção de barragem na Amazônia] – 29/09/2011

*Brazil forms 'crisis cabinet' following unexpected deforestation surge*¹⁸⁰ [Brasil forma 'gabinete de crise' por causa de aumento inesperado do desflorestamento] – 20/05/2011

*Uncontacted tribe found deep in Amazon rainforest*¹⁸¹ [Tribo isolada é encontrada dentro da floresta Amazônica] – 22/06/2011

Nos títulos destacados acima é possível visualizar uma identificação com o *território* e a problemática da preservação não apenas da Amazônia, mas das comunidades indígenas ou descendentes desses. A polêmica em torno da construção da hidrelétrica, que desvia o curso do rio Xingu, o aumento do desflorestamento na região em geral, que, além de ter sido desvelado por meio de imagens de satélite, permite identificar comunidade nativa até então isolada – são questões que fazem parte da narrativa simbólica do Brasil pelo jornal *The Guardian*. A contrapartida estatal – sustentada pela necessidade energética e de desenvolvimento da região, os recursos tecnológicos empregados para evitar desmatamentos e as iniciativas motivadas pela necessidade de mudanças no código florestal – é também ouvida pelo correspondente e exposta nos textos, no entanto, percebe-se que nem sempre é esse o enfoque destacado nesses títulos.

Todavia, com relação à abordagem relacionada à violência e ao tráfico de drogas no território amazônico, os títulos identificam mais claramente a participação do Estado brasileiro nas histórias reportadas.

*Rio drug trade turns Amazon city into crime capital*¹⁸² [Comércio de drogas do Rio transforma a capital amazônica em cidade do crime] – 04/01/2011

*Amazon rainforest activist shot dead*¹⁸³ [Ativista da floresta Amazônica morto a tiros] – 24/05/2011

*Brazil creating anti-pirate force after spate of attacks on Amazon riverboats*¹⁸⁴ [Brasil cria força antipirata após onda de ataques a barcos no rio Amazonas] – 17/06/2011

¹⁷⁹ Cf. <http://www.guardian.co.uk/environment/2011/sep/29/brazilian-judge-monte-bello-dam>. Acesso em: 15 fev. 2013.

¹⁸⁰ Cf. <http://www.guardian.co.uk/environment/2011/may/20/brazil-crisis-cabinet-amazon-deforestation>. Acesso em: 15 fev. 2013.

¹⁸¹ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jun/22/new-tribe-discovered-amazon>. Acesso em: 15 de fev. 2013.

¹⁸² Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jan/04/rio-drug-trade-amazon-manau>. Acesso em: 15 de fev. 2013.

¹⁸³ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/may/24/amazon-rainforest-activist-killed>. Acesso em: 15 de fev. 2013.

¹⁸⁴ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jun/17/brazil-amazon-pirates>. Acesso em: 15 fev. 2013.

*Brazil to protect Amazon activists threatened with murder*¹⁸⁵ [Brasil na proteção de ativistas ameaçados de morte] – 06/07/2011

*Brazil moves to prevent 'massacre' of Amazon tribe by drug traffickers*¹⁸⁶ [Brasil se mobiliza para impedir o "massacre" de tribo amazônica por traficantes de drogas] – 09/08/2011

*Brazilian police arrest suspects in Amazon murders of environmentalists*¹⁸⁷ [Polícia brasileira prende suspeitos de assassinar ambientalistas na Amazônia] – 19/09/2011

*Death in the Amazon: Brazil accused of protecting trees but not its people*¹⁸⁸ [Morte na Amazônia: Brasil acusado de proteger as árvores, mas não o seu povo] – 28/09/2011

*The high price of gold: death and destruction in Amazon mineral rush*¹⁸⁹ [O alto preço do ouro: morte e destruição na Amazônia na corrida pelo minério] – 26/09/2011

Verifica-se, portanto, serem latentes os relatos em torno da problemática de conservação da terra nativa, das iniciativas do Estado enquanto nação para salvaguardar a integridade do seu território, proteger as comunidades locais. Além disso, assim como tem sido demonstrado por historiadores e antropólogos sobre o passado histórico brasileiro, evidencia-se também a exploração de riquezas naturais em momento de alta do preço do ouro nos mercados da Europa e dos Estados Unidos e a violência gerada em torno desse domínio. Manifesta-se nos títulos que, para o jornal analisado, a Amazônia não é simplesmente o “pulmão do mundo”, constituído por ecossistema admirável, mas um território no qual há uma complexidade de questões problemáticas.

Diante desses aspectos, ao ser indagado sobre como identifica que Brasil tem sido representado editorialmente pela imprensa britânica, o editor Martin Hodgson (2012), apresentando o ponto de vista do *The Guardian*, assinalou buscar abordá-lo de modo a evitar generalizações:

Brazil has particular stereotypes such as samba, sex, football, beaches, Amazon. I think they are positive comparing to Colombia and other countries. I also think, in general, people don't have much opinion of Latin America. But Brazil has a kind of a positive image. I don't think we set out to engage with that image, because we know these are just common sense. We

¹⁸⁵ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jul/06/brazil-to-protect-amazon-activists>. Acesso em: 15 fev. 2013.

¹⁸⁶ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/aug/09/brazil-amazon-tribe-drug-traffickers>. Acesso em: 15 fev. 2013.

¹⁸⁷ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/sep/19/brazilian-police-amazon-murder-environmentalists>. Acesso em: 15 fev. 2013.

¹⁸⁸ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/sep/28/amazon-brazil-protect-trees>. Acesso em: 15 fev. 2013.

¹⁸⁹ Cf. <http://www.guardian.co.uk/environment/2011/sep/26/amazon-gold-rush-prices-soar>. Acesso em: 15 fev. 2013.

try to avoid stereotypes of every part of the world and sometimes we decide in not to do a story because that just refer to stereotypes. On the other hand, it doesn't mean that we don't question them. We can't avoid to engage Brazil within BRIC's group for example, but we are very skeptical with the fast growth of these countries. We are always trying to find stories that go against that. By looking what are happening, we can't say, fine, Brazil is now a BRIC and we don't write about poverty (HODGSON, 2012).

[O Brasil tem estereótipos particulares, tais como, samba, sexo, futebol, praias, Amazônia. Eu acho que eles são positivos em comparação com a Colômbia e outros países. Também acho que, em geral, as pessoas não têm muito conhecimento sobre a América Latina. Mas o Brasil tem uma imagem positiva. Não acho que a nossa proposta seja nos envolvermos com essa imagem, porque sabemos que são apenas temas do senso comum. Tentamos evitar os estereótipos de todas as partes do mundo e, às vezes, se decide por não contar uma história porque se refere a estereótipos. Por outro lado, isso não significa que nós não vamos questioná-los. Não podemos evitar de associar o Brasil ao BRIC por exemplo, mas somos muito céticos com relação ao rápido crescimento desses países. Estamos sempre tentando encontrar histórias que vão contra isso. Ao olharmos para o que está acontecendo internamente, não podemos dizer, tudo bem, o Brasil é agora um BRIC e não escrevemos mais sobre a pobreza].

Embora, seguindo o método de Johnson (1999), se evite empregar uma crítica avaliativa dos textos, identifica-se, no próprio depoimento do editor reportado acima, uma contraposição de elementos, por meio dos quais ele salienta serem associados à imagem do país. Hodgson (2012) apresenta temas que segundo ele, em geral, são positivos, no entanto, destaca também não ser essa a proposta do jornal ao “olhar” internamente para o país, pois cita um interesse maior em abordar temas como, por exemplo, a “pobreza” em detrimento de enquadrá-lo como um país emergente. Por outro lado, tal destaque do editor é, também, identificado na análise dos títulos referentes aos chefes de Estado e a representação política brasileira em geral, conforme elencados a seguir, verifica-se a presença de *mentores simbólicos* ligados ao Estado:

*Dilma Rousseff's pledge to empower Brazil's women comes good*¹⁹⁰
[Promessa de Dilma Rousseff para capacitar as mulheres do Brasil vem em boa hora] – 02/12/2011

*Brazil's Dilma Rousseff will not mince her words over European dithering*¹⁹¹
[Dilma Rousseff não poupa palavras diante da hesitação europeia] – 02/11/2011

¹⁹⁰ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/dec/02/dilma-rousseff-pledge-empower-women-brazil>. Acesso em: 16 fev. 2013.

¹⁹¹ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/nov/02/brazil-to-tell-europe-to-get-its-act-together>. Acesso em: 16 fev. 2013.

*Dilma Rousseff – a favela with a presidential name*¹⁹² [Dilma Rousseff – uma favela com um nome presidencial] – 27/06/2011

*Brazil is the latest country to get angry about corruption*¹⁹³ [O Brasil é o último país a ficar com raiva da corrupção] – 27/10/2011

*Barack Obama to visit City of God in Rio de Janeiro*¹⁹⁴ [Barak Obama visita Cidade de Deus no Rio de Janeiro] – 18/03/2011

*Itamar Franco obituary*¹⁹⁵ [Obituário de Itamar Franco] – 03/07/2011

*José Alencar obituary*¹⁹⁶ [Obituário de José Alencar] – 01/04/2011

Observa-se nesses textos uma associação direta da chefe de Estado brasileira às questões sociais intrínsecas do Brasil, tais como: o fato de gestoras mulheres estarem “pleiteando” cargos políticos nas eleições, antes preenchidos por uma maioria masculina que sempre governou país; o episódio da comunidade carente mudar o nome da favela onde vive para o nome da “mãe da nação”, expressando desse modo uma identificação simbólica; e ainda o destaque às palavras da líder brasileira sobre o descaso europeu, diante da crise, que poderia “respingar” na economia dos países emergentes. Tem-se, também, em outro exemplo, além da articulação com a presidente brasileira, uma amarração do líder norte-americano com a favela, em menção de que até mesmo os “poderosos” estão “olhando” para os problemas sociais brasileiros.

Nesse sentido, vale a ressalva de que, embora o jornal mencione a participação de atores ligados ao Estado e ao poder, os títulos associam esses *mentores* a questões ligadas às problemáticas expressas nas condições sociais de vida dos brasileiros, ou seja, não predominam pautas sobre ações do governo que exaltam uma política de país em ascensão econômica que pouco considera sua realidade interna. Porém há, também, registros de textos sobre o falecimento de ex-governantes nacionais, na seção de óbitos do jornal, destacando a contribuição deles para o Estado brasileiro.

É possível, nesse sentido, seguir na observação dos títulos, tendo como “norte” a terceira categoria analítica – *cultura e sociedade* – a qual, conforme discutida no capítulo anterior, percebe que a problemática da cultura e da desigualdade social no Brasil não pode ser reduzida à questão econômica, já que historicamente vem sendo atravessada por diversos fatores culturais que fazem dele uma das sociedades mais contraditórias do mundo.

¹⁹² Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jun/27/dilma-rousseff-favela-brazil>. Acesso em: 16 fev. 2013.

¹⁹³ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/oct/27/brazil-latest-country-angry-corruption>. Acesso em: 16 fev. 2013.

¹⁹⁴ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/mar/18/barack-obama-city-god-rio>. Acesso em: 16 fev. 2013.

¹⁹⁵ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jul/03/itamar-franco-obituary>. Acesso em: 16 fev. 2013.

¹⁹⁶ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/apr/01/jose-alencar-obituary>. Acesso em: 16 fev. 2013.

No caso do jornal em tela, salienta-se o fato de que a cobertura brasileira situa-se, na maioria das vezes, a partir do Rio de Janeiro, mesmo apresentando exceções, pois há registros de reportagens realizadas em São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, entre outras localidades. Nesse sentido, verifica-se que as problemáticas urbanas do Rio de Janeiro, ou seja, o tráfico de drogas e a remoção da delinquência das favelas são pautas recorrentes e mostram que a *desigualdade social* está longe de ser uma questão menor no Brasil. Observa-se que, em todos os títulos citados abaixo, existe uma associação direta com a violência, o tráfico de drogas e as ações policiais:

*Brazil troops and police raid Rio shantytown in clean-up drive*¹⁹⁷ [Tropas e polícia invadem favela no Rio para limpar a unidade] – 13/11/2011

*Life and death in Rio's drug wars*¹⁹⁸ [Vida e morte na guerra da droga no Rio] – 13/11/2011

*Brazilian 'drug lord' sees reign as 'king of the hill' end in car boot*¹⁹⁹ [Barão da droga brasileira assiste fim do seu reinado em um porta-malas de carro] – 11/11/2011

*Mafia assassination threat forces Brazil MP into exile*²⁰⁰ [Ameaça de assassinato força deputado brasileiro ao exílio] – 31/10/2011

*Crack cocaine epidemic sweeps Brazil from the Amazon to Rio*²⁰¹ [Epidemia do crack varre o Brasil da Amazônia ao Rio] – 25/08/2011

*Oxi: Twice as powerful as crack cocaine at just a fraction of the price*²⁰² [Oxi: duas vezes mais poderoso do que crack por apenas uma fração de preço] – 30/05/2011

*Rio de Janeiro appoints first female police chief*²⁰³ [Rio de Janeiro nomeia primeira chefe de polícia mulher] – 17/02/2011

Nesse domínio, a abordagem do jornalista chama a atenção para dois fatores. Um deles, evidenciado no título – *Epidemia do crack varre o Brasil da Amazônia ao Rio* –, corrobora a observação feita em entrevista, citada anteriormente, que percebia determinada resistência por parte dos editores em cobrir outras regiões do Brasil, já que a questão do crack é nacional e não um problema localizado apenas no Centro-Norte do país. O outro aspecto está relacionado ao acesso às zonas de conflito e/ou às comunidades ligadas ao tráfico de drogas.

¹⁹⁷ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/nov/13/brazil-troops-raid-shantytown>. Acesso em: 15 fev. 2013.

¹⁹⁸ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/nov/13/gelson-domingos-rio-drug-wars>. Acesso em: 15 fev. 2013.

¹⁹⁹ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/nov/11/brazilian-drug-lord-car-boot>. Acesso em: 15 fev. 2013.

²⁰⁰ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/oct/31/assassination-threat-brazil-mp-exile>. Acesso em: 15 fev. 2013.

²⁰¹ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/aug/25/crack-cocaine-brazil-amazon-rio>. Acesso em: 15 fev. 2013.

²⁰² Cf. <http://www.guardian.co.uk/society/2011/may/30/oxi-crack-cocaine-south-america>. Acesso em: 15 fev. 2013.

²⁰³ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/17/first-female-police-chief-rio>. Acesso em: 15 fev. 2013.

Conforme relatado por Phillips (2013), para chegar a esse universo no Rio de Janeiro, ele contou com o apoio de jornalistas brasileiros que “abriram caminho”, indicando os contatos e as fontes a serem consultadas. O jornalista revela que:

No Rio, tenho uma pessoa que chegou a ser um amigo próximo, que mora e trabalha nessas comunidades e possui vários contatos. Então, foi a partir dele que consegui contatos com o “mundo não-oficial”. O trabalho nas favelas, esse tipo de coisa, fiz com ele e acredito que foi mais fácil também por ser estrangeiro. Os jornalistas cariocas têm fama de apoiarem o governo, de quererem denunciar alguma coisa ou algum fato específico. O jornalista estrangeiro não está muito interessado em um fato específico, não quer saber se o fulano é o chefe de tal coisa, ele quer é falar sobre uma situação. Nesse sentido, é mais fácil para nós fazermos esse tipo de cobertura do que para os jornalistas cariocas (PHILLIPS, 2013).

Outro elemento que, segundo Phillips (2013), tem influenciado na cobertura brasileira é a realização de dois importantes eventos esportivos internacionais no Brasil, a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos, em 2016. O fato de o Brasil ser a sede desses eventos fez com que, nos últimos anos, aumentasse o número de correspondentes no país e também as pautas com relação à preparação da cidade do Rio de Janeiro para receber os turistas, diante das necessidades de infraestrutura e, sobretudo, de segurança pública.

Em 2011, determinadas histórias já estavam sendo contadas pelo *The Guardian* tendo em vista essa mobilização: o processo de pacificação do Morro da Mangueira que, além de abrigar uma das maiores facções do tráfico de drogas, acolhe também a sede de uma das mais importantes escolas de samba do país; a questão da *Fédération Internationale de Football Association* [FIFA] estudar a proposta de facilitar o preço de ingressos para quem entregasse armas, em uma iniciativa de estímulo ao desarmamento da população; e, ainda, as obras de renovação da infraestrutura para os Jogos Olímpicos, que vêm desabrigando favelados e “desvelando” a própria história da cidade.

Essa última, por exemplo, noticia que arqueólogos haviam encontrado, durante as escavações, vestígios de um porto, onde centenas de milhares de africanos foram vendidos a fazendeiros no período da escravidão no Brasil. Esse texto – que evidencia a preocupação do correspondente Tom Phillips em contextualizar a reportagem com elementos da história do Brasil – vale o destaque, pois descreve o relato dos historiadores que apontavam que o mercado de escravos em Valongo foi operado entre 1818-1830. Durante aqueles 12 anos, homens, mulheres e crianças da África Ocidental foram “embarcados em navios miseráveis, embalados em armazéns e vendidos”. Destaca, ainda, o registro de depoimento do capelão da Embaixada britânica, Robert Walsh, que detalhou os horrores que ali assistiu, depois de uma

visita em 1828: “as pobres criaturas expostas para venda como qualquer outra mercadoria”, escreveu em *Avisos do Brasil*, em 1828-9²⁰⁴.

De forma análoga, Phillips aborda a “limpeza” da favela da Mangueira junto à valorização do samba e os legados que essa escola deixa à cultura brasileira. Seguem abaixo esses e outros registros:

Brazilian slave port ruins unearthed in Rio's Olympic facelift [Ruínas de porto de escravos brasileiro são encontradas na transformação do Rio para a Olimpíada] – 04/03/2011

*Rio World Cup demolitions leave favela families trapped in ghost town*²⁰⁵ [Demolições do Rio para Copa do Mundo deixam famílias de favela presas em cidade fantasma] – 26/04/2011

*Rio police 'pacify' favela famed for samba*²⁰⁶ [Polícia do Rio ‘pacífica’ favela famosa pelo samba] – 19/06/2011

*Guns for goalposts? Fifa mulls Brazilian plans for World Cup disarmament drive*²⁰⁷ [Armas por traves? FIFA estuda planos brasileiros de mobilização ao desarmamento na Copa do Mundo] – 14/12/2011

De todo modo, Phillips (2013) salienta que foi possível perceber nos últimos anos uma mudança significativa por parte dos governos, nos níveis estadual e federal, com relação ao tratamento dado à imprensa estrangeira. Antes de 2004, quando ainda atuava como jornalista *freelancer*, sentia dificuldade em ter acesso aos representantes do governo, pois pouco interessava a eles a cobertura da imprensa internacional e, mesmo depois, entre os anos que se seguiram.

Com Sérgio Cabral no governo do estado e Eduardo Paes na prefeitura do Rio, com as Olimpíadas e a Copa do Mundo chegando, eles contrataram uma equipe de assessores internacionais e estão conseguindo “vender o peixe” de uma forma muito mais sofisticada do que antes. Em termos de Brasil, a mesma coisa, em 2005, era mais difícil conseguir entrevista com políticos, ministros ou alguma autoridade. Quando conseguia, era através de amigos que cobriam política em Brasília e não por meio de assessoria. Desde 2008-2009, é possível obter uma entrevista no mesmo dia. Tudo isso veio com a chegada do nome BRIC e os eventos esportivos. Foi uma mudança muito grande. Daria para se fazer uma crítica talvez sobre a maneira de como os correspondentes atuais e os próprios jornalistas brasileiros “compram” aquilo que os assessores do governo estão vendendo. Entretanto, não tenho dúvida de que eles estão “vendendo o peixe” deles de uma forma muito mais profissional do que antes (PHILLIPS, 2013).

²⁰⁴ A matéria completa encontra-se disponível em:

<http://www.guardian.co.uk/world/2011/mar/04/archaeologists-find-slave-port>. Acesso em: 15 de fev. 2013.

²⁰⁵ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/apr/26/favela-ghost-town-rio-world-cup>. Acesso em: 15 fev. 2013.

²⁰⁶ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jun/19/brazilian-police-pacify-favela-samba>. Acesso em: 15 fev. 2013.

²⁰⁷ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/dec/14/guns-goalposts-fifa-brazil-disarmament>. Acesso em: 15 de fev. 2013.

Verifica-se também que, de modo geral, as pautas sobre as questões de raça, de gênero e da imigração estão presentes nas páginas do *The Guardian* e a cobertura sobre o Brasil igualmente versa sobre esses temas. Os exemplos abaixo, se analisados mais atentamente, remetem a elementos culturais anteriores da história e da formação cultural do país, no entanto, demonstram serem questões bastante contemporâneas na sociedade brasileira.

Enquanto uma matéria evidencia que, pela primeira vez, por meio de censo demográfico, metade da população brasileira se identifica como afrodescendente; em outra, destaca que o padrão de beleza brasileira, reconhecido também fora do país, ainda está atrelado às modelos de cor branca, que são a maioria nos principais eventos da moda no país, fato criticado por manifestantes. Demonstra-se, por meio desses exemplos, que a questão do “mito fundador”, do convívio pacífico entre as raças, é ainda tema bastante problemático, ou seja, se por um lado os brasileiros identificam-se cada vez mais como um “povo miscigenado”, de outro as matérias indicam também que a classe mais alta da sociedade é declarada branca, elemento esse igualmente cunhado no consumo da moda.

*Brazil census shows African-Brazilians in the majority for the first time*²⁰⁸
[Censo brasileiro mostra pela primeira vez que afro-brasileiros são a maioria] – 17/11/2011

*Brazil's catwalks are too white, say protesters*²⁰⁹ [Passarelas do Brasil são muito brancas, dizem manifestantes] – 16/06/2011

Situação semelhante pode ser observada quando da abordagem de temas relacionados às questões de gênero. Verifica-se que, em um texto, o jornal destaca as iniciativas do governo carioca que, por meio de esquemas voltados ao público *gay* [*gay-friendly*], busca capitalizar esse crescente mercado no Rio de Janeiro; em outro, manifesta que as autoridades locais repudiaram campanha publicitária com modelo brasileira, reconhecida internacionalmente, que denigre a imagem da mulher.

*Rio de Janeiro aims to become world capital of gay tourism*²¹⁰ [Rio de Janeiro tem como objetivo tornar-se capital mundial do turismo *gay*] – 11/07/2011

²⁰⁸ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/nov/17/brazil-census-african-brazilians-majority>. Acesso em: 16 fev. 2013.

²⁰⁹ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jun/16/brazil-catwalks-too-white-protesters>. Acesso em: 16 fev. 2013.

²¹⁰ Cf. <http://www.guardian.co.uk/travel/2011/jul/11/rio-de-janeiro-gay-tourism>. Acesso em: 15 fev. 2013.

*Gisele Bündchen's 'sexist' lingerie campaign appals officials*²¹¹ [‘Machistas’ de campanha de lingerie de Gisele Bündchen apavoram autoridades] – 29/09/2011

Igualmente representativos são os textos sobre os movimentos migratórios atuais para o Brasil. As matérias remetem à história da formação brasileira e o quanto os fatores sociais e econômicos são determinantes no momento da imigração:

*Portuguese migrants seek a slice of Brazil's economic boom*²¹² [Migrantes portugueses procuram uma fatia no *boom* econômico do Brasil] – 22/12/2011

*Brazil warns of humanitarian crisis as Haitians arrive in their thousands*²¹³ [Brasil adverte para crise humanitária, enquanto haitianos chegaram aos milhares] – 13/12/2011

*Haiti's quake refugees brave sea and uncertainty for new life in Amazon*²¹⁴ [Refugiados do terremoto no Haiti enfrentam corajosos o mar e a incerteza de uma nova vida na Amazônia] – 25/05/2011

Motivados pela crise econômica em Portugal, e na Europa em geral, os lusos estão sendo novamente atraídos para o Brasil. O texto, porém, não faz menção significativa à economia brasileira, ao grupo dos países emergentes, o BRIC, mas aos relatos e às motivações de jovens portugueses que estão vindo trabalhar no Brasil. Logo, em outro exemplo, junto ao texto sobre os refugiados haitianos que se deslocam para a Amazônia em busca de novas oportunidades de vida, o correspondente publica, além de uma videoreportagem sobre o percurso deles, outros parágrafos adicionais, indicando ter realizado uma pesquisa sobre a história da imigração no Brasil. Os elementos históricos trabalhados pelo jornalista são ilustrativos e merecem ser reproduzidos por representarem determinada filiação a esse tipo de dado:

Chasing the dream

Throughout much of the 19th and 20th centuries migrant workers flocked to South America chasing the "Brazilian dream".

Foreign workers were widely seen as a key ingredient for economic growth, particularly after Brazil abolished slavery in 1888.

²¹¹ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/sep/29/gisele-bundchen-brazilian-supermodel-commercial>. Acesso em: 15 fev. 2013.

²¹² Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/dec/22/portuguese-migrants-brazil-economic-boom>. Acesso em: 17 fev. 2013.

²¹³ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/dec/13/brazil-humanitarian-crisis-haitians-arrive>. Acesso em: 17 de fev. 2013.

²¹⁴ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/may/25/haiti-earthquake-migrants-new-amazon>. Acesso em: 17 de fev. 2013.

Germans were among the first to arrive, colonising large areas of southern Brazil from the 1820s onwards. In some corners of Brazil's deep south, German is still spoken as a first language.

Between the mid-1870s and 1920 as many as 1.5 million Italian immigrants touched down in south and south-east Brazil. Today there are about 25 million Brazilians of Italian descent.

Between 1908 and the 1960s up to 250,000 Japanese immigrants arrived, many fleeing rural poverty. The majority set sail for Sao Paulo and went to work in the region's coffee plantations; others headed for the Amazon. Today Brazil is said to house the largest Japanese population outside Japan. Last year's census counted at least 2 million Brazilians of Asian descent.

[Perseguindo o sonho

Durante grande parte dos séculos XIX e XX, imigrantes trabalhadores juntaram-se em direção América do Sul para perseguir o "sonho brasileiro".

Esses trabalhadores estrangeiros foram identificados como um componente-chave para o crescimento econômico, especialmente depois que o Brasil aboliu a escravidão, em 1888.

Os alemães foram os primeiros a chegar e a colonizar grandes áreas do Sul do Brasil, da década de 1820 em diante. Em algumas localidades do Sul do Brasil, o alemão é ainda falado como primeira língua.

Entre meados das décadas de 1870 e 1920, estima-se que até 1,5 milhões de imigrantes italianos ingressaram no Sul e Sudeste do país. Hoje, existem cerca de 25 milhões de brasileiros de origem italiana.

Entre 1908 e os anos 1960, chegaram cerca de 250 mil imigrantes japoneses, fugindo da pobreza no setor rural. A maioria partiu para São Paulo e passou a trabalhar nas plantações de café da região, outros acabaram indo para a Amazônia. Hoje, o Brasil é conhecido por abrigar a maior população japonesa fora do Japão. No censo do ano passado, registrou-se pelo menos 2 milhões de brasileiros de origem asiática.

Outros elementos culturais, tais como, a música, o carnaval e a irreverência da arquitetura de Oscar Niemeyer são também publicados pelo jornal. As reportagens – *Hermeto Pascoal: The whole world in his hands*²¹⁵ [Hermeto Pascoal: o mundo inteiro nas suas mãos] (17/11/2011), *Rio carnival costumes and floats destroyed by fire*²¹⁶ [Fantasias e carros alegóricos do carnaval do Rio destruídos pelo fogo] (07/02/2011) e *Centro Niemeyer closes but row over arts complex continues*²¹⁷ [Centro Niemeyer fecha, mas disputa complexa pela arte continua] (15/12/2011) – indicam conhecimento da audiência britânica por estilos musicais e artistas, eventos populares e outras tendências.

No entanto, os temas ligados à religião não abordam aquela oficial brasileira, a católica, e nem mesmo o sincretismo religioso originado pela diversidade de origem afro. A mobilização das massas pelas igrejas evangélicas e o “poder simbólico”, expresso por Edir

²¹⁵ Cf. <http://www.guardian.co.uk/music/2011/nov/17/hermeto-pascoal>. Acesso em: 16 fev. 2013.

²¹⁶ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/07/rio-carnival-samba-city-fire>. Acesso em: 16 fev. 2013.

²¹⁷ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/dec/15/centro-niemeyer-closes-row-continues>. Acesso em: 16 fev. 2013.

Macedo e seus seguidores, bem como o seu enriquecimento ilícito por meio da “ajuda” de fieis, são os assuntos que atraem interesse do jornal:

*Brazil charges church leaders with embezzling millions from poor*²¹⁸ [Brasil penaliza líderes da igreja pelo desvio de milhões dos pobres] – 13/09/2011

*Brazilian televangelist tells followers to embark on media 'fast'*²¹⁹ [Evangélicos pedem a seguidores para entrarem “rápido” na mídia] – 28/07/2011

*Gospel starts to strike a chord in Brazil, the home of bossa nova*²²⁰ [Evangelho começa a produzir efeitos no Brasil, berço da bossa nova] – 27/12/2011

Percebe-se, contudo, a partir da análise das “marcas” deixadas pela produção nos textos/títulos/temas que há uma relação entre as ideias colocadas em circulação por analistas da identidade brasileira e o modo pelo qual o Brasil é representado no *The Guardian* – o seu território [amazônico sobretudo], o Estado e seus líderes [atuando em seus papéis, no cuidado da “coisa” pública] e a cultura brasileira e desigualdade social, tão evidente ao olhar de qualquer estrangeiro que o visite – são todos temas frequentes apresentados, sem generalizações e “ufanismos”.

Por outro lado, nota-se que a problemática econômica, social e cultural brasileira, representada nas páginas do *Guardian*, segue um posicionamento editorial bastante centrado no “olhar” britânico, no contexto do leitorado para qual o jornal circula, ou seja, a representação de um Brasil amazônico, de um Brasil carioca, da favela, do tráfico, das manifestações populares.

É possível destacar, portanto, que a “estrutura de sentimento”, gerada pelas publicações do veículo estudado, é permeada pelas *culturas vividas* por seu correspondente, pela visão dos editores e os “imaginados” leitores, nada deslumbrada por uma eventual ascensão econômica, de “país do futuro”, pois há sempre – ou quase – um destaque para a desigualdade social, o problema da violência urbana, entre outros temas de cunho social e cultural que fazem parte do cotidiano brasileiro. Outros fatores mais específicos da composição do texto e da audiência do jornal *The Guardian* serão inferidos e estudados na próxima articulação.

²¹⁸ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/sep/13/brazil-church-embezzling-millions-poor>. Acesso em: 16 fev. 2013.

²¹⁹ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jul/28/televangelist-media-fast-brazil>. Acesso em: 16 fev. 2013.

²²⁰ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/dec/27/gospel-strikes-chord-brazil>. Acesso em: 16 fev. 2013.

6.3 TEXTOS E LEITURAS

Seguindo o método de Johnson (1999), nesta articulação, o texto não deve ser estudado por ele próprio, mas de forma “descentrada”. Nesse sentido, uma apreciação do contexto é crucial. Portanto, aplica-se a seguir um estudo dos elementos culturais contemporâneos presentes nos textos e, também, uma análise dos comentários relacionados a esses para identificar possíveis “efeitos” nos leitores do jornal.

Além do reservatório da *cultura vivida*, do correspondente Tom Phillips, essa pesquisa concentra-se, neste momento, sobretudo, em analisar as sete reportagens produzidas pelo jornalista, que, em 2011, geraram manifestações da audiência por meio dos comentários²²¹ postados abaixo dessas publicações no *Guardian Unlimited*. A ideia é promover uma leitura do texto e dos comentários, identificando fragmentos que possibilitem visualizar marcas tanto da produção no texto quanto dos leitores e suas práticas culturais em torno dos textos.

Na análise dos textos, empenha-se também no estudo das fontes acessadas pelo jornalista – destacando os *mentores simbólicos* por ele elencados, bem como as eventuais estratégias editoriais empregadas ao reportar sobre o Brasil. Já na análise das postagens, busca-se inferir qual o elemento do texto que gerou a manifestação [*efeitos* do texto] e se os leitores expressaram, de alguma forma, aspectos da sua própria *cultura vivida*, ou seja, experiências pessoais sobre o tema, provocadas pela leitura desse tipo de material jornalístico na vida cotidiana. Sobre este último aspecto, no contexto da análise da participação dos leitores, a pesquisa de Bird (2010), intitulada *News practices in everyday life: beyond audience response*, foi norteadora, isso por corroborar os procedimentos adotados neste estudo e indicar elementos significativos que podem ser explorados na observação do objeto deste estudo.

Vale, nesse sentido, destacar as tendências atuais de pesquisas apresentadas pela autora sobre audiência, ao analisar a literatura: de um lado, estão os pesquisadores que estudam o consumo de notícias como um “hábito” que afeta o sentimento de ligação entre as pessoas; de outro, existem aqueles que estudam de que modo os leitores conversam sobre as notícias na vida cotidiana e produzem sentido a partir dos textos noticiosos.

A questão central, segundo Bird (2010, p. 417), reside em investigar o ambiente *on-line*, considerando que esse pode estar mudando os hábitos diários de consumo das notícias em termos de quantidade e qualidade. A autora afirma que, de qualquer modo, se sabe que,

²²¹ Conforme já antecipado, em termos de delimitação, somente serão analisados os dez primeiros comentários postados pelos leitores em cada texto do referido *corpus*.

atualmente, a leitura de jornais impressos e a audiência de noticiários televisivos estão diminuindo devido ao fato de as gerações mais jovens estarem mais próximas da *internet* (BIRD, 2010, p. 419-20). Conforme aponta, tanto os jovens quanto as gerações anteriores, conectam as questões de cidadania e/ou comunitárias com as notícias, no entanto, expressam isso de modo diverso, ou seja, manifestam mais apoio e provocam ações em comunidades virtuais do que propriamente em ambientes localizados geograficamente mais próximos.

Por isso, Bird (2010) defende que um estudo da leitura de notícias como um “hábito” ou uma “prática” é um modo de se aproximar do papel das notícias na vida cotidiana. Nessa perspectiva, destaca que o conteúdo da notícia por si só é menos importante do que o sentimento de participação social que advém com a atenção dada a ela. Em termos práticos, sugere que o “hábito das notícias” pode ser estudado através do *autorrelato* por meio do qual os leitores são indagados sobre a frequência que acessam as notícias, com mais ênfase na rotina, do que no conteúdo²²². Ou ainda pode ser analisado por meio da outra dimensão de interação cotidiana das pessoas com as notícias, a qual a autora denomina de “*news talk*” [conversa sobre notícias], a qual é aqui tomada como referência.

Nesse sentido, salienta Bird (2010, p. 420), que muito mais do que a ênfase na tradição dos “efeitos”, debruça-se atualmente em observar o que as audiências estão fazendo com as mensagens da mídia. Por conseguinte, uma série de pesquisadores tem desenvolvido a ideia de “audiência ativa”, mostrando como os leitores constroem seus próprios sentidos, a partir dos textos, mas também combinados com as experiências de vida, a identidade pessoal e assim por diante:

As conversas sobre as notícias são, portanto, mais informais e frequentemente um modo bastante ativo no qual as histórias em torno das notícias são comunicadas entre as pessoas, e os significados construídos podem ter mais ou menos a ver com o sentido original pretendido pelo jornalista que criou o texto (BIRD, 2010, p. 420).

²²² Essa perspectiva, comumente empregada em abordagens etnográficas, demanda tempo de estudo de mais longo prazo. A título de exemplo, registra-se aqui a pesquisa de Knewitz & Jacks (2011) - *Reconfigurações nas práticas de leitura de notícias: como convivem o jornalismo impresso e digital* – que analisa como as recentes e antigas práticas de leitura jornalística mesclam-se e complementam-se nos dias de hoje, por meio de uma pesquisa empírica, de cunho etnográfico, realizada pelas autoras com os leitores do portal de notícias do jornal *Zero Hora*. Os resultados das entrevistas levaram a identificação de três formas de leituras, que ocorrem por meio de intenções diversificadas e, também, diferentes modos e suportes: leitura de contextualização, de atualização e de projeção. Esse tipo de procedimento metodológico, embora bastante revelador sobre a audiência em questão, pouco acrescenta ao contexto aqui estudado, fator esse que demonstra nem sempre tal empreendimento metodológico, mereça destaque. No caso reportado, os leitores de *ZH* apontaram ler com frequência os comentários dos leitores, mas escreverem pouco sobre os mesmos (p. 212). Já o outro tipo de abordagem, apresentada por Bird (2010, p. 420), parece ratificar os dados identificados nos comentários dos leitores deixados nas reportagens produzidas pelo *Guardian* na análise descrita na sequência.

Em outras palavras, o estudo de Bird (2010) sugere que as histórias sobre as notícias emergem tanto da comunicação interpessoal quanto de textos apenas lidos. Percebe-se, nesse sentido, um trânsito entre o público e o privado já que o consumo de notícias na *internet* é algo geralmente solitário, não vinculado com um tempo específico e adaptado às preferências e interesses individuais. Fator esse também destacado por Johnson (1999, p. 38-9) ao salientar que esses pólos encontram-se relacionados e em movimento no circuito cultural.

As pesquisas realizadas pela autora também mostraram que o conteúdo e o tom do discurso *on-line* dos leitores sugerem que esses são muito diferentes de uma conversa face a face e os resultados, também identificados no caso em tela, indicam características comuns: muitos leitores sequer abordam um tema/história em particular, simplesmente a utilizam como catalisadora para expressar uma opinião; diversas postagens são removidas por membros da equipe do jornal por abusos de linguagem, tonalidade agressiva, expressar posicionamento racista ou mesmo apresentar um tom sarcástico; poucos leitores se detêm na questão central da notícia, ao contrário, por vezes declaram e reafirmam posições pré-concebidas sobre o assunto exposto; algumas postagens são longas, pois tendem a apresentar evidências; a tonalidade do debate nem sempre é colaborativa, uma vez que não se constitui a partir da variedade de olhares/opiniões elencadas, entre outros.

No entanto, antes da análise propriamente dita do material apenas elencado, identificando características relacionadas por Bird (2010), faz-se necessário apresentar o perfil do leitor, conforme esse é descrito pelo *The Guardian* e comumente pesquisado pelos órgãos competentes que empregam um exame estatístico sobre a audiência britânica²²³.

O perfil demográfico do jornal²²⁴ aponta que 60 por cento dos leitores pertencem às classes sociais AB, ao passo que 90 por cento situam-se na condição ABC1²²⁵. No quadro total de leitores, destaca-se que 53 por cento são homens e 47 por cento mulheres.

Em termos qualitativos²²⁶, o jornal define sua audiência por meio de distintas categorias: 60 por cento são pessoas consideradas “progressistas”, ou seja, curiosas sobre o mundo e que abraçam mudanças tecnológicas, além serem socialmente conscientes. Identifica-se que 85 por cento de seus leitores sejam “afluentes” [Anexo B] economicamente e educados [57 por cento possui uma graduação ou doutorado], viajam em média quatro vezes

²²³ Referências sobre diferentes seguimentos do *Guardian Media Group* em:

<http://www.guardian.co.uk/advertising/display+audience>. Acesso em: 19 fev. 2013.

²²⁴ Conforme exposto em: <http://www.guardian.co.uk/advertising/guardian-circulation-readership-statistics>. Acesso em: 19 fev. 2013.

²²⁵ O padrão de referência do Reino Unido indica como A [classe média alta], B [classe média] e C1 [classe média baixa]. Cf. <http://www.abc1demographic.co.uk/>. Acesso em: 19 fev. 2013.

²²⁶ Referências deste tipo de perfil em: <http://www.guardian.co.uk/advertising/advertising-guardian-readership-profile>. Acesso em: 19 fev. 2013.

ao ano, são apreciadores de cultura e das artes [frequentam mais de quatro vezes ao ano galerias de arte e espetáculos teatrais] e apreciam também o universo cultural gastronômico.

Há também uma série de dados específicos sobre a versão *on-line*²²⁷ do jornal. Com relação à Inglaterra, a página de *News* possui uma média de 5 milhões de acesso por mês e 1,7 milhões de usuários únicos e estão assim distribuídos nas localidades/regiões inglesas: 35 por cento em Londres; 14 por cento nas *Midlands* [região central da Inglaterra], nove por cento no Noroeste, oito por cento no Sul do país e as demais subdivididas em pequenos nichos. Em se tratando da página que interessa propriamente a esse estudo: a *World News* registra 26 milhões de acessos e 7 milhões de usuários únicos, considerando uma audiência global; 59 por cento dessa está na faixa etária que vai dos 25 aos 54 anos de idade e os principais países que a consomem podem, nessa ordem, ser listados: Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Alemanha.

Diante desses dados apresentados, para dar conta das articulações e análises do material referenciado anteriormente e evitar repetições, cada texto completo [título e corpo do texto] e comentários serão analisados individualmente. Portanto, emprega-se a seguir uma apresentação cronológica dos mesmos, respectivamente nomeados por texto 1 [04/01/2011], texto 2 [14/01/2011], texto 3 [10/03/2011], texto 4 [20/05/2011], texto 5 [30/05/2011], texto 6 [17/11/2011] e, por fim, texto 7 [14/12/2011].

O texto 1, intitulado *Rio drug trade turns Amazon city into crime capital*, começa expondo uma situação que descreve a organização da rota do tráfico de drogas da Amazônia ao Rio de Janeiro. Para contar a história de como os profissionais, que promovem a lei, fazem para se proteger das ameaças de morte feitas pelos traficantes, o correspondente faz uso de pesquisa [*wikileaks*²²⁸ e estatísticas oficiais sobre assassinatos na cidade de Manaus], mas, principalmente, obtém dados a partir de uma série de fontes por ele contatadas, entre elas, um juiz antinarcotráfico, a figura central do texto, que vive escoltado por seguranças da *Fera* [grupo de elite da polícia], outros dois chefes da polícia civil e, ainda, um investigador, não identificado, que fornece informações *off record* sobre um determinado caso.

Em meio à descrição da rotina de trabalho dessas pessoas, o texto vai expondo uma conjuntura, a qual é associada à cidade, situada na Amazônia, que será sede da Copa do Mundo de 2014. Além disso, identifica-se no texto de Phillips o emprego de expressão em

²²⁷ Cf. <http://image.guardian.co.uk/sys-files/Guardian/documents/2013/01/24/Guardianwebsiteprofiles.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2013.

²²⁸ Trata-se de uma organização transnacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia, que publica em seu *site* postagens de fontes anônimas, contendo documentos, informações confidenciais e fotos, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos problemáticos.

português para referenciar e fornecer uma característica de uma fonte, a qual pode ser destacada como uma característica do jornalista que busca mostrar domínio do idioma local:

*“We deal with people linked to drug trafficking and organised crime,” said the muscle-bound judge with a reputation as a **durão** – a toughy. “It’s a precaution. I’ve been threatened. After one hearing I was told I would be killed. But it doesn’t worry me. I have great faith and I put my work first. You can’t be a judge if you are afraid of judging.”*

[“Temos de lidar com pessoas ligadas ao tráfico de drogas e crime organizado”, disse o juiz musculoso, com uma reputação de **durão**. “É uma precaução. Fui ameaçado. Depois de uma audiência me disseram que eu seria morto. Mas isso não me preocupa. Eu tenho muita fé e coloco o meu trabalho em primeiro lugar. Você não pode ser um juiz se tem medo de julgar”.]

Entretanto, é possível perceber uma combinação de citações diretas – também presente no exemplo acima – entre aspas, contendo parte dos depoimentos das pessoas envolvidas. Acrescenta-se a isso, os números que descrevem a transformação do preço da droga, desde a produção na selva amazônica sul-americana até chegar ao Rio de Janeiro, onde ela é comumente comercializada. Phillips também narra às quantidades apreendidas de cocaína e os índices de homicídios em torno do contexto em questão. Cabe ressaltar que todas as fontes ouvidas na investigação do correspondente são de pessoas ligadas à justiça e à polícia civil, nenhum depoimento de traficante ou qualquer outro envolvido nessa esfera é citado, apenas nomes deles ou de vítimas assassinadas, ou então de secretário e assessor de segurança do governo, esses últimos através da ferramenta *wikileaks*.

De acordo com o dispositivo, *article history*, essa reportagem foi publicada primeiramente na versão *on-line* e, na data seguinte, saiu no caderno principal da edição impressa, na página 21, dedicada ao noticiário internacional, assinada pelo correspondente a partir de Manaus. É interessante, contudo, observar a quantidade de manifestações de leitores que esse texto provocou, ao todo, 71 postagens. Conforme salientado, não cabe aqui listar todas, mas identificar o enfoque da discussão e/ou tema específico que gerou o comentário publicado.

Entre a publicação do texto no *site* e o último registro de comentário, transcorreram cerca de 50 horas, ou seja, pouco mais de dois dias. A maioria das postagens aponta para a legalização da droga como alternativa para o cessamento da guerra entre traficantes e a polícia. De acordo com os grifos [da autora] abaixo²²⁹, é possível identificar o enfoque do debate dos leitores, cujo sentido sequer foi pretendido ou abordado pelo jornalista. Tem-se

²²⁹ Para dar conta dessa análise e não tornar o texto muito extenso optou-se por traduzir apenas os destaques de cada postagem.

aqui um exemplo que corrobora as observações de Bird (2010), isto é, de que a história narrada serve de “catalizadora” para expressar opinião pré-concebida:

Siff - 4 January 2011 3:39PM

*Failing some virus that wipes out the cocaine crop, **the only way this will ever stop is complete legalization** [a única maneira disso cessar é a legalização]. *The drug trade is ruining the entire world.**

Catcrazy - 4 January 2011 3:47PM

SIFF

***Couldn't agree more** [concordo plenamente].*

However, it's never going to happen. Too much profit for too many people!!!

Bulgakov - 4 January 2011 4:10PM

***Legalise this stuff and be done with it** [legalizar para acabar logo com isso]. *The UN/WHO could set up a centralised drugs processing, manufacturing and distribution body to maintain quality and monitor consumption. Poverty trapped third world countries could be used for cultivation, providing employment and improved GDP. Organised drugs crime would vanish, lives would be improved and the money wasted on fighting a useless Drugs War could be spent on better environmental education and family planning.**

donnieC - 4 January 2011 4:14PM

***need to have an honest discussion about how we deal with drugs, prohibition hasn't worked so far...**[precisamos de uma discussão honesta sobre como lidamos com as drogas, a proibição nunca funcionou...]*

why not explore the options... the problem is that politicians think they need to know all the answers, and journos²³⁰ expect them to... why not just say - lets look at this properly and come up with something. Whatever the evils of cocaine use in the UK I don't think it's worth the life of that young girl in the plastic bag in Manaus. How many deaths in Mexico this year? drugs fill voids in people's lives and as developing countries have more cash people there will start to use drugs like cocaine too... as well as Opium in Afghanistan etc etc. the story goes on. Sorry but the image of the 10 year old girl gets to me. Grow up politicians and journos and lets talk this thru. And any of you to\$\$ers out there using coke in the UK remember how much blood got it here.

Mdubs 4 January 2011 4:45PM

*donnieC said: **And any of you to\$\$ers out there using coke in the UK remember how much blood got it here.***

***Couldn't agree more with this post above** [concordo plenamente com o comentário acima].*

Someone I was seeing recently is a regular commentator on these boards, and goes on constantly about people's human rights, torture, murder and rape...

***...yet I found out she's a coke user and makes no apologies for it whatsoever, citing the experience as the most important thing** [ainda que...*

eu descobri que ela é uma usuária coca e não se desculpa por isso, citando a experiência como a coisa mais importante].

²³⁰ Na linguagem popular inglesa (slang), *journos* é utilizado como sinônimo de *journalist* [jornalistas].

Demand is the biggest problem here – if Western people are determined to spice up their weekends and augment their lives with the stuff, then there will always be billions swirling around and the commensurate violence that follows. It needs to be brought in under control, because we will never win this war.

Billthecat 4 January 2011 5:01PM

Prohibition of any kind only lines the pockets of criminal gangs and bent officials [Qualquer tipo de proibição apenas enche os bolsos de gangues criminosas e funcionários envolvidos com essas].

The "war" on drugs costs millions and kills real people here and abroad. It would be cheaper and kinder just to buy all the drugs and process them cleanly; dispense them within a sensible legal framework... like alcohol, tobacco and prescription drugs already are.

I don't want to hear of anymore dead kids in plastic bags over there because thoughtless snorters over here want a weekend toot. [Eu não quero ouvir mais sobre crianças de lá mortas em sacos plásticos porque "cheiradores" daqui querem um "tiro" no fim de semana].

I just want to be free to grow my own cannabis and opium.

Gorillainexile - 4 January 2011 5:29PM

What is bothering them? Brasil and Mexico have exotic beaches, colourful music and food. Reasonable Good Weather/Economies, and every other day is like a War.

[O que está incomodando eles? Brasil e México possuem praias exóticas, música e comida agradáveis. Bom tempo/economia, e todos os dias é como uma guerra].

RolyPolyBird - 4 January 2011 5:32PM

donnieC *do you own a mobile phone? Do you drink tea or coffee?*

People whose faces you will never see pay with blood, sweat and tears for much of what you consume. The various police and government organisations are just as much a part of the human misery associated with hard drugs as the mafias and cartels. [A polícia e as várias organizações governamentais são uma parte da miséria humana associada às drogas pesadas tanto quanto as máfias e cartéis].

BrasilBranch 4 January 2011 5:33PM

Grim old tales Tom. Not sure how it is in Manaus, but without any doubt in other cities the trafficking problem would hardly exist without corrupt police to allow shipments in from the north.

Porto Velho is probably a similar story too, it gets all the Bolivian paste downriver, lots of factories around the city and the jungle converting it too cocaine. Crazy Town. Porto Velho also has the advantage over Manaus of being connected to the rest of Brazil by road. By functioning road digo. For this reason I heard that most of Brazil's cocaine is produced in Bolivia. First Bolivia, next Porto Velho, then the major favelas of Rio and Sao Paulo, and from there the world!

Without corrupt police it shouldn't be too difficult to stop such large shipments arriving in such concentrated areas, especially as there are not too many options for arrival routes into Brazil and out of the Amazon areas in the first place. [Sem uma polícia corrupta não seria muito difícil parar esses grandes carregamentos que chegam em áreas concentradas, especialmente porque não há muitas opções de rotas de chegada no Brasil e também fora das áreas da Amazônia].

*Talking of which... Any ideas on how the Penha/Morro do Alemão situation is affecting Rio's cocaine consumption/supply/demand?
Of course... providing more searches on the highways and byways of Brazil is one thing. Not going to stop anybody wanting to take/sell it at all though is it. Squeezing jelly.*

Theloneraver - 4 January 2011 5:36PM

*Cocaine increase has gone up as the quality of pills has plummeted, probably a clever move by the drug lords, more money in cut coke than pills. Nearly all coke users I know would rather have a decent one but can't get any. **Legalise the lot, control, tax and education need to be the way forward.***
[Legalizar o lote, fiscalizar, controlar e educar, este precisa ser o caminho a ser seguido].

Filbert - 4 January 2011 6:00PM

I think the problem is that the average user doesn't know or doesn't care.
[Acho que o problema é que o usuário médio não sabe ou não se importa].
Most young people don't. Once you've grown up, or travelled a bit, you realise the effects of supply and demand. Or read a newspaper. Mind, it's probably the same with eating asparagus out of season, to a lesser extent.

Paralelamente à questão debatida, alguns participantes colocam o Brasil, como país terceiro-mundista produtor dessa droga, que, por sua vez, também é consumida no Reino Unido, ratificando que há pessoas que sequer têm ciência do tipo de violência que isso gera. No entanto, mais evidente é o questionamento da postura e da ação das autoridades envolvidas, fator esse que permite afirmar que as postagens sobre o texto mais problematizam o tema do que efetivamente o tomam por finalizado. Ou melhor, concordando ou não com os demais debatedores, o significado daquilo que foi exposto no texto é interpretado individualmente por cada leitor [sujeito], que, ao apresentar seus argumentos sobre o tema, torna-se também produtor de sentido, pois, conforme salientou Bird (2010), normalmente reafirmam posições pré-concebidas e pouco relacionadas com o enfoque do texto.

Outro ponto que se identifica é com relação à linguagem empregada pelos leitores. Normalmente, utilizam uma linguagem coloquial [não estão preocupados com uso correto da língua inglesa, há erros frequentes de ortografia, digitação, emprego de gírias, etc] e utilizam um *nickname* [pseudônimo]. No entanto, é possível perceber que a maioria é britânica, pelo domínio do idioma e posicionamento externo, fazem uso do “*here*” [aqui] com o intuito de comparar os contextos; apenas um deles, na amostra citada [*BrasilBranch*], sugere ser brasileiro pelo pseudônimo usado e pela abordagem que fez sobre o país.

Além desses aspectos vale lembrar, conforme mencionado pelo editor Martin Hodgson (2012), que o *Guardian* conta com uma equipe de moderadores para os recursos de *internet* para todo o jornal – não apenas para os comentários – esses profissionais se ocupam

também do gerenciamento das demais ferramentas que trabalham para potencializar a circulação do conteúdo jornalístico produzido, como, por exemplo, os *tweets* com as notícias no *Twitter*, o compartilhamento de fotos enviadas por leitores e a mediação das comunidades nas redes sociais ligadas ao veículo. Segundo salienta, “*in the desk we don’t have time to do that*” [na redação não temos tempo para isso]. Em geral, a impressão do editor com relação às postagens nas matérias publicadas é, desse modo, por ele definida: “*usually is more questioning facts*” [geralmente mais questionam os fatos] (HODGSON, 2012). Fator esse também observado por Bird (2010), ou seja, que os leitores meramente utilizam as notícias/reportagens como elemento “catalisador” para expressarem uma opinião.

O texto 2 – *Brazil landslides: survivors give terrifying accounts of disaster*²³¹ [Deslizamentos de terra no Brasil: sobreviventes dão relatos terríveis de desastre] – faz parte da cobertura realizada pelo correspondente sobre as fortes chuvas que devastaram a região serrana do Rio de Janeiro no início de 2011. Semelhante à reportagem descrita anteriormente, Phillips “abre” o texto contando a história de um dos personagens/fonte, a qual introduz uma situação dramática causada pelas chuvas e os consequentes deslizamentos de terra que levaram à morte centenas de pessoas e destruíram cidades. Os dados oficiais, naquele momento, são ainda temerários, o jornalista acena para estatísticas de mortos e desaparecidos, mas com números ainda incipientes. Nota-se, em um dos trechos, ao situar a localização de cidades acometidas pela tragédia, desconhecidas pela audiência britânica, e explicar o fenômeno climático mundial, que o jornalista busca vincular aspectos da história do Brasil:

Heavy rains on Tuesday sent violent mudslides through three mountain towns. Families were buried alive as they slept. The downpour came at the same times as floods in Sri Lanka, Australia and the Philippines, some of which have been linked to the La Niña weather phenomenon, which cools sea temperatures of the Pacific ocean. More than 200 deaths have been confirmed in Teresópolis, but local authorities expect the figure to rise as rescue operations continue. In the neighbouring town of Nova Friburgo at least 214 bodies have been recovered. At least 40 people also died in Petropolis, a picturesque town that served as the summer residence for Brazil's royal family in the 19th century.

[Fortes chuvas nesta terça-feira provocaram violentos deslizamentos em meio a três cidades de montanha. As famílias foram enterradas vivas enquanto dormiam.

A chuva veio no mesmo horário de inundações no Sri Lanka, Austrália e Filipinas, algumas das quais têm sido associadas ao fenômeno climático *La Niña*, que resfria a temperatura do oceano pacífico.

²³¹ Cf. <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jan/13/brazil-landslide-survivors-worst-disaster>. Acesso em: 20 fev. 2013.

Mais de 200 mortes foram confirmadas em Teresópolis, mas as autoridades locais esperam um aumento nesse número enquanto as operações de resgate continuarem. Na cidade vizinha de Nova Friburgo, pelo menos 214 corpos foram resgatados. Pelo menos 40 pessoas também morreram em Petrópolis, uma cidade pitoresca que serviu de residência de verão da família real do Brasil no século XIX].

Reportados por Phillips, foram ao todo dez moradores da região afetada. Cada depoimento descrito pelo jornalista revela uma história sobre a tragédia de pessoas com diferentes faixas etárias, profissões e gênero. Com exceção dos habitantes locais, as demais fontes consultadas foram apenas um oficial da defesa civil, um juiz de direito e um voluntário que se encontrava trabalhando no resgate das vítimas. De fato, é possível perceber que o jornalista constrói o texto a partir da fala dessas fontes comprometidas com a situação. Para ilustrar tal estratégia destaca-se um dos depoimentos:

"I lost most of my friends and cousins," said António Diniz, a 42-year-old builder fleeing his home in the same area. Around him redbrick shacks were submerged in over a metre of mud. Diniz said he had found one friend's body a distance of two miles from where he had disappeared, dragged there by the mudslide.

["Eu perdi a maioria dos meus amigos e primos", disse António Diniz, um construtor de 42 anos de idade, fugindo de sua casa na mesma área. Em torno dele, barracos de tijolos vermelhos foram submersos em mais de um metro de lama. Diniz disse que encontrou o corpo de um amigo, a uma distância de dois quilômetros de onde ele havia desaparecido, arrastado pelo deslizamento de terra]²³².

Com relação à reação dos leitores, verifica-se que foram seis comentários postados que encaminham para o enfoque em torno das mudanças climáticas na terra, como causa desse tipo de tragédia [grifos da autora] em mais um exemplo de que empregam algo novo a partir de experiências e/ou opiniões pessoais, conforme também identificado nas pesquisas de Bird (2010):

Irishscouser - 13 January 2011 6:53PM

Sad to hear about this part of the world, I've been to Friburgo and I have been told it has been devastated, sad, very sad.

[Triste saber disso dessa parte do mundo, eu estive em Friburgo e me disseram que foi devastada, triste, muito triste].

²³² De igual modo, o *article history* informa que essa reportagem foi publicada inicialmente *on-line* na referida data e, posteriormente, em 14 de janeiro de 2011, na página 30, destinada à editoria *International*, no caderno principal da versão impressa.

RobinDM - 13 January 2011 8:44PM

What a terrible toll has landed on these people. Can anyone imagine going to bed at night only to wake up and find your town gone and many of your friends and family missing.

The story is the same everywhere, Brazil, Australia, Sri Lanka, not too long ago Pakistan. They all say the same things. We have had heavy rains in the past but nothing on this scale has ever happened before. All over world these weather events are increasing causing more death, damage and destruction. [A história é a mesma em todos os lugares, Brasil, Austrália, Sri Lanka, não faz muito tempo no Paquistão. Todos dizem as mesmas coisas. Tivemos chuvas fortes no passado, mas nenhum registro nesta escala. Estes eventos climáticos estão aumentando em todo o mundo, causando mais danos, morte e destruição].

The Queensland premier has likened most of her state, an area the size of South Africa, to the aftermath of a war, saying it will take years to rebuild. Will the people of Friburgo be able to rebuild? Is it even a possibility? Homes, lives, lively hoods have been lost. The economic costs will final totals be not be realised for years to come. Where will be hit next? How many more communities around the world will succumb to these disasters. How are we going to help all these people that have lost the ability to help themselves and where are we going to get the money to do so?

For great information on climate change pls see...[Para informações importantes sobre a mudança climáticas, por favor, ver...]

<http://westcoastclimateequity.org/>

riggas - 14 January 2011 2:08AM

And everyone should read this excellent article by Johann Hari on the plight of Bangladesh: <http://www.independent.co.uk/news/world/asia/bangladesh-is-set-to-disappear-under-the-waves-by-the-end-of-the-century--a-special-report-by-johann-hari-850938.html>

I can't believe there are still people "debating" whether climate change is happening and whether we are causing it. Idiots. [Eu não posso acreditar que ainda existem pessoas "discutindo" se a mudança climática está acontecendo e se a estamos causando. Idiotas].

6ihvkn9 - 14 January 2011 10:24AM

climate change anyone? [mudança climática muda alguém?]

parttimer - 14 January 2011 6:05PM

Yes, must be climate change - there were never mudslides before the industrial revolution. [Sim, deve ser a mudança climática - nunca houve deslizamentos de terra antes da revolução industrial].

Shame the warmists have to use this tragedy to make their political points. And this is another example of warmists using one-off events as "evidence" of climate change. In one of their own favourite tropes: weather is not climate.

JohnnieLa - 15 January 2011 10:12PM

Climate change- didn't Moses go on an Ark? Anyway, I haven't read Tom Phillips saying 'This is one of the cities that has been chosen to hold the 2014 World Cup' and/or 'The area and the favelas around here are blighted by drugs gangs and violence' etc. It's SO refreshing!!!

[De qualquer forma, eu não li Tom Phillips dizendo 'Esta é uma das cidades que foram escolhidas para realizar a Copa de 2014' e/ou 'A área e as favelas

daqui são corroídas por gangues de drogas e da violência’, etc. Isso é tão animador!]

O debate gira em torno dos que consideram o fato descrito no texto como mais uma evidência para o problema da mudança climática e daqueles que lamentam ter que se usar o fato da tragédia como espaço para “ativismo” político-ambientalista, a exemplo dos *links* sugeridos por alguns dos leitores. Ilustra-se aqui outra abordagem de Bird (2010): alguns comentários são longos e tendem a apresentar evidências sobre a argumentação pretendida – ainda que tomem como ponto de partida o tema do texto – conforme demonstram os exemplos de *RobinDM* e *riggas*, recém listados.

Além disso, há em dois comentários uma tonalidade hostil, um deles, utiliza a palavra “idiotas” para realçar as evidências do desconhecimento das pessoas com relação ao meio ambiente, o outro se apresenta irônico, ao ressaltar como uma mudança a reportagem produzida, já que, para ele, os temas frequentemente abordados pelo correspondente do jornal são outros, exemplificados em “copa de 2014”, “favelas” acometidas pelo tráfico de drogas e “violência” urbana.

Ambas as características podem aqui ser exploradas. O tom “agressivo”, também evidenciado nas pesquisas de Bird (2010), está presente no emprego da palavra “idiotas” e no caráter irônico do leitor que faz uma crítica explícita a cobertura contínua do correspondente para o jornal em questão, isto por publicar frequentemente reportagens de cunho “negativo” sobre o país. Poderia se tratar de um leitor brasileiro em termos de posicionamento, no entanto, é plausível também que se trate de um leitor inglês que faz uso da ironia, comum na cultura desse país.

Sobre esse aspecto, vale citar a obra da antropóloga inglesa, Kate Fox (2005), *Watching the English*, que, sem a pretensão de promover uma abordagem essencialista da sua cultura, descreve algumas das regras “ocultas” do comportamento inglês. Entre outros aspectos culturais, destaca a importância do humor nas normas de conversação, junto ao qual se emprega a ironia definida como:

Although we seem to have persuaded ourselves and a great many others of our superior sense of irony, I remain, as I have already indicated, not entirely convinced. Humour is universal; irony is a universally important ingredient of humour: no single culture can possibly claim a monopoly on it. My research suggests that, yet again, the irony issue is a question of degree – a matter of quantity rather than quality. What is unique about English humour is the pervasiveness of irony and the importance we attach to it. Irony is the dominant ingredient in English humour, not just a piquant flavouring. [...] For those attempting to acclimatize to this atmosphere, the

most important 'rule' to remember is that irony is endemic: like humour in general, irony is a constant, a given, a normal element of ordinary everyday conversation (FOX, 2005, p. 65-6).

[Embora pareça ter convencido a nós mesmos e em grande parte aos outros do nosso quarto sentido superior de ironia, eu permaneço, como já indicado, não totalmente convencida. O humor é universal; ironia é um ingrediente universalmente importante do humor: nenhuma cultura pode, eventualmente, reivindicar um monopólio. Minha pesquisa sugere que, mais uma vez, a questão da ironia é sempre relativa - uma questão de quantidade e não de qualidade. O que é único sobre o humor inglês é a difusão da ironia e da importância dada a ele. A ironia é o ingrediente dominante do humor inglês, e não apenas um aroma picante. [...] Para aqueles que tentam se aclimatar à essa atmosfera, a mais importante 'regra' a ser lembrada é a de que a ironia é endêmica: da mesma forma que o humor em geral, a ironia é uma constante, um fato, um elemento normal da conversação ordinária diária].

Outros exemplos ilustrativos dessa característica do contexto inglês/britânico são identificados na maioria dos comentários do texto 7, a ser analisado na sequência desta seção. Em contrapartida, sobre o tipo de comportamento do leitor, seja agressivo, hostil ou irônico, Tom Phillips (2013) salientou que nem sempre considerou apropriado ficar seguindo os comentários deixados pelos leitores após a publicação das reportagens. Conforme afirmou:

Eu leio, não todos, não sei se é muito saudável ficar lendo todos esses comentários. Particularmente, foi mais interessante ler os *e-mails* que as pessoas mandavam para mim diretamente, eram mais pessoais e sugeriam pautas. Ao passo que os comentários deixados nos *sites* são, geralmente, de pessoas que não gostaram do que foi reportado ou têm alguma posição política e moral diferente e acabam por revelar, às vezes, uma atitude pouco racional. Não me recordo de ter pautado alguma matéria em cima de um comentário de leitores, mas a partir de *e-mails* e cartas recebidas, isso sim, foi possível estabelecer alguma ligação. Eu quase sempre respondia aos *e-mails* dos leitores (PHILLIPS, 2013).

O texto 3 segue a temática ambientalista, no entanto, *Belo Monte hydroelectric dam construction work begins* representa o Brasil a partir de duas perspectivas, destacando, desse modo, um paradoxo. Novamente, Phillips inicia a organização do texto apresentando uma situação: “*with most Brazilian eyes firmly fixed on the country's annual carnival, construction work officially started this week on the controversial Belo Monte hydroelectric dam in the Amazon*” [com a maioria dos olhares brasileiros voltados firmemente para o carnaval no país, o trabalho de construção começou oficialmente esta semana na controversa hidrelétrica de Belo Monte na Amazônia]. Nesse, o jornalista não somente apresenta detalhes do projeto em termos de custos e benefícios energéticos que a hidrelétrica, uma vez construída, trará ao país, mas também identifica uma problemática. De um lado, o governo federal com um amplo

projeto de geração de energia [em termos de tamanho se constituirá na segunda maior hidrelétrica do país e a terceira do mundo], a ser erguido a partir de recursos naturais que o próprio território oferece e que encaminharia o país em direção ao desenvolvimento e à geração de empregos; de outro, identifica-se o posicionamento das comunidades locais, sobretudo, originárias dos povos genuinamente brasileiros, os indígenas.

Dessa mesma forma, as fontes consultadas pelo correspondente para compor a reportagem também podem ser caracterizadas: são ao todo cinco contatos diretos, no entanto, uma única fonte representando a posição do governo; as demais são depoimentos de líderes e ativistas indígenas, apoiadores [inclusive um reconhecido diretor de cinema que esteve no local] de organizações não-governamentais, que atuam pela preservação da região.

É possível verificar que o jornalista dá voz a essas fontes em proporção maior do que aos representantes do projeto, entretanto, cabe ressaltar que, em termos de equilíbrio, o texto sustenta os dois lados, pois, ao mesmo tempo em que elenca os depoimentos de ativistas, destaca que nem toda a população é partidária deles: *“not all locals agree. In Altamira, the nearest town, some are excited about energy ministry claims that around 20,000 jobs will be created. Outsiders, assumed to be dam-opponents from environmental groups, are often treated with with suspicion”* [nem todos os moradores concordam. Em Altamira, a cidade mais próxima, alguns estão entusiasmados com as alegações energéticas do ministério e os cerca de 20 mil empregos que serão criados. Os de fora, assumiram ser contra os grupos ambientalistas, os quais são frequentemente tratados com desconfiança].

Na visão dos leitores, que publicaram nove comentários, verifica-se que prevalece no debate estabelecido por eles certo ceticismo quanto ao posicionamento dos defensores do meio ambiente, cujo enfoque principal reside em torno da validade, ou não, dos posicionamentos antagônicos apresentados no texto:

Greatgrapeape - 10 March 2011 6:54PM
Madness [Loucura].

ConcernedAbout - 10 March 2011 8:23PM
Just a quick note to genuine individuals debating here. Please be aware that PR company personnel and special interest groups acting on behalf of corporations may be plying their trade in this thread. The trade is known as 'astroturfing'.

[Somente uma observação rápida para indivíduos genuínos debatendo aqui. Por favor, estejam cientes de que o pessoal de relações públicas de empresas e grupos de interesses especiais agem em nome delas e podem exercer o seu ofício neste segmento. O comércio é conhecido como "astroturfing"].

Amphibian - 10 March 2011 8:24PM

*I thought this was suspended? then it was overturned? *#!*?!*

[Eu pensei que isso tinha sido suspenso? então, foi anulado?]

Farnishk - 10 March 2011 9:36PM

[...] Especially those working for Alstom. Nice ethical French company that deserve some exposure - lots of it.

<http://enviroleaks.org/2011/02/28/alstom-and-the-belo-monte-dam-let-the-leaks-begin/>

[Especialmente aqueles que trabalham para a Alstom. Companhia francesa ética que merece alguma exposição – bastante exposição]

Randomite - 10 March 2011 11:07PM

From wiki. Brazil has total coal reserves of about 30 billion tonnes, but the deposits vary by the quality and quantity. The proved recoverable reserves are around 10 billion tonnes.[8] In 2004 Brazil produced 5.4 million tonnes of coal, while coal consumption reached 21.9 million tonnes.[1] Almost all of Brazil's coal output is steam coal, of which about 85% is fired in power stations. With all this coal lying about one wonders why the bother with Hydropower.

[Da wiki. O Brasil tem reservas de carvão total de cerca de 30 bilhões de toneladas, mas os depósitos variam de acordo com a qualidade e quantidade (...) Com todo esse carvão, um se pergunta o porquê de uma hidrelétrica].

gruniadreader666 - 10 March 2011 11:38PM

This project may be destructive but its better than the alternative which would have been coal. I know that just because a project is less bad than coal or oil does not make it good but Brazil is growing and Brazilians want our standard of living.

Any attempt at criticism from the developed world would quite rightly be seen as hypocrisy as to be quite frank there is virtually no natural environment left in the UK and we produce almost all of our energy unsustainably.

[Qualquer tentativa de crítica do mundo desenvolvido pode ser vista como hipocrisia, para ser franco, não foi deixado praticamente nenhum ambiente natural no Reino Unido e produzimos quase toda a nossa energia de forma não-sustentável].

gruniadreader666 - 10 March 2011 11:53PM

@concernedabout

You are joking right or are you really as paranoid as George if you do not agree with me you a corporate spy Monbiot. Any corporate stooge worth half their salt would realize people on the Guardian environment blog do no change their minds unless they have written permission from Monbiot.

[Você está brincando ou é um paranóico como o George, se você não concorda comigo você é um robô espião corporativo].

Peppino - 11 March 2011 4:07PM

Que vergonha!

PolRealist - 12 March 2011 4:41PM

'With most Brazilian eyes firmly fixed on the country's annual carnival, construction work officially started this week on the controversial Belo Monte hydroelectric dam in the Amazon'.

This implicitly suggests that most Brazilians oppose the dam and that the government is taking advantage of their distraction - which was apparently caused by Carnival! - to make the project move on. The fact, however, is that most people in Brazil have known that the dam project would be pursued for months already, since both candidates in the second round of the presidential elections pledged to invest in the dam. And that both did so, also shows that most in Brazil favour it. Most people don't care about it nearly as much as Northern Hemisphere tree-huggers do.

[Isso sugere implicitamente que a maioria dos brasileiros se opõe à barragem e que o governo está tomando vantagem de sua distração – que foi aparentemente causado pelo carnaval, isso para fazer do projeto prosseguir. O fato, porém, é que a maioria das pessoas no Brasil sabe que o projeto da barragem seria continuado, desde que os dois candidatos no segundo turno das eleições presidenciais se comprometeram a investir nisso. Os dois fizeram e isso também mostra que a maioria dos brasileiros está a favor. A maioria das pessoas não se importa com isso, da mesma forma que fazem os adoradores de árvores do Hemisfério Norte].

Cabe, nesse sentido, destacar ainda que se identifica novamente uma discussão entre uma visão externa, ou seja, a partir do olhar dos britânicos, e outra interna, que critica a afirmação/sugestão inicial do correspondente de que o governo estaria aproveitando-se da festa popular para desviar a atenção dos brasileiros. Essa, presente na última postagem, reivindica justamente a questão levantada, acrescentando ao debate um posicionamento interno do país de conhecimento da demanda energética e de apoio a essa. É possível que esse leitor seja brasileiro, ainda que use um pseudônimo que não o referencie como tal. Em comentário anterior, outro leitor afirma considerar hipocrisia o fato de alguns leitores se posicionarem contra o projeto já que no Reino Unido quase toda energia gerada não é sustentável. A análise desses comentários demonstra, contudo, que nem sempre o leitor assume o texto como algo fechado, completo, mas passível de questionamento e aberto a outras interpretações, conforme verificado em outras postagens.

O texto 4 – *Brazil forms 'crisis cabinet' following unexpected deforestation surge*²³³ – versa também sobre a temática da Amazônia. O assunto, no caso em tela, é o aumento inesperado de áreas desmatadas, desvelado por imagens de satélite, que resultou na criação de um “gabinete de crise” no Ministério do Meio Ambiente. Phillips explora a pauta apresentando dados estatísticos fornecidos pelo próprio ministério que comprovam um aumento de 27 por cento no desflorestamento da região quando comparado ao índice registrado no ano anterior. De outro lado, estão os ambientalistas, que apontam que a questão se coloca junto ao debate em torno das propostas na mudança no Código Florestal brasileiro, em votação no congresso nacional. Os responsáveis pelo desmatamento, indicados no texto,

²³³ Essa reportagem foi publicada *on-line*, e não apresentou registro no *article history* de que tenha sido publicada no impresso, trata-se aqui de uma exceção à regra.

são principalmente os fazendeiros que atuam na área e que, sob as novas propostas, se aprovadas pelo parlamento, deverão manter menos do que os 80 por cento hoje regulamentados da floresta nativa.

O correspondente, para contar a história, utiliza basicamente duas fontes de informação: a então ministra do meio ambiente, Izabella Teixeira, e um ativista pela Amazônia, do *Greenpeace*, André Muggiati, que assume a posição de que o país está efetivamente retrocedendo com relação à preservação da floresta. No entanto, o tema abordado suscitou um número expressivo de comentários de leitores, 41, dos quais os dez primeiros são destacados abaixo [grifos da autora]:

Blairsnemesis - 20 May 2011 12:20PM

We have got to find a way of properly rewarding the farmers for not doing this but working in a sustainable way. [Temos que encontrar uma forma de recompensar adequadamente os agricultores para não fazerem isso, mas trabalharem de forma sustentável].

And, as with the Mexican drug gangs, I'd personally favour taking out the organised criminal gangs and organisation that underpin this, with no legal process. They're identifiable and they should simply be taken out. They are mafia and for these environmental thugs, I'd suspend the rule of law and have then summarily executed.

FyodorChomsky - 20 May 2011 12:20PM

Probably the result of the UN's wonderful forest 'conservation' programme [Provavelmente por meio do resultado do programa de "conservação" da maravilhosa floresta da ONU] - REDD:

http://www.private-eye.co.uk/sections.php?section_link=in_the_back

FyodorChomsky - 20 May 2011 12:22PM

@blairsnemesis

It's not so much a problem of farmers as massive multinational logging companies harvesting virgin forests around the world for furniture which ends up at the Chelsea flower show.

[tradução no corpo do texto].

Blairsnemesis - 20 May 2011 12:27PM

@FyodorChomsky

Absolutely agree [concordo totalmente] - *I'm mostly not aiming at the small farmers. It's the large landowners and corporate mafia that are the problem.* [O problema são os grandes proprietários de terra e a máfia corporativa].

They simply don't care as long as they can make big bucks. and they kill those that oppose them.

Thinkfreetolivefree - 20 May 2011 12:29PM

Interested if this is related to Brazil's dominance of the biofuels market...

[Interessa se isso está relacionado ao domínio do Brasil no mercado de biocombustíveis...]

Caliph - 20 May 2011 12:30PM

I think it's shocking how people can tear down the homes of some of the most special and rarest creatures on this planet.

The Amazon is a hub of life, home to rare species of plants and animals, as well as untouched indigenous Human tribes. Merely destroying this unique habitat is a loss not just for Brazil, but for human kind as a whole.

If left unchecked, this will sooner, rather than later, be the beginning of the end of the brilliant diversity on this planet.

These logging companies need to be educated that what they're doing is just wrong in all aspects. There is no justification for destroying the beautiful homes that house some of the beautiful life on Earth.

[Essas empresas madeireiras precisam ser educadas, pois o que eles estão fazendo é errado em todos os aspectos. Não há justificativa para destruir a 'bela casa' que abriga algumas das mais belas vidas na Terra].

If these logging companies refuse to take on board the advice, then I think that they should be MASSIVELY punished and fined, with all the proceeds being donated to aid the reforestation effort.

We've been gifted with life that is different to us in all different ways, but our stubbornness of being 'superior' to other life forms is leading us to commit mass extinction on a scale never seen before.

IReadTheArticle - 20 May 2011 12:36PM

@FyodorChmosky *"It's not so much a problem of farmers as massive multinational logging companies harvesting virgin forests".*

It's certainly multinational companies. They are replacing the forests with huge soy farms, which export to the EU and the US.

With the price of agribusiness commodities going through the roof, Brazil can't handle this alone, because the root of the problem isn't in Brazil.

[São certamente as empresas multinacionais. Elas estão substituindo as florestas por enormes fazendas de soja, que exportam para a UE e os EUA.

Com o preço das *commodities* do agronegócio nas alturas, o Brasil não pode lidar com isso sozinho, porque a raiz do problema não está no Brasil].

Tobone - 20 May 2011 12:37PM

@blairsnemesis

They are mafia and for these environmental thugs, I'd suspend the rule of law and have them summarily executed.

What a very extreme and ill thought out comment.

Who are we to judge? As Europe and America have historically deforested most of their own native forest and it is the demand from European and American consumers, for cheap exotic hard woods, biofuels, soya, sugar and cattle that is creating this environmental disaster.

[Quem somos nós para julgar? Como a Europa e Estados Unidos têm historicamente desmatado a maior parte de sua floresta nativa e é a demanda dos consumidores europeus e americanos por madeiras exóticas baratas, biocombustíveis, soja, açúcar e gado que está criando este desastre ambiental].

Gorillainexile - 20 May 2011 12:51PM

This comment was removed by a moderator because it didn't abide by our community standards. Replies may also be deleted. For more detail see our FAQs.

[Este comentário foi removido por um moderador, por não obedecer aos padrões da nossa comunidade. As respostas também poderão ser excluídas. Para mais detalhes ver nossas FAQs].

Gangofffour - 20 May 2011 12:54PM

80% of the wood harvested, and more of it is burned than cut, is used within 100 miles of where it was harvested. They don't even identify most of the cut and use rare woods for low-value products like sheds to house lumbering equipment. A couple of dozen trees could supply Chelsea annually. Amazonia is the size of EUrope. Sustainable woods from properly managed forests charge too much for their product. If you're a cheap Chinese tool maker, it's far cheaper to make something prosaic like a hammer handle out of a 300-year-old Burmese teak tree than import ash from a fancy American sawmill. American woods are luxury materials that are turned into usually butt-ugly imitations of early-American furniture and sold back to them.

You can walk into any American home improvement store that carries flooring and buy all manner of exotic tropical woods for less than the cost of local oak harvested from trees that fell over during storms. The export of trees could be banned tomorrow and it would have almost zero impact on the current problem. The only solution is cash incentives not to cut trees.

[Você pode andar em qualquer loja americana de reformas de casa, que transporta piso, e comprar todos os tipos de madeiras tropicais exóticas por menos do que o custo do carvalho local, colhido de árvores que caíram durante tempestades. A exportação de árvores pode ser proibida amanhã e teria quase zero impacto sobre o problema atual. A única solução são os incentivos em dinheiro para não cortarem árvores].

Tree huggers are paying a very steep price for obliterating the local economies where the redwoods still grow. Everyone learned a lesson from that fiasco. Mow down the forest before they show up and the problem solves itself.

É unânime por parte dos comentaristas que a Amazônia precisa ser preservada. No entanto, verifica-se que, no debate estabelecido entre os leitores, há ainda uma argumentação [conforme os grifos da autora] em relação aos responsáveis pelos desmatamentos, não tanto os fazendeiros brasileiros, que deveriam trabalhar de uma maneira sustentável, mas das grandes corporações multinacionais que exploram a madeira nativa para exportação, frequentemente encaminhada para os mercados dos Estados Unidos e da Europa. Um deles – *FyodorChomsky* – destaca inclusive o contexto britânico: “não é tanto um problema dos agricultores, mas das empresas madeireiras multinacionais que coletam em massa as florestas virgens ao redor do mundo para móveis, que acabam no *Chelsea Flower Show*”, em uma menção a “opulenta” sociedade horticultral inglesa que promove eventos de jardinagem. A reportagem, nesse caso, foi o ponto de partida para um debate, que agregou opiniões pessoais e algum conhecimento sobre o tema no contexto “britânico” do leitor.

Destaca-se também, nessa série de comentários sobre esse texto, o primeiro registro de remoção de postagem por essa não enquadrar-se nos padrões do *Guardian*, os quais são

claramente descritos no *site* do jornal²³⁴. Nesse, o *Guardian Unlimited* convida os leitores/colaboradores a focarem-se em discussões “inteligentes” sobre os temas, sem que haja ataques pessoais aos autores e a usuários, objetivando serem, portanto, construtivos. Entre outras questões, ressalta-se que serão removidos todos os comentários ofensivos ou ameaçadores, assim como aqueles que expressarem racismo, machismo, homofobia, etc. Serão também deletadas aquelas postagens que apresentarem risco legal, no sentido difamatório ou de violação dos direitos do autor, de igual forma, as de cunho comercial ou qualquer tipo de propaganda.

Já o texto 5 – *Oxi: Twice as powerful as crack cocaine at just a fraction of the price*²³⁵ – foi aquele que registrou o maior número de comentários da série individualizada, totalizando 202 postagens. A reportagem, assinada pelo correspondente situado em Rio Branco, no estado do Acre, acompanha um vídeo de 9’30”, produzido por Phillips e o cinegrafista Douglas Eagle. A edição é composta por uma trilha e diversos depoimentos da polícia, agente de ONG e usuários da droga *oxi* – tema da reportagem –, os quais são legendados em inglês.

Entretanto, completando a matéria, encontra-se um texto iniciado com o depoimento de um dependente descrevendo os efeitos da droga. Em seguida, é apresentada a composição do *oxi* e as implicações com relação ao uso do entorpecente. O destaque está no fato de que essa droga, originária da região fronteira da Amazônia, vicia rapidamente e é considerada um químico duas vezes mais intenso do que o próprio *crack*, custando apenas um quinto do preço. Phillips e o cinegrafista viajaram para a região, zona de fronteira entre a Bolívia e o Peru, de onde deriva a matéria-prima para a produção.

O correspondente entrevistou pelo menos sete fontes, três dependentes da droga, que relataram suas experiências e desespero, dois representantes da polícia federal, um chefe de polícia e outro contato de uma ONG da região, que trabalha para uma espécie de “associação de redução dos danos” em torno da situação que vivem essas pessoas. Há ainda uma citação indireta, replicada na matéria, do ex-governador de São Paulo, José Serra, que também afirmou no jornal brasileiro *O Estado de S. Paulo* e em seu *twitter*, que o país não se encontrava preparado para enfrentar a questão e auxiliar na recuperação dos dependentes.

²³⁴ Informações detalhadas sobre *Community Standards and participation guidelines* do veículo estão disponíveis em: <http://www.guardian.co.uk/community-standards>. Acesso em: 6 mar. 2013.

²³⁵ Essa reportagem foi publicada em 30 de maio de 2011 na versão *on-line* e no dia seguinte saiu na imprensa, na página 21, do caderno principal. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/society/2011/may/30/oxi-crack-cocaine-south-america>. Acesso em: 26 fev. 2013.

Igualmente, conforme já mencionado em análise de outro texto, mais uma vez o jornalista utilizou o recurso de uma palavra/gíria em português – *bocadas* – para identificar o local no qual os dependentes fazem uso da droga, o qual é descrito antes dessa ser utilizada no texto. Além disso, cabe ressaltar que o tema da reportagem é contextualizado, pois trata não apenas dos efeitos da droga nas pessoas, por meio dos depoimentos, mas também de onde e quando surgiu e a composição/produção, que tem origem nas refinarias de cocaína da região. Destaca-se também que o vídeo e o texto não se sobrepõem, ou seja, se complementam, enquanto o primeiro é rico em imagens da região e de cenas impactantes dos usuários, o texto apresenta distintas informações sobre o percurso do repórter e de detalhes sobre as fontes, que na edição de vídeo se perdem.

Os comentários iniciais deixados pelos leitores comprovam que o sentido dado pelo texto se completa na leitura e que, independentemente daquilo que foi reportado, expõem uma interpretação diferenciada, característica essa evidenciada nas postagens anteriores e observadas nas pesquisas de Bird (2010). Ainda que não discordem dos fatos apresentados no texto, os leitores acrescentam informações que fazem parte do reservatório individual da *cultura vivida*, de origem na vida cotidiana. O texto ecoou como *scaremongering* [alarmismo] para alguns:

Pastorius - 30 May 2011 9:40PM

Sounds a little like scaremongering to me, but if it is true, then it's the inevitable consequence of prohibition. [Soa um pouco como alarmismo para mim, mas se for verdade então é consequência inevitável da proibição]. *Illegal drug dealers naturally want to force people onto stronger, more addictive types of drugs.*

SparksBCN - 30 May 2011 9:51PM

And the "war against drugs" trundles on, irrespective of the human cost. [‘guerra contra as drogas’]

Oldenick - 30 May 2011 10:06PM

how long before this usurps paco in argentina? not long, methinks.

@Pastorius - i don't think it's scaremongering. paco (coca paste, awful shite made of bits of cocaine and other detritus) is doing dreadful damage in South America, with part of the problem being that it's so cheap. [Eu não acho que é questão de alarmismo. Paco (pasta de coca, uma porcaria terrível feita de pedaços de cocaína e outros detritos) está fazendo dano terrível na América do Sul, parte do problema é que a droga é muito barata]. *There was a pretty decent piece about it in the Graun a few months back. not nice stuff. this sounds like paco++* [isso parece paco].

legui10 - 30 May 2011 10:15PM

Oldenick;

It is Paco, same nasty gear, it's confusing because this article in being a bit sensationalist couches it as if it is new, but the clue is later on in the article

where he writes about the 1980s and coming out of Bolivia, which has a common border with both.

[É paco, mistura desagradável mesmo, é confuso porque este artigo parece um pouco sensacionalista como se fosse algo novo, mas a pista está mais adiante no artigo, quando ele escreve sobre a década de 1980, a droga saindo da Bolívia, que tem fronteira com ambos].

It is a by-product of making "normal" cocaine, hence the petrochemical detritus in Paco/Oxi.

Twead - 30 May 2011 10:16PM

This comment was removed by a moderator because it didn't abide by our community standards. Replies may also be deleted. For more detail see our FAQs²³⁶.

JoeH - 30 May 2011 10:16PM

Now this sounds like some good shit....

Just kidding folks!

There are underlying social/economic reasons people turn to drugs, regardless of the drug itself. Fix the underlying issues and you (largely) fix the drug problem. It's not easy (evidently) but some nordic countries have a model of successful prohibition and they remain relatively egalitarian societies. In other words, what would Norway make of Oxi?

I think the point I am trying to make is that it is largely irrelevant whether Oxi offers the biggest high and makes your teeth fall out. People turning away from life towards drugs is always bad.

Let's not pretend there's a good drug to be addicted to. We need to find a solution to this stupid mess across the globe, and a model for such success must exist somewhere.

[Não vamos fingir que há uma boa droga para ser viciado. Precisamos encontrar uma solução para esta confusão estúpida em todo o mundo, um modelo para tal empreendimento deve existir em algum lugar].

My heart goes out to the addicts tonight.

Holdingtonfortomorrow - 30 May 2011 10:16PM

Everybody Moral Panic!!!

[Todos em pânico moral!!!]

Bobbylebonfire - 30 May 2011 10:17PM

As if Brazil's poor haven't enough to deal with already. Sounds devastating. Life is shite for a lot of people in Brazil and this sounds just the ticket for escape.

[Como se o pobre Brasil não tivesse já o suficiente com que lidar. Parece devastador. A vida é uma droga para um monte de pessoas no Brasil e isso soa como uma passagem para a fuga].

Dholliday - 30 May 2011 10:24PM

"The snakes come at night, darting out of the shadows and into Marcelo's subconscious."You start thinking, "There are people coming! The police are coming! A snake is coming! Everything is coming!" You panic. But there is no snake. No police. There's nobody there. There's nothing. You're just tripping out."

It's like Reefer Madness never happened.

[É como se loucura de 'baseado' nunca aconteceu].

²³⁶ Aqui se registra outra intervenção da moderação.

Samuellmatthews - 30 May 2011 10:26PM

I think its pretty funny that a story will appear on Al Jazeera one week and then about 2 weeks later find its way onto the guardian as a kind of exposé...

[Eu acho estranho que uma história tenha sido exibida na *Al Jazeera* e depois de cerca de duas semanas encontre o seu espaço no *Guardian* como uma espécie de *exposé*...]

É possível verificar que os comentários listados acima debatem em torno do fator impactante e atual da notícia, mas que os elementos descritivos da nova droga amazônica, presentes no texto, não apontam para a evidência de algo novo para os leitores. De acordo com o conhecimento prévio desses, sugerem certa semelhança com outra droga já encontrada na Argentina. Contudo, os leitores tratam a questão com um tom sarcástico, inclusive há evidência de remoção de um deles. Além disso, eles indicam terem percebido a circulação de tema análogo em distinto veículo de comunicação. Outra questão identificada é a da “guerra e legalização” das drogas, tema frequente nos debates dos leitores. Nesta participação, observa-se que o tema da reportagem é o ponto inicial para uma série de opiniões pessoais sobre o tema e a cobertura do jornal.

O texto 6 – *Hermeto Pascoal: the whole world in his hands* – possui particularidades. Primeiro porque é um texto que diverge com relação à temática dos demais analisados, pois se trata de uma matéria de cultura e parte daquilo que os jornalistas convencionalmente chamam de *gancho* e termina com um *serviço*. *Gancho* por “aproveitar-se” do fato de que o músico brasileiro, *Hermeto Pascoal*, faria um show no *Barbican*²³⁷, em Londres, para produzir uma matéria sobre o seu trabalho e percurso profissional; *serviço* devido às informações adicionais sobre o espetáculo em si, em geral, previamente publicadas nos jornais a fim de orientar os leitores para o referido evento, as quais aparecem ao término/fechamento do texto.

Portanto, com esse propósito, Phillips (2013) – que mencionou em entrevista esta oportunidade como uma das poucas viagens ao Sul do país que fez para o *Guardian* – foi pautado para entrevistar o músico, na cidade onde residia em Curitiba, no Paraná. Nesse caso, registra-se apenas Pascoal como fonte direta do texto.

Ao discorrer sobre a origem e a trajetória do músico brasileiro, Phillips concentra-se em expor o tipo de trabalho que realiza, descrevendo os mais pitorescos instrumentos que improvisa, desde copos de cerveja até bonecas, todos fora do padrão tradicional da música. É possível identificar, desse modo, que o jornalista trabalha, em certo sentido, a partir de sua experiência cultural no texto com relação ao Brasil. Em determinada parte da matéria, ele afirma reconhecer

²³⁷ Conceituado centro de arte, música, teatro e cultura, localizado na capital inglesa. Outras informações sobre o mesmo podem ser consultadas em: <http://www.barbican.org.uk>. Acesso em: 26 fev. 2013.

“*his distinctive North-eastern accent*” [seu característico sotaque nordestino], em outra, conforme o exemplo abaixo, utiliza novamente um termo em português [grifo da autora]:

"I don't just play one style. I play nearly all of them," he boasts, during a two-hour interview at his home where he lives with his partner, the 32-year-old singer Aline Morena. Instead, he calls it **musica universal**. "It comes from the universe, so that's why I call it **musica universal**," he says. "It's an energy that never stops. It hovers over us wherever we are."

["Eu não toco apenas um estilo. Toco quase todos", gaba-se ele, durante uma entrevista de duas horas em sua casa, onde vive com sua parceira, de 32 anos de idade, a cantora Aline Morena. Ao contrário, ele chama isso de música universal. "Ela vem do universo, é por isso que chamo de música universal", diz ele. "É uma energia que nunca para. Ela paira sobre nós onde quer que estejamos?"].

Além disso, em outro trecho, Phillips descreve parte do diálogo que teve com o músico: *For one year in 1996, he set himself the task of composing a track a day – all recorded in a book called Sound Calendar. I tell Pascoal I'm impressed. "Young man, I composed five times more than this after the book came out," he replies. "I compose all the time"*. [Por um ano, em 1996, ele se colocou a tarefa de compor uma música por dia – tudo registrado num livro chamado *Calendário de som*. Digo a Pascoal que estou impressionado. "Jovem, eu compus cinco vezes mais do que isso depois que o livro saiu", ele responde. "Eu componho o tempo todo?"]. Logo, é possível identificar marcas do autor com nitidez no texto.

De igual forma, o *link article history* registra que esse texto foi publicado *on-line* em 17 de novembro e, no dia seguinte, na página 13, da seção *Film & Music* da versão impressa do jornal. Os comentários foram ao todo 41 e versam sobre a originalidade do músico brasileiro e sua aparência física peculiar, estampada na foto que acompanha a matéria:

Decoratrix - 18 November 2011 12:49AM

Best. Hair. Ever.

[o melhor, cabelo, tudo].

Fusion - 18 November 2011 12:58AM

Legend.

Youcancallmetoby - 18 November 2011 3:45AM

:-) http://www.youtube.com/watch?v=W821bgUU_mY

gabrielrocha - 18 November 2011 4:23AM

Great article, Hermeto is one of the most original musicians ever. Just a small correction: Recife is actually the capital of the state of Pernambuco.

[Grande artigo, Hermeto é um dos músicos mais originais de todos os tempos. Apenas uma pequena correção: Recife é a capital do estado de Pernambuco na verdade].

Franklinokeef - 18 November 2011 6:00AM

Introduced by Louis Balfour. Nice.

[Com a abertura de Louis Balfour. Legal].

Bonnacon - 18 November 2011 7:10AM

Had no idea Hogwarts have a music professor...

[Não fazia ideia que Hogwarts tinha um professor de música...]

Nilpferd - 18 November 2011 7:15AM

Despite Davis' rare praise Pascoal's collaboration with the trumpeter was hardly world changing... the studio versions of Nem um Tavez and Little Church performed in May/June 1970 are so slight as to be almost non-existent, whatever charm these pieces have is blunted into a dirge-like drone. Things might have been different had Pascoal lured Miles into the Brazilian rainforest, of course.

BigChegs - 18 November 2011 7:22AM

Isn't that Roy Wood from Wizard 30 years later?

[Não é o Roy Wood do Wizard 30 anos depois?]

BigChegs - 18 November 2011 7:22AM

This comment was removed by a moderator because it didn't abide by our community standards. Replies may also be deleted. For more detail see our FAQs²³⁸.

Utopianpilchard -18 November 2011 7:25AM

one of the greatest concerts i have ever had the luck of attending: in paris, late '80s at the Radio France main performance space. HP, at the end of the concert, playing the flute, led the whole audience out of the building, pied piper style, onto the banks of the Seine, where everyone danced...magic.

[um dos maiores shows que eu já tive a sorte de assistir: em Paris, no final dos anos 80, no espaço da Radio France. HP no final do concerto, tocando flauta, levou todo o público para fora do prédio, estilo *arlequim flautista*, para as margens do rio Sena, onde todos dançaram ... mágico].

Evidencia-se, contudo, que os leitores demonstraram conhecer o trabalho do músico brasileiro, sugerindo inclusive vídeo no *You Tube* e acrescentando histórias de experiências vividas em concertos dados por ele na Europa, portanto, a leitura do texto é o ponto de partida para os comentários, assim como, a imagem do músico estampada na foto. Duas situações interessantes também foram expostas: uma delas, um leitor, possivelmente brasileiro, que faz uma correção sobre a capital pernambucana, publicada equivocadamente na versão original, cuja alteração foi realizada e registrada ao término do texto na mesma data; a outra é de

²³⁸ Registro de moderação.

leitores, provavelmente britânicos, que associaram a imagem de Hermeto Pascoal à escola fictícia da série de *Harry Potter* ou seu trabalho como sendo “coisas” de mago/magia.

O último texto a ser analisado, *Guns for goalposts? Fifa mulls Brazilian plans for World Cup disarmament drive*, começa apresentando as propostas do governo brasileiro de utilizar a Copa do Mundo para realizar campanha em benefício do desarmamento da população. Tal ação decorreria por meio de troca de armas de fogo por ingressos [gratuitos ou metade do preço]. Além disso, o projeto do governo, entregue à FIFA, sugeria que as armas recolhidas seriam aproveitadas para confeccionar as traves de gol usadas durante os jogos do evento esportivo.

Phillips, por meio das fontes citadas, compõe os dois “rumos” a serem considerados na referida avaliação da proposta. De um lado está colocado o posicionamento do governo brasileiro no texto, representado por um deputado federal e uma representante da campanha “Desarma Brasil”, que juntos defendem a utilização do importante evento popular de futebol para movimentar o desarmamento no país; de outro, identifica-se o depoimento “provocativo” do secretário geral da FIFA, que, em visita recente a Brasília, mostrou-se “irônico” com relação às propostas do governo, segundo o trecho destacado a seguir: *"I think that unfortunately there are so many guns in Brazil that we wouldn't have a sufficient number of tickets," he told reporters in the capital Brasilia* ["Eu acho que, infelizmente, há tantas armas no Brasil que não teria um número suficiente de ingressos", disse ele a repórteres em Brasília]. Além das fontes mencionadas, o jornalista faz referência à mídia brasileira, acrescentando informações obtidas conforme o debate em circulação.

É possível identificar também que o correspondente finaliza o texto contextualizando as campanhas de desarmamento realizadas no Brasil, as dificuldades enfrentadas por causa da corrupção na própria polícia e a questão da violência generalizada, apresentando dados estatísticos de 1980 a 2010 sobre o número de assassinatos com armas de fogo no país.

O tema da reportagem gerou 69 comentários de leitores no *Guardian Unlimited*, dentre os quais, destacam-se aqui os dez primeiros postados:

Agir - 14 December 2011 4:09PM

"Give me Liberty or give me death", "vie la revolution" no wait, aisle G seat 25. So in effect the police will be selling world cup tickets...

[Em última análise a polícia estará vendendo tíquetes para a copa...]

Monkey1999 - 14 December 2011 4:12PM

He shoots, he scores.

[Ele chuta, ele marca].

Strummered - 14 December 2011 4:17PM

Jumpers for goalposts in the park?

Nah - guns.

[Blusas por traves no parque? Agora - armas].

Tipatina - 14 December 2011 4:19PM

that went in off the post like a bullet...

[essa foi fora como uma bala...]

Tipatina - 14 December 2011 4:23PM

uzi play for ...the one with the shot...you know...he was in that magazine...

bromley - 14 December 2011 4:30PM

Are guns cheaper than World Cup tickets then?

[As armas estão mais baratas que os ingressos então?]

Have any details been released on how they're selling the tickets and how much they will cost? Planning on making this my big World Cup trip.

GhostWiper - 14 December 2011 4:35PM

Monkey1999 just rifled it in to the top corner.

[Monkey1999 chutou direto no canto superior].

GordonAteMyHamster - 14 December 2011 4:43PM

This comment was removed by a moderator because it didn't abide by our community standards. Replies may also be deleted. For more detail see our FAQs²³⁹.

ThamesSider - 14 December 2011 4:43PM

I do see one flaw. The ones who keep their guns just need to lurk around and mug the ones who've swapped their guns for tickets.

But I'm sure they'll keep spares.

[Eu vejo uma falha. Aqueles que ficam com as armas deles ficam na espreita dos que já trocaram as armas por ingressos. Mas tenho certeza que eles vão manter as peças].

DumbfoundedByIdiocy - 14 December 2011 5:02PM

Guess Mark Thatcher will be having a great World Cup.

[Suponho que Mark Thatcher vai ter uma grande Copa do Mundo].

Observa-se que o enfoque dos comentários [grifos da autora] reside na questão da proposta apresentada envolvendo a troca das armas pelos ingressos para os jogos da Copa do Mundo de Futebol, em 2014. Percebe-se no debate dos leitores uma “tonalidade irônica” em cada postagem publicada, isso com relação à proposta apresentada pelo governo brasileiro, que não é recebida por eles como solução para a questão problemática da violência no país, já que o tráfico de armas não cessa. Acrescenta-se a esse dado, a aproximação que fazem com o contexto britânico, ao mencionar o personagem polêmico inglês e sua participação no evento em questão. Ratificando, mais uma vez, as características culturais do contexto os leitores britânicos, exploradas no livro de Fox (2005).

²³⁹ Registro de moderação.

É possível apontar, portanto, que com relação às marcas da produção no texto verificou-se que o correspondente emprega conhecimento da sua *cultura vivida* e busca equilibrar as fontes consultadas. Sobre isso, registra-se que apenas no texto 1 os *mentores simbólicos* mencionados são todos ligados ao Estado; ao passo que, nos textos 2 e 3, as fontes consultadas são cidadãos brasileiros e ativistas que buscam ter “voz” diante das questões estabelecidas pelo Estado; nos demais textos, expressa-se um equilíbrio de posicionamentos ligados às temáticas abordadas.

Já na análise dos comentários dos leitores, observou-se que eles empregam conhecimento próprio sobre *experiências vividas*. Verifica-se, nesse sentido, que, por vezes, reiteram a posição apresentada pelo texto agregando opiniões, em outras, expressam novo sentido relacionado com ideias pré-concebidas sobre tema, a partir dos *efeitos* do texto que neles suscitaram. Contudo, o que se observa é um leitor ativo e crítico sobre o que está sendo veiculado pelo jornal.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inquietação em torno do objeto desta tese iniciou bem antes da sua elaboração, quando já se buscava em estudos incipientes um caminho para a sua compreensão. Evidenciavam-se, naquele momento, lacunas nas habituais perspectivas teóricas, nas quais tradicionalmente se apoiam os objetos do jornalismo. Identificava-se nos modelos de análise em circulação que esses não davam conta de explicar o processo de comunicação de modo completo, detendo-se comumente a se orientar por um ou outro momento deste, ou então, em dar ênfase ao meio de comunicação, em abordagens mais centradas nas características do suporte tecnológico do que nas próprias práticas jornalísticas.

Foi então que se deu início a uma aproximação ao campo dos estudos culturais – também pensando a partir da sua relação com o jornalismo – em busca de uma perspectiva que poderia servir para nortear a problemática que se apresentava, isto é, a de compreender o significado das representações do Brasil na imprensa de qualidade britânica, indagando sobre os elementos culturais presentes nos textos a partir da relação do seu lugar de origem com o contexto em que circulam na atualidade. Esferas distintas se apresentavam: temas brasileiros produzidos e consumidos por britânicos. Encontrava-se, desse modo, manifesta a necessidade de se articular as diferentes características e formas do produto cultural estudado, principalmente, para verificar de que modo se constituía a identidade brasileira naquele outro contexto, o britânico.

O investimento passou a ser aquele de enquadramento teórico-metodológico deste objeto de estudo. Sob a perspectiva da cultura, as narrativas da versão britânica do campo dos estudos culturais e, fundamentalmente, os textos de Stuart Hall foram seminais. O primeiro (1997a), por situar a *cultura* como foco central, considerando ambas as formas analíticas que congrega: aquela de caráter *substantivo*, que envolve a estrutura e a organização do jornalismo britânico em um contexto histórico atual, e aquela *epistemológica*, que demarca uma abordagem na qual as representações adquirem uma relevância essencial na vida cotidiana, no caso em tela, as representações do Brasil no *The Guardian* e suas conexões com a manifestação dos leitores.

Essa preocupação fornecia os elementos necessários para empreender uma investigação mais complexa da temática, isso por entender também que toda cultura depende da interpretação que seus participantes fazem sobre o que está ao seu redor e o sentido por eles dado ao mundo. A segunda orientação nasceu do conceito de *representação* (HALL, 1997b) no sentido de prática que utiliza materiais e efeitos para dar sentido a eles e comunicá-los de modo significativo aos outros.

A demanda que se estabelecia, a partir da adoção da perspectiva culturalista, seria, sobretudo, aquela de “ampliar o horizonte” dos estudos tradicionais de jornalismo, sem desconsiderá-los, porém buscando ir além dos seus pressupostos materiais, isto é, que considera que a produção jornalística determina todo o processo. A questão passou, então, a incidir na procura de uma articulação entre as dimensões materiais e simbólicas, que, aparentemente, situam-se em direções opostas, no entanto, compõem a ideia completa do todo. Desse modo, o jornalismo, nesta pesquisa, é entendido como uma instituição e/ou prática social que agrega elementos tanto de uma conjuntura material, estrutural e econômica, quanto simbólica, isso por considerar também que é constituidor de significados e práticas simbólicas, presentes tanto no seu espaço de produção quanto naquele de leitura de suas audiências.

Tal empreendimento, denominado de *análise ou perspectiva cultural do jornalismo*, constitui-se em uma tradição em construção, cuja trajetória de estudos tem sido mapeada (ZELIZER, 2004a) e, ao mesmo tempo tensionada (ZELIZER, 2004b, p. 100), pois a investigação cultural força um exame das tensões entre ambos os campos em questão, que reside basicamente na articulação dos termos referenciais do jornalismo – fatos, verdade e realidade – à sua relação com a subjetividade e a construção.

Preocupação análoga tem sido registrada no Brasil (SILVA, 2009; ESCOSTEGUY, 2013, no prelo) que evidencia a fragilidade epistemológica do campo do jornalismo, ou seja, a necessidade de pesquisas acadêmicas que se detenham em estudar os aspectos do jornalismo que vão além dos efeitos pragmáticos das rotinas e fórmulas de coletar e apresentar notícias. Portanto, registra-se na problematização teórica desta tese a necessidade de se continuar investindo em pesquisas que ampliem este “horizonte” de compreensão e encaminhem o entendimento do jornalismo a uma visão mais articulada entre os diferentes momentos do processo comunicativo. Considera-se que esta perspectiva oferece “avanços” para ambos os campos, na medida em que busca enxergar o jornalismo tanto através do olhar dos seus profissionais, monitorando o significado do material que eles colocam em circulação quanto possibilita conectar este conhecimento às práticas sociais da vida cotidiana.

O percurso metodológico, de base na concepção de circuito de cultura, de Richard Johnson (1999), foi o modelo analítico escolhido justamente por dar conta dessa articulação sustentada entre a produção e o consumo do jornalismo. O autor, nesse sentido, propõe uma articulação complexa entre os diferentes momentos do processo comunicativo – *produção, textos, leituras e culturas vividas*. Tratou-se inicialmente de estudar o objeto concreto desta tese como uma forma cultural articulada e situada em um *macrocontexto* dinâmico, com características de interações sociais próprias de um tempo e um lugar. Em seguida, empregou-

se um exercício de análise mais específico [*microcontexto*], a partir da adoção deste modelo, que permitiu identificar como se dá a constituição de uma identidade brasileira permeada por elementos simbólicos do contexto social britânico. Na tentativa de evitar uma abordagem isolacionista dos momentos, mas sem deixar de apresentar características dos mesmos, empenhou-se em dar destaque diretamente às articulações entre eles, por isso, a estrutura adotada, composta pelas seguintes etapas: *produção e culturas vividas*, *produção e textos* e *textos e leituras*. Em cada uma dessas, ainda que alguns momentos coincidam – reinterando sua presença nos títulos das seções – em termos de nomenclatura, preocupou-se em combinar elementos empíricos diferenciados e considerar também as possibilidades e limitações inerentes a cada momento.

Para dar conta da articulação *produção e culturas vividas*, por exemplo, foi tomada como premissa a preocupação com a produção, a organização das formas culturais e a inferência aos usos sociais dessas, a partir das condições de produção. Entretanto, para não cair em armadilhas economicistas e produtivistas, que limitariam essa abordagem, optou-se por centrar a análise em torno da relação do correspondente com a cultura local reportada e com o contexto da redação do jornal. Ao tratar dessa *cultura vivida*, o enfoque centrou-se em descrever de que modo o jornalista conhece a cultura do país, buscando evidenciar as práticas vividas em torno da temática trabalhada e não empregar uma crítica avaliativa sobre o quanto o produtor conhece dessa. Os benefícios dessa abordagem residem na obtenção de um tipo de dado que não é apenas composto por meios materiais de produção e modos de organização capitalista, mas encontrados no reservatório da cultura vivida por este produtor. Por outro lado, verificou-se que ao descrever os elementos constitutivos da história do veículo estudado, bem como as diretrizes editoriais praticadas, o esforço em equilibrar a análise foi uma preocupação constante, já que a trajetória do jornal é larga e fértil em termos de aspectos a serem explorados.

No que tange a segunda etapa de articulação, entre *produção e textos*, optou-se por trabalhar com um *corpus* mais amplo, composto por todos os títulos das reportagens do correspondente durante 2011. Estabeleceu-se, assim, duas formas de contextualização, aquela *interna* contendo as características editoriais e visuais do jornal analisado e a outra *externa*, que buscou correlacionar os elementos culturais encontrados nos textos com aqueles fornecidos pelas narrativas sobre a identidade brasileira a partir das categorias analíticas identificadas. Desse modo, foi possível destacar os elementos culturais em circulação apresentados pela imprensa britânica sobre o país. A dificuldade encontrada foi somente

quanto à amplitude da amostra, que evidenciou diversos temas, mas que, em última análise, após a organização dos dados, apresentou-se como eficaz e elucidativa.

Na última articulação proposta, *textos e leituras*, perseguiu-se uma abordagem descentrada do texto, conforme indicação de Johnson (1999), a partir de um *corpus* mais específico, composto, nessa fase, por textos completos [títulos e corpo] e ainda uma incursão pelos comentários dos leitores. A análise empregada promoveu uma leitura dos textos e dos comentários ao identificar fragmentos que apontaram marcas tanto da produção nos textos quanto dos leitores e suas práticas culturais em torno desse consumo. Dois procedimentos foram fundamentais: de um lado, o estudo das fontes consultadas pelo jornalista, destacando os brasileiros por ele elencados, bem como as estratégias editoriais empregadas ao reportar o Brasil; de outro, investigou-se os elementos nos textos que provocaram a manifestação dos leitores [efeitos] e os aspectos de origem na *cultura vivida*, nas experiências pessoais ou sociais, provocadas pela leitura desse tipo de material jornalístico na vida cotidiana desses leitores. Esse esforço em buscar interpretar esse tipo de dado foi fundamental na identificação de uma audiência ativa, diante da evidência do material em circulação sobre o Brasil, publicado pelo jornal. Inicialmente, tal tipo de aproximação parecia incipiente, entretanto, ao dar atenção às falas desses leitores verificou-se naquele espaço [propiciado pela *internet*] a constituição de um ambiente espontâneo e elucidativo no que concerne aos usos que a audiência pode fazer do material publicado pelo jornal.

A eleição da literatura sobre a identidade nacional, a partir dos textos de críticos, que foram amadurecidos pelo tempo, e posteriores à publicação das obras originais, também se mostrou uma escolha eficaz, sobretudo, na constituição de categorias temáticas culturais para a análise dos textos. Os pontos abordados, na parte inicial do capítulo, sobre a identidade brasileira, reuniram elementos norteadores culturais que serviram para tematizar a análise das representações do Brasil no contexto do Reino Unido, desta forma denominadas: as *referências ao território brasileiro de dimensões continentais e de recursos naturais abundantes*, os *mentores simbólicos do passado e da atualidade e as suas relações com o Estado*, além da *questão da desigualdade social diante da evidência de um país emergente economicamente, mas diversificado culturalmente*. O capítulo ganhou uma dimensão mais complexa ao combinar dois contextos, aquele da narrativa simbólica *interna* em torno da questão nacional e o outro que dispõe de dados sobre um posicionamento *externo* brasileiro ao longo do tempo, paralelamente as evidências de trocas econômico-culturais entre ambos os países.

Na aproximação empírica, o itinerário desta pesquisa recém sinteticamente descrito, confirma a *hipótese cultural da estrutura de sentimento*, ou seja, a existência de uma

estrutura de sentimento em processo que conjuga práticas e hábitos sociais que, coordenados com as formas de produção e organização socioeconômica, auxiliam a dar sentido às experiências vividas por britânicos, na atualidade, com relação ao Brasil. Verificou-se que, na observação do cenário amplo da imprensa britânica, são as políticas públicas internacionais brasileiras, tal como se apresentam por meio do posicionamento do Estado, que se sobressaem, isto é, um Brasil emergente, com potencial de crescimento rápido e de investimentos profícuos. Entretanto, em uma análise mais sistemática, do *microcontexto*, no qual o Brasil é reportado no seu dia a dia, no cotidiano, a identidade construída pelos britânicos desponta mais próxima à ideia de complexidade sociocultural da nação brasileira, é o território, a desigualdade social e a diversidade cultural do país que mais saltam à vista.

Nesse sentido, também cabe salientar que os leitores do *The Guardian* mostraram empregar conhecimento próprio sobre experiências vividas relacionadas às temáticas brasileiras. Verificou-se, contudo, que, por vezes, reiteram a posição apresentada pelo texto agregando apenas opiniões, em outras, expressam novo sentido relacionado com ideias pré-concebidas sobre tema, a partir dos efeitos do texto que neles suscitaram. Fator esse que indica ser temerário considerar que a prática jornalística se realiza fundamentalmente nas suas condições materiais produtivas, sem empregar algum conhecimento das práticas culturais de suas audiências. Portanto, as experiências tanto do correspondente-produtor dos textos quanto dos leitores, presentes no *reservatório da cultura vivida* por eles, são elementos que não podem ser apenas inferidos mediante uma análise dos textos ainda que essa apresente uma série de indicações. Com isso, reafirma-se a pertinência da perspectiva teórico-metodológica adotada como contribuição para o desenvolvimento do campo do jornalismo, já que se evidencia que esse tipo de análise cultural tem estado preocupada em investigar o jornalismo a partir de questões vão além dos efeitos pragmáticos de sua produção.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia. *Lugares de fala do leitor no Diário Gaúcho*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso, 1991.

BARKER, Martin. Analysing discourse. In: PICKERING, Michael (Org.). *Research methods for cultural studies*. Edinburgh: Edinburg University Press, 2008, p.150-72.

BAUMAN, Zygmunt. *Intervista sull'identità*. Roma/Bari: Laterza, 2005.

BELLOS, Alex. *Futebol: O Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. Sobre a experiência de correspondente no Brasil. Porto Alegre: Reitoria UFRGS, 19 abr. 2011. Registro para relatório de qualificação. Entrevista concedida a Jamile Gamba Dalpiaz.

BERGER, Christa. *Campos em confronto: A terra e o texto*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BERNAL-MEZA, Raúl. International thought in the Lula era. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, n. 53, p. 193-213, 2010. [Special Edition]

BIRD, Elizabeth S. News practices in everyday life: beyond audience response. In: ALLAN, Stuart (Org.). *The Routledge Companion to News and Journalism*. Oxon/NY: Routledge, 2010, p. 417-27.

BRUNSDON, Charlotte; MORLEY, David. *Everyday television*. London: BFI, 1978.

CAMPOS, Deivison. *O grupo Palmares (1971-1978): Um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico*. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHAUVEAU, A.; CHAUVEAU, P. (Orgs.) *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

COHEN, Stanley; YOUNG, Jock (Eds.). *The manufacture of news*. Beverly Hills/CA: Sage, 1973.

CONBOY, Martin. *Journalism in Britain: a historical introduction*. London: Sage, 2011.

CONNELL, Ian. Mistaken identities: tabloid and broadsheet news discourse. *Javnost – The Public (Journal of the European Institute for Communication and Culture)*, Ljubljana/Eslovenia, v. 5, n. 3, p. 11-31, 1998. Disponível em: <http://javnost-thepublic.org/article/pdf/1998/3/2/>. Acesso em: 20 jan. 2012.

CORRÊA, Diogo. Somos desiguais? A propósito de Jessé Souza e Roberto DaMatta. In: SOUZA, Jessé (Org.). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COTTLE, Simon. News(s) times: towards a second wave of news ethnography. *Communications: The European Journal of Communication Research*. Berlim/New York: Associação Alemã de Pesquisa em Comunicação/Mouton de Gruyter, v. 25 (1), p. 19-41, 2000.

COUTINHO, I.; MUSSE, C. Telejornalismo, narrativa e identidade: A construção dos desejos do Brasil no *Jornal Nacional*. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 5, 2007, Aracaju. *Anais*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2007.

CURRAN, J.; SEATON, J. *Power without responsibility*. The press and broadcasting in Britain. London: Routledge, 1997.

DALMONTE, Edson Fernando. *Mídia, fonte & palanque do pensamento culturalista de Gilberto Freyre*. Salvador: UDUBA, 2009.

DALPIAZ, Jamile Gamba. Cultura jovem e identidade: As representações do funk carioca em Londres. *Revista Comunicação e Educação*, São Paulo, USP, v. 1, p. 67-76, 2011a. Disponível em: <http://revistas.usp.br/comueduc/article/view/44866/48498>. Acesso em: 6 fev. 2013.

_____. Da convivência à convergência das mídias: As representações do mundo na BBC Brasil. In: MOREIRA, Sonia Virgínia (Org.). *Geografias da comunicação: Espaço de observação de mídia e de culturas*. São Paulo: UERJ/Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), 2012, p. 170-80. (Coleção GPs, 3) [E-book] Disponível em: http://www.geografias.net.br/pdf/livros/colecao_gps_3.pdf. Acesso em: 27 jan. 2013.

_____. Imprensa e ideologia: A cobertura do governo brasileiro pelos jornais britânicos. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, USP/ECA, ano 13, n. 2, p. 65-76, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/42397/46068>. Acesso em: 22 jan. 2013.

_____. O sonho acabou? O governo Lula nos principais jornais italianos. *Revista Famecos*, Porto Alegre, PUCRS, v.1, p. 70-8, 2006.

_____. Representações da identidade brasileira no *Financial Times*. In: Seminário Internacional da Comunicação – Mídias locativas e transmídia: De que meios e mensagens estamos falando?, 11, 2011, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2011c, v. 1, p. 99. Disponível em <http://issuu.com/eusoufamecos/docs/seicom2011>. Acesso em: 6 fev. 2013.

_____. Rotinas e critérios de noticiabilidade: Um estudo sobre a produção jornalística da BBC Brasil. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 8, p. 213-31, 2011b. Disponível em: <http://journal.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v8n1p213>. Acesso em: 6 fev. 2013.

_____. *Stuart Hall e o viés semiótico na complexificação das práticas de representação*. E-book. PUCRS, no prelo, 2013.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *O que faz o Brasil, Brasil?* 9. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de Endereçamento: Uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos estudos culturais: Uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/35295718/Cartografias-dos-estudos-culturais-Uma-versao-latino-americana>. Acesso em: 20 jan. 2011.

_____. Circuitos de cultura/ circuitos de comunicação: Um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, ESPM, v. 4, n. 11, p.115-35, nov. 2007.

_____. Jornalismo e estudos culturais: Uma perspectiva cultural. In: GOMES, Itania (Org.). *Análise de telejornalismo: Desafios teórico-metodológicos*. Salvador: EDUFBA, 2013. [No prelo].

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.; FELIPPE, Angela. Jornalismo e Estudos Culturais: A contribuição de Jesús Martín-Barbero. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2012, 10, 2012, Curitiba. *Anais*. Curitiba: SBPJor, 2012. Disponível em: <http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/viewFile/1987/224>. Acesso em: 23 jan. 2013.

FELIPPI, Ângela. *Jornalismo e identidade cultural: Construção da identidade gaúcha em Zero Hora*. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

FERGUSON, Robert. *Representing 'Race': Ideology, Identity and the Media*. London: Arnold, 1998.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

FISKE, John; HARTLEY, John. *Reading television*. Londres: Methuen, 1978.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. A atualidade dos gêneros jornalísticos na imprensa brasileira contemporânea. In: Seminário transformação da notícia: A subjetividade no jornalismo informativo, 2002, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Disponível em: <http://www.ppgcom.ufrgs.br/artigos.htm>. Acesso em: 6 fev. 2013.

_____. A importância da memória na constituição da identidade do jornalista contemporâneo. *Revista EcoPós*. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ, 2009/1. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php?journal=revista&page=article&op=view&path%5B%5D=141&path%5B%5D=250>. Acesso em: 20 jul. 2012.

_____. *O jornalismo no conglomerado de mídia, reestruturação produtiva sob o capitalismo global*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, UFRGS, 2005. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5023/000463613.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 jan. 2011.

FRANKLIN, Bob. *Newszak and the news media*. London: Arnold, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: A formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. *The English in Brazil*. Oxford: Boulevard Books, 2011.

FOWLER, R. *Language in the news. Discourse and Ideology in the Press*. London: Routledge, 1991.

FOX, Kate. *Watching the English. The hidden rules of English behaviour*. London: Hodder, 2005.

GIDDENS, Anthony. *Modernity and self-identity: Self and society in the late modern age*. Cambridge: Polity Press, 1991.

GOMES, Itania Maria Mota. Das utilidades do conceito de modo de endereçamento para análise do telejornalismo. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (Orgs.). *Televisão: Entre o mercado e a academia*. Porto Alegre: Sulina, 2006a.

_____. Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento. In: JANOTTI JÚNIOR, Jeder; GOMES, Itania Maria da Mota (Orgs.). *Comunicação e estudos culturais*. Salvador: Edufba, 2011, p. 29-48.

_____. Quem o Jornal do SBT pensa que somos? Modos de endereçamento no telejornalismo show. *Revista Famecos*, Porto Alegre: Edipucrs, n. 25, p. 85-98, dez. 2004.

_____. Questões de método na análise do telejornalismo: Premissas, conceitos, operadores de análise. *Revista E-Compós*, v. 8, n. 1, p. 1-31, jan./abr. 2007. Disponível *on-line*: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/126/126>. Acesso em: 15 abr. 2012.

_____. Telejornalismo de qualidade. Pressupostos teórico-metodológicos para análise. *E-Compós (Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação)*, Brasília, v. 6, p. 1-22, ago. 2006b.

GOMES, Itania et al. Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: O *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), 28, 2005, Rio de Janeiro. NP 07 – Comunicação Audiovisual. *Anais*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74277217742772103772621605140235486090.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2013.

GRAHAM, Richard. *Britain and the onset of modernization in Brasil (1850-1914)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

_____. Construindo uma nação no Brasil do século XIX: Visões novas e antigas sobre classe, cultura e estado. *Revista Diálogos*, DHI/UEM, v. 5, n. 1, p. 11-47, 2001. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol5_mesa1.html. Acesso em: 30 jun. 2010. [Originalmente publicado em *The Journal of the Historical Society*, v. 1, n. 2-3, p. 17-56, 2001.]

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Cultura, Mídia e Educação – Educação & Sociedade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997a.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003 [2008, 2ª reimpressão].

_____. Encoding and decoding in television discourse. *CCCS Position paper*. Birmingham, UK: Centre for Contemporary Cultural Studies, University of Birmingham, 1973.

_____. Newspapers, Parties and Classes. In: CURRAN, James. *The British Press: a Manifesto*. London: Acton Society Press Group, 1978a.

_____. *Representation. Cultural representation and signifying practices*. London: Sage/The Open University, 1997b.

_____. The Social Production of News. In: HALL, Stuart et al. *Policing the Crisis: Mugging, the State, and Law and Order*. London: The Macmillan Press, 1978b, p. 53-77.

_____. Who needs identity? In: DU GAY, P.; EVANS, J. ; REDMAN, P. *Identity: a reader*. London: Sage, 2000, p. 15-30.

HANNERZ, Ulf. *Foreign News. Exploring the World of Foreign Correspondents*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

HEBDIGE, Dick. *Subculture: the meaning of style*. London: Methuen, 1979.

HODGSON, Martin. Sobre a experiência de editor de *foreign news* no jornal *The Guardian*. Londres: Kings Place, 2 jul. 2012. Entrevista concedida a Jamile Gamba Dalpiaz.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

JANCOVICH, M. David Morley: Los estudios de "Nationwide". In: BARKER, M.; BEEZER, A. (Orgs.). *Introducción a los estudios culturales*. Barcelona: Bosch, 1994, p. 149-63.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 7-131.

JOHNSON, R.; CHAMBERS, D.; RAGHURAM, P.; TINCKNELL, E. (Orgs.). *The practice of cultural studies*. London: Sage, 2004.

KNEWITZ, Anna Paula; JACKS, Nilda. Reconfigurações nas práticas de leitura de notícias: Como convivem o jornalismo impresso e o digital. In: SILVA, G.; KÜNSCH, D.; BERGER, C.; ALBUQUERQUE, A. (Orgs.). *Jornalismo contemporâneo: Figurações, impasses e perspectivas*. Livro da Compós 2011. Salvador/Brasília: EDUFBA/Compós, 2011, p. 205-23.

LEAL FILHO, Laurindo. *A melhor TV do mundo*. São Paulo: Summus, 1997.

_____. *Voices de Londres: Memórias brasileiras da BBC*. São Paulo: EDUSP, 2008.

LIMA, Fernanda Cristina. *Tradução como representação cultural: Olhares sobre o Brasil*. São José do Rio Preto: UEP, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

LOPES, Fernanda Lima. Identidade jornalística e memória. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves. *Mídia e memória: A produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 137-54.

MACHADO, Elias. A pesquisa brasileira em jornalismo (1987-2007). Um balanço 20 anos depois da publicação de *O Segredo da Pirâmide*. In: AMARAL, Marcia Franz (Org.). *Olhares sobre o Jornalismo: A contribuição de Adelmo Genro Filho*. Santa Maria: FACOS, 2007, v. 1, p. 34-41.

_____. Metodologias de pesquisa em jornalismo: Uma revisão histórica e perspectivas para a produção de manuais de orientação. *The Brazilian Journalism Research*, Brasília, UnB, Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), v.6, p. 10-28, 2010.

_____. Três pressupostos para que o estudo do jornalismo seja levado a sério (Uma crítica à *Taking journalism seriously*, de Barbie Zelizer). In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), 15, 2006, Bauru. GT de Jornalismo. *Anais*. Bauru, SP: UMESP, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2006/eliasmachado2006.rtf>. Acesso em: 16 jan. 2013.

MACIEL, Fabrício. *O Brasil-Nação como ideologia: A construção retórica e sociopolítica da identidade nacional*. São Paulo: Annablume, 2007.

MARROCO, Beatriz. *Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

McNAIR, Brian. *News and journalism in the UK*. 4. ed. Routledge: Oxon, 2003.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985.

_____. O pensamento jornalístico: A moderna tradição brasileira. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo: INTERCOM, v. 30, n. 2, p. 15-40, jul./dez. 2007.

_____. *Teoria do jornalismo: Identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006.

MELLO, Evaldo Cabral de. Preface: A social history of British presence in Brazil. In: FREYRE, Gilberto. *The English in Brazil*. Oxford: Boulevard Books, 2011, p. 371-376.

MELO, José Marques de; MOREIRA, Sonia Virgínia. Brazilian journalism: the state of research, education and media. *Journalism. Special Issue of Journalism: theory, practice and criticism*. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington DC: Sage, v. 10 (1), p. 5-8, 2009.

MERRILL, John. Introduction to global western journalism theory. In: DE BEER, Arnold (Ed.). *Global Journalism. Topical issues and media systems*. 3. ed. London/NY: Pearson, 2009, p. 16-8.

MOLINA, Matías M. *Os melhores jornais do mundo: Uma visão da imprensa internacional*. São Paulo: Globo, 2007.

MORLEY, David. Belongings. Place, space and identity in a mediated world. *European Journal of Cultural Studies*, London, v. 1, p. 425-48, 2001.

_____. *Family television: Cultural power and domestic leisure*. London: Comedia, 1986.

_____. *Home territories. Media, mobility and identity*. London: Routledge, 2000.

_____. *Media, modernity and technologies. The geography of the new*. Oxon: Routledge, 2007.

_____. *The Nationwide audience*. London: British Film Institute, 1980.

_____. Where the global meets the local: Notes from the sitting room. *Screen*, London, Oxford University, v. 1, n. 32, 1991.

MOTA, Célia. *Representações da identidade nacional na notícia da TV*. Brasília: UnB, 2008. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2008. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/5692>. Acesso em: 13 abr. 2011.

NATALI, João Batista. *Jornalismo internacional*. São Paulo: Contexto, 2007.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. 5. ed. Tatuapé/SP: Brasiliense, 1999.

PAGANOTTI, Ivan. *Pelos olhos de um observador estrangeiro*: Representações do Brasil na cobertura do correspondente Larry Rohter pelo *New York Times*. São Paulo: USP, 2010a. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação ECA/USP, São Paulo, 2010.

_____. Traduções e trans-gêneros: Adaptações de termos e estruturas nos textos dos correspondentes. *ComTempo*, v. 2, n. 1, jun. 2010b. Disponível *on-line* em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/view/6927>. Acesso em: 20 fev. 2013.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Gilberto Freyre e a Inglaterra: uma história de amor. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 13-38, out. 1997. Disponível *on-line*: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v9n2/v09n2a02.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2013.

_____. Ingleses no Brasil: Um estudo de encontros culturais. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 227-30, nov. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v13n2/v13n2a12.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2013.

PICKERING, Michael (Org.). *Research methods for cultural studies*. Edinburgh: Edinburg University Press, 2008.

PHILLIPS, Tom. Sobre a experiência de correspondente no Brasil. Xangai/Porto Alegre, por telefone [*skype*]. 6 fev. 2013. Entrevista concedida a Jamile Gamba Dalpiaz.

PHILO, Greg. Can discourse analysis successfully explain the content of media and journalistic practice? *Journalism Studies*, v. 8, n. 2, p. 175-96, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, pp. 200-12, 1992.

PONTE, Cristina. Lentes cruzadas na pesquisa em Jornalismo: A proposta de Barbie Zelizer. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), 28, 2005, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005b. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17391/1/R0427-1.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2011.

_____. Taking journalism seriously: news and the academy. *Book Review. Brazilian Journalism Research*, Brasília, UnB, Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), v.1, n. 2, 2005a.

PORTO, Mauro. Telenovelas and representations of national identity in Brazil. *Media, Culture & Society*, n. 33: p. 53-69, jan. 2011.

PROCÓPIO, Pedro Paulo. O fim da era Lula e a candidatura Rousseff: Elementos de análise de discurso do jornal britânico *The Economist*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35, Fortaleza, 2012. Trabalho apresentado no GT de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura. *Anais*. Disponível *on-line* em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/lista_area_DT8-EP.htm. Acesso em: 2 mar. 2013.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, USP, v. 17, n. 1, p. 81-110, jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n1/v17n1a03.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2011.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

ROCHA, S. M.; SANTANA, G. A. Modos de endereçamento e gênero televisivo: Proposta metodológica para análise da televisão como forma cultural. In: BRAGA, J. L.; LOPES, M. I. V.; MARTINO, L. C. (Orgs.). *Pesquisa empírica em comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 362-79.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1993.

SANTI, Vilso Junior Chierentin. A pesquisa qualitativa no circuito das notícias. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul (INTERCOM SUL), 11, 2010, Novo Hamburgo. *Anais*. Novo Hamburgo: INTERCOM SUL, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0667-1.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2013.

_____. *As representações no circuito das notícias: O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra no jornal Zero Hora*. Santa Maria, RS: UFSM, 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), UFSM, 2009.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. A América do Sul no discurso diplomático brasileiro. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 48, n. 2, p. 185-204, 2005.

SCHLESINGER, Philip. *Media, state and nation: Political, violence and collective identities*. London: Sage, 1991.

SCHWARTZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Gislene. De que campo do jornalismo estamos falando? *Revista Matrizes*, São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM), Escola de Comunicações e Artes (ECA), USP, ano 3, n. 1, p. 197- 212, ago./dez. 2009. Disponível em: http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/viewFile/85/pdf_73. Acesso em: 30 jan 2011.

_____. O método Análise de Cobertura Jornalística e o acontecimento noticioso da doença do ex-presidente Lula. In: Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 10, 2012, Curitiba. *Anais*. Curitiba: PUCPR, UFPR, Universidade Tuiuti, 2012. Disponível em: <http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/viewFile/1987/225>. Acesso em: 12 dez. 2012.

_____. Problemática metodológica do jornalismo impresso. *Rumores (Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias)*, São Paulo, ECA/USP, n. 3, p. 1-9, jul./dez. 2008. Disponível em: http://www3.usp.br/rumores/artigos2.asp?cod_atual=91. Acesso em: 6 jan. 2013.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: Um protocolo metodológico. *Revista Rumores (Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias)*, São Paulo, ECA/USP, ano 5, n. 10, jul./dez. 2011.

SILVA, S. Redescobrimo o Brasil com olhos estrangeiros: A construção discursiva da identidade nacional brasileira na internet. *Em Questão*, Porto Alegre, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, v. 9, n. 2, p. 339-51, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:arIUJhotatEJ:seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/download/78/38+SILVA,+S.+Redescobrimo+o+Brasil+com+olhos+estrangeiros:+A+constru%C3%A7%C3%A3o+discursiva+da+identidade+nacional+brasileira+na+internet>.

SMITH, Anthony D. *La identidad nacional*. Madrid: Trama, 1997.

SOARES, Murilo César. Representações e comunicação: Uma relação em crise. *Líbero – Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero*. São Paulo: Programa

de Pós-Graduação da Faculdade Casper Líbero, v. 10, n. 20, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewArticle/4643>. Acesso em: 28 fev. 2013.

SODRÉ, Muniz. Sobre a identidade brasileira. *IC – Revista Científica de Información y Comunicación*, n. 7, p. 321-30, 2010. Disponível em: <http://www.ic-journal.org/data/downloads/1292343056-43sodrebaja.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. Construindo uma teoria multifatorial da notícia como uma teoria do jornalismo. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. Portugal: 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-multifatorial-jornalismo.pdf>. Acesso em: 21 maio 2011.

SOUZA, Jessé. A construção do mito da ‘Brasilidade’. In: SOUZA, Jessé et al. *A ralé brasileira: Quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009a, p. 30-9.

_____. Como o senso comum e a ‘brasilidade’ se tornam ciência conservadora? In: SOUZA, Jessé et al. *A ralé brasileira: Quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b, p. 49-72.

SPARKS, Colin. Popular journalism: theories and practice. In: DAHLGREN, P.; SPARKS, C. (Eds.). *Journalism and popular culture*. London: Sage, 1992, p. 24-44.

STRELOW, Aline. Análise global de processos jornalísticos. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 5, 2007, Aracaju. *Anais*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2007. CD.

_____. *Análise global de processos jornalísticos: Uma proposta metodológica*. Porto Alegre, RS: PUCRS, 2010. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

_____. O estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil: 2000 a 2010. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, v. 2, n. 25, p. 67-90, dez. 2011. Disponível em:

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1999.

_____. *Teorias do Jornalismo: Por que as notícias são como são*. 2. ed. Florianópolis: Insular/UFSC, 2005.

WAHL-JORGENSEN, Karin; FRANLIN, Bob. Journalism research in the UK. From isolated efforts to an established discipline. In: LÖFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David (Eds.). *Global journalism research. Theories, methods, findings, future*. Blackwell: Oxford, 2008, p. 172-84.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Bernardo do Campo: Paz e Terra, 1992.

_____. Culture is Ordinary. In: GRAY, Ann; MCGUIGAN, Jim (Orgs). *Studying Culture*. London: Arnold, 1993, p. 5-14.

_____. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. *The long revolution*. London: Penguin, 1961.

_____. The press we don't deserve. In: CURRAN, James. *The British Press: a Manifesto*. London: Acton Society Press Group, 1978.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes: 2008.

ZELIZER, Barbie. *Taking journalism seriously. News and the Academy*. London/New Delhi: Sage, 2004a.

_____. What to do about journalism? Journalism and the international academic world. *Brazilian Journalism Research*, Brasília, UnB, Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), v. 3, n. 2, 2007.

_____. When facts, truth, and reality are God-terms: on journalism's uneasy place in cultural studies. *Communications and Critical/Cultural Studies*, London: Routledge, v. 1, n. 1, p. 100-19, mar. 2004b.

ANEXOS

**ANEXO A – *PRESS GAZETTE* – DADOS DE CIRCULAÇÃO
DA IMPRENSA BRITÂNICA**

IN DEPTH > NATIONAL PRESS

NUMBERS: DECEMBER 2011**National press print and online**

SOURCE: ABC

DAILIES	DECEMBER 2011 SALE	YEAR ON YEAR CHANGE %	MONTH ON MONTH %	BULKS
Daily Mirror	1,092,182	-3.64	-1.02	—
Daily Record	274,505	-5.42	-1.43	1,806
Daily Star	616,498	-13.61	-4.19	—
The Sun	2,530,843	-6.85	-3.56	—
Daily Express	596,415	-4.37	-1.14	—
Daily Mail	1,994,908	-1.78	-0.34	118,291
The Daily Telegraph	587,040	-7.01	-1.28	—
Financial Times	333,771	-14.44	-1.03	31,528
The Herald	46,369	-9.91	0.24	—
The Guardian	230,108	-13.11	1.61	—
i	221,715		-0.01	51,279
The Independent	119,551	-31.69	-6.51	44,319
The Scotsman	38,647	-7.04	-0.98	3,363
The Times	409,060	-8.79	-1.01	—
Racing Post	50,044	1.56	-1.05	193
SUNDAYS				
Daily Star Sunday	640,406	90.11	-3.76	—
Sunday Mail	365,232	3.67	-2.33	687
Sunday Mirror	1,702,008	62.50	-3.30	—
The People	780,266	60.33	-2.55	—
Sunday Express	626,832	15.04	-4.78	—
Sunday Post	301,841	-2.46	-2.99	—
The Mail on Sunday	1,909,075	-2.19	-3.37	98,843
Independent on Sunday	128,394	-14.65	-3.54	56,174
The Observer	266,659	-11.54	-0.03	—
Scotland on Sunday	45,652	-5.83	-7.05	—
Sunday Herald	28,816	-27.65	-3.03	—
The Sunday Telegraph	452,858	-7.64	-2.69	—
The Sunday Times	935,442	-7.21	-3.32	—

NATIONAL NEWSPAPER WEBSITES: DECEMBER 2011	AVERAGE DAILY BROWSERS	YEAR ON YEAR CHANGE %	MONTH ON MONTH %	AVERAGE MONTHLY BROWSERS	CHANGE YEAR ON YEAR %	MONTH ON MONTH %
Mail Online	4,838,140	58.89	-5.03	84,172,568	56.04	-0.9
guardian.co.uk	2,937,070	31.45	-20.61	N/A	N/A	N/A
Telegraph	2,156,001	36.17	-8.16	42,699,603	37.35	-4.74
The Sun	1,339,077	N/A	-10.44	22,132,021	NA	-8.64
Mirror Group Digital	726,653	44.19	-4.23	16,311,555	46.95	0.04
The Independent	758,524	50.35	10.56	15,833,04	43.40	16.45
Metro	335,629	N/A	-7.45	8,226,791	N/A	-4.61
Standard.co.uk	130,133	N/A	-18.37	3,199,013	N/A	-13.94

ANEXO B – PERFIL DO LEITOR DO *THE GUARDIAN* E *THE OBSERVER*



The Guardian and Observer reader profile



Hard to reach

95% read no other quality newspaper



Affluent

85% are ABC1



Well travelled

Taking 4 trips per year



Arts and culture lovers

4+ trips to art galleries and theatres per year



Progressive

60% of readers are progressives



Food and drink aficionados

£81 a week on groceries

A Progressive audience



Progressives are forward-looking individuals who are curious about the world and embrace change and technology. Furthermore, they are a valuable audience for advertisers representing a more affluent, upmarket, socially conscious and digitally savvy consumer. With almost 60% of our print readers falling into the Progressive audience the Guardian and Observer can deliver this audience better than any other quality newspaper.

Active fashion and tech consumers

Guardian and Observer readers are stylish and like to dress well. They enjoy shopping, have expensive taste and a high tendency to wear designer clothes. They spend more than average on clothing and accessories; they've spent 22% more than the average adult on coats and shoes over the last 12 months and 10% more on jeans. In addition, Guardian and Observer readers love to buy new gadgets and have a high tendency to buy new products before their friends. One in five agree with the statement "it is important my home is equipped with the latest technology" and they are twice as likely to own items such as a tablet computer and touch screen PC. Furthermore, they spend around 14% more than the average GB adult on items such as televisions and DVD players.

Well travelled

Guardian and Observer readers enjoy travel and take an average of 4 trips every year; this is more than the average GB adult who takes 3 trips per year. They spend an average of £1,426 on each holiday and £596 on short trips (more than the average GB adult). Our readers are unlikely to take a package holiday and tend to make their own travel arrangements, booking

accommodation and flights directly. They particularly like holidays where they can enjoy the local cuisine, visit historic buildings/monuments, learn the local language and really discover the country for themselves.

Finance Savvy

Guardian and Observer readers are a financially savvy audience who earn a higher than average wage and are interested in financial services advertising. They are the kind of people who are willing to save up for something they want and don't like the idea of being in debt. They are 24% more likely to have a premium current account, a mortgage, and 32% more likely to have stocks and shares. Furthermore over half have an ISA. On average they spend £417 a month on their credit cards (more than the average GB adult) and they are more likely to settle the balance in full every month.

Highly affluent and well educated



The Guardian and Observer deliver a very affluent audience, 85% of whom are ABC1, and they are more than twice as likely to be of AB social grade. Our print reader's average household income is £59,764, that's 53% higher than the average GB family income. Guardian and Observer readers are also a well educated audience; 57% have a degree or doctorate qualification and they are 2.5 times more likely to.

Engaged, influential and well connected

Guardian readers are more engaged with the newspaper than readers of any other quality paper. In addition, Guardian readers are more likely than readers of any other quality newspaper to possess characteristics and attributes

that are key for spreading word of mouth. They are well connected, information hungry, vocal and voracious media consumers, making them powerful influencers when it comes to passing on and sharing information about products/services and personal experiences.

Passion for food, art and culture



Guardian and Observer readers have a passion for arts and culture, they are three times more likely to have been to an art gallery in the last 12 months, and have a high tendency to go at least once every 3 months. In addition, they are more likely than average to go to the ballet and opera as well as to visit the theatre at least once every 3 months. Guardian and Observer readers are also passionate about good quality food, they like to try out new food and recipes and spend around £81 a week on groceries (more than the average GB adult). They take care to purchase free range, fair-trade, organic and non GM foods where possible and pay attention to where the food they buy is grown. They are 75% more likely to be considered heavy restaurant goers and eat out around 3 times a month.

Contacts:

London: 020 3353 3917

Manchester: 0161 819 3604

International: +44 20 3353 3917

E: display.advertising@guardian.co.uk

W: guardian.co.uk/advertising